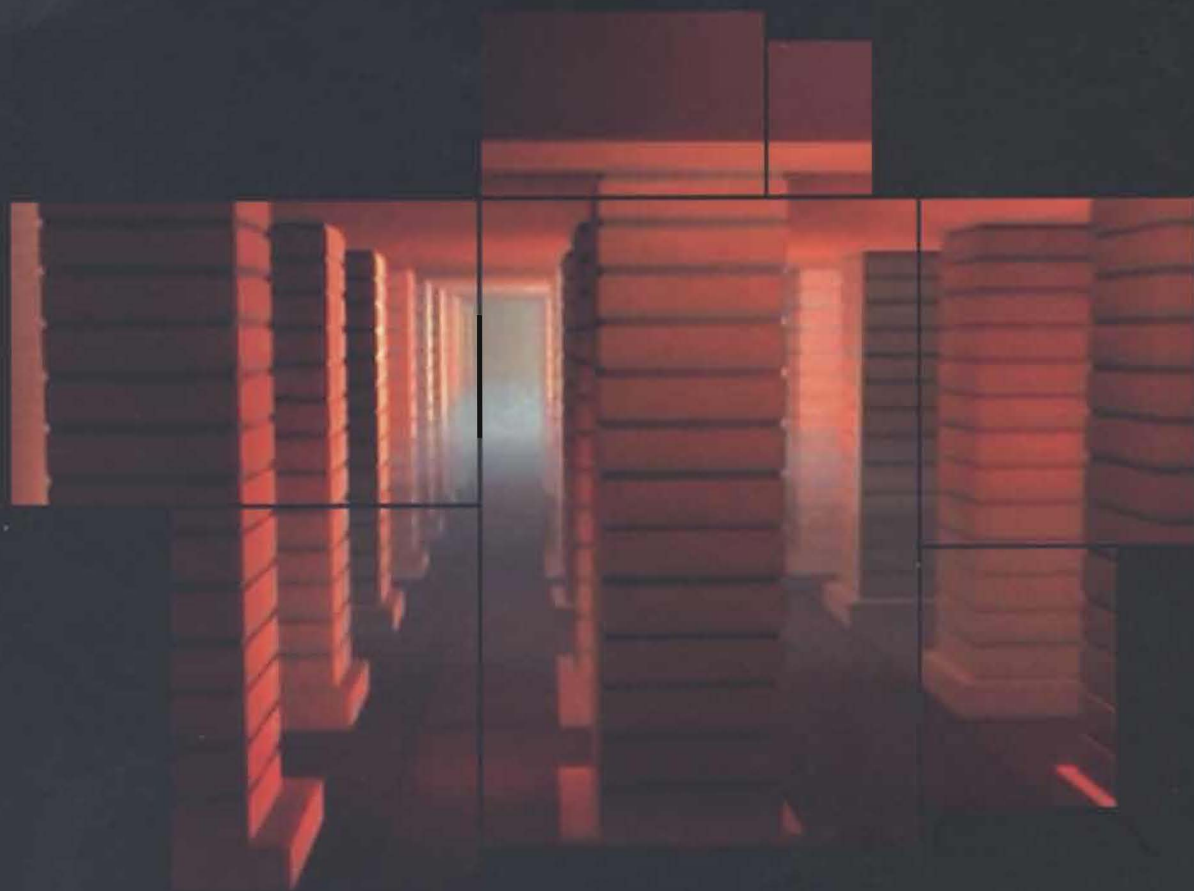


# *Bracara Augusta*

Escavações Arqueológicas

1



As termas romanas do Alto da Cividade

Manuela Martins

Braga 2005

# *Bracara Augusta*

Escavações Arqueológicas

1

## As termas romanas do Alto da Cividade

Um exemplo de arquitectura pública de *Bracara Augusta*

Manuela Martins



Unidade de Arqueologia  
da Universidade do Minho



**narq**  
Núcleo de Arqueologia da Universidade do Minho

**Série:**

*Bracara Augusta*. Escavações Arqueológicas I 2005

**Coordenadora:**

Manuela Martins

**Título:**

As termas romanas do Alto da Cividade.  
Um exemplo de arquitectura pública de *Bracara Augusta*

**Autora:**

Manuela Martins

**Composição:**

Alberto Sá

**Grafismo:**

Luís Ricardo

**Tiragem:**

250 exemplares

**Editores:**

UAUM • Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho

**Impressão:**

ESAG. Estúdio de Artes Gráficas, Lda. Barcelos

**ISBN:**

972-9382-13-1

**Depósito Legal n.º**

236921/05

# *Bracara Augusta*

Escavações Arqueológicas

I

## As termas romanas do Alto da Cividade

Um exemplo de arquitectura pública de *Bracara Augusta*

Manuela Martins



*À Manuela Delgado*







## Índice Geral

Índice de Figuras .....	IX
Índice de Quadros .....	X
Apresentação .....	XI
Prefácio .....	XIII
Resumo.....	XVII
Abstract.....	XXI
1. Introdução.....	1
2. Breve historial dos trabalhos.....	3
3. Metodologia de análise e de apresentação dos resultados.....	4
3.1. Introdução .....	4
3.2. As estruturas e a análise dos espaços.....	8
3.3. Análise e valorização estratigráfica.....	8
3.4. Interpretação cronológica e fases construtivas .....	9
4. As fases construtivas: cronologia e interpretação.....	10
4.1. O edifício pré-termal (Fase PT) .....	10
4.1.1. Cronologia.....	10
4.1.2. Análise das estruturas.....	11
4.1.3. Análise da estratigrafia .....	14
4.1.4. Descrição do edifício.....	14
4.2. O primeiro projecto das termas (Fase I).....	18
4.2.1. Cronologia.....	18
4.2.2. Análise das estruturas.....	20
4.2.3. Análise da estratigrafia .....	21
4.2.4. Interpretação do edifício.....	23
4.2.4.1. Caracterização dos espaços .....	23
4.2.4.2. Tecnologia construtiva .....	31
4.2.4.3. Funcionamento e circulação.....	35
4.3. A reforma dos finais do século II/inícios do III (Fase II).....	37
4.3.1. Cronologia.....	37
4.3.2. Análise das estruturas.....	37
4.3.3. Análise da estratigrafia .....	38
4.3.4. Interpretação do edifício.....	39
4.3.4.1. Caracterização dos espaços .....	39
4.3.4.2. Tecnologia construtiva .....	44
4.3.4.3. Funcionamento e circulação.....	45
4.4. A reforma dos finais do século III/inícios do IV (Fase III).....	46
4.4.1. Cronologia.....	46
4.4.2. Análise das estruturas.....	47
4.4.3. Análise da estratigrafia .....	49
4.4.4. Interpretação do edifício.....	50
4.4.4.1. Caracterização dos espaços .....	50
4.4.4.2. Tecnologia construtiva .....	55
4.4.4.3. Funcionamento e circulação.....	58
4.5. A reforma da 2ª metade do século IV (Fase IV) .....	60
4.5.1. Cronologia.....	60
4.5.2. Análise das estruturas.....	60
4.5.3. Análise estratigráfica.....	61
4.5.4. Interpretação do edifício.....	62
4.5.4.1. Caracterização dos espaços .....	62
4.5.4.2. Tecnologia construtiva .....	64
4.5.4.3. Funcionamento e circulação.....	64

5. Valorização do conjunto.....	65
5.1. Inserção urbana das termas.....	65
5.2. As termas do Alto da Cividade no contexto da arquitectura termal romana do Ocidente do Império .....	73
5.2.1. O estado das investigações.....	73
5.2.2. Analogias e especificidades das termas do Alto da Cividade.....	76
6. Considerações finais .....	85
7. Bibliografia.....	89
ANEXO A1 .....	97
ANEXO A2.....	121

## Índice de Figuras

Fig. 1 - Localização de <i>Bracara Augusta</i> na Península Ibérica.....	2
Fig. 2 - Localização das termas do Alto da Cividade na planta de Braga, sendo visível o presumível traçado da muralha romana .....	3
Fig. 3 - Panorâmica da zona arqueológica das termas no início das escavações .....	4
Fig. 4 - Perspectiva dos hipocaustos tardios detectados em 1977 .....	5
Fig. 5 - Perspectiva dos hipocaustos. Fases III-IV .....	5
Fig. 6 - Testemunho da <i>suspensura</i> do <i>caldarium</i> .....	6
Fig. 7 - Elementos de arquitectura encontrados na escavação.....	6
Fig. 8 - Muros M4 (primeiro plano) e M5 .....	11
Fig. 9 - Planta das estruturas atribuídas ao edifício pré-termal. ....	12
Fig. 10 - Cimentação a norte do muro M65 e res-pectivos silhares .....	13
Fig. 11 - Silhares sobrepostos por arcos de tijoleiras .....	14
Fig. 12 - Perspectiva da face sul do muro M93 .....	15
Fig. 13 - Face externa do muro perimetral do teatro (M82) com contraforte .....	19
Fig. 14 - Perspectiva geral da área escavada das termas. Em primeiro plano o <i>prae-furnium</i> 2 .....	20
Fig. 15 - Pormenor da canalização B sob a <i>area</i> do hipocausto do <i>tepidarium</i> 11.....	22
Fig. 16 - Planta esquemática interpretada das termas na Fase I.....	24
Fig. 17 - Hipocausto do <i>apodyterium</i> .....	25
Fig. 18 - Alçado sul do muro M20. Ao centro, a soleira da porta de entrada na área 9. Esc. 1 :100.....	26
Fig. 19 - Perspectiva do solo de <i>opus signinum</i> do <i>frigidarium</i> , sobreposto pelo da Fase III .....	27
Fig. 20 - Alçado oeste do muro M36, que integra a boca do <i>prae-furnium</i> Pr2. Esc. 1:100.....	27
Fig. 21 - Hipocausto da área 11.....	28
Fig. 22 - Face nascente do muro M36 sendo visível o entaipamento de uma abertura realizado na Fase II.....	28
Fig. 23 - Perspectiva da área 13. Em primeiro plano o <i>alveus</i> e, ao fundo, vestígios da <i>suspensura</i> .....	29
Fig. 24 - Parede nascente do <i>caldarium</i> (M34) sendo visíveis os <i>tubuli</i> .....	29
Fig. 25 - Perspectiva do sistema de construção do muro M1 .....	31
Fig. 26 - Tijolos tipo <i>hydion</i> presentes na <i>area</i> do <i>apodyterium</i> .....	32
Fig. 27 - Aparelho do muro M1 que constitui a parede este do edifício das termas .....	32
Fig. 28 - <i>Pilae</i> das áreas 11 e 12.....	32
Fig. 29 - Colunelos conservados da área 13 .....	33
Fig. 30 - Canos de material laterício encontrados na escavação .....	33
Fig. 31 - Canalização B1 no corredor 8 .....	33
Fig. 32 - Material laterício encontrado nas termas .....	34
Fig. 33 - Alçado norte do muro M22. Esc. 1:100.....	35
Fig. 34 - Proposta de circulação para a Fase I .....	36
Fig. 35 - Fragmentos de vidros de janela. Fase I .....	38
Fig. 36 - Planta esquemática interpretada das termas na Fase II .....	40
Fig. 37 - Solo de <i>opus signinum</i> da área 9 prolongado na área 8, cobrindo a anterior soleira da porta.....	41
Fig. 38 - Muro M40 que encurta a área 9.....	41
Fig. 39 - Perspectiva da cisterna na área de serviço norte.....	42
Fig. 40 - Proposta de circulação para a Fase II.....	45
Fig. 41 - Perspectiva da remodelação operada na área de serviços 17, com a construção do muro M24 sobre o <i>prae-furnium</i> Pr2.....	46
Fig. 42 - Perspectiva do muro M50 sobreposto ao silhar B13 e à canalização A .....	47
Fig. 43 - Alçado poente da parede que separa o <i>frigidarium</i> da parte aquecida das termas na Fase III. Esc. 1:100.....	47
Fig. 44 - Perspectiva dos hipocaustos da Fase III, limitados a sul pelo muro M39, em primeiro plano .....	48
Fig. 45 - Perspectiva do sector nascente, cujo en-tulhamento permitiu criar o novo <i>frigidarium</i> .....	48
Fig. 46 - Sobreposição do solo de <i>opus signinum</i> do <i>frigidarium</i> da Fase III sobre o <i>opus</i> do <i>frigidarium</i> das Fases I e II .....	49

Fig. 47 - Perspectiva das <i>pilae</i> dos hipocaustos da Fase III.....	49
Fig. 48 - <i>Opus signinum</i> do <i>frigidarium</i> sobreposto a estruturas e solos da Fase II.....	49
Fig. 49 - Pequeno capitel encontrado na canalização J.....	50
Fig. 50 - Planta esquemática interpretada das termas na Fase III.....	53
Fig. 51 - Muro M43, sendo visível a passagem de ar quente .....	54
Fig. 52 - Solo do hipocausto da área 13 onde se situa o <i>praefurnium</i> 4, em primeiro plano .....	54
Fig. 53 - Face sul do muro M50 que passou a definir o limite norte da área de banhos .....	55
Fig. 54 - Alçado oeste dos muros M39 e M50. Esc. 1:100 .....	55
Fig. 55 - Alçado nascente dos muros M38 e 40. Esc. 1:100 .....	56
Fig. 56 - Hipocaustos da Fase III sendo visível ao centro o muro M43 .....	56
Fig. 57 - Elementos de arquitectura reaproveitados nos hipocaustos das Fases III e IV.....	57
Fig. 58 - Perspectiva das sondagens realizadas nos solos do <i>tepidaria</i> da Fase III.....	58
Fig. 59 - Perspectiva dos hipocaustos da Fase III a sul do muro M39.....	58
Fig. 60 - Pormenor da canalização O que poderá articular-se com umas latrinas .....	58
Fig. 61 - Proposta de circulação das termas na Fase III.....	59
Fig. 62 - Hipocausto do <i>tepidarium</i> da área 32 .....	60
Fig. 63 - Hipocausto do <i>caldarium</i> 34 reaproveitando vários fustes .....	61
Fig. 64 - Planta esquemática interpretada das termas na Fase IV.....	63
Fig. 65 - Proposta de circulação das termas na Fase IV.....	65
Fig. 66 - Localização das termas e do teatro na planta de Braga de 1883-84 tendo como limite a área fortificada de <i>Bracara Augusta</i> .....	66
Fig. 67 - Localização das termas e do teatro na malha urbana teórica de <i>Bracara Augusta</i> .....	67
Fig. 68 - Localização dos balneários públicos e privados: T - <i>thermae</i> ; B - <i>balnea</i> .....	72
Fig. 69 - Reconstituição virtual da piscina e janela poente da <i>basilica thermarum</i> , segundo proposta da Arquitecta Paula Silva .....	78
Fig. 70 - Possível restituição da Fase II das termas. O elemento fundamental deste projecto seria a organização de um <i>ambulacrum</i> (a) em volta da piscina fria (p). Desenhos de Ricardo Mar .....	81

## Índice de Quadros

Quadro 1 – Comparação das áreas dos compartimentos das termas da Cividade nas suas diferentes fases. ....	88
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----

## Apresentação

O desenvolvimento do “Projecto de Salvamento e Estudo de *Bracara Augusta*”, iniciado em 1976, com a criação do Campo Arqueológico de Braga, sob responsabilidade da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, contou, ao longo da sua já longa existência, com diferentes objectivos e estratégias.

Tendo vivido até aos inícios dos anos 90 do século passado sob a égide dos salvamentos urbanos, que se multiplicaram devido à inevitável expansão da Braga moderna, só a partir de então foi possível redimensionar os objectivos do referido projecto. Entre eles, merecem destaque a conclusão de escavações em áreas arqueológicas protegidas e estratégicas para o conhecimento da cidade romana, como as termas do Alto da Cividade, ou a *insula* das Carvalheiras, o tratamento informático da informação, bem como a optimização do conjunto dos dados fornecidos pelas diferentes intervenções arqueológicas, tendo em vista a compreensão da *forma urbis*, o estudo da arquitectura de *Bracara Augusta* e dos seus materiais mais relevantes. Os objectivos referidos foram sendo paulatinamente atingidos mercê de várias estratégias implementadas.

Nesta nova fase da vida do “Projecto de *Bracara Augusta*”, marcada pelo primado da investigação, cabe realçar o esforço empreendido na realização de vários estudos desenvolvidos no âmbito de teses de Mestrado em Arqueologia que iniciaram um processo de análise e valorização sistemáticas, quer de edifícios, quer de diferentes categorias de materiais, designadamente moedas, vidros e diferentes tipos de cerâmicas. Uma outra estratégia passou pela criação de um Sistema de Informação (SIABRA), o qual teve em vista conferir maior acessibilidade aos dados relativos às numerosas escavações realizadas em Braga, facilitando o cruzamento da informação e uma mais rápida e fácil percepção do urbanismo romano. Numerosas publicações de carácter académico, mas, também, de divulgação alargada, bem como a construção de produtos multimédia, pautaram esta nova etapa do projecto. Alguns dos trabalhos concretizados possuem um carácter monográfico, mas, a grande maioria representa o resultado de estudos parcelares sobre diferentes temáticas, assumindo outros o carácter de sínteses destinados a divulgar a Braga romana entre a comunidade científica nacional e internacional.

É justo sublinhar o enorme esforço realizado até agora pelos responsáveis do projecto no sentido de darem a conhecer os resultados das escavações desenvolvidas em Braga, o que se traduz num já extenso rol de trabalhos editados. No entanto, é um facto incontestável que a maior parte da informação arqueológica de *Bracara Augusta* permanece ainda por valorizar e publicar. Neste sentido, a edição sistemática de um conjunto de trabalhos monográficos que visibilizem o potencial informativo das diferentes intervenções arqueológicas e a investigação desenvolvida sobre temáticas concretas e diversificadas representa uma necessidade e, simultaneamente, o corolário de um projecto científico com as características daquele que se desenvolveu em torno do estudo da cidade romana de *Bracara Augusta*.

O lançamento de uma série dedicada às escavações de *Bracara Augusta*, sucessivamente adiado, mas agora finalmente concretizado, não podia deixar de ser assinalado senão com a publicação monográfica das termas romanas do Alto da Cividade.

De facto, foi a identificação dos vestígios de um balneário público na Colina da Cividade, em

1977, que permitiu a afirmação irreversível de um projecto de estudo arqueológico da cidade de Braga, mas, também, o início de uma política de preservação de áreas com potencialidade arqueológica, que viria a ser assumida pelo município bracarense, tendo vindo a revelar-se de grande alcance científico. Na verdade, a preservação dos terrenos da Colina da Cidade, não só permitiu a escavação integral do edifício das termas, tornando possível o seu estudo arquitectónico, como possibilitou a identificação de um outro edifício público de *Bracara Augusta*, na circunstância um teatro, anexo às termas. Este facto configura a área arqueológica do Alto da Cidade como um espaço altamente emblemático da cidade romana, a qual representa, igualmente, uma importante mais-valia patrimonial para a Braga actual.

A série que agora se inicia sob o título “*Bracara Augusta*. Escavações arqueológicas”, pretendendo divulgar de forma monográfica os resultados das investigações realizadas em Braga, visa constituir, também, uma justa homenagem a todos aqueles que, trabalhando em diferentes âmbitos e instituições, contribuíram para descobrir uma cidade romana que, até aos anos 70 do século passado, era apenas conhecida por raras referências historiográficas, por um conjunto de epígrafes e por notícias sumárias de achados arqueológicos, na sua maioria descontextualizados.

Neste contexto, cabe destacar o protagonismo da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, instituição à qual se deve a circunstância particular de ter mantido, contra todas as adversidades, a coerência científica do projecto de *Bracara Augusta*, não permitindo que a Arqueologia Urbana em Braga se tornasse num mero somatório de intervenções casuísticas. Merece igualmente referência a importante acção desenvolvida pelo Museu D. Diogo de Sousa que, desde 1980, assegura o tratamento, conservação e restauro do abundante espólio arqueológico saído das escavações realizadas em Braga. Finalmente, cabe destacar o valioso contributo prestado pelo Gabinete de Arqueologia da Câmara de Braga, cuja criação em 1992 reforçou a capacidade de intervenção da Unidade de Arqueologia, responsabilizando-se por inúmeros salvamentos, o que permitiu uma gestão científica mais coerente do projecto.

Porque para além das dificuldades, dos impasses, dos obstáculos e das resistências, que sempre se oferecem a projectos de longa duração, como é o caso do “Projecto de *Bracara Augusta*”, deles ficarão, sobretudo, as obras que os mesmos forem capazes de legar à posteridade, esperamos que a série que agora se inicia seja capaz de fornecer ao mundo académico, através de um conjunto de monografias, a história de *Bracara Augusta*, contada por via da investigação dos seus vestígios arqueológicos.

Manuela Martins  
Braga, 2005

## Prefácio

La incorporación de los territorios atlánticos al Imperio Romano, culminada en el siglo I d.C. con la conquista de las Islas Británicas constituye un proceso histórico que en el caso de Braga se había iniciado dos siglos antes con la expedición de Decio Junio Bruto a la Gallaecia. La fundación augustea de Braga sería la conclusión de este dilatado proceso y nos muestra el avanzado estado de romanización en el que se hallaban las poblaciones indígenas del *conventus bracarensis*. Cuando Tácito escribió la vida de Germánico, que había sido gobernador de *Britannia* y uno de los protagonistas de su conquista, nos refiere que “poco a poco, los britanos se dejaron seducir por los vicios, amando los pórticos, los baños y los banquetes elegantes. No se daban cuenta de que llamaban civilización al comienzo de su esclavitud” (Tac. *Agr.*21).

Las palabras de Tácito reflejan la ambigüedad que rodeó siempre las conquistas militares de Roma: un delicado equilibrio entre conquista despiadada e integración tolerante. En el caso de los *bracari*, el rápido desarrollo del urbanismo de la nueva fundación explica elocuentemente que los tiempos estaban ya maduros para la integración definitiva en el sistema político y económico del imperialismo romano. En este sentido, las excavaciones del Alto da Cividade son particularmente elocuentes. Un siglo después de la fundación de la ciudad, el sistema de calles fue alterado profundamente para la construcción de un teatro y de unas termas públicas. Como decía Tácito, el ocio y los baños ocupaban ya un papel fundamental en la imagen urbana de la capital del *conventus*. El hallazgo en el suburbio de *Bracara* de una pequeña “sauna” (“*pedra formosa*”) nos muestra que una forma embrionaria de *balneum* era ya una costumbre de los propios indígenas antes de la llegada de Roma.

La excavación del subsuelo arqueológico de las ciudades históricas europeas es probablemente el resultado más relevante que hoy en día puede presentar la “arqueología de gestión”. La frenética actividad de campo que se ha desarrollado en los últimos decenios ha permitido formar enormes “archivos del suelo” cuya explotación científica debería suponer un cambio sustancial en la explicación de la historia urbana de nuestras ciudades. Por desgracia, esto no ha sido siempre así. Los nuevos datos históricos, obtenidos con una metodología rigurosa, raramente se reflejan en las publicaciones científicas. La proliferación de trabajos de difusión para públicos no especializados encubre una alarmante escasez de estudios especializados. No es algo sorprendente. La mayor parte de los equipos que gestionan la arqueología urbana se hallan sometidos a un sistema de plazos y ritmos que, en la práctica, hace muy difícil el estudio riguroso de los resultados de las excavaciones. Por suerte, en el caso de Braga y gracias a la tenacidad de Manuela Martins, nos encontramos por fin con publicaciones importantes que muestran al público especializado el resultado de 30 años de excavaciones.

Este volumen recoge la publicación exhaustiva de las termas romanas del Alto da Cividade, con la presentación sistemática de todos los datos obtenidos en la excavación arqueológica. El registro estratigráfico documentado es de una extraordinaria complejidad. Un hecho que justifica en parte el tiempo que se ha invertido en su estudio. La extrema complejidad de los datos arqueológicos, lejos de ser un inconveniente, se ha transformado en un estímulo científico insospechado para comprender mejor los edificios termales: una de las tipologías más sofisticadas que llegó a desarrollar la cultura arquitectónica romana.

Las conclusiones de este trabajo contribuyen a explicar cientos de *balnea* que fueron construidos en las ciudades de las provincias occidentales. Su publicación, en general esquemática, raramente recoge en todos sus detalles la continua transformación que sufrieron a lo largo de su vida útil. En este sentido, el trabajo de Manuela Martins nos ayuda a entender la continua metamorfosis de estos edificios. Un proceso que se entiende desde la lógica funcional que rodeó la aparición de edificios termales en la cultura urbana itálica y su posterior difusión por todo el mundo romano.

Desde sus orígenes republicanos las actividades balneares adquirieron una particular relevancia en el contexto de las relaciones sociales. De hecho a finales del siglo I d.C. una visita a los baños, más que un placer recreativo, era un imperativo social. Podemos afirmar que la costumbre de visitar las termas se afianza en la población romana paralelamente a la formación del Imperio.

Las palabras de Tácito nos recuerdan que la romanización supuso para los britanos una disolución de costumbres, la *voluptas* que destruía la originaria moral de los indígenas, un tema recurrente en la literatura de época alto imperial. Sin embargo todas estas referencias literarias no esconden un hecho histórico fundamental: la inclusión de toda la población libre urbana en los establecimientos termales forma parte de las transformaciones sociales que generó, a comienzos del principado, la llamada revolución augustea.

No es casualidad que Agrippa, en muchas ocasiones brazo ejecutor de la política de Augusto, fuera el encargado de construir el primer gran complejo termal público de Roma. Agrippa ofreció además la entrada gratuita para los centenares de *balnea* de la ciudad con motivo de su edilidad. Esta actitud populista encubre una clara intención política, abrir a una base social mucho más amplia lo que hasta entonces era un lujo privado. En definitiva se estaba reelaborando una forma de *otium*, para convertirla prácticamente en un servicio público. Un proceso que condujo a finales del s. II d.C. a considerar las termas como una forma básica del equipamiento urbano. En las ciudades de época imperial llegaron a convertirse en uno de los escenarios fundamentales de las relaciones sociales.

Las termas del Alto da Cividade ilustran en su sofisticada historia arquitectónica la compleja evolución de este tipo de edificios. De hecho, el análisis arqueológico de este pequeño conjunto termal adquiere connotaciones especiales en la medida que nos ilustra dos aspectos fundamentales de los edificios termales: la relación del edificio de baño con el exterior y la versatilidad de esta tipología arquitectónica.

A la hora de explicar la relación entre exterior-interior, las termas del Alto da Cividade muestran la continua interdependencia que existió en todas sus fases entre el jardín-palestra y el edificio de baños. En realidad, estas termas nunca fueron entendidas como expresión de actividades estrictamente deportivas, sino como parte de un término mucho más amplio: *amoenissimi loci* que incluían además jardines y avenidas para paseos, bibliotecas, auditorios. Algo que se explica si reflexionamos sobre el origen de la actividad termal en la propia Roma.

Los *balnea* nacieron como baños públicos, a partir de la pérdida del original sentido gimnástico del edificio en la cultura griega y de su incorporación a la cultura itálica. La introducción de baños privados en casas y la aparición de *thermae publicae* en las ciudades son reflejos de la experiencia que para las élites itálicas constituyó la conquista del Oriente. Se trata de una clase social excepcionalmente enriquecida que utilizaba el lujo (*luxuria privata*) como un instrumento de afirmación política.

Este proceso que nos conduce desde Agrippa hasta Trajano, implica la construcción urbana del espacio dedicado al *otium*. Desde la experiencia aristocrática tardo republicana los espacios de ocio quedaban asociados a la construcción de auténticos *paradeisos*, jardines delimitados con arquitectura donde se producía la secuencia triclinio-peristilo-jardín. La ambigua definición del "oecus ziciceno", un salón triclinar donde la disposición de las ventanas permitía disfrutar de la vista incluso recostados en los lechos, define uno de los rasgos fundamentales que ha de incluir el escenario fundamental del *otium*: la relación con una naturaleza controlada. Se trata con todo ello del conflicto entre la imagen mítica del lujo (*otium*) y las necesidades funcionales de una ciudad. El protagonismo que adquirieron los edificios termales en las ciudades romanas se apoyó precisamente en la consideración de una ambigua relación con la naturaleza gracias a su inserción en auténticos parques urbanos.

El segundo aspecto importante de las conclusiones de este trabajo se refiere a la compleja evolución arquitectónica del edificio: en apenas 250 años fue profundamente remodelado en cuatro ocasiones.

Las termas de época republicana, por ejemplo las descritas por Cicerón en su correspondencia, eran edificios muy sofisticados con cámaras térmicas bajo el pavimento y conductos de calor en las paredes. La fragilidad de estos elementos unida a la extrema flexibilidad funcional del edificio explican las



constantes transformaciones que sufrieron los *balnea* a lo largo de su historia. La funcionalidad de los espacios podía cambiar radicalmente sin que ello supusiese ningún problema para los usuarios del servicio.

A pesar de la infinita bibliografía que adjudica una denominación precisa a cada uno de los espacios termales y que describe los recorridos que supuestamente debían realizar los usuarios, parece cada vez más claro que no existían pautas rígidas en el uso de las termas. En realidad, los criterios compositivos que condicionaban el diseño de un edificio balnear eran de carácter estrictamente formal.

La planta de un edificio termal cualquiera, especialmente si data del siglo II d.C., se caracteriza frecuentemente por una compleja composición arquitectónica de volúmenes y de espacios internos y por una articulada integración en el parcelario urbano que le rodea.

De hecho, es posible definir un cierto número de leyes compositivas que explican el proyecto arquitectónico en función del *decoro* del edificio. El refuerzo de los ejes de simetría con estatuas o columnas, la construcción de nichos y de exedras para organizar formalmente los espacios o la colocación de ventanales para garantizar la vista hacia el jardín-palestra, son algunos de los recursos compositivos que sirvieron para transformar hasta cuatro veces la planta de las termas del Alto da Cividade. Los usuarios podían disfrutar del placer de las termas a pesar de los continuos cambios en la distribución de los espacios.

Como conclusión, la tipología de los complejos termales y su inserción urbana es resultado de un lenguaje arquitectónico formal, dotado de un léxico y de una gramática propia. Probablemente, el uso de las termas era tan flexible que se podía modificar completamente su planta y el equipamiento térmico de los espacios interiores sin obstaculizar con ello el normal uso de las instalaciones.

Ricardo Mar

Universitat Rovira i Virgili, Tarragona.



## Resumo

Esta publicação pretende dar a conhecer o edifício das termas públicas do Alto da Cidade, as únicas totalmente escavadas e estudadas na cidade romana de *Bracara Augusta*. Representando, até ao momento, o único exemplar de arquitectura pública completamente conhecido e interpretado, estas termas permitem, não só constatar a evolução sofrida pelo urbanismo num sector nobre da cidade, situado perto do *forum* administrativo e religioso, como, também, testemunhar, através das suas reformas, as alterações registadas na arquitectura e na utilização dos materiais característicos deste tipo de edifícios de lazer.

De facto, pese embora a circunstância de estarmos perante um edifício amplamente remodelado e genericamente mal conservado, pois foi objecto de múltiplos saques e destruições ao longo dos tempos, foi possível identificar a evolução arquitectónica deste importante equipamento de banhos públicos, erguido nos inícios do século II e abandonado nos finais do século IV, altura em que terá perdido a função de balneário.

Este trabalho encontra-se estruturado em seis partes. Depois de um ponto introdutório (1), é apresentado um breve historial dos trabalhos de escavação (2), após o que se descreve a metodologia de análise e valorização dos resultados (3). Na parte 4 apresentam-se e interpretam-se detalhadamente as sucessivas fases construtivas das termas. Aí será igualmente valorizado, ainda que de forma abreviada, um conjunto de estruturas atribuídas a um edifício pré-termal, talvez de origem fundacional, o qual ocupou a área onde viriam a ser posteriormente construídas as termas. Na parte 5 deste estudo procede-se à valorização deste importante edifício público, tendo em conta a sua inserção urbana (5.1), bem como as suas particularidades no conjunto da arquitectura termal do ocidente do Império (5.2). O ponto 6 foi reservado a um conjunto de considerações finais.

A apresentação detalhada das estruturas pertencentes às diferentes fases construtivas, assim como das numerosas unidades estratigráficas identificadas, que permitiram a datação dos sucessivos projectos arquitectónicos, será feita, respectivamente, nos Anexos A1 e A2.

As termas públicas do Alto da Cidade foram identificadas no ano de 1977, no decorrer de sondagens realizadas na plataforma su-

perior da Colina do mesmo nome, as quais tiveram em vista confirmar informações relativas ao aparecimento de materiais arquitectónicos romanos naquele local da cidade de Braga. Tendo sido de imediato reconhecido o hipocausto de um balneário, foram desenvolvidas escavações arqueológicas consecutivas até ao ano de 1980, as quais permitiram identificar os limites norte e nascente do edifício. Após duas pequenas campanhas realizadas nos anos 80 do século XX, as escavações foram retomadas nos inícios da década de 90 daquele século, tendo sido finalmente dadas por concluídas em 1999.

O edifício das termas foi integralmente escavado, o mesmo não acontecendo com a vasta *palaestra* que foi identificada a poente da área de banhos. No entanto, as sondagens realizadas naquele espaço permitiram descobrir vestígios de um edifício anterior às termas, cuja existência foi confirmada noutras zonas de escavação. Na parte noroeste da *palaestra* foi igualmente possível identificar parte do muro perimetral de um teatro, erguido em simultâneo com as termas, cuja escavação se encontra de momento em curso.

Os elementos construtivos que dão expressão ao edifício anterior às termas, que designamos por pré-termal (Fase PT), definem um conjunto arquitectónico complexo, composto por quatro áreas funcionais diferenciadas, organizadas em torno de uma área central descoberta. Supomos que a fase mais antiga deste conjunto possa datar ainda do tempo de Augusto, ou Tibério, parecendo ter sido sucessivamente acrescentado, ao longo do século I, até adquirir as características que podem ser observadas na figura 9.

O edifício pré-termal, cuja funcionalidade exacta nos é ainda desconhecida, ocupava a totalidade da área que viria posteriormente a ser recoberta pelas termas e respectiva *palaestra*, bem como por parte do muro do teatro e rua circundante. Por isso, grande parte dos muros que o compunham foi extensamente arrasada, tendo alguns dos seus elementos construtivos sido, contudo, parcialmente integrados na estrutura da área de banhos das termas.

O primeiro projecto das termas (Fase I), datado dos inícios do século II, foi construído sobre o corpo nascente do edifício pré-termal, facto que justifica a disposição alongada das salas e espaços deste balneário público. Foram mesmo reaproveitados alguns dos muros estruturais do anterior edifício, bem como nu-

merosos silhares utilizados como contrafortes dos muros divisórios das diferentes salas e espaços que compõem as termas.

Configurado basicamente como um rectângulo, com orientação NNO/SSE, o edifício mede cerca de 147 pés de comprimento por 42 pés de largura, possuindo, na parte sul, um corpo avançado para nascente, com cerca de 20 pés, no qual foi implantada a piscina do *apodyterium*. A poente do balneário situava-se uma ampla *palaestra*, limitada por muros, um dos quais, situado a noroeste, limitava uma rua que circundava o teatro (Fig. 16).

Apesar dos condicionalismos resultantes do facto de herdar a estrutura de parte do edifício anterior, as termas do Alto da Cidade obedecem a regras canónicas características da construção deste tipo de estabelecimentos, sobretudo no que se refere à organização e tecnologia dos espaços aquecidos.

Com entrada a sul, as termas eram servidas por um amplo *apodyterium*, aquecido no Inverno, anexo a uma piscina fria (Pi1). Um estreito corredor que dava acesso à *palaestra*, separava aquele compartimento do *frigidarium*. A partir daquele último espaço os utentes das termas tinham que cruzar dois *tepidaria* para aceder ao *caldarium*, do qual retrocediam pelo mesmo percurso para entrar novamente no *frigidarium*. Este último espaço dava acesso a uma piscina de água fria (Pi2).

Cumpria-se nestas termas o percurso que era característico dos pequenos estabelecimentos de banhos, sendo possível classificar esta fase do exemplar em estudo entre o tipo alinhado axial e retrógrado.

Com uma área de banhos muito pequena, estas termas dispunham, contudo, de três áreas de serviços relativamente amplas onde se implantaram os três *praeurnia* em funcionamento nesta fase, os quais aqueciam o *apodyterium* (área 6), o *tepidarium* (área 11) e o conjunto das áreas 12 e 13, respectivamente, um *tepidarium* e um *caldarium* (Fig. 16).

As reduzidas dimensões do edifício termal, bem como os inconvenientes decorrentes da circulação axial retrógrada terão justificado, eventualmente, uma primeira reforma do balneário, que datamos dos finais do século II/inícios do III (Fase II). De facto, se a morfologia do edifício não foi substancialmente alterada, mantendo uma estrutura alongada, com um ligeiro avanço da construção sobre a área da *palaestra*, a inutilização de uma área de serviços e o encurtamento de outra permitiram reorganizar todo o circuito de banhos, criando

um maior número de espaços frios e quentes ao serviço dos banhistas.

Esta reforma, que ampliou consideravelmente a área de banhos e flexibilizou a circulação nas termas, foi conseguida com uma intervenção circunscrita na estrutura do edifício, que manteve o essencial da sua traça anterior.

Conservando a entrada pelo lado sul em direcção ao *apodyterium*, os utentes das termas possuíam agora maior flexibilidade de circulação entre os espaços frios e o *caldarium*, o que permitiu quebrar o anterior circuito retrógrado e criar um percurso de tipo circular na parte central da área de banhos, a qual foi estruturada em torno de uma piscina fria (área 26), formalizando um *ambulacrum* em forma de U (Fig. 36).

A degradação sofrida pelo edifício, entre inícios do século II, quando foi construído e os finais do século III/inícios do IV, poderá ter determinado uma profunda reforma do mesmo. De facto, a remodelação que define a Fase III das termas caracterizou-se por uma alteração substancial da área de banhos, tendo a quase totalidade das anteriores zonas quentes sido transformadas em áreas frias, sendo os novos hipocaustos construídos em anteriores espaços frios. Esta reforma alterou por completo, quer a morfologia do edifício, quer a circulação no seu interior.

O novo projecto das termas implicou grandes entulhamentos que permitiram a criação de dois amplos espaços frios (*apodyterium* e *frigidarium*), bem como a organização de uma área aquecida a poente, eventualmente com hipocausto contínuo, servida por um único *praeurnium*, situado a norte, que aqueceria o *caldarium* e três *tepidaria*. A área de serviços norte, a única conservada nesta fase, foi também ligeiramente alterada, passando a ser maior que nas fases anteriores (Fig. 50).

Esta remodelação das termas revela características que denotam alguma degradação da qualidade da construção, visível, quer nos aparelhos usados nos novos muros que foram erguidos, quer na tecnologia de construção dos hipocaustos, os quais passaram a reaproveitar elementos arquitectónicos desmontados do edifício anterior. No entanto, enquanto projecto arquitectónico parece indiscutível que esta reforma representou uma intervenção muito bem pensada que integrou de forma harmoniosa alguns dos espaços anteriores, adequando as novas áreas quentes e frias a um edifício que manteve a sua tradicional disposição alongada (Fig. 50).

Esta reforma alterou o anterior circuito de banhos, pois a nova disposição das salas permitia agora uma circulação de tipo linear angular e retrógrado.

Na 2ª metade do século IV registou-se a última remodelação nas termas da qual resultou um novo reordenamento dos espaços aquecidos, tendo sido inutilizada a área de serviços norte. Simultaneamente, foi sacrificada a grande *palaestra* que se situava a poente do edifício.

Mantendo a estrutura adquirida na Fase III a área de banhos sofreu um reordenamento funcional do espaço, com a transformação do anterior *caldarium* em *frigidarium* e a construção de um novo *praefurnium* anexo à fachada oeste, na área da anterior *palaestra*, a qual foi desafectada da estrutura do edifício. Com efeito, consideramos que nesta fase se operou uma grande transformação da área exterior das termas, a qual parece articular-se com a inutilização do teatro e da anexa rua circundante (Fig. 64).

A diminuição da área quente das termas e o aumento da área fria, representando características da época tardia, parecem, entretanto, relacionadas com a criação de uma nova *palaestra* integrada na estrutura do próprio edifício. Esta poderá ter ocupado a anterior zona de serviços norte que foi totalmente desmantelada e entulhada nesta fase.

A interpretação desta última reforma apresenta como problema fundamental uma possível inutilização da piscina fria do *apodyterium* (Pi1).

De facto, se pelos materiais presentes no entulhamento daquela piscina é aceitável que ela possa ter persistido ainda neste momento avançado da vida do edifício, é igualmente possível admitir que o mesmo tenha funcionado sem aquele equipamento.

A disposição dos espaços frios e quentes, reorganizados nesta fase, permitia uma circulação do tipo linear angular, semelhante à registada na Fase III.

A evolução sofrida pelas termas do Alto da Cividade ao longo dos seus três séculos de existência, que vê sucederem-se quatro fases construtivas, demonstra a importância deste pequeno edifício público de banhos, localizado nas imediações do *forum* da cidade.

No entanto, a evolução observada, expressa em sucessivas remodelações, permite-nos avaliar igualmente a importância assumida pela arquitectura balnear no tecido urbano das cidades romanas.

De facto, sendo edifícios emblemáticos, que reflectiam o hábito cultural e social dos banhos, as termas representam o exemplo mais democrático da arquitectura funcional romana, tornando-se uma verdadeira expressão da *urbanitas* e da *romanitas*.

Por outro lado, sendo edifícios dispendiosos, quer na construção, quer na sua contínua manutenção, as termas públicas exigiam um cuidado planeamento e um empenho persistente dos municípios e dos cidadãos que financiavam a sua construção e manutenção, mas, também, os melhoramentos introduzidos através de reformas mais ou menos extensas.

Assim, se a construção e reformas destes equipamentos testemunham, genericamente, o empenho dos municípios e das suas elites em aumentarem o seu prestígio, eles podem igualmente fornecer pistas relativas ao público a que os mesmos se destinavam, tendo em conta critérios como a sua localização, envolvimento e dimensão.

As termas do Alto da Cividade parecem a este propósito particularmente sugestivas, pela sua privilegiada localização junto do *forum*, por se encontrarem anexas a um teatro, mas, também, pelas suas reduzidas dimensões.

Com efeito, sendo as termas um importante veículo de difusão do modo de vida e cultura romanas não podemos deixar de sublinhar que o exemplar em estudo foi construído em simultâneo com um teatro, facto que reforçou o seu papel enquanto agente de transmissão dos valores da sociedade romana, associando-se, na circunstância, a uma outra grande manifestação da vida pública representada pelos *ludi scaenici*.

Considerando que as termas do Alto da Cividade e o teatro anexo, foram erguidos num momento avançado da ocupação da cidade, já nos inícios do século II, facto que implicou a inutilização de um edifício anterior e uma alteração da malha urbana do local, é forçoso que consideremos que a construção dos dois equipamentos se tenha inserido num programa edilício de revalorização da área envolvente do *forum*, o qual poderá ter contemplado outros espaços e edifícios ainda não identificados.

Assim, as termas do Alto da Cividade juntamente com o teatro parecem traduzir uma importante intervenção arquitectónica e urbanística, com manifesto cariz ideológico, tradutora da munificência pública, tão característica da sociedade romana do período alto-imperial. Não estamos, por conseguinte, ape-

nas, perante mais um exemplar de arquitectura pública termal de uma cidade do ocidente do Império, mas sim perante uma poderosa manifestação da capacidade de desempenho das elites de *Bracara Augusta*, as quais pretendiam prestigiar-se através da construção de equipamentos emblemáticos, que serviam, também, para demonstrar a sua lealdade ao estado romano e ao imperador.

Estamos, contudo, perante umas pequenas termas públicas, que contemplavam, no figurino do seu primeiro projecto, apenas cerca de 400 m<sup>2</sup> de área coberta, com uma área de banhos que oferecia salas de dimensões modestas que não ultrapassavam os 200 m<sup>2</sup>.

Face a tais características estas termas poderiam facilmente ser classificadas como *balnea* não fosse a enorme *palaestra* que dotou o edifício de uma importante mais-valia social, facultando aos seus utentes, quer actividades associadas a este tipo de equipamentos, designadamente a prática do desporto e a convivência, quer o usufruto de áreas ajardinadas, tão ao gosto das elites romanas.

Se é certo que as termas do Alto da Cidade respeitam o modelo dos estabelecimentos de banhos difundidos pelas províncias ocidentais e setentrionais, integrando, também, os requisitos canónicos relativos aos dispositivos de aquecimento e drenagem de águas, difundidos a partir da 2<sup>a</sup> metade do século I a.C., não deixa de ser estranha a pequena dimensão da área reservada aos banhos, em favor de uma *palaestra*/jardim que quase du-licava a área do balneário.

Não tendo sido certamente a falta de espaço que condicionou as dimensões do edifício, parece aceitável admitir que tal característica representou um requisito da sua própria construção, mais facilmente explicável por razões sociais do que topográficas.

Com efeito, as termas do Alto da Cidade constituem um edifício harmonioso em termos arquitectónicos, que vive sobretudo de uma íntima relação com o espaço exterior assegurada pela *palaestra*/jardim, a qual facultava a um reduzido número de utentes um nobre espaço de convívio e uma notável vista panorâmica sobre a envolvente da cidade.

Esta particularidade parece testemunhar uma clara influência das tendências assumidas pela arquitectura romana da segunda metade do século I, as quais procuraram desenvolver uma relação intrínseca entre edifícios públicos e jardins, ou parques, através da criação de ambientes altamente cenográficos que permitiam um usufruto controlado da natureza em pleno meio urbano.

Sendo certo que as termas do Alto da Cidade não constituem o único balneário público de *Bracara Augusta*, estamos convictos que o futuro das investigações neste tipo de estabelecimentos presentes na cidade irá permitir dimensionar, de modo mais rigoroso, o seu papel na orgânica urbana.

De qualquer modo, a privilegiada localização e enquadramento destas termas conferem-lhe um protagonismo único, sugerindo que fossem usadas por uma clientela restrita, de requintado gosto.

## Abstract

This paper aims to raise awareness about the *thermae* of Alto da Cividade, the only fully excavated and studied bath-related site in the roman city of *Bracara Augusta*. Being the only public building completely known in the city this site enabled us to acknowledge the town urban planning evolution in its aristocratic area, as the site is situated right next to the administrative and religious roman *forum*. Moreover, the building also provided important evidence, through its reforms, about the architectonic changes, as well as about materials commonly used in this type of leisure roman buildings.

Despite the fact that this construction suffered several reform phases and that it does not have the best of conservation levels as it was subjected through the centuries to destruction and pillage, it is still possible to identify the baths architectonic evolution. This building was founded in the beginning of the II century A.D. and abandoned in the end of the IV A.D., when it is believed the site lost its bathing functions.

This paper is divided into six different parts. After the introduction (1) a brief description of the baths excavation background is provided (2), followed by the methodology of results analysis and evaluation (3). The fourth part is focused on providing a detailed presentation and interpretation of the building continuous architectonic development stages. Here it will also be briefly analysed a pre-baths construction, probably dated from the city foundational period. The fifth part (5) outlines the value of this building, acknowledging its inclusion within the city urban planning (5.1) and its particularities and key features within the context of the thermal architecture of the Western Roman Empire (5.2). Part six relates with some general conclusions.

The detailed presentation of the different architectonic remains as well as the countless identified stratigraphic levels, which will enable us to date the continuous building reforms, will be approached in the Appendixes A1 and A2 respectively.

The *thermae* of Alto da Cividade were firstly identified in 1977 as a consequence of excavations overtaken in the superior part of the Alto da Cividade hill, which had the overall aim of ascertaining information related with the presence of architectonic materials founded at the site. It was immediately identi-

fied the existence of a hypocaust structure of a roman baths building. Extensive archaeological excavations followed until 1980, allowing the discovery of the northern and eastern borders of the construction. After two excavation campaigns in the 80's the study was resumed in the beginning of the 90's coming to an end in 1999.

The thermal building itself was fully excavated but this was not the case with the vast *palaestra* that follows the western part of the baths area, where the existence of a previous building was discovered afterwards and also corroborated in other parts of the researched area. Excavations undertaken at the northwest part of the *palaestra* also brought to light a wall of a roman theatre built alongside the baths. The theatre study is still undergoing.

The discovered pre-baths elements perform a building (PT Phase) with a quite complex architectonic project in which four different and operational areas organised around an open central space can be identified. The oldest part of this building is believed to have been erected when the city of *Bracara Augusta* was founded under Augustan or Tiberian administration. The original architectonic building was increased throughout I century A.D. with structures that gave it the shape discovered by the excavations (Fig. 9).

The exact function of the pre-baths building has not yet been acknowledged. It lay on an area that was later occupied by the baths, the *palaestra*, the theatre wall, as well as by a surrounding street. Due to these circumstances, most of its original structure was largely destroyed however some of its architectonic elements were integrated in the baths areas.

The first project of the thermal building (Phase I), dating from the beginning of the II century A.D., was developed on the eastern part of the previous construction premises, which justifies the extended organisation of rooms and thermal spaces. Some of the previous building walls were reused and so were numerous ashlar, turned into counter forts for the dividing room's walls.

Mainly developed in a rectangular shape the baths have a northwest/southeast orientation. The building measured around 147 feet length by 42 widths. In the south part a structure with around 20 feet, believed to have been the *apodyterium* swimming-pool, was developed towards the western part of the site. On the western part of the baths area a wide

*palaestra* can be found. It is bordered by walls, one of which, in the northwest part, limited a street that surrounded the theatre (Fig. 16).

Even though the baths were developed around a previous construction it followed the same architectonic rules used to develop buildings of the kind, mainly with regards to the organization of the heated rooms, which truly followed the roman thermal construction standards.

Having the reception area located in the south part, the baths had a wide *apodyterium*, heated in the winter and situated right next to a cold swimming-pool (Pi1). A narrow corridor separated that area from the *frigidarium* and provided access to the *palaestra*. Following from the *frigidarium* the baths users had to pass through two *tepidaria* to access the *caldarium*, from where they had to go back to the initial route to gain access to the *frigidarium* and to an annexed cold swimming-pool (Pi2).

The users' route can be classified as axial row type, which was a common procedure within small scale roman thermal buildings.

The *thermae* of Alto da Cividade had a rather small bath area however the premises had three vast operational areas where three different *prae-furnia* were settled. One was used to heat the *apodyterium* (area 6), other the *tepidarium* (area 11) and the last one the assemblage of areas 12 and 13 (a *tepidarium* and a *caldarium* respectively) (Fig 16).

The small dimensions of the thermal building, as well as the unsuitable axial and backwards circulation are believed to have justified the first reform, which took place in the end of the II century A.D. and beginnings of the III (Phase II). The building morphology was not substantially changed as it still maintained its lengthened structure and only a slight advancement was added over the *palaestra* area. However, the lack of use of a previous service area and the shortening of another one allowed the reorganization of all the bathing circuit and generated further cold and hot spaces for the users.

This first reform considerably widened the bathing area and made the circulation inside the premises far easier. This was achieved with a circumscribed architectonic intervention within the building structure that enabled the baths to still maintain its previous planning.

The premises kept the entrance in the south part right next to the *apodyterium*. However, the users had now more flexibility to cir-

culate between the cold rooms and the *caldarium*, which ended with the previous backwards circulation. A circular type of route was created within the central baths rooms, where an *ambulacrum* with a U shape was organized around a cold swimming-pool (area 26).

The degradation the building was subjected between the beginning of the II century A.D., when it was constructed and the end of the III and beginning of the IV is believed to have been a major reason why the site was deeply reformed (Phase III). This reorganization is characterized by expressive changes of the bathing area where most of the previous hot rooms were transformed into cold spaces with the new hypocausts being built in previous cold areas. In fact, this reform significantly changed the premises morphology as well as the building circulation route.

The new baths project, which characterizes this phase, involved significant deposit fillings to create two vast new cold spaces (*apodyterium* and *frigidarium*) and to develop a hot area in the western part of the building. This latter area is believed to have had a continuous hypocaust served by only one *prae-furnium*, situated in the northern part, which heated the *caldarium* and the three new *tepidaria*. The northern services area, the only one that survived in this phase, was also slightly changed to become a bigger space than previously (Fig. 50).

This baths reform revealed a lack of quality in the overall undertaken interventions when compared to previous developments. This is rather visible both in the equipments used for the new walls and in the hypocausts construction technology, which reutilized the previous building architectonic elements.

However, the architectonic project itself shows without doubt a well thought reform, which harmoniously connected some of the previous spaces and developed the new hot and cold rooms into a space that still kept its lengthened disposition (Fig 50).

In addition this reform changed the previous bathing route that can be now classified as angular row type.

In the second half of the IV century A.D. a last baths reform took place. It reorganised the heated spaces and turned the northern services area as well as the big *palaestra* in the western part into non operational spaces.

Still keeping the previous structure, the bathing areas suffered a reorganization mainly



by turning the previous *caldarium* into a *frigidarium* and through development of a new *prae-furnium* in the west facade, in the previous *palaestra* area, which has been unaffected from the main building at this stage.

Add to this the exterior part of the baths suffered a key change believed to be related with the lack of use of the theatre and the surrounded street (Fig 64).

The reduction of the baths heated rooms and the increase in cold areas, a common practice at roman thermal buildings at the time, seemed however related with the creation of a new *palaestra* integrated in the building itself. This new *palaestra* was developed in the previous northern services' area that had meanwhile been dismantled and filled up.

This reform main interpretation problem concerns the *apodyterium* cold swimming-pool lack of use (Pi1). In fact, artefacts found inside the deposit fillings of the swimming-pool revealed that this space could either have been in use at this late stage of the building or could have completely been disaffected from the premises.

The reorganization of the cold and heated rooms allowed an angular row type of circulation, similar to Phase III.

The evolution of the public thermal building of Alto da Cividade throughout its life cycle of three centuries and four development phases clearly demonstrates the importance of this small *thermae*, located in the surroundings of the city *forum*. Add to this, the evolution of the building also revealed the importance that this type of architecture had in the context of the urban planning and development of roman towns.

In fact, the *thermae* are important elements of the roman cultural and social bathing practices and represent the most democratic construction of roman functional architecture, even becoming a key expression of *urbanitas* and of *romanitas*. On the other hand, public baths were expensive buildings, both with regards to their construction and maintenance. They also required meticulous planning as well as a full commitment from both local authorities and citizens towards their construction, ongoing maintenance and improvements mainly through reforms, some of which included comprehensive developments. The construction and reforms of these buildings fully depended of the support of local authorities and elites showing their commitment to improve status and prestige. These circum-

stances perform paramount evidence when we are trying to assess who these buildings would mainly serve, question that can be approached through research of each building location, dimensions and surroundings.

Following this line of thought the *thermae* of Alto da Cividade perform a particularly suggestive example due to its privileged location, annexed to a theatre and close to the city *forum* and small size.

Baths buildings perform key platforms to spread roman cultural and social lifestyle. Having this in mind it must be emphasized that this case study example, constructed alongside a theatre, reinforces the roll thermal buildings had as agents of transmission of roman society values as it is linked to another key expression of roman public life, represented by the *ludi scaenici*.

As the public baths of Alto da Cividade with the annexed theatre were constructed at an advanced period of the city occupation, in the beginning of the II century A.D. and that this circumstance made useless a previous existing building as well as caused significant changes within the city layout, it can be said that the development of both buildings was integrated into a broader urban programme aimed to raise the value of the *forum* surrounding areas.

This programme may have encompassed other reforms and building constructions not yet identified. Both *thermae* and theatre seemed to underline a broader architectonic urban planning that certainly had ideological implications as it expressed the public liberality, an extended practice at the High Empire society.

Consequently, the *thermae* of Alto da Cividade can be said to be not only a public baths architectonic expression of a Western Empire city but also a powerful manifestation of *Bracara Augusta* elites performance, who through the development of key roman public buildings intended to raise their status and show their commitment and devotion to the Roman State and to the Emperor.

Nevertheless, we are presented with a rather small thermal complex with around 400 m<sup>2</sup> of covered spaces, with bathing areas with no longer than 200 m<sup>2</sup> and with rooms of modest dimensions. The construction could therefore easily be classified as a *balnea* if only the building did not housed a significant *palaestra* that provided this baths with an important social added value. The *palaestra* was mainly used for sporting purposes but it also

provided users with the opportunity to engage in social practices and enjoy the garden areas, extremely admired by roman elites.

The public baths of Alto da Cividade have followed the established thermal architectonic model that started in Italy and was largely spread around the Western and Northern Empire regions, using the canonical requirements related with both the heating system and water drainage diffused from the second half of I century B.C..

However, it is odd and rare that the building presents a rather small bathing space to favour the wide *palaestra*/garden, which doubles the bathing room's area. As it certainly wasn't the lack of space that regulated the size of the building, it seems reasonable to suggest that such feature was not related with topographic reasons, but rather with social ones.

The *thermae* of Alto da Cividade comprehended a harmonious construction with regards to its architectonic features that fully depended on its relationship with the exterior area secured by the *palaestra*/garden.

This *palaestra* was surely a special social environment, which allowed a small number of baths users to enjoy an urban noble space providing them with a panoramic view of city outskirts. This particularism seems to have been influenced by the roman architectonic trends of the second half of the I century A.D., which aimed to establish a close relationship between buildings and gardens or public spaces, where scenic environments were created and expected to enable elites to enjoy, in a controlled way, nature within urban spaces.

As the *thermae* of Alto da Cividade are supposed not to represent the only public baths space known in *Bracara Augusta* we are sure that the future research may establish, with better precision, its exact purpose and importance. Nevertheless, it can be said that the prime location of the public thermal building of Alto da Cividade provided the site with a unique urban protagonism that only a restricted class, with refined taste, could took advantage of.

## 1. Introdução

O edifício das termas públicas do Alto da Cividade foi identificado em 1977, no decorrer de sondagens realizadas na plataforma superior da Colina da Cividade que visavam confirmar uma informação relativa ao aparecimento de elementos de arquitectura romanos, aquando da abertura de uma vala para colocação de esgotos, no âmbito da urbanização prevista para aquela zona<sup>1</sup>. A escavação de um conjunto de quatro sondagens, de 6 x 6 m, permitiu descobrir de imediato estruturas de aquecimento pertencentes a um edifício de banhos.

Mau grado a precoce identificação das ruínas referidas, a sua escavação integral viria a revelar-se difícil e cheia de percalços.

Uma série de campanhas realizadas entre 1977 e 1980, permitiram pôr a descoberto o núcleo principal da área de banhos das termas, tendo ficado então já definidos os limites norte e este do edifício<sup>2</sup>. Contudo, muitos problemas de âmbito cronológico e funcional ficaram por resolver, através de escavações mais amplas que só viriam a ser viabilizadas já na década de 90.

Após duas curtas intervenções arqueológicas realizadas nos anos 80, uma em 1983 e outra

entre 1986/87, a última das quais permitiu detectar uma segunda área aquecida na parte sul do edifício, as escavações viriam a ser retomadas nos inícios dos anos 90, tendo-se prolongado até 1999, altura em que os trabalhos de campo foram dados por concluídos, tendo sido finalmente definidos os limites sul e oeste das termas, facto que permitiu perceber com maior clareza as suas diferentes fases construtivas e estabelecer a sua cronologia.

Todavia, as ruínas das termas do Alto da Cividade representam um conjunto arqueológico de inegável complexidade. Porque o edifício foi amplamente remodelado até ao seu abandono definitivo nos inícios do século V, porque os seus vestígios foram profundamente arrasados por sucessivos saques de pedra e, porque, finalmente, nos anos 70 do século XX, foi alvo de grandes destruições resultantes da abertura de valas para implantação de saneamentos e outras infra-estruturas, quando os terrenos onde se encontra estiveram para ser urbanizados.

Nesta circunstância, as termas do Alto da Cividade re-velam-se um conjunto de difícil interpretação e datação, facto que impossibilitou, durante muito tempo, a sua divulgação consequente, sendo apenas pontualmente referidas em publicações de carácter genérico, relativas ao urbanismo e arquitectura de *Bracara Augusta* (Martins *et alii* 1994; Martins 1999).

Todavia, a análise detalhada dos dados propiciados pelas escavações dos anos 90 acabariam por permitir uma interpretação da sucessão das principais fases construtivas do edifício, da circulação e, naturalmente, da sua

---

<sup>1</sup> Informação prestada pelo então colaborador do Campo Arqueológico de Braga António José dos Santos Rodrigues.

<sup>2</sup> Os resultados desta primeira fase de trabalhos foram apresentados por Francisco Alves, então responsável pelas escavações, no Congresso Nacional de Arqueologia de Faro, em 1980, cujas actas nunca chegaram a ser editadas.

estrutura e volumetria (Martins e Silva 2000; Silva 2003).

Tendo sido dado por concluído o estudo deste importante núcleo arqueológico de *Bracara Augusta*, procede-se agora à sua publicação monográfica, tendo em conta o conjunto dos resultados obtidos nas sucessivas campanhas de escavação e a interpretação global do edifício.

co Alves, arqueólogo que dirigiu as escavações entre 1977 e 1980 e Francisco Sande Lemos e Manuela Delgado, responsáveis pelas intervenções realizadas na década de 80 do século XX. É justo referir, também, o contributo valioso prestado a este projecto por Luís Fontes, técnico da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho e pelos técnicos do Museu D. Diogo

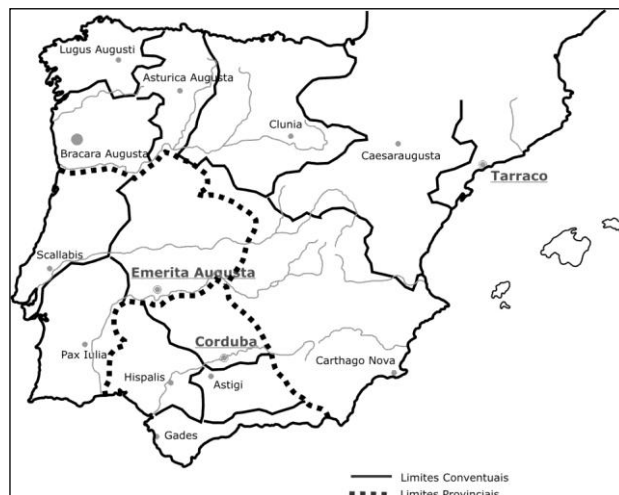


Fig. 1 - Localização de *Bracara Augusta* na Península Ibérica

Esta monografia inclui um breve historial dos trabalhos de escavação realizados (ponto 2), ao qual se segue a apresentação da metodologia de análise e valorização dos resultados (ponto 3). A abordagem e interpretação detalhadas das sucessivas fases construtivas é feita no ponto 4, estando o ponto 5 reservado à valorização das termas do Alto da Cividade, quer em termos da sua inserção urbana (5.1), quer ainda no âmbito da arquitectura termal da parte ocidental do Império (5.2). O ponto seis será dedicado às considerações finais.

A caracterização detalhada e individual das estruturas e das unidades estratigráficas identificadas será apresentada, respectivamente, nos Anexos A1 e A2, tendo em conta o seu carácter extenso e descritivo. Esta organização do texto permitirá uma maior fluência na sua leitura, facultando, todavia, uma fácil consulta dos dados arqueográficos que suportaram as interpretações realizadas, descritas no ponto 4.

Esta publicação seria impensável sem a colaboração de uma vasta equipa, que contribuiu, em diferentes etapas, quer para a realização das sucessivas campanhas de escavações, quer para o estudo dos materiais encontrados, cujos nomes seria longo e monótono designar.

Assim, e em nome das diferentes equipas que escavaram nas termas do Alto da Cividade, desde um já longínquo ano de 1977, lembramos os seus responsáveis, designadamente, Francis-

de Sousa, Filipe Antunes e Maria Felismina Vilas Boas, o primeiro dos quais responsável pelos trabalhos de escavação e tratamento da informação até 1992, tendo a segunda constituído um elemento essencial no desenrolar da fase final da escavação e do estudo deste conjunto arqueológico.

Preciosos auxiliares no tratamento global da informação foram o arqueólogo Mário Cruz, a quem devemos boa parte da revisão dos dados das escavações, o Eng.º Carlos Dantas Giestal e a Dra. Maria do Carmo Ribeiro, ambos responsáveis pelo seu tratamento informático.

Na fase final de tratamento gráfico da informação foi de grande utilidade a prestação da Eng.ª Natália Botica, da Dra. Maria do Carmo Franco Ribeiro e de Maurício Guerreiro, que asseguraram o tratamento informático das plantas, cortes estratigráficos e alçados do edifício, publicados neste volume.

À arquitecta Paula Silva devemos a restituição arquitectónica do edifício das termas, no seu primeiro projecto (Fase I), trabalho que desenvolveu de forma detalhada no âmbito da sua dissertação de Mestrado em Arqueologia Urbana, defendida na Universidade do Minho, em 2000 e publicada em 2003. A ela devemos, também, as propostas de restituição dos alçados do edifício nas Fases II, III e IV, as quais foram revistas e melhoradas pelo Doutor Ricardo Mar da Universidade de Rovira i Virgili. O contribu-

to inestimável deste último investigador na análise das plantas do edifício, bem como as valiosas sugestões do Professor Theodor Hauschild representaram contribuições fundamentais para a compreensão arquitectónica deste complexo conjunto termal.

cavação do conjunto arqueológico das termas do Alto da Cividade. No entanto, a maioria do financiamento necessário aos trabalhos realizados ao longo da década de 90 foi garantido pelo Ex-IPPC e pelo IPPAR.

Em particular, gostaríamos de sublinhar

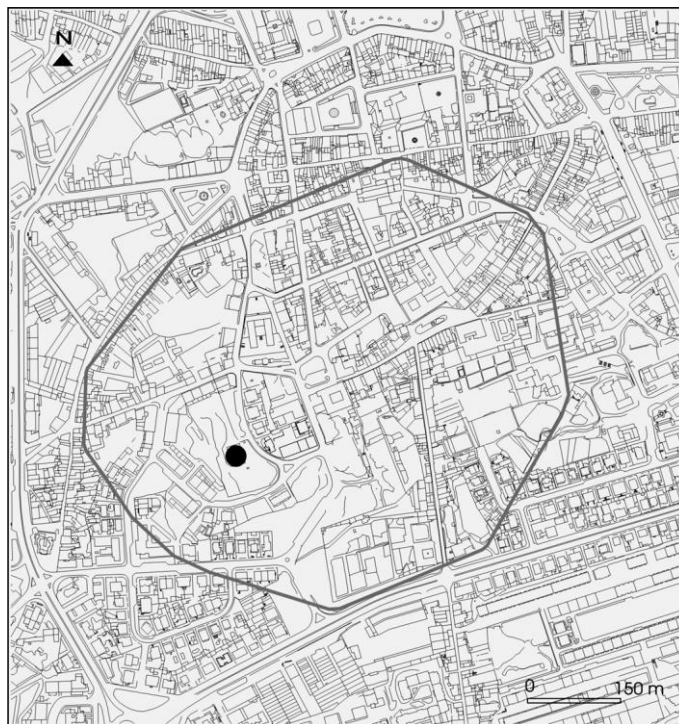


Fig. 2 - Localização das termas do Alto da Cividade na planta de Braga, sendo visível o presumível traçado da muralha romana

No âmbito do estudo do espólio não podemos deixar de destacar a persistente e paciente colaboração prestada pela Dra. Manuela Delgado, ao longo de mais de duas décadas de escavação das termas. A ela devemos a classificação de muitos materiais mas, também, a orientação de todos os investigadores que contribuíram para datar as unidades estratigráficas e, consequentemente, as sucessivas fases construtivas do edifício termal. Entre eles merecem destaque o Doutor Rui Morais, que estudou as ânforas, as sigillatas alto-imperiais e as lucernas e o Dr. Mário Cruz, responsável pelo estudo dos vidros. O nosso agradecimento estende-se igualmente à Dra. Teresa Carvalho pela colaboração prestada no estudo das sigillatas.

No âmbito do estudo dos materiais cabe fazer aqui uma evocação muito especial a Maria del Mar Zabaleta Estevez, arqueóloga e numismata galega, que classificou as moedas das termas, cuja datação foi fundamental para a valorização dos respectivos contextos.

Várias foram as entidades que contribuíram financeiramente para tornar realidade a es-

que a conclusão das escavações neste importante núcleo arqueológico só foi possível graças à celebração de um protocolo entre o IPPAR e a Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, assinado em 1998, com validade por três anos, o qual garantiu o necessário financiamento para concluir os trabalhos de campo, para tratar a vasta informação obtida nas diferentes campanhas e para proceder ao estudo dos materiais, tarefa fundamental para a datação das fases construtivas do edifício.

## 2. Breve historial dos trabalhos

As escavações do edifício termal do Alto da Cividade, iniciadas em 1977, interrompidas em 1981, retomadas pontualmente em 1983 e 1986/87 e, em definitivo nos anos 90, decorreram ao longo de onze campanhas que perfazem cerca de 66 meses de trabalhos arqueológicos. No total foi aberta uma área com cerca de 2.000 m<sup>2</sup>, que permitiu pôr a descoberto um diversificado conjunto de estruturas. Estas correspon-

dem a diferentes realidades construtivas, nomeadamente, a um edifício que designamos por pré-termal e a umas termas públicas, que foram objecto de várias reformas.

Já numa fase final das escavações, foi identificado, no quadrante noroeste da *palaestra*, um conjunto de estruturas relacionadas com um outro edifício público, articulado com as termas, o qual viria a ser interpretado como um teatro.

A primeira fase das escavações, que decorreu de forma mais ou menos continuada entre 1977 e 1980, permitiu pôr a descoberto uma superfície total de 800 m<sup>2</sup>, correspondente ao núcleo principal da área de banhos das termas, com alguns compartimentos de serviços anexos, tendo sido identificados os limites norte e este do edifício.

Três intervenções pontuais, realizadas na década de 80, respectivamente, em 1981, 1983 e 1986/1987, possibilitaram a descoberta de uma segunda área aquecida na parte sul do núcleo anteriormente detectado, sugerindo a necessidade de se realizarem de novos trabalhos naquele sector.

O recomeço das escavações, em finais do ano de 1990, assinalou uma nova e importante fase no estudo das termas, a qual viria a decorrer de um modo mais ou menos continuado até 1999, com interrupções determinadas, apenas, por falta de financiamento. Esta terceira fase teve em vista o esclarecimento definitivo da planta do edifício, da qual eram conhecidos apenas os limites nascente, definido pelo muro M1 e o norte, que presumíamos corresponder ao muro M2. Neste sentido, a definição dos limites sul e oeste das termas, a eliminação de banquetas deixadas em anteriores intervenções, o esclarecimento pontual de problemas cronológicos e a definição dos circuitos das diferentes fases de

utilização do balneário, constituíram os objectivos centrais norteadores das sucessivas campanhas realizadas entre 1990 e finais de 1999, ano da conclusão dos trabalhos de campo que são descritos nesta monografia.

O imediato reconhecimento da importância das estruturas descobertas, logo na campanha de escavações de 1977, identificadas como pertencentes a um edifício termal (Fig. 3), acabou por determinar o abandono do plano de urbanização previsto para aquela zona da cidade, originando um processo de expropriações que viria a ser concluído com a passagem da propriedade dos terrenos para o município de Braga. Na sequência daquela decisão, todo o tabuleiro superior da colina do Alto da Cividade foi vedado e protegido, tendo o conjunto arqueológico das termas sido classificado como Monumento Nacional, para o qual viria a ser definida uma área de protecção especial.

### 3. Metodologia de análise e de apresentação dos resultados

#### 3.1. Introdução

O contexto que presidiu à esporádica identificação do conjunto termal do Alto da Cividade, em 1977, com a abertura de sondagens que incidiram na área dos hipocaustos tardios, os profundos rasgões para a implantação de canalizações modernas que dilaceraram o edifício (Fig. 3), fazendo desaparecer alguns muros fundamentais para a sua interpretação, as sucessivas e profundas remodelações a que o edifício esteve sujeito, ao longo de uma ocupação de séculos e, finalmente, o modo como foi escavado, com grandes intervalos de tempo entre as inter-



Fig. 3 - Panorâmica da zona arqueológica das termas no início das escavações

venções, que resultaram numa necessidade de consolidar e reconstituir alguns muros para a sua própria preservação, representam, no seu conjunto, factores que em nada facilitaram a sua interpretação.

Com efeito, as termas do Alto da Cidade oferecem-se como um complexo palimpsesto de muros, na sua maior parte muito mal conservados e, frequentemente, com várias fases construtivas, de valas de saque de outros e de rasgões na rocha, correspondentes aos alicerces de implantação de outros tantos.

Em termos globais os elementos arqueológicos mais facilmente compreensíveis do conjunto são aqueles que se ligam à clássica tecnologia de aquecimento das termas, designadamente aos hipocaustos e pré-fúrnios.

conservado, tão só, aqueles que foram incorporados nos hipocaustos tardios, cuja utilização, para sustentar a *suspensura*, os poupou do saque completo. Entre eles destacam-se alguns fragmentos de fustes, meias colunas e bases (Fig. 57). Um pequeno capitel decorado, certamente pertencente, pela sua dimensão, a um fuste de vão de janela, incorporado numa canalização tardia, constitui, entretanto, o único exemplar deste tipo de elementos (Fig. 49). Destacamos ainda a descoberta de uma base para assentamento de uma meia coluna e de parte de um friso moldurado de fachada, este último encontrado fora de contexto, numa sondagem aberta a sul do conjunto balnear (Fig. 7).

O edifício das termas revelou-se igualmente avaro de elementos cronológicos. De facto,



Fig. 4 - Perspectiva dos hipocaustos tardios detectados em 1977

Reduzido aos alicerces ou a partes conservadas dos hipocaustos, este conjunto balnear revelou-se ainda avaro de pormenores construtivos e arquitectónicos. Assim, mau grado a existência de numerosos vestígios de colunelos, apenas se conservou um pequeno testemunho da *suspensura* do primitivo *caldarium* (Fig. 6), entretanto destruído, o qual nos permitiu restituir a cota de circulação interna do edifício.

Por sua vez, a elevada acidez dos solos destruiu eventuais vestígios dos estuques de revestimento das paredes, que certamente existiram, o mesmo acontecendo com os pavimentos de mosaico, que seguramente deveriam ter forrado os solos das salas, pois foram detectados restos de tesselas em níveis de derrube. Finalmente, sabemos que o mármore foi um dos materiais utilizados nestas termas, pois dele encontramos vestígios residuais.

Os elementos arquitectónicos pertencentes ao edifício são igualmente escassos, tendo-se

os muros, quase sempre implantados na rocha, ou não possuem valas de fundação, ou, quando aquelas existem, os seus enchimentos são quase sempre omissos de materiais datáveis, facto que dificultou, sobremaneira, a sua datação.

Se as primeiras sondagens realizadas em 1977 logo permitiram identificar no local a existência de um complexo termal, devido à desco-



Fig. 5 - Perspectiva dos hipocaustos. Fases III-IV

berta dos hipocaustos, só em 1980 se aventou, pela primeira vez, a possibilidade das termas terem sido erguidas sobre um conjunto arquitectónico anterior, hipótese que viria apenas a ser definitivamente confirmada já nos anos 90.



Fig. 6 - Testemunho da *suspensura* do *caldarium*

Todavia, a identificação de uma fase construtiva pré-termal não se revelou fácil, uma vez que boa parte dos muros originais foram incorporados nas termas, mas, sobretudo, porque as sucessivas remodelações deste último edifício acabaram por remover os estratos mais antigos associados ao primitivo edificado, dificultando a sua interpretação.

Se os muros mais antigos não puderam ser datados directamente, pois os enchimentos das suas valas de fundação não possuíam materiais,

Os elementos cronológicos mais seguros deste conjunto arqueológico associam-se a uma grande remodelação operada na área de banhos das termas, quando parte da anterior zona aquecida foi transformada em zona fria, sendo aberta uma nova área aquecida a poente (Fig. 50). Esta remodelação foi atribuída aos finais do século III/inícios do IV, tendo por base o espólio proveniente do entulhamento dos hipocaustos do edifício alto-imperial, o que permitiu datar alguns muros, designadamente os muros M39 e M50, que passaram a definir o limite norte do novo balneário, o muro M38, que separou a área fria da nova área aquecida, bem como o *prae-furnium* 4, construído na *area* do primitivo *caldarium*, entretanto sacrificado aquando daquela remodelação (Fig. 52).

Mais problemática se afigurou a datação do primeiro projecto das termas. A atribuição ao mesmo de uma cronologia flávia-antonina, sugerida desde 1980, baseava-se na datação de alguns escassos materiais procedentes de enchimentos das valas de fundação de alguns muros que foram atribuídos a uma primeira fase das termas. No entanto, tal atribuição não podia ser facilmente estendida ao conjunto do edifício devido às remodelações posteriores que dificultaram

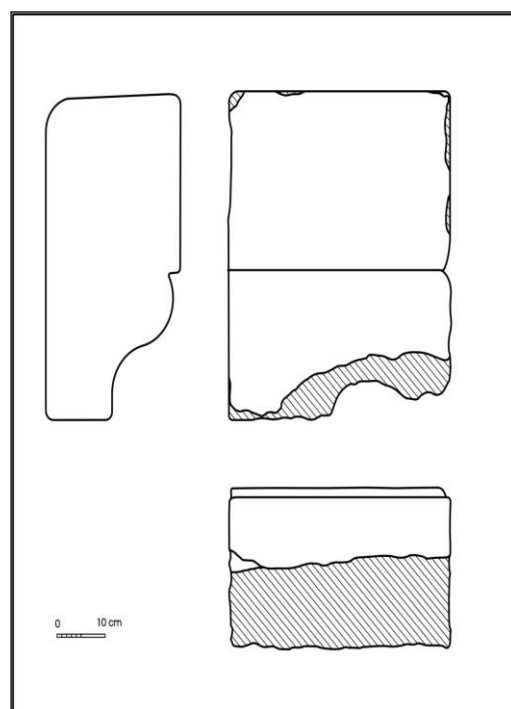
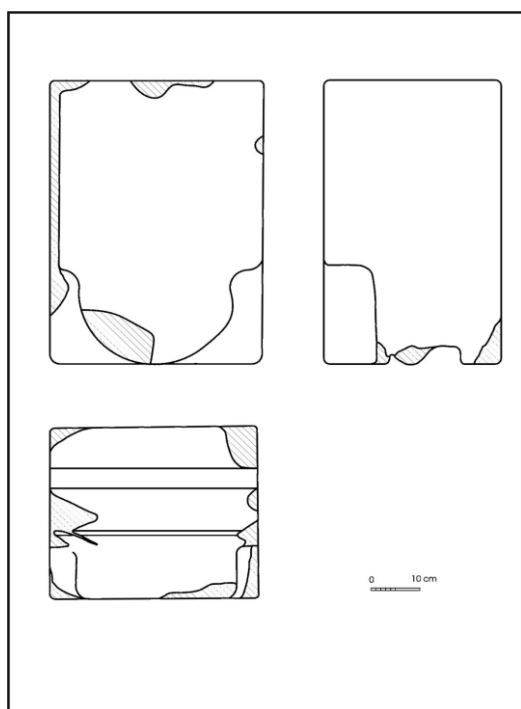


Fig. 7 - Elementos de arquitectura encontrados na escavação

também os muros tardios raramente foram datados de modo directo, uma vez que, ou reaproveitaram parte dos anteriores, ou assentam directamente na rocha.

taram a interpretação dos compartimentos integrados no primitivo balneário.

No início dos anos 90, quando se reiniciaram as escavações, procurou-se afinar a crono-



logia da primeira fase das termas. No entanto, tal pretensão deparou-se com grandes problemas, uma vez que a parte central do balneário se encontrava já escavada até à rocha, não existindo muitas áreas susceptíveis de fornecerem elementos datáveis adicionais. Mesmo assim, a desmontagem de algumas banquetas conservadas e de solos de *opus signinum* permitiram identificar elementos correspondentes às sucessivas remodelações ocorridas.

Muito embora as escavações não tenham facultado elementos cronológicos decisivos para a datação do primeiro projecto das termas, elas tornaram claro que, entre aquele projecto e a remodelação ocorrida em finais do século III/inícios do IV, esta última bem documentada arqueologicamente, deveria ter existido uma reforma intermédia que teria reorganizado a parte central do balneário, aumentando a área de banhos (Fig. 36). Trata-se de uma remodelação que levantou alguns problemas de interpretação, pois está associada à construção do muro M8, estrutura que foi quase totalmente destruída, nos anos 70 do século XX, pela implantação de uma grande vala de saneamento que rasgou todo o edifício no sentido N/S, cortando a relação daquele muro com os diferentes compartimentos das termas.

Por sua vez, foi possível identificar uma última remodelação deste estabelecimento de banhos associada à reorganização dos hipocaustos, a qual foi datada da segunda metade do século IV (Fig. 64), tendo por base a cronologia da construção do *prae-furnium* 5 e o entulhamento do *caldarium* construído nos finais do século III/inícios do IV. O enchimento daquele espaço revelou um conjunto de 22 moedas de Constantino II, Constante e Constantino I, o qual permitiria situar esta reforma posteriormente a 341-346.

Foi sobretudo o reconhecimento dos limites sul e oeste do edifício que facultou a revalorização dos dados disponíveis, possibilitando a identificação da entrada das termas pelo lado sul, tornando-se então mais fácil compreender a articulação das salas do balneário nas suas diferentes fases. Foi igualmente identificada uma *palaestra*, localizada a oeste do edifício de banhos, a qual foi usada, pelo menos, entre o século II e meados do século IV (Fases I, II e III).

Assim, a valorização do conjunto das estruturas detectadas, que definem diferentes edifícios e reformas, só foi possível numa fase terminal das escavações, quando finalmente se reconheceram os limites das termas e da *palaestra* anexa. Por outro lado, foi necessário proceder a

vários ensaios interpretativos das sucessivas fases de construção, colocar diferentes hipóteses de funcionamento do balneário, o que nos ajudou, em parte, a orientar a própria estratégia de escavação na fase final dos trabalhos.

Uma vez que o conjunto termal oferecia uma dimensão aproximada de um quadrado com 150 pés de lado, valor estimado para a malha urbana de *Bracara Augusta*, reconhecido noutros locais da cidade (Martins e Delgado 1989-90), considerou-se que o edifício ocupava a área de uma *insula* da cidade romana, respeitando, assim, um módulo preexistente, no qual se teria já inserido o edifício pré-termal. No entanto, verificou-se que as termas ocupam parte da área de duas *insulae*, tal como havia acontecido já com o edifício anterior.

O facto de não ter sido escavada a totalidade da área correspondente à *palaestra*, o que prolongaria os trabalhos por mais alguns anos, tendo, também, sido deixados por escavar alguns sectores, que constituem testemunhos para futuras intervenções (Est. I), designadamente a oeste e a sul, não permitiu identificar claramente a organização do edifício pré-termal.

De qualquer modo, os profundos revolvimentos do terreno, bem testemunhados pela presença em estratos superficiais de muitos materiais de cronologia antiga, associados às frequentes remodelações e saques a que estiveram sujeitos os muros do primitivo edifício, dificilmente poderiam permitir mais do que uma leitura truncada e fragmentária do conjunto arquitectónico que precedeu a construção das termas.

Assim, a interpretação dos dados disponibilizados pelo conjunto das escavações que apresentaremos de seguida é aquela que se configura possível face aos constrangimentos cronológicos e arquitectónicos já referidos, pois os sucessivos projectos construtivos identificados e a mutilação sofrida pelas ruínas ao longo dos tempos sacrificaram muitos vestígios fundamentais.

De qualquer modo, assumimos as dificuldades e as dúvidas que ainda nos assistem, uma vez que julgamos imprescindível a divulgação científica deste importante balneário público de *Bracara Augusta*. Por outro lado, como sublinha J. DeLaine (1999c, 158), as reconstituições dos edifícios, tendo por base os vestígios arqueológicos, são sempre subjectivas e potencialmente controversas. Neste sentido, esperamos que as interpretações formuladas, agora publicadas, abram caminho a uma discussão que se espera frutuosa sobre as termas públicas do Alto da

Cividade e sobre o seu papel na estrutura urbana de *Bracara Augusta*, contribuindo, simultaneamente, para enriquecer o dossier da arquitectura termal romana conhecida no ocidente do Império.

### 3.2. As estruturas e a análise dos espaços

As escavações realizadas na zona arqueológica identificada como termas do Alto da Cividade, que cobrem uma área com cerca de 2.000 m<sup>2</sup>, propiciaram um alargado conjunto de estruturas, a maior parte das quais em muito mau estado de conservação. Se este facto tornou difícil a leitura e compreensão dos muros e dos espaços, a verdade é que a própria lógica das escavações, frequentemente descontínuas, em nada facilitou, também, a correcta percepção dos mesmos.

Assim, muitos muros, que acabaríamos por verificar corresponderem a paredes de compartimentos específicos, encontram-se identificados por números diferentes, pois foram objecto de múltiplos saques que os truncaram. Por outro lado, a interpretação global do conjunto exigiu que valorizássemos os negativos de umros e de silhares, pese embora a dificuldade em datá-los com segurança, quando não existiam quaisquer materiais associados. Noutros casos, em que as evidências não se conservaram, sugerimos a existência de alguns muros, justificados por razões arquitectónicas (Est. I).

Atendendo à complexa trama das estruturas descobertas, mas, também, ao carácter frustrante que as mesmas apresentam, entendemos pertinente a sua individualização, descrição e respectiva inserção nas fases construtivas a que pensamos corresponderem.

No conjunto da área escavada foi identificada cerca de uma centena de muros e/ou negativos dos mesmos e cerca de meia centena de silhares, por vezes apenas assinalados pelas valas de implantação, ou de saque. Foi igualmente descoberto um conjunto significativo de canalizações atribuídas a diferentes fases, associadas ao sistema de drenagem das termas.

Os muros foram identificados pela letra M e numerados em sequência. Os silhares foram identificados pela letra B, sendo também individualizados por um número corrente. As canalizações encontram-se referenciadas unicamente por letras.

A descrição detalhada de todas as estruturas referidas foi remetida para o Anexo A1, tendo em vista facilitar a leitura do texto, não o

truncando com excessivas descrições. Todavia, ao longo da apresentação de cada fase serão feitas as necessárias referências às estruturas correspondentes.

O conjunto dos muros identificados formaliza vários compartimentos e áreas funcionais de diferentes fases construtivas. Por isso, tivemos a preocupação de individualizar todos os espaços, recorrendo a uma numeração sequencial. As características e interpretação desses espaços serão descritas e valorizadas juntamente com a interpretação de cada fase, a qual é feita ao longo do ponto 4 deste trabalho.

### 3.3. Análise e valorização estratigráfica

A estratigrafia observada no conjunto da área escavada é naturalmente complexa, atendendo à natureza do edifício, às múltiplas remodelações a que o mesmo esteve sujeito durante a sua utilização, aos múltiplos saques de pedra que conheceu, entre a época medieval e os tempos modernos e, ainda, às profundas perturbações de que foi alvo, já nos anos 70 do século XX, quando o terreno, previsto para urbanização, foi rasgado em vários sentidos para a implantação de infra-estruturas, que muito afectaram a estratigrafia e os muros até então ainda conservados.

A estratigrafia que foi sendo registada durante as escavações realizadas ao longo de vários anos e interpretada de acordo com as sondagens que foram sendo sucessivamente abertas, por vezes em áreas descontínuas, teve que ser necessariamente uniformizada através de uma valorização global do conjunto da área intervencionada.

A metodologia seguida nessa uniformização teve em vista diferenciar de forma segura as distintas unidades estratigráficas, independentemente dos sectores onde foram observadas. Para o efeito, optou-se por proceder a uma renumeração sequencial dos estratos, de modo a individualizá-los, pois muitos deles aparecem sectorialmente e associados a contextos e acções muito concretas (Ests. II e III).

A identificação das unidades estratigráficas registadas segue a numeração sequencial das mesmas, sendo a sua caracterização e datação apresentadas no Anexo A2. Contudo, as unidades estratigráficas referentes a cada fase serão devidamente referenciadas no ponto 4 deste trabalho, sendo possível verificar, no Anexo A2, quais os materiais associados às unidades que justificaram a cronologia proposta para cada fase construtiva.

### 3.4. Interpretação cronológica e fases construtivas

Considerando a natureza precária das estruturas descritas no Anexo A1 e a complexa estratigrafia registada apresentada no Anexo A2, optámos, neste trabalho, por valorizar a sequência das fases construtivas que definem diferentes edifícios que se foram sucedendo no mesmo espaço.

Assim, quer os muros, quer as unidades estratigráficas sedimentares serão valorizados de acordo com as fases em que se inserem. Procurou-se, deste modo, facilitar a leitura e compreensão dos vestígios atribuídos aos diferentes edifícios e espaços arquitectónicos que foram sendo sucessivamente erguidos e/ou remodelados, entre inícios do século I e a segunda metade do século IV.

Na verdade, muito embora o objecto deste trabalho seja o estudo das termas, não podemos esquecer que estas foram construídas, nos inícios do século II, sobre parte de um conjunto edificado anterior (Est. IV). Neste sentido, seria impossível compreender a estrutura arquitectónica das termas sem identificar e valorizar os elementos construtivos que lhe são prévios.

Por isso, com base nos dados disponíveis e pese embora as dúvidas que persistem relativamente à interpretação de algumas das estruturas descobertas, julgamos poder identificar uma fase construtiva anterior às termas (Fase PT) e quatro fases associadas ao balneário propriamente dito (Fases I a IV).

A primeira fase construtiva está definida pelo conjunto arquitectónico que designamos por edifício pré-termal, muito embora, na prática, estejamos perante uma área construída onde se articularam quatro unidades edificadas, com características diferenciadas, aparentemente estruturadas em torno de uma área central aberta (Est. IV e Fig. 9). Esta fase construtiva recobre cronologicamente todo o século I, ainda que nem todas as estruturas que formalizam o conjunto referido tenham sido erguidas simultaneamente, sendo quase certo que as várias unidades que o integram foram sendo sucessivamente acrescentadas.

Tendo em conta a complexidade do conjunto edificado pré-termal e as dificuldades inerentes à sua interpretação global, ele será apenas sumariamente apresentado neste trabalho para facilitar a compreensão da estrutura do edifício termal. Com efeito, o estudo do edifício anterior às termas coloca problemas que transcendem largamente os objectivos desta publicação,

pelo que terá que ser valorizado num trabalho futuro.

A segunda fase construtiva corresponde ao primeiro projecto das termas públicas, cuja cronologia situamos nos inícios do século II, projecto que implicou uma profunda reforma da área correspondente ao edificado anterior, parte do qual foi reaproveitado para a construção do balneário. De facto, o edifício de banhos com as respectivas áreas de serviços integra grande parte da estrutura do corpo nascente do conjunto pré-termal.

O primeiro projecto das termas foi identificado como Fase I (Est. V e Fig. 16), estando claramente articulado com a construção de um teatro anexo, cujo muro perimetral se ergue no limite noroeste da *palaestra*.

Tendo em conta os elementos disponíveis, julgamos ter ocorrido uma primeira reforma do edifício termal entre finais do século II/inícios do III. Esta reforma ampliou e redefiniu a área de banhos, assinalando a segunda fase do balneário que foi identificada como Fase II (Est. VI e Fig. 36).

A remodelação melhor conhecida das termas ocorreu nos finais do século III/inícios do IV, quando parte da anterior zona aquecida foi entulhada e transformada em zona fria, tendo sido aberta uma nova área quente na parte oeste do edifício. Esta reforma, que alterou profundamente a organização dos espaços internos e o próprio aspecto exterior do edifício, define uma terceira fase da construção que designamos por Fase III (Est. VII e Fig. 50).

Finalmente, uma última remodelação, referenciada como Fase IV, terá ocorrido posteriormente a meados do século IV, associando-se a transformações operadas na área quente das termas, mas, também, com o desaparecimento da grande *palaestra* situada a oeste do edifício e com a inutilização da área de serviços norte (Est. VIII e Fig. 64).

Pouco sabemos sobre o modo como o edifício termal poderá ter sido adaptado, ou transformado, posteriormente aos finais do século IV, uma vez que os vestígios desse período são escassos, limitando-se a dois muros de fraca qualidade que se sobrepunham ao pavimento de *opus signinum* do grande *frigidarium* das Fases III e IV. Alguns estratos de entulhamento e abandono das áreas das termas tardias, bem como os saques e desmantelamento de numerosos muros, sobretudo na parte norte do anterior edifício termal, poderão corresponder ao período suévico e/ou visigótico, parecendo testemunhar alterações profundas na utilização do espaço.

Não possuímos dados seguros para determinar o momento exacto em que os terrenos onde se encontram as ruínas das termas foram transformados em área agrícola. Seguramente que esse processo ocorreu durante a Idade Média, num momento em que se abandonou grande parte da cidade romana, talvez, posteriormente ao século VIII. No entanto, a utilização agrária do local está representada por alguns estratos e pela construção de um muro de contenção de terras, implantado no limite oeste da plataforma onde se erguiam as termas, ainda hoje conservado, cujo traçado coincide aproximadamente com aquele que corresponderia ao do muro M99 que limitava a *palaestra* das termas, assinalando o grande desnível, ainda hoje perceptível, entre o tabuleiro superior do Alto da Cidade e a plataforma inferior.

O local continuou a ter utilização agrícola até ao século XX, sendo possível diferenciar algumas unidades estratigráficas da Idade Moderna de outras que correspondem, claramente, à instalação de infra-estruturas destinadas à grande intervenção urbanística projectada para o local nos inícios dos anos 70 daquele século. Estas últimas encontram-se bem testemunhadas por grandes valas que rasgaram a sedimentação e os muros soterrados, muitas vezes até à rocha, e por ruas alcatroadas que definiam os eixos da urbanização prevista para o local, algumas das quais foram removidas quando se iniciaram as escavações em 1977.

A definição das áreas e plantas dos edifícios construídos, para os quais dispomos de evidências arqueográficas consistentes, será objecto de análise e interpretação detalhadas no ponto 4 deste trabalho. As restantes fases encontram-se apenas referenciadas em termos estratigráficos, sendo descritas no Anexo A2, podendo ser-lhes atribuídas algumas raras estruturas referenciadas no Anexo A1.

Foi nossa preocupação dominante fornecer ao leitor uma interpretação arquitectónica da massa de muros detectada, sobretudo tendo em conta que estamos perante vestígios arqueológicos muito residuais, reportáveis a cerca de quatro séculos de ocupação, nem sempre facilmente compreensíveis. Assim sendo, fizemos um grande esforço no sentido de interpretar, não só o primeiro projecto das termas, mas toda a história do edifício que foi sendo sucessivamente remodelado. Evidentemente que essa tentativa se confrontou com inevitáveis problemas, face aos escassos vestígios disponíveis. Por isso, não podemos deixar de sublinhar que as propostas interpretativas apresentadas neste trabalho se

configuram, apenas e tão só, como as soluções mais plausíveis para o funcionamento do edifício, nas suas diferentes fases, tendo em conta os dados arqueográficos, mas, também, os requisitos gerais conhecidos para a utilização deste tipo de arquitectura funcional. Esta afirmação é sobretudo válida para as Fases II e IV, as quais oferecerem interpretações alternativas que serão discutidas no ponto 5.2.2. deste trabalho.

Na caracterização funcional dos espaços, que formalizam os sucessivos projectos arquitectónicos, utilizámos as nomenclaturas já estandardizadas no estudo das termas romanas (Nielsen 1990, 49). Por outro lado, na descrição dos elementos construtivos, sobretudo daqueles que se encontram mais associados ao sistema de aquecimento, usámos a terminologia consignada nas obras já clássicas de D. Krencker (1929), F. Kretzschmer (1953), de E. Brödner (1983) e de J. M. Degbomont (1984).

Sendo certo que todas as restituições interpretativas podem ser controversas, sobretudo quando não dispomos de evidências arquitectónicas monumentais, elas são, por isso mesmo, importantes, sobretudo em regiões onde os vestígios das termas se encontram mal preservados (DeLaine 1999c, 159), uma vez que, só assim, se pode avançar para uma valorização da arquitectura destes importantes edifícios públicos, quer em termos provinciais, quer regionais (Johnson e Hayes 1996). Por outro lado, as restituições oferecem-se como um elemento fundamental para a compreensão, não só do funcionamento dos edifícios em termos de circulação, como, também, da própria atitude dos construtores em face dos constrangimentos técnicos colocados pela realização de intervenções em edifícios já existentes (DeLaine 1999c, 159).

## 4. As fases construtivas: cronologia e interpretação

### 4.1. O edifício pré-termal (Fase PT)

#### 4.1.1. Cronologia

Apesar de parte das estruturas que integravam a primitiva construção erguida anteriormente às termas ter sido reaproveitada naquele último edifício, ou destruída e soterrada nas reformas posteriores, conservaram-se dela vários elementos que, pese embora as dificuldades de datação e interpretação, justificam a sua abordagem sumária neste trabalho. Com efeito, trata-se do edifício romano mais antigo até ago-

ra identificado em Braga, cujos muros, sobretudo os situados na parte norte, apontam para uma cronologia fundacional, podendo ser datados do período de Augusto ou de Tibério. Lamentavelmente, as escassas valas de fundação detectadas, quer dos muros, quer dos silhares, atribuíveis ao edifício pré-termal não forneceram quaisquer materiais datáveis, facto que em si mesmo não deixa de constituir um elemento em favor da antiguidade do conjunto. Por outro lado, a qualidade dos muros mais antigos atribuídos a esta primitiva construção, em cuidado aparelho isódomo, aponta para uma cronologia antiga, tendo em conta o conhecimento disponível das técnicas edilícias de *Bracara Augusta*.

Considerando a datação proposta para o edifício termal, que situamos nos inícios do século II, esta primitiva construção deve ter sido estruturada ao longo do século I, talvez em sucessivas reformas, cujas características e cronologia exactas nos escapam ainda.

Mau grado a generalizada ausência de materiais datáveis nos enchimentos das valas de fundação de muros e silhares, julgamos poder atribuir a uma primeira fase do edifício o conjunto dos muros M4, M5 e M6, situados na parte norte do conjunto (Est. IV e Figs. 8 e 9).

A área restrita ocupada pelo que sobreviveu dos muros referidos não nos permite grandes conjecturas sobre a funcionalidade deste primitivo conjunto, cujos alinhamentos respeitam rigorosamente a malha urbana da cidade. Aparentemente, numa fase posterior, eventualmente na segunda metade do século I, aquele conjunto terá sido integrado numa área construída muito mais ampla, eventualmente com uma funcionalidade variada. Terão então sido construídas as unidades situadas a nascente, poente e sul, que parecem desenvolver-se em torno de uma área aberta (Est. IV e Fig. 9).

A ampliação da área construída correspondente ao edifício pré-termal irá, por sua vez, alterar as características topográficas e urbanísticas deste sector da cidade, situado nas imediações do *forum*. Com efeito, verifica-se que a unidade construída a nascente se sobrepõe claramente à área anteriormente ocupada por um *cardo*, rompendo o rigoroso geometrismo da malha urbana de *Bracara Augusta*, definido por quarteirões quadrados com 150 pés de lado. Neste sentido, tendo em conta os elementos identificados e conservados, o conjunto edificado pré-termal passou a utilizar parte da área de duas *insulae*, sendo esse o espaço que foi posteriormente ocupado pelo edifício das termas e respectiva *palaestra*.

#### 4.1.2. *Análise das estruturas*

É possível atribuir a este edifício um conjunto de muros que, ou foram integrados na estrutura das termas, ou se deixam adivinhar pelos rasgões na rocha, ou na alterite granítica, indicando que foram desmontados, sendo possível identificar outros que foram arrasados até determinada cota para sobre eles instalar, quer a *palaestra* das termas, quer o muro do teatro. Tal aconteceu, concretamente, com os muros que compunham o primitivo edifício que se situava a norte (M4, M5 e M6), ao qual foram posteriormente acrescentados os muros M17, M17A e M18 (Est. IV e Fig. 9).

Relacionados com a parte norte do edifício encontram-se os silhares B26, B27, B28 e B29, que podem ter funcionado como limite de um pórtico da fachada norte, ao longo dos quais corria um muro identificado por M65, que presumimos poder prolongar-se para nascente do silhar B26 (Fig. 9).



Fig. 8 - Muros M4 (primeiro plano) e M5

O muro M65 e o conjunto dos silhares referidos definiam um poderoso suporte que compensaria o desnível do terreno, devendo ter funcionado, em dado momento, como limite norte do conjunto.

A construção de uma poderosa cimentação de pedras que adossou ao muro M65, pelo lado norte, inutilizou a sua primitiva função. De facto, aquela cimentação aparenta definir o alicerce de uma rua, tendo sido sobreposta, nos inícios do século II, pelo teatro (Fig. 10).

Dos muros que integrariam a parte oeste do conjunto foram identificados sectores descontínuos do muro M6A, parte do muro M70, também ele muito destruído, vestígios residuais do muro M80 e o conjunto dos muros M67, M68, M69 e M75, perpendiculares aos muros M6A e M70 e, ainda, os que foram identificados como muros M71 e M77, referenciados apenas pelas respectivas valas de saque (Fig. 9).

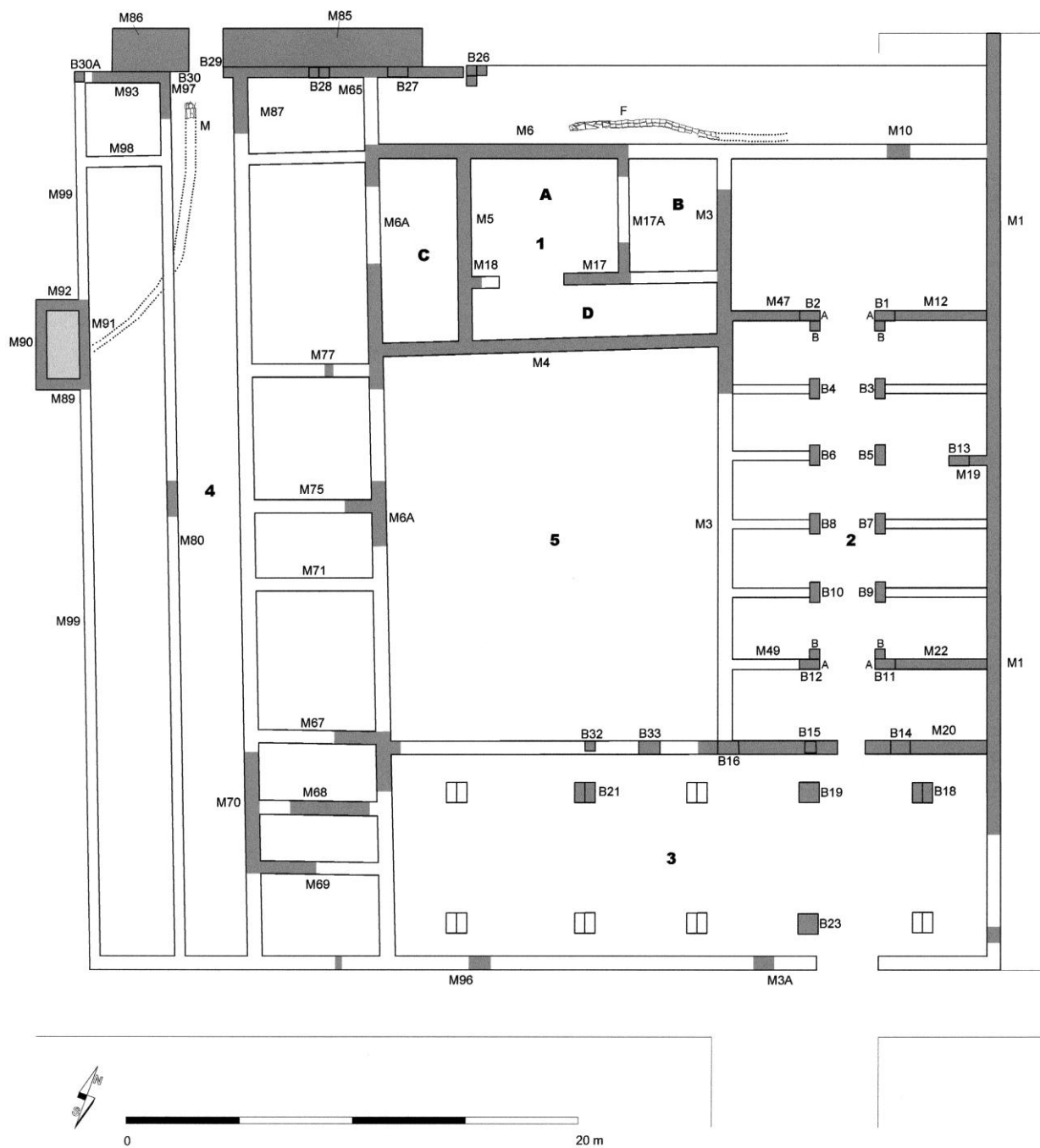


Fig. 9 - Planta das estruturas atribuídas ao edifício pré-termal.

Na parte nascente do conjunto identificaram-se ainda os muros M89, M90, M91 e M92, que definiam as paredes de um tanque, cuja água provinha da canalização M, a qual corria sob o solo mais antigo de uma galeria de circulação situada entre os muros M87 e M97.

O referido tanque foi completamente entulhado nos inícios do século II e sobre ele foi assente parte da calçada que circundava o muro perimetral do teatro (M82), a qual se situava entre aquele e o muro M81 (Est. I).



Fig. 10 - Cimentação a norte do muro M65 e respectivos silhares

Os muros M87 e M97 foram parcialmente sobrepostos pelo muro do teatro (M82), o mesmo acontecendo com o muro M98. Quer o muro M87, quer o muro M97 rematavam a norte, respectivamente, nos silhares B29 e B30.

A parte conservada das estruturas demonstra que dos silhares referidos arrancavam arcos em tijoleira que cobriam os muros M87 e M97 (Fig. 11), mas, também, o muro M93, o qual rematava no silhar M30A, apenas identificado pelo recorte da vala de saque (Est. I).

O muro M99, que se deixa adivinhar apenas por uma vala aberta na alterite, rematava no silhar B30A (Fig. 9).

Na parte sul do conjunto conservaram-se vários silhares ou sapatas dos mesmos, os quais foram identificados como B18, B19, B21 e B23. Estes dispõem-se de forma alinhada no interior de um espaço que seria definido, a sul, pelos vestígios residuais dos muros M96 e M3A e, a norte, pelo muro M20 (Fig. 9).

A nascente e poente da parte sul do conjunto encontram-se, respectivamente, os muros M1 e M6A (Fig. 9).

Parte das estruturas referidas foram incorporadas no edifício das termas, tendo alguns dos silhares sido desmontados por se terem tornado inoperacionais.

Os muros conservados do que representaria a parte nascente da construção são: o muro M1 que corresponde a um muro perimetral reutilizado ao longo de séculos como limite nascente, quer do edifício pré-termal, quer das termas, nas suas diferentes fases; o muro M10 profundamente destruído nos anos 70, que se deixa adivinhar apenas por uma fiada de pedras da sua face norte e que se articulava, muito provavelmente, com o muro M6; o muro M12 que adossava ao muro M1 e que rematava a poente no silhar B1A; o muro M19 que encosta ao muro M1 e que seria rematado a oeste pelo silhar B5; o muro M22 que arranca do muro M1 rematando no silhar B11A; o muro M20, com 2 pés de largura, que se encontra travado no muro M1; o muro M47 que terminaria no silhar B2A; o muro M49, bastante alterado, que rematava no silhar B12A e o muro M3 que definiria o limite oeste deste corpo, exibindo 2 pés de espessura. Este muro conserva-se apenas na parte norte, tendo sido extensamente destruído na remodelação tardia das termas, correspondente à Fase III.

Integrados nesta unidade construída nascente estão os silhares numerados de 1 a 12 (Anexo A1), que desenhariam os limites de uma galeria central de circulação, bem como o silhar B13, que rematava o muro M19 e, ainda, aqueles que foram identificados por B14, B15 e B16, todos eles dispostos ao longo da parte conservada do muro M20 (Est. IV e Fig. 9).

No eixo daquele muro, para poente do silhar B16, conservaram-se ainda os silhares B32 e B33, os quais foram reaproveitados no edifício das termas, muito embora os vestígios do muro M20 se apresentem aí como meramente residuais (Est. IV e Fig. 9).

Todas as estruturas referidas identificadas no corpo nascente foram integradas na estrutura das termas na Fase I, a qual ocupará ainda parte da unidade que se dispunha a sul, como já foi referido anteriormente (Fig. 16)

Na zona norte do edifício, ao longo do muro M6, foi detectada a parte conservada de uma canalização, identificada pela letra F, que deveria correr adossada ao exterior do muro M10, acompanhando igualmente a face norte do muro M6 (Est. IV e Fig. 9).

#### 4.1.3. *Análise da estratigrafia*

Entre os estratos correspondentes ao edifício pré-termal podemos situar várias unidades estratigráficas cuja característica dominante é a generalizada ausência de materiais datáveis. No conjunto da área onde se desenvolviam os diferentes corpos que compunham o edifício encontramos algumas unidades estratigráficas correspondentes a enchimentos sobre a rocha, ou sobre a alterite granítica, normalmente para nivelamento da mesma e preparação de pavimentos. Entre elas destacamos as UEs 092, 126, 150, 156, 160, 163, 170, 185, 199, 201 e 228 (Anexo A2).

As unidades estratigráficas correspondentes ao enchimento de valas de fundação de muros são escassas, pois a grande maioria destes assenta directamente na rocha. Tal é o caso dos muros M1, M3A, M6, M10, M12, M19, M20, M22 e M47, pertencentes ao corpo nascente do conjunto edificado (Fig. 9).

Entre os muros que possuíam valas de fundação, ainda que sem materiais datáveis, destacamos os M4 e M5, cujo enchimento está representado pela UE164 e o muro M3 que regista pontualmente vala de fundação (UE040). Enchimentos de valas de fundação que não oferecem elementos cronológicos são ainda as seguintes unidades estratigráficas: UE 091 (silhar B26); UE119 (muro M65); UE120 (muro M97), UE125 (muro M93); UE155 (muro M6A); UE195 (muros M17 e M17A) e a UE121 (canalização M).



Alguns muros possuem valas de fundação com raros materiais datáveis, como acontece no caso do muro M87 (UEs 104 e 118), cuja cronologia aponta para a 1ª metade do século I. No entanto, a generalidade dos muros que podem ser datados a partir dos enchimentos das fundações insere-se, genericamente, numa cronologia que se situa na 2ª metade do século I, relacionando-se com as estruturas que compõem o corpo poente do conjunto, interpretado como um acrescento, ou alteração do edificado inicial. Estão neste caso os muros M67, M68 e M69, associados, respectivamente, às UEs 169, 172 e 177, correspondentes aos enchimentos das respectivas valas de fundação. Desta fase construtiva subsistiram, ainda, alguns pavimentos de terra batida, bem como os respectivos enchimentos de preparação, os quais se concentram, predominantemente, na parte noroeste da construção, entulhada nos inícios do século II. Entre as unidades estratigráficas que definem pavimentos ou preparações dos mesmos destacamos as UEs 089 e 092, a sequência entre a UE111 e UE116, a 123, a 124, a 143, a 168, a 176, a 181 e a 182.

#### 4.1.4. *Descrição do edifício*

O conjunto edificado pré-termal oferece uma forma aproximadamente quadrada, com cerca 150 pés de lado (43,50 m). O limite nascente está representado pelo muro M1, enquanto que o limite norte poderá ter variado ao longo do século I. Numa primeira fase poderia ter correspondido ao muro M6, sendo possível que a norte daquele muro tivesse existido um pórtico com cerca de 3,60 m de largura (12 pés).



Fig. 11 - Silhares sobrepostos por arcos de tijoleiras



Posteriormente, com o acrescento do corpo nascente, o muro M10 terá passado a definir, juntamente com o muro M6, a fachada norte, que limitaria o pórtico já referido. O acrescento do corpo poente terá definido um novo alinhamento da fachada norte, à qual corresponderão os muros M65 e M93 que passaram a definir o limite da área construída (Fig. 9).

Do limite sul conhece-se muito pouco. No entanto, admitimos que a fachada sul do edifício correspondesse ao alinhamento definido pelos muros M3A e M96, apesar dos mesmos se apresentarem de forma muito residual e descontínua (Fig. 9).

Por sua vez, o limite oeste não foi identificado, sendo presumível que correspondesse, aproximadamente, ao traçado do muro medieval que susteve, até aos nossos dias, a plataforma superior da Colina da Cidade, o qual deverá ter sido erguido sobre o alinhamento do muro identificado como M99.



Fig. 12 - Perspectiva da face sul do muro M93

Do ponto de vista orgânico o conjunto edificado pré-termal pode ser decomposto em quatro corpos, que numerámos de 1 a 4, os quais parecem articulados e estruturados em torno de uma área aberta central (5) (Fig. 9). No entanto, é possível que, numa fase inicial, correspondente à 1ª metade do século I, apenas existisse o corpo norte (1), sendo aceitável que a coexistência dos quatro corpos tivesse sido uma realidade apenas na 2ª metade do século I. Por ausência de elementos mais fiáveis passamos a descrever cada corpo individualmente (Fig. 9).

O corpo 1 situa-se no lado norte, sendo desconhecidos os seus limites iniciais, uma vez que, tratando-se da construção mais antiga do conjunto, poderá ter sido alterada nos lados nascente e poente quando foram erguidos os corpos 2 e 4.

Este corpo surge-nos limitado a norte pelo muro M6 e a sul pelo muro M4. Ambos parecem rematar a nascente no muro M3, estando

o seu limite poente assinalado pelo muro M6A.

O muro M4 deverá seguramente constituir um limite estrutural deste corpo, atendendo à sua largura de 0,60 m (2 pés), que faz dele um muro perimetral. A este corpo podemos ainda atribuir os muros M5 e M17A, ambos perpendiculares aos muros M6 e M4, bem como os muros M17 e M18 que lhes são paralelos.

Tomando como limites os muros M6, M4, M3 e M6A, este corpo oferece as dimensões de 15 m (cerca de 50 pés), no sentido E/O, por 8 m (cerca de 27 pés), no sentido N/S. No interior deste corpo podemos identificar quatro áreas diferenciadas, cuja cota de circulação se situava perto dos 194,50 m, ou seja, aproximadamente a mesma que encontramos na área 5, a sul, e na parte norte do corpo 2 (Est. IV).

A área A configura-se como um compartimento rectangular com 5,20 m (cerca de 17 pés), no sentido N/S, por 6,5 m (22 pés), no sentido E/O, estando limitado pelos muros M6, M17A, M5, M17 e M18 (Fig. 9).

O acesso aquela área poderia fazer-se por abertura rasgada no muro M6, certamente centrada em relação a uma outra que seria formada, a nascente, pelos muros M17 e M18, o primeiro dos quais rematava num bloco. Da área A deveria ainda ser possível aceder às áreas B, C e D e, a partir desta última, ao pátio interior e central do conjunto (área 5).

A área B surge-nos limitada pelos muros M6, M3, M17 e M17A, definindo um compartimento com 5,20 m (cerca de 17 pés), no sentido N/S, por 3,90 m (13 pés), no sentido E/O. É presumível que possuísse uma passagem situada a sul para acesso à área D e uma outra, a nascente, rasgada no muro M3, que daria acesso ao interior do corpo 2 (Fig. 9).

A área C estaria limitada pelos muros M6, M5, M4 e M6A, configurando um espaço rectangular com 8 m (27 pés), no sentido N/S, por 3,30 m (11 pés), no sentido E/O. Presumimos que aquela área deveria possuir uma passagem a nascente, rasgada no muro M5, para permitir entrar na área A (Fig. 9).

A área D é constituída por um corredor, disposto no sentido E/O, com 2,30 m de largura (cerca de 8 pés) por 11 m de comprimento (aproximadamente 37 pés), sendo limitado pelos muros M3, M4, M5, M17 e M18. Este corredor deveria dar acesso às áreas A e B, bem como à área 5.

A norte do muro M6 desenvolve-se uma área de circulação, que poderia ter sido parcialmente porticada, pelo menos a nascente do silhar B26. Neste espaço, junto aos muros M6 e

M10 corria a canalização F, cuja função exacta se desconhece.

O corpo 2, situado a nascente, é aquele que se encontra melhor definido, correspondendo à área mais escavada, precisamente aquela onde foi implantado, nos inícios do século II, o edifício termal. Encontra-se limitado a este pelo muro M1, a oeste pelo muro M3, a norte pelos muros M6 e M10 e a sul pelo muro M20 (Fig. 9). Os muros M3 e M20 possuem ambos 2 pés de largura, parecendo, por isso, corresponder a muros perimetrais e estruturais do edifício. Desconhecemos, todavia, a espessura do muro M10, do qual se conservou apenas uma fiada de pedras e a do muro M1, cuja parte conservada possui apenas uma face interna, estando alicerçado na alterite granítica (Fig. 25).

Este corpo mede cerca de 26 m de comprimento (cerca de 87 pés), por 11,4 m de largura (cerca de 38 pés). Toda a construção encontra-se implantada na rocha que foi regularizada à cota de 193,50 / 193,70 m, com excepção das partes norte e sul ligeiramente mais altas, cerca de um metro. As cotas de circulação dentro do edifício situavam-se, por conseguinte, próximo dos 194 m, na parte central e dos 194,5/195 m, nos compartimentos dos extremos sul e norte.

A parte central deste corpo encontra-se definida por um corredor, com 2,40 m de largura (8 pés), marcado por um conjunto de duas fiadas paralelas de seis silhares, com equidistâncias de 2,10 m entre si (cerca de 7 pés).

Os silhares B1, B2, B11 e B12 limitam uma área cuja cota de circulação se situava perto dos 194 m e são compostos por dois elementos que formam um L. Os que foram identificados como B1A, B2A, B11A e B12A correspondem a silhares rectangulares de 0,90 x 0,45 x 0,45 m, estando dispostos no sentido E/O. A eles encontravam-se associados outros, de forma quadrada, identificados por B1B, B2B, B11B e B12B, com 0,45 x 0,45 x 0,45 m, que formavam ângulo recto com os primeiros, alinhando com os restantes silhares dispostos no sentido N/S. Excepção a esta disposição é a do silhar B5 que se encontra deslocado do que seria o seu contexto original, estando orientado E/O. Todos os outros conservam as suas posições originais, tendo sido incorporados nos alicerces das paredes interiores do edifício das termas. Os silhares B1A, B1B e B2A e B2B, que compunham os cantos da galeria, a norte, foram removidos, sendo a sua localização denunciada pelos recortes existentes da rocha.

Estamos em crer que o corredor central deste corpo dava acesso a um conjunto de duas

séries de cinco compartimentos que se dispunham a nascente e a poente. Os compartimentos situados no lado nascente teriam 4,8 m de comprimento (cerca de 16 pés) (sentido E/O), por 2,90 m de largura (cerca de 10 pés), enquanto que os localizados a poente, possuindo a mesma largura, tinham apenas 3,80 m de comprimento (cerca de 13 pés) (Fig. 9).

No lado nascente a sequência de compartimentos seria rematada pelo muro M12, a norte e pelo muro M22, a sul. Além destes dois muros sobreviveu o muro M19, que correspondia a uma divisória de um dos compartimentos presumíveis, encontrando-se rematado pelo silhar B13 (Fig. 9).

O remate norte dos compartimentos dispostos a poente estaria definido pelo muro M47 e o limite sul pelo muro M49. Dos restantes muros que deveriam definir as divisórias daquele espaço nenhum se conservou.

Este conjunto, formado pelo corredor central e respectivos compartimentos anexos, rematava a sul num compartimento rectangular, com uma cota de circulação que se situaria próxima de 194,50 m. Dispondo-se no sentido da largura do edifício (E/O), com 12 m (40 pés) de comprimento, por 3 m de largura (10 pés), este compartimento estaria definido pelos muros M1, M3, M20, M22 e M49 (Est. IV e Fig. 9).

No lado norte da galeria parece ter existido um amplo compartimento, com 7,20 m (24 pés) de largura (eixo N/S), por 12 m de comprimento (40 pés) (eixo E/O). A fachada norte desta sala seria definida pelos muros M6, a poente e M10, a nascente. A limitar este compartimento estariam ainda os muros M1 e M3, respectivamente, a este e oeste e os muros M12 e M47, a sul. A cota de circulação deste compartimento deveria situar-se próxima dos 194,70 m.

A estrutura do corpo 3, situado a sul, oferece alguns problemas de interpretação, uma vez que foi posto a descoberto apenas sectorialmente. Com base nos dados disponíveis podemos admitir que seria constituído por um único compartimento que rematava o corpo 2, fechando igualmente a área central e descoberta do conjunto (área 5), ligando-se à parte sul do edifício, definida como corpo 4 (Fig. 9).

Esta vasta área estaria limitada pelos muros M1, M3A, M96, M6A e M20, formalizando um grande espaço rectangular, com 26,40 m de comprimento (88 pés), no sentido E/O, por 8,90 m de largura (cerca de 30 pés), no sentido N/S. Tendo em conta a sobrevivência de alguns silhares ainda conservados *in situ*, reaproveitados na estrutura das termas, como acontece

com os que foram identificados por B19, B23 e B21, bem como algumas sapatas conservadas de outros, designadamente o identificado por B18, podemos presumir que esta área oferecia dois alinhamentos paralelos de pilares para assentamento de colunas, os quais estariam espaçados entre si cerca de 5 m (ponto central dos silhares), distribuindo-se ao longo das paredes, a cerca de 1,5 m (5 pés) das mesmas. Tudo leva a crer que este espaço teria comunicação com o corpo 2, através de passagem rasgada no muro M20, bem como com a área descoberta central, identificada como 5. A sua cota de circulação interna deveria situar-se a 194,50 m, muito embora não tenha sido identificado nenhum solo associado a este corpo.

O corpo 4, que limitaria o conjunto a poente, disposto no sentido N/S, revela uma organização mais complexa, definida por vestígios de várias estruturas de difícil interpretação que se associariam ao remate oeste do edifício. A dificuldade em compreender a sua estrutura original resulta das profundas remodelações a que esteve sujeita esta zona, do grande desnível entre a cota de utilização do tabuleiro superior que se situaria próxima dos 194,5/195 m e daquela que presumimos corresponder à plataforma inferior, estimada nos 189 m, bem como dos profundos aterros aí registados, em particular aqueles que se relacionam com a instalação da *palaestra* das termas. Todos estes factos tornam difícil a articulação entre os diferentes espaços detectados, que não foram escavados em toda a sua extensão, pelo que permanecem por esclarecer numerosos aspectos.

Podemos considerar que este corpo estaria globalmente limitado, a norte, pelos muros M65 e M93 (Est. IV e Fig. 9). A sul, o limite poderia estar definido pelo prolongamento para poente do muro M96, que remataria, também, o corpo 3, já referido. A poente deveria existir um muro de fachada do edifício (M99) implantado aproximadamente à cota de 189 m, o qual não se conservou, pois foi destruído pelo muro medieval que se implantou sobre parte do seu traçado. O limite nascente estaria, entretanto, assinalado pelo muro M6A.

Este corpo deveria possuir, por conseguinte, as dimensões globais de 38,50 m (128 pés), no sentido N/S, por 12 m (40 pés), no sentido E/O.

A organização do espaço interno oferece alguns problemas de interpretação em face dos escassos elementos disponíveis. Aparentemente, poderia organizar-se em três áreas funcionais paralelas, diferenciadas, mas relacionados entre

si, que se desenvolveriam no sentido N/S.

O conjunto mais a nascente, situado entre os muros M6A e M70, configura-se como um espaço organizado em compartimentos, de cujas divisórias foram identificados vários muros (Fig. 9). Embora bastante destruídos, pois foram arrasados e saqueados para construir a *palaestra* das termas, conservaram-se os alicerces dos muros M67, M68, M69, M75, tendo sido registadas as valas de implantação dos muros M71 e M77. Os compartimentos dispunham-se no sentido E/O, possuindo aqueles que são conhecidos aproximadamente cerca de 2/2,50 m de largura (sentido N/S), por 5,50 m de comprimento (sentido E/O).

Os muros que estruturavam o referido conjunto de compartimentos revelam características construtivas totalmente diferentes daquelas que tipificam os muros presentes nos outros corpos que compõem o conjunto edificado pré-termal. Trata-se de muros largos, de aparelho muito irregular, com pedras toscamente afeiçãoadas.

Os muros M70 e M87 definem o limite nascente de uma galeria de circulação que seria rematada a poente pelos muros M80 e M97, possuindo cerca de 3 m de largura (10 pés). Tendo em conta os dados relativos aos silhares B29 e B30, situados no alinhamento dos limites desta galeria, parece possível admitir que a mesma fosse recoberta por arcos de tijoleira, que arrancavam de silhares (Figs. 11 e 12). No caso concreto do arco situado entre os silhares B29 e B30 verificamos que o mesmo é alintelado na parte superior por um bloco de pedra. Pese embora a circunstância desta parte do edifício ter sido objecto de grandes arrasamentos ocorridos nos inícios do século II, aquando da construção do teatro, podemos presumir que a referida galeria possuísse dois pisos, sendo a mais baixa seguramente abobadada.

O muro M80, orientado N/S, muito destruído e aterrado na fase posterior para a construção da *palaestra* das termas, parece definir o limite nascente daquele que representaria um terceiro conjunto orgânico presente neste corpo do edifício. O seu limite poente seria o muro M99, completamente destruído, estando os limites norte e sul representados, respectivamente, pelos muros M93 e M96 (Fig. 9).

Este conjunto poderia organizar-se, tal como aquele que se situaria a nascente, em compartimentos, dos quais apenas foi identificado um, situado no limite NO da área, definido pelos muros M97, M93 e M98, sendo presumível que fosse rematado a poente pelo muro

M99. As características construtivas das paredes deste compartimento são particulares. De facto, encontramos um conjunto de silhares integrados nos muros, os quais são sobrepostos por arranques de arcos de tijoleira, dispostos, quer no sentido E/O, quer no sentido N/S (Fig. 12). Essa situação foi observada, concretamente, entre os silhares B29 e B30, sendo igualmente visível um arranque de arco sobre o silhar B30 em direcção a um outro, que deveria existir no limite do muro M97, recobrindo este último, entretanto inutilizado pela construção do muro M82. Outro arco de tijoleira arrancava do silhar B29 para sul, recobrindo o muro M87, o mesmo ocorrendo com o muro M93, o qual seria recoberto por um arco que arrancava do silhar B30 e remataria num outro, identificado como B30A, que se situaria no limite oeste daquele muro (Fig. 9).

As características enunciadas permitem considerar que, a poente da galeria de circulação definida pelos muros M70 e M97, a este, e pelos muros M80 e M97 a oeste, se disporia um conjunto de compartimentos, que, a avaliar pelas características daquele que foi escavado, teriam uma configuração quadrada, com cerca de 3,20 m de lado (cerca de 11 pés). Quer o compartimento identificado, quer a parte escavada da galeria de circulação, possuem solos de terra batida, situados à cota de 190,5 m. Assim, o acesso aos compartimentos poderia ser feito a partir da galeria, mas, também, a partir do exterior do edifício.

Sob o solo da galeria de circulação corria uma canalização de água limpa (M), a qual abastecia o fontanário que existia na fachada oeste do edifício. Aquele era definido por um tanque, limitado pelos muros M89, M90, M91 e M92, revestido de *opus signinum*.

Aparentemente a fachada norte deste corpo estaria definida pelo muro M65, que se desenvolvia até ao silhar B26, integrando outros silhares sobrepostos de aparelho almofadado, espaçados 2,6 m entre si (cerca de 9 pés). Solidamente implantados na alterite granítica, os silhares, bem como o muro M65, venciam o acentuado desnível do terreno, formando uma parede cega. Acompanhando a fachada existiria um espaço de circulação que se articulava com o corredor disposto entre os muros M70 e M87, a nascente e M80 e M97 a poente (Fig. 9).

A face externa do muro M65 viria a ser tapada por uma poderosa cimentação de pedras, que poderia formar o alicerce de uma rua de circulação E/O. Esta rua poderia ter convivido com um pórtico, que julgamos ter existido logo

numa fase inicial da construção, associada ao corpo norte. O referido pórtico, com cerca de 12 pés de largura, desenvolvia-se a norte dos muros M6 e M10 e a nascente do silhar B26 (Fig. 9).

No centro da área definida pelos quatro corpos que compõem o conjunto pré-termal, desenha-se um espaço descoberto (área 5), com 17 m (57 pés) no seu eixo maior (N/S), por 15 m (50 pés) no eixo menor E/O. A sua cota de circulação deveria situar-se a cerca de 194,50 m sendo admissível que este espaço desse acesso a qualquer dos corpos do conjunto (Fig. 9).

Pese embora o facto de não ter sido totalmente posto a descoberto e de boa parte dele ter sido destruída pelas construções posteriores, estamos em crer, face às características estruturais do edifício pré-termal, talvez apenas adquiridas na 2ª metade do século I, que o mesmo deveria constituir um equipamento polivalente que associaria funções de tipo comercial e de armazenagem.

Se é certo que a sua planta lembra vagamente a estrutura dos *horrea* civis de Óstia (Rickman, 1971), parece-nos, todavia, possível admitir que o conjunto possa ter desempenhado diferentes funções. De qualquer modo, parece quase certo que a parte descoberta das estruturas aqui analisadas representa, apenas, meras subestruturas de um complexo arquitectónico que possuiria diferentes pisos, pelo menos na parte poente, onde tinha que vencer o acentuado desnível do terreno. Do mesmo modo e uma vez que o edifício ultrapassou claramente, na sua morfologia final, a área de uma *insula*, integrando na sua estrutura o espaço reservado a um cardo, parece possível admitir que ele se tivesse desenvolvido para nascente do muro M1, o qual representaria, nesta circunstância, apenas um muro meeiro do conjunto edificado, que poderia estender-se até ao limite da *insula*.

## 4.2. O primeiro projecto das termas (Fase I)

### 4.2.1. Cronologia

Após os primeiros trabalhos realizados nas termas do Alto da Cividade, até 1980, foi sugerida uma cronologia flávia-antonina para uma primeira fase construtiva do balneário, hipótese sustentada pela datação de alguns escassos materiais procedentes de valas de fundação associadas aos muros que compunham as salas quentes. No entanto, tal atribuição carecia de maior fundamentação, uma vez que, tal como

acontece na fase anterior, são raros os muros que compõem as salas do balneário que possuem valas de fundação e, quando aquelas existem, os seus enchimentos não fornecem materiais datáveis. Tal situação justifica-se, em parte, pelo facto das substrucções do balneário terem implicado um arrasamento dos níveis de utilização do edifício anterior, pois foram implantadas directamente sobre a rocha. Se a conclusão das escavações viria a confirmar este facto, ela permitiu, todavia, sustentar uma proposta cronológica mais precisa para o primeiro projecto das termas centrada nos inícios do século II.

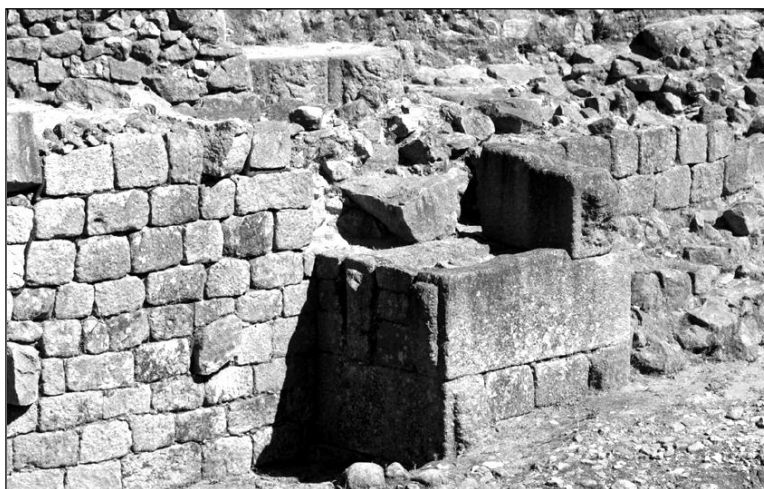


Fig. 13 - Face externa do muro perimetral do teatro (M82) com contraforte

Os argumentos em favor desta nova proposta de datação baseiam-se em duas ordens de factores: por um lado, na cronologia fornecida pelos estratos associados às estruturas que compõem os diferentes espaços do balneário propriamente dito, designadamente raros enchimentos de valas de fundação e nivelamentos selados por pavimentos e, por outro, na cronologia dos aterros e das destruições operadas em toda a área exterior ao edifício que se associam, quer à construção da *palaestra*, quer do teatro. De facto, se os elementos para datar a primeira fase das termas são escassos, já aqueles que se articulam com um vasto conjunto de acções correspondentes ao arranjo da área envolvente do balneário são bastante abundantes e, sobretudo, notavelmente coesos do ponto de vista da sua cronologia.

Uma vez que, quer a construção das termas, quer do edifício identificado como teatro corresponderam tanto a um reaproveitamento como a uma destruição de diferentes partes do edificado anterior, parece-nos impossível desfasar no tempo as duas construções, tanto mais que elas se encontram articuladas do ponto de

vista físico e estrutural através da *palaestra*, limitada a noroeste pelo muro M81, estrutura que circunscrevia, do lado sul, uma calçada envolvente do teatro (Est I).

As unidades estratigráficas que permitem datar o conjunto termal propriamente dito associam-se a enchimentos sobre a rocha, na sua maior parte posteriores à construção dos muros que compõem os diferentes compartimentos e áreas das termas, os quais incluem materiais que não ultrapassam a cronologia de 100/120.

Dos enchimentos das valas de fundação dos muros apenas o do muro M26 forneceu

materiais, os quais não ultrapassam os inícios do século II. Alguns enchimentos sobre a rocha para assentamento das tijoleiras dos hipocaustos, como acontece concretamente na área correspondente ao *apodyterium* (área 6), ou na área 11, forneceram materiais atribuíveis ao século I. Quer sob o solo de *opus signinum* da área 9, interpretada como *frigidarium*, quer no corredor, identificado como área 8, encontramos igualmente alguns enchimentos de nivelamento com materiais datáveis do século I, que não ultrapassam o ano 100. Na área de serviços norte, designadamente nos diferentes compartimentos que a subdividem, encontramos igualmente nivelamentos e solos de terra batida com materiais cuja cronologia não ultrapassa 120.

Apesar de escassos, os elementos cronológicos referidos estão em consonância com aqueles que foram fornecidos na área exterior ao balneário, associados à construção dos muros M82 e M81, bem como à implantação de uma calçada de circulação entre ambos. De facto, quer os materiais contidos nos enchimentos das numerosas valas de saque dos muros anteriores, quer aqueles que integram os aterros e

nivelamentos destinados à edificação das duas estruturas, oferecem uma datação muito uniforme correspondente a todo o século I, não ultrapassando a data de 120. Em especial, merece referência o contexto de entulhamento do tanque que se integrava na fachada oeste do edifício pré-termal, sobre o qual viria a assentar uma calçada, bem como as fundações de parte do muro M81.

oeste da fachada cerca de 6 m (20 pés).

Toda a construção foi implantada na rocha, já regularizada na fase anterior à cota de 193,50/193,70 m, com excepção da parte norte que se conservou ligeiramente mais alta, oferecendo uma cota aproximada dos 194,70 m.

Muito embora o projecto inicial do edifício das termas tenha sido amplamente alterado pelas reformas e remodelações posteriores, foi



Fig. 14 - Perspectiva geral da área escavada das termas. Em primeiro plano o *praefurnium* 2

Assim, pese embora as dificuldades em datar com maior precisão aquele que foi o primeiro projecto das termas, julgamos poder situá-lo nos inícios do século II.

#### 4.2.2. Análise das estruturas

A forma alongada do edifício das termas do Alto da Cividade e a disposição das suas salas e espaços resultam basicamente de condicionantes impostas pelo aproveitamento do corpo nascente do edificado anterior, sobre o qual foi construída a área de banhos que se estende ainda sobre parte daquele que constituía o corpo sul do edifício pré-termal. O balneário ocupou, assim, pouco mais de 1/3 da área total coberta pela construção anterior, inscrevendo-se na sua parte nascente (Est. V). Na parte sul apresenta um corpo avançado para poente, onde se inscreve a área 7 que corresponde à piscina do *apodyterium*. O restante espaço situado a poente da área de banhos, foi afecto à construção de uma ampla *palaestra* (Est. V e Fig. 16).

Deste modo, o balneário configura-se como uma construção rectangular, de orientação N/S, com um desvio de 19° para oeste, com cerca de 130 pés de comprimento por 40 pés de largura. Na parte sul o edifício estende-se para

possível identificar claramente os muros que definiam a sua estrutura básica, a qual reaproveitou parte das preexistências da construção anterior.

A parte central do edifício, onde se inserem os espaços reservados aos banhos, conservou grande parte dos silhares que formavam a galeria central do corpo nascente do edificado pré-termal, agora aproveitados como contrafortes dos muros divisórios das termas (Fig. 16).

Para além dos silhares foram ainda integrados no edifício termal vários muros da primitiva construção, designadamente os muros perimetrais M1, M3 e M3A, todos com dois pés de largura (0,60 m) e alguns interiores, quer com dois pés, como é o caso do muro M20, quer com pé e meio (0,45 m), como acontece com os muros M22, M19, M12, M47 e M49.

No entanto, os muros que correspondem às divisórias dos compartimentos das termas foram praticamente todos construídos de novo, o mesmo acontecendo com o muro da fachada norte, identificado como muro M2 (Est. V e Fig. 19). Entre os novos muros erguidos para compor os espaços do balneário destacam-se os muros M33, M34, M35 e M7, que definem as paredes do *caldarium*, os muros M36, M37, M22A e M52, que definem a estrutura dos *tepi-*

daria, os muros M25, M26, M27 e M28, que estruturaram o compartimento identificado como *apodyterium* e ainda os muros M29, M30 e M31 correspondentes às paredes da piscina daquele último compartimento. A norte e sul do muro M30 foram construídos os muros M54 e M30A.

Embora muito destruídos ou completamente saqueados, deles restando apenas as valas de implantação na rocha, foi ainda possível identificar um conjunto de muros construídos na área de serviços situada a norte que serviram para subdividir aquele espaço. São eles o muro M3B que prolongou para norte o muro M3 e o conjunto dos muros M9, M9A, M11, M13, M14 e M14A, deles se conservando apenas parte dos muros M9, M14 e M14A (Est V e Fig. 16).

No lado sul e associados à zona de entrada no edifício, são presumidos, por razões arquitectónicas e funcionais, os muros M25A e M26A, os quais fechariam o vestíbulo de entrada, respectivamente, a nascente e poente.

Nesta primeira fase das termas foram erguidos três pré-fúrnios. O *præfurnium* 1 (Pr1), cuja boca estava integrada no muro M25, situava-se na área 18, aquecendo o hipocausto do *apodyterium* (área 6). O *præfurnium* 2 (Pr2) localizava-se na área de serviços 17, alimentando o hipocausto da área 11, interpretada como *tepidarium*. Por sua vez, o *præfurnium* 3 (Pr3), cuja boca se incorporava no muro M33, estava implantado na área 14, servindo para aquecer o *caldarium* (área 13) e o *tepidarium* anexo (área 12).

O limite sul da área de serviços 18 pressunha a existência do muro M64, o qual se adivinha apenas pelos recortes da rocha. Na mesma área existiria ainda um outro muro, identificado por M25B, que isolaria aquele compartimento do corredor (área 8) que permitia o acesso à *palaestra* (Fig. 16).

A esta fase podemos seguramente atribuir várias canalizações de drenagem de águas sujas.

A canalização B constitui um extenso eixo de drenagem implantado na rocha, correndo na sua maior extensão no sentido N/S, escoando para sul, para o exterior do edifício e, para oeste, articulando-se com a canalização B1, implantada sob o corredor (área 8) e parcialmente sob a piscina do *apodyterium* (área 7) (Est V). Esta última canalização drenaria para a canalização C, identificada na parte sudoeste da *palaestra*, cuja orientação NE/SO permite admitir que captaria águas sujas oriundas de outras canalizações (Est V e Fig. 16). Nessa situação estaria, certamente, o grande eixo de drenagem oriundo da área do teatro, que cruzava praticamente toda a *palaestra* no sentido N/S, identificado como canalização

E (Est. I). Admitimos que nesta fase a canalização E deveria ter recebido águas oriundas da área de serviços norte das termas, reaproveitando a canalização F, construída na fase anterior, pois a sua estrutura foi incorporada no muro M3B, o qual se articulava com o limite norte do edifício definido pelo muro M2.

#### 4.2.3. Análise da estratigrafia

A construção das termas, pese embora a sua adaptação a uma estrutura anterior, implicou grandes trabalhos ao nível da rocha para a implantação de vários muros necessários à organização das salas, não se tendo conservado, por isso, estratos claramente associados à primeira construção pré-termal. No entanto, a estratigrafia associada ao primeiro projecto das termas deixou algumas evidências, que podem ser observadas nos vários cortes apresentados nas Estampas II e III.

O enchimento mais antigo que se conservou sobre a rocha em toda a extensa área onde se implantaram as termas é constituído pela UE 005. Outras unidades estratigráficas, sem solução de continuidade com a UE005, constituem, também, vestígios de enchimentos sobre a rocha, como acontece com as UEs 042, 207, 232 e 259 destinados a regularizar o solo e permitir o assentamento de pavimentos.

Alguns dos muros desta fase apresentam valas de fundação. Esse é o caso do muro M2, erguido para definir o limite norte do balneário, cujo enchimento está representado pelas UEs 007 e 025, do muro M3B, cuja vala de fundação possui um enchimento identificado por UE286 e dos muros M33 e M34, que constituem, respectivamente, as paredes norte e nascente do *caldarium* (área 13), cuja vala de fundação é preenchida pelos sedimentos correspondentes à UE047. A esta fase pertencem, ainda, as UEs 258 e 259, que definem os enchimentos que assentam sobre a rocha na área correspondente ao *frigidarium* (área 9), destinados a nivelar o solo e assentar a UE256, que identifica o solo de *opus signinum* da sala, bem como a respectiva preparação.

Igualmente a esta fase podemos atribuir um conjunto de estratos observados no corredor (área 8) e na área de serviços 18, designadamente a UE249, constituída por um enchimento sobre a rocha, sobreposto por um outro, definido pela UE248, sobre o qual assentava a UE247, composta de argila avermelhada com manchas amareladas, que poderá corresponder à preparação de um solo associado à uti-

lização da área de serviços 18.

Ainda datáveis desta fase serão alguns estratos que definem pavimentos ou preparações dos mesmos. Estão neste caso a UE243 correspondente à argamassa de assentamento das tijoleiras que formam a *area* do hipocausto do *apodyterium* (área 6), as UEs 270 e 282 que representam enchimentos sobre a rocha sobre os quais assentaram as *areae* dos hipocaustos, enquanto que as UEs 275 e 276 definem enchimentos que assentam directamente sobre a tampa da canalização B, nos quais vão repousar as tijoleiras da *area* do hipocausto do *tepidarium*, definido por área 11.



Fig. 15 - Pormenor da canalização B sob a *area* do hipocausto do *tepidarium* 11

A UE262 representa um enchimento de nivelamento sobre a rocha, sobre o qual se dispõe o pavimento de terra batida da área 17, identificado pela UE261, que define o primeiro solo associado à utilização daquela zona de serviços. Outros solos desta área estão definidos pelas UEs 264 e 265.

Na área de serviços norte encontramos outros nivelamentos e pavimentos de terra batida nos diferentes espaços que a subdividem, designadamente na área 14 (UE023A), na área 20 (UE004) e na área 21 (UE041). Nas áreas 22 e 23, interpretadas como corredores de circulação, encontramos igualmente o solo de terra batida identificado pela UE023.

Como já foi referido, podemos situar nesta fase a implantação de várias canalizações que definem o conjunto de drenagens de águas sujas das termas. Entre os estratos que assinalam os enchimentos das valas de fundação destas canalizações podemos situar as UEs 244 e 283, correspondentes à canalização B e as UEs 179 e 180 associadas à implantação da canalização C.

A construção da *palaestra* das termas, situada a poente do balneário, implicou a inutili-

zação das construções que ocupavam a área norte e oeste no período anterior. Aparentemente foram inutilizadas todas as estruturas que compunham o corpo oeste do edifício pré-termal, cujas destruições estão representadas pelas UEs 153, 154 e 159 (valas de saque dos muros M6A e M75), pelas UEs 141 e 178 (vala de saque do muro M70), pela UE167 (vala de saque do muro M71), pela UE173 (vala de saque do muro M68) e pela UE179 (vala de saque do muro M69).

Associadas à destruição dos muros que compunham a construção na parte norte do edifício anterior encontramos as UEs 079 (destruição do muro M5) e 200 (destruição do muro M17). A inutilização destas estruturas permitiu a regularização do terreno na área da *palaestra*, sendo possível identificar alguns enchimentos que podem estar associados à elevação da cota do terreno, sobre os quais assentaria, certamente, o solo da *palaestra*. Entre esses enchimentos destacamos os representados pelas UEs 140 e 147. Atendendo aos aterros e destruições operadas na Fase IV, parece-nos que o solo da primitiva *palaestra* terá sido amplamente sacrificado. Admitimos, contudo, que a UE147A possa constituir evidência do mesmo.

Podemos ainda referenciar a esta fase os enchimentos sobre a rocha detectados a oeste do muro M80, correspondentes à UE148 e a destruição do próprio muro referido (UE144).

A esta fase atribuímos a construção do teatro que sacrificou boa parte das estruturas preexistentes, implicando, também, grandes aterros para nivelamento do solo e implantação dos alicerces da estrutura, bem como de outras que se articulam com a *palaestra*. Como enchimentos de valas de fundação dos muros associados ao teatro podemos destacar as UEs 073, 094, 105 e 137, que formalizam o alicerce do muro perimetral do teatro (M82) e a UE127, articulada com o muro M81 que limitava a *palaestra* e o lado sul da rua circundante.

Vários outros muros e espaços foram total ou parcialmente sacrificados para a implantação do teatro. As UEs 101, 109 e 110 inutilizaram o corredor entre os muros M87 e M97. Enchimentos de aterro daquele espaço são ainda os que se associam à construção do muro M83, ou seja, as UEs 099 e 100. Por sua vez, a UE106 representa um saque e entulhamento do compartimento situado entre os muros M93, M97, M98 e M99, enquanto que as UEs 122 e 103 inutilizaram o muro M97, estando a UE117 associada ao saque dos arcos de tijoleira que rematavam os muros da fase anterior. Também o



silhar B26 foi sacrificado para permitir a construção do muro M82, estando o enchimento da sua vala de saque representado pela UE083.

As estruturas identificadas como M86 e M85, pertencentes à fase pré-termal, foram igualmente saqueadas para permitir o nivelamento da zona e o assentamento do teatro, estando os seus enchimentos representados pelas UEs 102 e 107.

Entre a estrutura identificada como muro perimetral do teatro (M82) e o muro M81 foi construída uma calçada de circulação, que possui dois níveis diferenciados. Um deles, representado pelas UEs 080 e 134 pode ser interpretado como preparação da UE138, que se configura como um piso mais estruturado.

A implantação da referida calçada implicou, quer enchimentos para nivelamento da rocha, como a UE081, sob a UE080 e a UE128, que corresponde ao entulhamento de uma fossa, quer a inutilização do tanque que se integrava na fachada oeste do edifício pré-termal, cujo enchimento está definido pela UE130. Sobre aquele enchimento assentou a calçada referida que se sobrepôs, igualmente, às UEs 131 e 132 que definem enchimentos entre o tanque e a rocha.

#### 4.2.4. Interpretação do edifício

##### 4.2.4.1. Caracterização dos espaços

O edifício termal que se configura com base na interpretação da estratigrafia e dos muros anteriormente referidos organiza-se num conjunto de espaços aquecidos, frios e de serviços, que designamos por áreas e que foram identificadas por números árabes sequenciais.

Pese embora algumas dificuldades que persistem na interpretação desta fase das termas, devido ao desaparecimento de muitos muros sacrificados em reformas posteriores, propomos uma estrutura orgânica para o edifício, que se organizava num conjunto de áreas que permitiam o cumprimento do circuito de banhos e o funcionamento normal do balneário (Fig. 16).

#### Área 1: *palaestra* (Pa)

O amplo espaço exterior ao edifício termal, situado a poente do mesmo, limitado a norte pelo muro M6, a este pelo muro M3, que constitui a fachada oeste do balneário, a sul pelo muro M96 e a oeste pelo traçado do desaparecido muro M99, oferece-se como uma ampla

*palaestra* bordejada a noroeste pelo muro M81.

Tendo em conta a estratigrafia e os aterros realizados na plataforma que deram origem a esta área julgamos que o muro M81 servia de muro de suporte da *palaestra*, definindo, simultaneamente, um dos limites da calçada de circulação que envolvia o muro perimetral do teatro (Est. V e Fig. 16).

Acessível muito provavelmente a partir de duas portas rasgadas na fachada oeste do edifício, uma na área de serviços, com acesso ao corredor 23 e outra no limite do corredor 8, este amplo espaço conservou apenas vestígios muito residuais do que pode ter sido a preparação de um piso de circulação correspondente a esta fase, identificado pela UE147A.

Atendendo ao pendor do terreno, que desce em suave desnível até ao limite da plataforma (sentido E/O), estamos em crer que a primitiva *palaestra* seria já um espaço amplo, que se desenvolveria, eventualmente, em escadaria, pelo menos na sua parte poente (Fig. 16).

#### Área 2: *vestibulum* (V)

Este espaço constituiria um pequeno vestibulo de entrada no complexo termal a partir da rua. Estaria orientado no sentido E/O e seria limitado pelos muros M26, M26A e M25A, todos construídos nesta fase (Fig. 16).

Esta área formaria um pequeno recinto, com cerca de 2,40 m de comprimento (8 pés), por 1,80 m de largura (6 pés), dando acesso, quer ao *apodyterium* (área 6), quer à área 5, situada a nascente. Embora não se tenha conservado nenhum solo, presumimos, pela cota da rocha, que o mesmo deveria situar-se a 194,50 m.

#### Área 3: *cubiculum* (Cu)

Acessível a partir do *apodyterium* (área 6), este espaço, anexo ao *vestibulum*, constitui um pequeno compartimento com 6 x 10 pés (3 x 1,40 m = 4,20 m<sup>2</sup>), limitado pelos muros M26, M26A, M3A e M28.

Presumimos estar em presença de um pequeno vestibulo de acesso às latrinas, que se situariam a poente, na área 4, uma vez que estas tinham frequentemente a servi-las pequenas antecâmaras (Nielsen 1990, 163). A entrada neste espaço seria feita a partir da área 6 (Fig. 16)

#### Área 4: *latrinae* ? (La)

O espaço situado a oeste da área 3, limitado pelos muros M29, M28, M96 e M30A, poderia funcionar como latrinas, pois reúne os requisitos exigidos para este tipo de serviços, situados perto das entradas e junto de piscinas.



Fig. 16 - Planta esquemática interpretada das termas na Fase I

O espaço em questão, em forma de corredor, com orientação E/O, teria cerca de 19 x 7 pés (5,60 x 1,50 m = 8,40 m<sup>2</sup>), podendo ser acessível a partir da área 3. Por outro lado, a sua localização, paredes-meias com a piscina do *apodyterium* (área 7), permitiria uma necessária captação de águas indispensáveis ao funcionamento das latrinas.

Outra possibilidade para assegurar o manancial de água para o funcionamento daquela infra-estrutura poderia estar representada por uma possível derivação da canalização B, que correria junto aos muros M26 e M29, mas cuja existência é impossível de provar tendo em conta a destruição deste sector do edifício (Fig. V).

#### Área 5: *cubiculum* (Cu)

O espaço contíguo à área 2, situado a nascente, configura um compartimento rectangular com cerca de 4,5 m de comprimento por 1,40 m de largura (15 x 6 pés).

Estando limitado pelos muros M26, M64, M1, M3A e M25A, este compartimento permitiria a entrada na área de serviços 18, sendo acessível a partir da área 2 (Fig. 16).

#### Área 6: *apodyterium/basilica thermarum* (A/BT)

Trata-se de um amplo compartimento rectangular definido pelo conjunto dos muros M25, M26, M27 e M28, todos eles construídos nesta fase. Orientado E/O, tem cerca de 26 x 18 pés (7,8 x 5,3 m = 40 m<sup>2</sup>) de área útil, conservando um hipocausto. Possuía ligação, através de escadas, a uma piscina fria (área 7), situada a poente, no prolongamento da sala (Fig. 16).

Boa parte do sector nascente do compartimento foi destruída por uma grande vala para implantação de canos modernos, que rompeu o hipocausto e destruiu os muros, fazendo desaparecer a própria canalização B, implantada sob a *area* do hipocausto, disposta no sentido N/S

que drenava em direcção ao exterior do edifício (Est. V).

A parte melhor preservada da sala situa-se a poente, onde encontramos várias fiadas de *pilae*, assentes em tijolos do tipo *hydion* (Est. V e Fig. 17). No sentido N/S conservaram-se dez fiadas de *pilae*, tendo apenas sobrevivido sete das que existiriam no sentido E/O. Encontram-se espaçadas entre si cerca de 0,45/0,50 m.

Formadas por *lateres bessales*, muito regulares, as *pilae* conservam uma altura máxima de 0,52 m, muito embora seja presumível que a sua altura original se situasse próxima dos 0,75 m, tal como acontecia com as do *caldarium* desta fase (área 13), as únicas que chegaram intactas até nós.

Na parte nascente da sala a *area* do hipocausto estava organizada com *tegulae* invertidas de diferentes dimensões.

Atendendo às características deste amplo espaço de forma rectangular podemos interpretá-lo como *basilica thermarum*. De facto, servindo de vestiário, ele poderia, igualmente, ter sido usado como local de convívio e de repouso e como espaço dedicado à prática de alguns exercícios físicos, pelo menos durante o Inverno (Nielsen 1990, 3, 4, 162).

#### Área 7: piscina (Pi1)

Esta piscina de água fria, com as dimensões de 18 x 15 pés (5,40 x 4,40 m = 24 m<sup>2</sup>), estava limitada pelos muros M31, M28, M29 e M30, apresentando-se aquele que foi identificado por M29 totalmente saqueado (Est V). Os muros M30 e M31, embora mal conservados, revelam características construtivas especiais, pois possuíam um miolo composto por argamassa de argila para impermeabilização das paredes da piscina.

Na parte nascente desta área, onde corre o muro M28, deveriam existir degraus de acesso à área 6, os quais se disporiam sobre os desníveis



Fig. 17 - Hipocausto do *apodyterium*

da rocha.

A piscina conserva um espesso solo de *opus signinum* de boa qualidade, desaparecido na parte nascente pela implantação de uma vala de saneamento nos anos 70 do século XX.

Tendo em conta a cota do *opus* da piscina (193,50 m) e aquela que corresponderia ao solo de circulação da anexa área 6 (194,70 m) (Est. V), podemos estimar que possuiria cerca de 1 m de altura, o que representa uma dimensão quase canónica para este tipo de equipamentos termiais (Nielsen 1990, 154).

As dimensões da piscina permitem calcular a capacidade da mesma em cerca de 2.438 l de água.

No canto noroeste da piscina foram encontrados vestígios da argamassa de revestimento da parede, que deveria cobrir também o fundo. Essa argamassa apresentava-se forrada de tesselas de cerâmica, de forma quadrada, com cerca de 0,02 m de lado, das quais ainda se conservam algumas fiadas *in situ*.

(área 6) e a área de banhos propriamente dita, estabelecendo igualmente comunicação com a parte norte da área de serviços 18 e com a *palaestra* (área 1).

Encontrava-se limitado na parte este por um muro, destruído na fase seguinte, identificado como M25B. O limite norte do corredor estava definido pelo muro M20 e o limite sul pelo conjunto dos muros M27 e M31. A oeste o corredor rematava no muro M54, no qual estaria rasgada uma porta de acesso à *palaestra* (Fig. 16).

O pavimento do corredor, correspondente a esta fase, encontrava-se ligeiramente rebaixado em relação à cota da área 9, apresentando uma preparação rudimentar, assente numa camada de enchimento de tipo argamassa pouco consolidada.

### Área 9: *frigidarium* (F)

Este compartimento foi identificado em 1980 quando se procedeu à desmontagem do

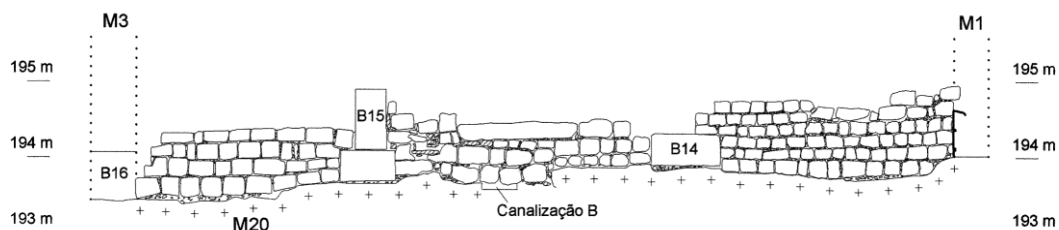


Fig. 18 - Alçado sul do muro M20. Ao centro, a soleira da porta de entrada na área 9. Esc. 1 :100

### Área 8: corredor

Identificado nas escavações realizadas no ano de 1978, este corredor de circulação foi objecto de várias sondagens, tendo em vista apurar a sua cronologia.

A realização de alguns cortes transversais aos muros que o definem longitudinalmente (M20 e M27) permitiram observar a estratigrafia sob o solo que o articulava com o *apodyterium* (área 6) e o *frigidarium* (área 9) e identificar as canalizações que passavam sob os seus pavimentos (Fig. 1).

O corredor acabaria por ser integralmente escavado, tendo sido possível completar o estudo, quer da canalização B que o cruzava no sentido N/S, quer de uma outra, com origem na anterior, que corria no sentido E/O, identificada como canalização B1 (Est. I).

Este longo corredor, com orientação E/O, tem 14 m (cerca de 42 pés) de comprimento e uma largura variável entre 1,20 m (4 pés), na parte mais estreita e 1,60 m, na mais larga. Permitia a passagem entre o *apodyterium*

pavimento de *opus signinum*, datado dos finais do século III/inícios do IV que cobria toda a metade nascente do balneário. Tornou-se então evidente a existência de um compartimento rectangular, orientado E/O, com um pavimento de *opus signinum* que foi atribuído a uma fase alto-imperial e interpretado como *frigidarium*.

Trata-se de um comprido compartimento com as dimensões de 37 x 11 pés (11,20 x 3,20 m = 35,80 m<sup>2</sup>), definido pelos muros M49, M22A e M22 a norte, M1 a este, M20 a sul e M3 a oeste (Fig. 16).

Esta sala daria acesso à área 10 (Pi2) rebaixada cerca de 1 m em relação à cota média de circulação do edifício, a qual se situaria a 194,70 m. O acesso seria feito no alinhamento do muro M49 (Fig. 16).

Este espaço foi objecto de várias sondagens destinadas a observar os enchimentos sob o *opus signinum*. As escavações permitiram verificar a existência de várias canalizações implantadas na rocha. A mais antiga, que datamos desta fase das termas, é a canalização B, orientada no

sentido N/S, igualmente detectada sob os solos das áreas 2, 6 e 8 (Est. I). Outras duas canalizações identificadas por A e D, que se articulam com a B, foram datadas da fase seguinte.

A entrada no *frigidarium* (área 9) a partir do corredor (área 8) encontra-se assinalada por uma soleira com 0,20 m de altura e 1,60m de comprimento, integrada no muro M20 (Fig. 18).



Fig. 19 - Perspectiva do solo de *opus signinum* do *frigidarium*, sobreposto pelo da Fase III

A interpretação desta área como *frigidarium* resultou do facto de ter sido sempre utilizado como espaço frio, possuindo um pavimento de *opus signinum*, bem conservado. Revelou restos da meia cana de remate junto aos muros M20 e M1, sendo igualmente de destacar a presença de restos de argamassa de revestimento das paredes, de cor esbranquiçada, que se conservavam junto aos muros.

#### Área 10: piscina (Pi2)

Esta segunda piscina fria estava articulada com a área 9 através dos degraus situados no alinhamento do muro M49 (Fig. 16). Possuía as dimensões de 20 x 11 pés (5,80 x 3,40 m = 20 m<sup>2</sup>) e estava limitada pelos muros M37, M52, M49 e M3 (Fig. 16).

O pavimento da piscina, em *opus signinum* de boa qualidade, assentava directamente na rocha, ligando-se ao *opus* de revestimento das paredes, ainda parcialmente conservado, apesar da profunda remodelação sofrida por este sector das termas em data posterior.

#### Área 11: tepidarium (T)

Trata-se de uma sala aquecida por sistema de hipocausto, definida pelo conjunto dos muros M37, M36, M22A e M52. Corresponde a um espaço rectangular, disposto no sentido N/S, com 20 x 8,5 pés (5,80 x 2,60 m = 15 m<sup>2</sup>), do qual se conservou apenas o hipocausto que seria aquecido pelo *prae-furnium* Pr2, localizado a

nascente, na zona de serviços 17, cuja boca estava integrada no muro M36. No mesmo muro encontra-se definida uma outra abertura, que presumimos servir de passagem, a partir da área 17, para limpeza do hipocausto (Fig. 20).

O hipocausto encontra-se bem conservado possuindo uma *area* formada por material laterício que assentava sobre a rocha, afeiçoada para o efeito, a qual, de quando em quando, constitui ela própria a base do hipocausto situada numa cota média de 193,70 m (Est. V). Perto do muro M22A pode observar-se um óculo inserido na *area* do hipocausto, certamente para drenagem da água de condensação, a qual drenaria para a canalização B (Fig. 15).

Sobre a *area* do hipocausto dispõem-se dez fiadas de *pilae*, dispostas no sentido N/S e cinco, no sentido E/O. São formadas por *lateres bessales* e encontram-se espaçadas em média cerca de 0,50/0,60 m (distância medida entre o centro dos colunelos).

A altura conservada das *pilae* é muito variável, o que resulta do facto do hipocausto ter sido arrasado e entulhado na Fase III (Fig.

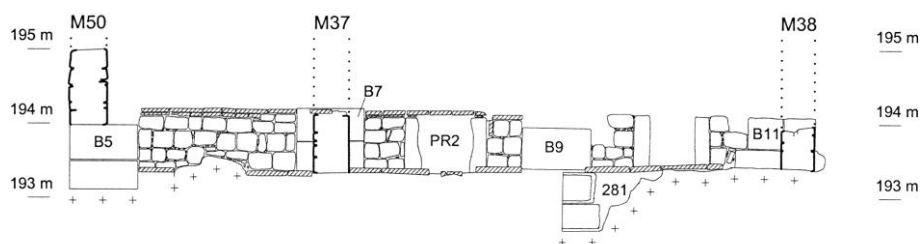


Fig. 20 - Alçado oeste do muro M36, que integra a boca do *prae-furnium* Pr2. Esc. 1:100.

21). Presumimos que a sua altura original deveria ser de 0,75 m, tal como aconteceria no *caldarium* (área 13).

#### Área 12: *tepidarium* (T)

Trata-se de uma sala rectangular, orientada E/O, definida pelos muros M35, M36, M37 e M3. Esta sala possui as dimensões de 25 x 9 pés (7,6 x 2,60 m = 19,80 m<sup>2</sup>) sendo presumível que dispusesse de um pequeno *alveus* de água aquecida na extremidade oeste que se disporia à largura da sala (Fig. 16).



Fig. 21 - Hipocausto da área 11

O aquecimento desta sala seria indirecto fazendo-se a partir do *praeurnium* Pr 3, situado na área de serviço 14, o qual aquecia igualmente a área 13 que lhe é contígua e se situava a norte (Fig. 16).

A parte conservada do hipocausto da sala está representada na sua metade nascente, onde se observam ainda, quer as tijoleiras que compõem a *area*, quer algumas *pilae* que revelam características semelhantes às observadas no hipocausto da área 11 (*tepidarium*). Nesta área conservaram-se cinco fiadas de *pilae*, dispostas no sentido N/S e cinco no sentido E/O.

Tendo sido objecto de profundas remodelações em épocas posteriores, toda a metade oeste da sala viria a ser arrasada, conservando-se apenas um solo de *opus signinum*.

Destacamos, todavia, a pontual conservação de algumas tijoleiras da *area* do hipocausto original na zona correspondente à divisória com o *caldarium* (área 13), onde mais tarde, já na Fase

III, foi erguido o muro M39 que viria a assentar directamente sobre as referidas tijoleiras.

#### Área 13: *caldarium* (C)

Trata-se de uma sala rectangular aquecida, disposta no sentido E/O que oferece as dimensões globais de 20 x 10 pés (5,90 x 2,80 m = 17 m<sup>2</sup>). Encontra-se definida pelos muros M33, M34 e M35. A oeste, estava limitada pelo muro M7, que desenha uma exedra com 2 m de diâmetro interno, a qual albergava um *alveus* que exhibe evidências de dois pavimentos de *opus signinum* sobrepostos (Figs. 16 e 23). Aquecida directamente pelo *praeurnium* Pr3, situado na área de serviço 14, centrado em relação ao eixo longitudinal das áreas quentes 12 e 13, esta sala era certamente muito quente pois possuía as paredes revestidas de *tubuli*, visíveis no limite nascente da sala (Fig. 24).

O hipocausto apresenta-se muito destruído, tendo-se conservado apenas na parte nascente, onde foi identificado um importante testemunho do mesmo, composto por seis fiadas de *pilae*, dispostas no sentido N/S e três no sentido E/O, as quais assentavam numa *area* revestida de grandes *tegulae* invertidas (Fig. 6).

A altura das *pilae* era de 0,75 m, correspondendo à original, pois nelas assentava a única *suspensura* conservada deste estabelecimento termal (Fig. 23).

#### Área 14: área de serviço do Pr3

Este compartimento tem forma rectangular e está orientado N/S, sendo definido pelos muros M14 e M14A, M13, M33 e M3 (Fig. 16). Destes, conservaram-se apenas partes do muro M3, bastante arrasado e do muro M14, que encosta ao muro M3, exibindo um remate feito com um bloco, o qual parece definir uma entrada para o interior do espaço em questão centrada com o próprio *praeurnium*.

O muro M14A encontrava-se quase totalmente arrasado, o mesmo acontecendo com o muro M13, perceptível apenas por recortes na rocha. Este espaço teria as dimensões globais de 8 x 3,60 m (27 x 12 pés), ocupando uma área de



Fig. 22 - Face nascente do muro M36 sendo visível o entaipamento de uma abertura realizado na Fase II

cerca de 29 m<sup>2</sup>.

Os silhares B1A, B1B, B2A e B2B, conservados da fase anterior, ajudariam a suportar a estrutura do telhado, sendo presumível que entre o silhar B2B e o B4 pudesse correr um muro, não conservado, que constituiria a continuação do muro M13. Se assim fosse, o *prae-furnium* Pr3 estaria inserido numa câmara (*propnigeum*), limitada a norte pelo muro M47, o qual, juntamente com o silhar B2A, marcaria uma entrada para a referida câmara.



Fig. 23 - Perspectiva da área 13. Em primeiro plano o *alveus* e, ao fundo, vestígios da *suspensura*

Neste sentido, a área 14 poderia ser constituída por dois espaços subdivididos.

Um deles estaria situado a norte, com acesso a partir da área 23 e passagem entre os muros M14 e M14A, mas aberto, eventualmente também, a nascente, no muro M13 para acesso ao corredor 22. Este espaço teria cerca de 5 x 3,60 m (17 x 12 pés), o que corresponde a uma área útil de 18 m<sup>2</sup>.

O outro espaço situar-se-ia a sul do anterior, estando aí implantada a câmara (*propnigeum*), onde se localizava o *prae-furnium*. Mais pequeno que o anterior, este espaço possuiria 2,60 x 3,60 m (8,5 x 12 pés), definindo uma área com cerca de 9 m<sup>2</sup>, dos quais 3,75 m<sup>2</sup> seriam ocupados pelo pré-fúrnio.

O *prae-furnium* Pr3 seria de canal exterior, tendo como base uma grande pedra granítica que se apresenta muito alterada pelo fogo. Tendo em conta os restos conservados da estrutura podemos admitir que possuía 2,5 m de comprimento por 1,5 m de largura.

#### Área 15: área de serviços

Esta área situada a nascente do *caldarium* serviria de antecâmara de acesso à área 17, onde se encontrava o *prae-furnium* Pr2. A passagem situava-se entre os muros M19 e o silhar B5, deslocado da sua posição original e agora orientado

E/O para alinhar com o silhar B13 que rematava o muro M19 (Fig. 16).

Esta área seria limitada pelos muros M12, M1, M19 e M34, definindo um espaço quase quadrado com 5,60 x 5,20 m (18 x 17 pés), ocupando uma área útil com cerca de 29 m<sup>2</sup>. Entre os silhares B1B e B3 deveria ter existido uma passagem que permitiria o acesso deste compartimento à área de circulação 22.

#### Área 17: área de serviços do Pr2

Esta área de serviços apresenta uma configuração rectangular de orientação N/S, com 8,80 x 4,60 m (29 x 15 pés), a que corresponde uma área útil com cerca de 40 m<sup>2</sup>.

O espaço encontra-se limitado pelos muros M19, M1, M22 e M36, abrindo-se, a norte, a uma passagem que assegurava a ligação com a área 15 (Est V e Fig. 16).

O pavimento de terra batida mais antigo da zona, que recobria o enchimento sobre a rocha (UE262), está definido pela UE261.



Fig. 24 - Parede nascente do *caldarium* (M34) sendo visíveis os *tubuli*

O *prae-furnium* Pr2 insere-se numa câmara (*propnigeum*) de forma rectangular, com cerca de 3,5 m de comprimento por 2 m de largura, centrada em relação à área de serviços. A referida câmara possuía um pavimento de lajes de granito (Fig. 16).

Das paredes originais conserva-se apenas aquela que se situa a norte, feita de blocos verticais do mesmo material. A parede sul foi inutilizada na reforma da Fase II quando a câmara foi encurtada e erguida uma nova parede.

A boca do *prae-furnium* encontra-se rasgada

no muro M36 estando assinalada por dois blocos de pedra verticais que se encontram muito alterados pelo fogo (Fig. 20).

Esta área de serviços possui ainda uma passagem para o hipocausto da área 11, rasgada na parte do muro M36 situada entre os silhares B9 e B11, fazendo-se assinalar, também, por dois blocos de pedra dispostos verticalmente. Uma vez que os referidos blocos não revelam quaisquer vestígios de desgaste pelo fogo julgamos estar em presença de uma entrada para acesso ao hipocausto da área 11, talvez com funções de limpeza (Fig. 16).

O espaço entre os referidos blocos viria a ser fechado na Fase II para permitir o entulhamento de parte da área de serviços 17 (Fig. 22).

#### Área 18: área de serviços do Pr1

Limitado pelos muros M20, M1, M64, M25 e M25B, este espaço, disposto no sentido N/S, representa seguramente uma área de serviços, onde se localizava o *prae-furnium* Pr1, para aquecimento do hipocausto do *apodyterium* que funcionaria apenas nos meses de Inverno.

Trata-se de um espaço rectangular, com 7,60 m de comprimento por 2,80 m de largura (25 x 9 pés), que ocuparia uma área útil de 21 m<sup>2</sup>, cuja cota de circulação se situaria a cerca de 193,70 m, tendo em conta a cota da rocha sobre a qual assentava um solo de terra batida, atribuível a esta fase.

Embora as características deste espaço se encontrem mal definidas, pois foi objecto de uma profunda remodelação na Fase II, que o inutilizou como zona de serviços, presumimos que seria acessível a partir da área 5, mas, também, por porta rasgada no muro M25B, ou seja, a partir da área 8 (Fig. 16). Por qualquer das duas poderia ser feito o necessário abastecimento de combustível.

O *prae-furnium* Pr1 não se conservou, fazendo-se assinalar apenas por vestígios concentrados de cinzas e carvões (UE 241). Deveria estar implantado na rocha, tendo a boca integrada no muro M27, aproximadamente a meio, no local onde se evidenciam sinais de reparação do referido muro realizada na Fase II (Est. VI).

#### Área 19: área de serviços

Trata-se de um espaço rectangular, com 7,20 x 4,80 m (24 x 16 pés), ocupando uma área útil de cerca de 34,6 m<sup>2</sup>. Seria limitado pelos muros M10, M1, M12 e M11 (Est. V e Fig. 16).

Presumimos estar em presença de um espaço destinado à armazenagem de lenha para alimentação dos pré-fúrnios.

Os acessos ao compartimento seriam feitos a partir da área 22, talvez por portas rasgadas nas extremidades do muro M11 (Fig. 16).

#### Área 20: área de serviços

Este compartimento rectangular situa-se no extremo NE da área de serviços norte, estando orientado E/O. Possui um pé direito baixo, sendo limitado pelos muros M2, M1, M10 e M9. Este último muro remataria no silhar B24, que poderia assinalar uma estreita passagem de entrada a partir da área 22, situada a oeste desta área (Fig. 16). Apresenta as dimensões de 4,60 x 3,20 m (15 x 11 pés), com área útil de cerca de 15 m<sup>2</sup>. Sobre o enchimento da rocha (UE005) encontraram-se vestígios de um piso de terra batida (UE004) que definiria o solo desta área na fase em análise, o qual se situava a cerca de 194,70 m.

Presumimos que este espaço se destinaria, tal como o anterior, a armazenar lenha ou a arrumos.

#### Área 21: área de serviços

Trata-se de um compartimento de forma quase quadrangular, com pé direito baixo, quase completamente arrasado, definido pelos muros M2, M9A, M6 e M3B (Est. V e Fig. 16). Possuía as dimensões de 3,50 x 3,20 m (12 x 11 pés) e uma área útil de 11 m<sup>2</sup>.

Conserva-se desta fase um enchimento sobre a rocha identificado pela UE 041, que devia assinalar a cota de circulação situada a cerca de 194,70 m.

#### Área 22: corredor de serviço

Este corredor, limitado a norte pelo muro M2 e a sul pelo muro M33, cruzava praticamente toda a área de serviços norte, possuindo orientação N/S (Fig. 16). Através dele acedia-se às áreas 20, 19 e 15, situadas a nascente e, eventualmente, também, às áreas 21 e 14 situadas a poente, bem como ao corredor 23.

Possuía 13,60 m de comprimento por 2,40 m de largura (46 x 8 pés) dele se conservando um primitivo solo de terra batida definido pela UE023 que assentava num enchimento de nivelamento sobre a rocha. Este corredor deveria ter possuído pequenos lanços de escadas para compensar o desnível de 1 m existente entre o seu limite norte (194,70 m) e o limite sul (193,70 m) (Fig. 16).

#### Área 23: corredor de serviço

Com orientação E/O, este pequeno corredor estaria confinado a oeste pelo muro M3,



articulando-se a nascente com a área 22.

O seu limite norte estaria definido pelo muro M6 que formava a parede sul da área 21. Seguro limite a sul seriam os muros M14 e M14A que compunham a parede norte da área 14 (Est. V e Fig. 16).

Com base nos limites sugeridos admitimos que esta área deveria possuir 4,20 m de comprimento por 1,70 m de largura (cerca de 14 x 6 pés), contemplando uma área útil com 7,1 m<sup>2</sup>.

De uma primeira fase de utilização deste corredor conservou-se um pavimento de terra batida (UE023).

A partir desta área deveria ser possível aceder à *palaestra* e ao exterior das termas, por porta rasgada no muro M3 (Fig. 16).

#### 4.2.4.2. Tecnologia construtiva

Pese embora os condicionalismos impostos pelo facto de herdar a estrutura de um edifício anterior, as termas do Alto da Cividade registam a utilização de regras construtivas e de materiais característicos deste tipo de estabelecimentos (Adam 1995; Nielsen 1990; Yegül 1992).

O granito foi o material usado em diferentes aparelhos na construção das termas.

O *opus vittatum*, organizado com fiadas dispostas na horizontal e blocos de formato quadrado, ou sub rectangular, caracteriza, genericamente, quer as paredes de fachada, quer os muros que foram erguidos anteriormente às termas, sendo aqueles que foram construídos para o edifício termal genericamente mais toscos, com excepção do muro M2 que constitui a fachada norte do edifício. Tal característica poderá justificar-se, em parte, pelo facto dos sectores conservados dos novos muros corresponderem a alicerces e substrações do balneário, não tendo sido encontrado nenhum muro que se erguesse acima da cota em que se situariam os solos das salas.

Tal como acontece na fase anterior, os muros estão solidamente implantados na rocha, oferecendo duas faces apuradas e uma largura variável, de dois pés (0,60 m), ou pé e meio (0,45 m), conforme correspondiam a fachadas, ou a divisórias de compartimentos. No primeiro caso incluem-se os muros M2 e M3B, construídos no sector norte (Fig. 16) e os muros M30 e M31 que definem a piscina do *apodyterium*.

A ausência de vestígios de *opus caementicium* leva-nos a pensar que as abóbadas que cobriam as salas aquecidas foram elaboradas com material laterício, disposto em arco, à semelhan-

ça do que terá acontecido nas termas de Tongobriga (Dias, 1997) e em balneários da Galiza (Pérez Losada 1992a, 151; 1992b).

Tais abóbadas teriam que ser revestidas internamente por uma argamassa de estuque e externamente por uma hidrófuga de revestimento (Silva 2003).

Este sistema de cobertura das salas quentes parece aliás coerente com a espessura dos muros divisórios dos compartimentos, que não aguentariam abóbadas muito pesadas.

Considerando a pluviosidade anual da região, este sistema de abóbadas teria que ser necessariamente coberto por um telhado de duas águas, que protegesse as argamassas das abóbadas (Est. IX).

Possuímos alguns exemplares do tipo de tijolos que podem ter sido utilizados nas abóbadas de cobertura, reaproveitados nas pilastras dos hipocaustos tardios. Trata-se de tijoleiras *pedalis* com entalhes, do tipo classificado como B, por Pérez Losada (1992a, Lam. X), relativamente frequentes na Galiza, mas também presentes nas termas de Tongobriga (Dias 1997).



Fig. 25 - Perspectiva do sistema de construção do muro M1

Um dos aspectos melhor conhecidos nas termas do Alto da Cividade relaciona-se com a construção dos espaços aquecidos, definidos pelos hipocaustos, *praefurnia*, *pilae*, *tubuli*, bem

como por restos de *suspensura* conservados na área interpretada como *caldarium* (área 13) (Figs. 23 e 24).

A grande sala de entrada, que constituía o *apodyterium* das termas e seria aquecida apenas no Inverno, possui um hipocausto com *area* feita de *tegulae* invertidas de diferentes dimensões (0,60/0,62 x 0,40/0,41 m) e tijolos do tipo *lydion* (0,40/0,42/0,43/0,44 x 0,27/0,28/0,29/0,30 m), sendo as *pilae* formadas por *lateres bessales* (0,19/0,18 x 0,18/0,17 x 0,06 m), muito regulares, espaçados entre si cerca de 0,45/0,50 m, o que permitiria assentar a clássica *suspensura* de tijoleiras *bipedalis*, posteriormente cobertas de *opus signinum*, de acordo com as recomendações de Vitrúvio.

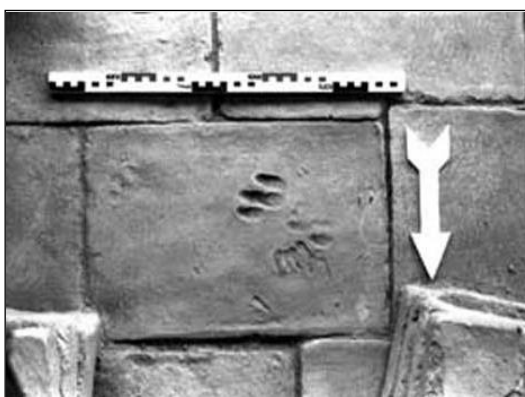


Fig. 26 - Tijolos tipo *lydion* presentes na *area* do *apodyterium*

O hipocausto da área 11, o melhor conservado do conjunto termal, interpretado como *tepidarium*, estrutura-se igualmente com *pilae*, formadas por *lateres bessales* (0,19/0,18 x 0,18/0,17 m) (Fig. 21) que repousam numa *area* revestida exclusivamente com *tegulae* invertidas (0,62/0,63 x 0,40/0,41/0,44 m). As mesmas características podem ser observadas na parte conservada do hipocausto da área 12, interpretada como um segundo *tepidarium*, objecto de profundas remodelações em épocas posteriores (Fig. 22), bem como no hipocausto do *caldarium* (área 13), muito destruído (Fig. 23).



Fig. 27 - Aparelho do muro M1 que constitui a parede este do edifício das termas

Um pequeno testemunho de *suspensura* conservado na parte nascente do *caldarium* (área 13) (Figs. 23 e 24) forneceu-nos, contudo, elementos fundamentais para restituir a cota de circulação das termas nesta fase, bem como para avaliar o próprio sistema de construção das subestruturas e do aquecimento das paredes.

A altura das *pilae* era de 0,75 m, nelas assentando a *suspensura* formada por duas fiadas de tijoleiras *bipedalis*. Sobre estas últimas repousava um pavimento de *opus signinum*, com 0,08 m de espessura, que apresentava restos de revestimento, o qual cobria, também, as paredes que exibiam *tubuli* (0,29 x 0,32 x 0,125 m), que formavam as *concameraciones*. As *pilae* assentavam numa *area* formada por *tegulae* invertidas com 0,60/0,62 x 0,40/0,41 m.

Apesar das reduzidas dimensões deste estabelecimento termal foram encontrados três pré-fúrnios que aqueciam as diferentes salas, o que se justificaria pelo clima frio da região, sendo esta uma característica das termas das províncias do norte da Europa (Nielsen 1990, 83).

O *prae-furnium* Pr3 era de canal exterior, tipo III de J. M. Degbomont (1984, 62), tendo como base uma grande pedra granítica, cujos vestígios se apresentam muito alterados pelo fogo. Apesar de não terem sobrevivido restos das paredes presumimos que também seriam de pedra, podendo a cobertura ser feita por lajes.



Fig. 28 - *Pilae* das áreas 11 e 12

Da estrutura do *prae-furnium* Pr1 nada se conservou, sendo possível localizá-lo, apenas, por restos de terra argilosa queimada.

O *prae-furnium* Pr2, inserido numa câmara rectangular (*propnigium*), estava definido por um pequeno canal externo com paredes de material laterício, que rematavam em dois blocos de pedra verticais, assinalando a boca, integrada na parede poente do *tepidarium* (área 11).

O sistema de abastecimento de água ao edifício é desconhecido, sendo presumível que a

mesma chegasse a este ponto alto da cidade a partir de um aqueduto com origem nas nascentes que existem nos montes a nordeste de Braga, o qual atravessaria a cidade em direcção ao *forum*, abastecendo, certamente, um reservatório que deveria situar-se a NO das termas.



Fig. 29 - Colunelos conservados da área 13

Muito embora a estrutura sub-circular encontrada na área de serviços norte tenha sido anteriormente interpretada como reservatório de água desta fase (Martins e Silva 2000; Silva 2003), consideramos, presentemente, face aos dados estratigráficos relacionados com a implantação da canalização A, que a sua construção deve ser atribuída, com maior segurança, à fase seguinte (Fase II). Fica assim por esclarecer onde se situaria a cisterna que permitiria abastecer as caldeiras para aquecimento da água que seria posteriormente canalizada para os *alvei* do *caldarium* e *tepidarium* (áreas 13 e 12 respectivamente). Por esclarecer fica igualmente o modo como seriam mantidas as duas piscinas Pi1 e Pi2 (áreas 7 e 10), as quais necessitariam de fontes de abastecimento permanente.

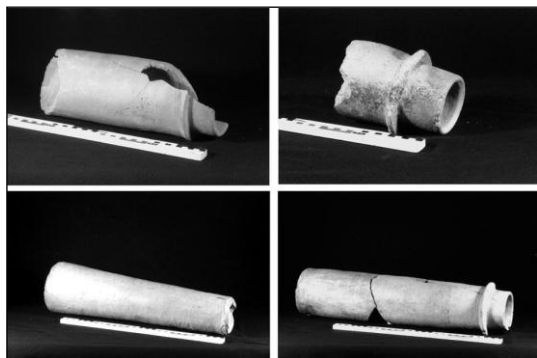


Fig. 30 - Canos de material laterício encontrados na escavação

O serviço de água aos compartimentos deveria ser feito através das paredes, certamente

por tubos de chumbo, material encontrado nas escavações embora em adiantado estado de alteração. A água necessária aos *alvei* das salas quentes 12 e 13 seria aquecida em caldeiras, que deveriam estar colocadas sobre o *praeefurnium* Pr3, de acordo com as sugestões de Vitruvius (Degbomont 1984; Malissard 1994).

Bem identificado está o sistema de drenagem de águas sujas, constituído por canalizações implantadas na rocha, na maior parte dos casos formando uma caixa, ora possuindo paredes de pedra, ora de tijoleiras, cobertas com material laterício (Fig. 15).



Fig. 31 - Canalização B1 no corredor 8

A esta fase é possível atribuir um conjunto de eixos de drenagem que constitui um complexo e bem articulado sistema de escoamento de águas sujas oriundas dos espaços das termas. Importante eixo de drenagem interior é a canalização B (Est. V) que corre no sentido N/S, passando sob o hipocausto da área quente 11, da área fria 9 e do hipocausto da área 6, drenando para o exterior, a sul, passando sob o *vestibulum* (área 2). No seu traçado pela área 11, a canalização faz uma inflexão para poente passando sob o piso de *opus signinum* da piscina Pi2 (área 10), captando, talvez, a água da mesma (Est. V). Do eixo da canalização B, aproximadamente a meio do corredor 8, sai a canalização B1, com orientação E/O, inflectindo para sudoeste para passar sob o pavimento da piscina do *apodyterium* (área 7), saindo para o exterior. Ligava-se, posteriormente, a um canal de drenagem identificado como canalização C.

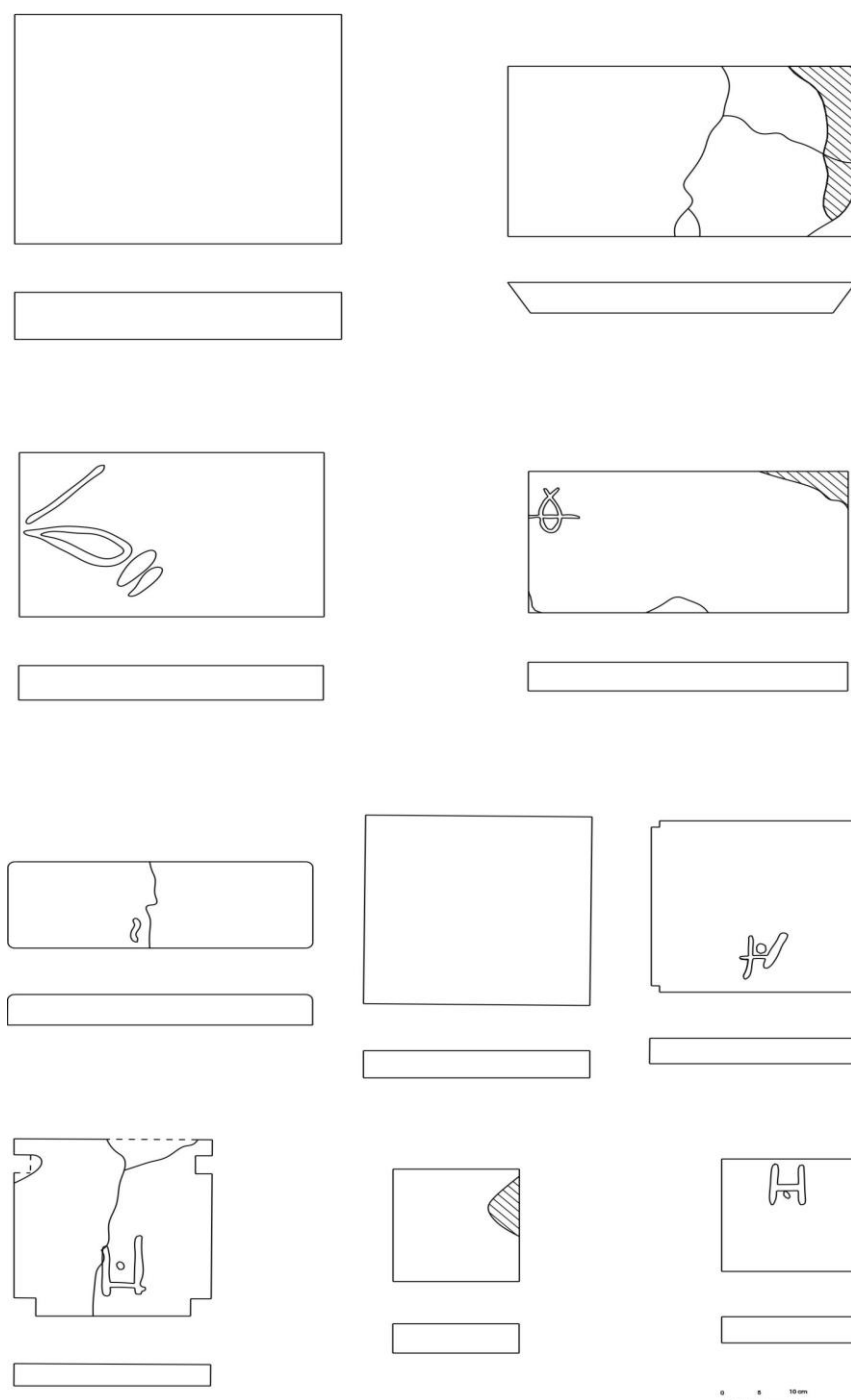


Fig. 32 - Material laterício encontrado nas termas

A canalização E tem origem a norte da área escavada, estando certamente articulada com a captação de águas da zona do teatro. Cruzando a *palaestra* no sentido N/S, é provável que escoasse para a canalização C, a qual se configura como um importante eixo de escoamento de águas residuais, tanto do interior das termas, como da área exterior às mesmas. A localização da canalização C, na parte sudoeste da plataforma (Est. I), sugere que drenaria as águas para o tabuleiro inferior da colina, onde deveria correr uma cloaca.

O conjunto das canalizações identificadas representa um sistema de drenagem que foi pensado e estruturado de raiz para fazer face às necessidades de escoamento das águas originárias, quer do edifício das termas, quer da área anexa, onde se situa o edifício do teatro, o que é sugerido pelo traçado da canalização E.

O sistema de drenagem implantado nesta fase deverá ter continuado em funcionamento ainda na fase seguinte, sofrendo algumas transformações na Fase III, quando se reestruturaram os espaços do interior do balneário.

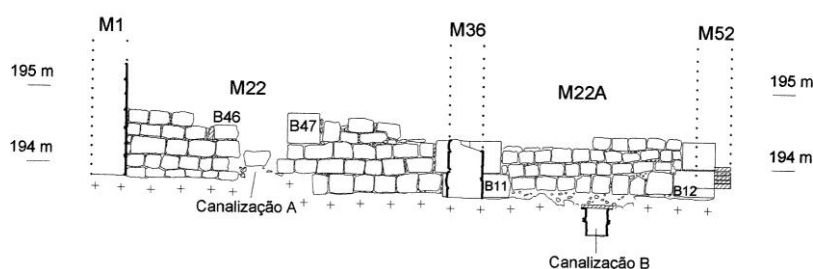


Fig. 33 - Alçado norte do muro M22. Esc. 1:100

#### 4.2.4.3. Funcionamento e circulação

Cumpram-se nestas termas o percurso habitual que era feito num pequeno estabelecimento de banhos, através da utilização de uma sucessão de ambientes frios, tépidos e quentes (Grenier 1960, 232; Rebuffat 1991), sendo possível classificar o exemplar em questão entre o tipo alinhado axial e retrógrado, segundo a tipologia proposta por D. Krencker (1929).

O edifício satisfaz ainda as recomendações preconizadas por Vitruvius, como desejáveis para este tipo de estabelecimentos, estando voltado a poente, ensolarado no momento de maior utilização.

O acesso ao edifício seria feito pelo lado sul, por um pequeno vestíbulo (área 2), ao qual se acedia directamente a partir da rua. Esta interpretação resulta da rigorosa implantação do edifício na malha urbana de *Bracara Augusta*, que

demonstra a impossibilidade do acesso às termas poder ser feito a partir de um pórtico, saliente relativamente à fachada, tal como foi sugerido anteriormente (Martins e Silva 2000; Silva 2000; 2003). Com efeito, a fachada sul do edifício encontra-se perfeitamente alinhada com o limite da rua (Est. V e Figs. 16 e 68)

No *vestibulum* (área 2) deviam rasgar-se duas entradas. A principal encontrava-se de face para a rua, situando-se no eixo de circulação interna do balneário, dando acesso ao *apodyterium* (área 6). Por sua vez, a porta nascente daria acesso a um cubículo (área 5), que poderia permitir entrar na área de serviços 18, onde se localizava o *prae-furnium* Pr1 (Figs. 16 e 34).

Da entrada principal acedia-se a uma sala (área 6) que foi identificada como sendo um *apodyterium*. Trata-se de um amplo compartimento com hipocausto que se articulava, a oeste, através de três degraus, com uma piscina de água fria (área 7). Esta grande sala, que inclui as áreas 6 e 7, a maior do complexo termal, com uma superfície total de 64 m<sup>2</sup>, seria aquecida no Inverno a partir do *prae-furnium* Pr1. Este facto,

parece ser frequente nas províncias romanas do Norte da Europa (Grenier 1960; Nielsen 1990, 72), conhecendo-se como casos próximos da região em estudo, quer as termas de Gijón (Fernández Ochoa 1997, 181-187), quer as de Tongobriga (Dias 1997).

As grandes dimensões deste compartimento relativamente aos restantes do complexo termal, poderiam justificar-se por ele constituir uma alternativa ao espaço da *palaestra* para a realização de exercícios físicos, durante os meses de Inverno, servindo, também, como local de encontro e convivência. Neste sentido, julgamos que este espaço cumpre, para além das funções de *apodyterium*, aquelas que são atribuídas genericamente à *basilica thermarum* (Nielsen 1990, 162).

Uma porta situada no lado sul da área 6 daria acesso a um pequeno *cubiculum* (área 3), que ligava a um compartimento comprido (área

4), disposto no sentido E/O, onde presumimos poderem situar-se as latrinas desta fase das termas (Fig. 16).

Por uma passagem situada no eixo da entrada principal acedia-se a um corredor (área 8), de orientação E/O, que estabelecia a circulação entre a área 6 e a *palaestra* (área 1), permitindo entrar também no *frigidarium* (área 9). A entrada neste último espaço, bem conservada, está assinalada por uma ampla soleira com um vão de 1,60 m de largura.

O *frigidarium* (área 9) configura-se como um longo compartimento rectangular, orientado E/O, com acesso, através de degraus, a uma piscina fria (área 10), rebaixada cerca de 1 m em relação à cota média de utilização do edifício, a qual se situava a 194,70 m (Est. V).

lação à entrada acedia-se a uma outra área quente (área 12) que constituía um segundo *tepidarium*. Esta sala, orientada E/O, deveria possuir um pequeno *alveus* na extremidade oeste, disposto à largura da sala. O seu aquecimento seria indirecto, fazendo-se, a partir do *prae-furnium* 3 (Pr3), que aquecia igualmente a área quente 13 (*caldarium*) que lhe é contígua, a norte.

Do *tepidarium* (área 12) acedia-se ao último ambiente aquecido do complexo termal, que funcionava como *caldarium* (área 13). Disposto, tal como a anexa área quente 12, no sentido E/O, este espaço é rematado no topo poente por uma exedra onde existia um *alveus* semicircular, com pavimento de *opus signinum* rebaixado cerca de 1 m relativamente à cota de circulação da sala. Aquecido directamente pelo *prae-furnium*

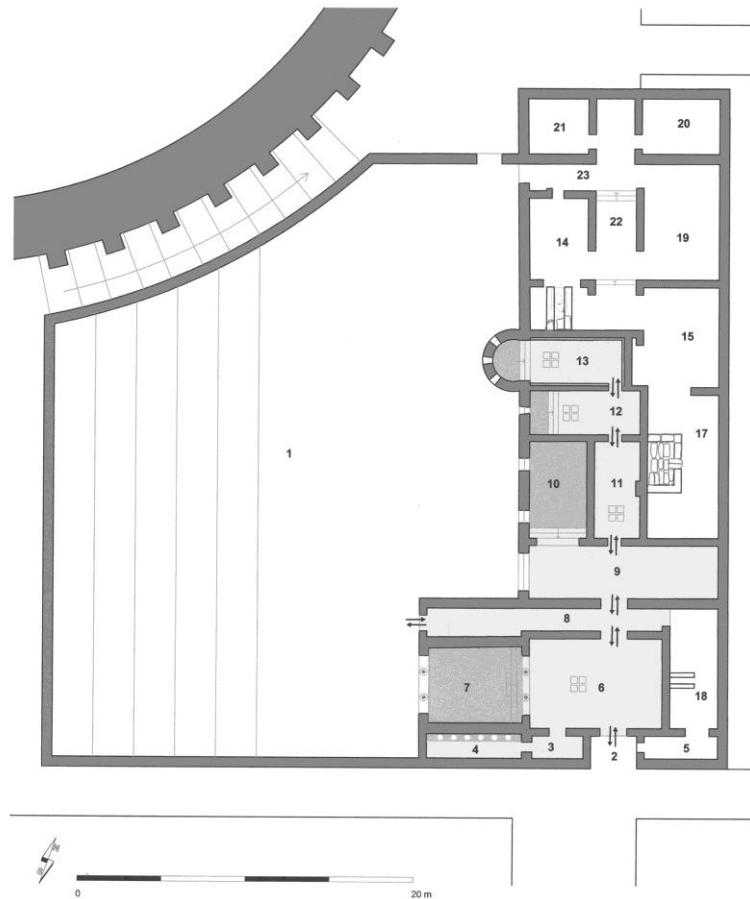


Fig. 34 - Proposta de circulação para a Fase I

Por uma porta, também ela situada no eixo das entradas anteriores e a partir do *frigidarium* (área 9), podia-se entrar numa primeira área aquecida (área 11), disposta no sentido N/S, interpretada como *tepidarium*. O hipocausto, bem conservado, seria aquecido pelo *prae-furnium* Pr2, localizado a nascente na área de serviços 17 (Fig.16).

Por uma outra passagem centrada em re-

Pr3, situado na área de serviço 14, o *caldarium* possuía um ambiente muito quente, pois tinha as paredes revestidas de *tubuli*.

A norte do conjunto termal situava-se a maior zona de serviços das termas, estando aí localizado o *prae-furnium* Pr3, bem como outros espaços, identificados como áreas 15, 19, 20 e 21, que corresponderiam, muito provavelmente, a locais de armazenagem de lenha para alimen-

tação dos diferentes *praeurnia*.

Cruzada por um comprido corredor de circulação, disposto no sentido N/S (área 22), que permitia entrar em diferentes compartimentos, esta grande área de serviços articulava-se com o exterior do edifício através do corredor 23 que rematava, a poente, numa porta para acesso à *palaestra*. Este vasto espaço de serviços contemplava uma área útil de 158 m<sup>2</sup>. A partir dele era possível aceder, através da área 15, à área de serviço 17, onde se situava o *praeurnium* 2 (Pr2) que aquecia a área 11.

O espaço exterior ao edifício termal, situado a poente e acessível, pelo menos, a partir de duas portas rasgadas na fachada oeste do edifício, oferece as características de *palaestra*, configurando-se como um amplo espaço aberto, que desce em suave desnível até ao limite da plataforma. Por isso, é possível que se desenvolvesse em escadaria, pelo menos em parte da sua área, sendo limitada, a oeste, por um alto paredão (M99), onde poderia rasgar-se um vão colunado que permitiria usufruir da panorâmica que seria então abarcada deste ponto alto da cidade.

Improvável é a existência neste estabelecimento de uma *natio*, cuja ausência se pode justificar pelo carácter frio do clima, durante a maior parte do ano, à semelhança do que ocorria, também, nas províncias setentrionais (Nielsen 1990, 72), onde este tipo de equipamento se encontra sistematicamente ausente.

### 4.3. A reforma dos finais do século II/inícios do III (Fase II)

#### 4.3.1. Cronologia

Esta é sem dúvida alguma a fase das termas mais problemática, pois alguns dos muros importantes para a sua interpretação foram irremediavelmente sacrificados, quer nas remodelações posteriores, quer nos anos 70, com os grandes rasgões a que o edifício foi submetido. De qualquer modo, são várias as evidências que nos permitem considerar esta reforma, tendo em consideração a existência de uma reestruturação dos espaços, claramente anterior aos finais do século III/inícios do IV.

Seguros vestígios desta remodelação são o entulhamento da área de serviços 18, com materiais datados dos séculos I/II e a sua transformação em área fria. Este novo espaço passou a dar acesso directo ao corredor 8 e ao *frigidarium* (área 9), existindo um extenso e contínuo solo de *opus signinum* (UE245) que passou a cobrir toda a zona. Outra evidência desta

reforma é a subdivisão da área de serviços 17, através da construção dos muros M21, M23 e M24, os quais permitiram criar um novo espaço frio contíguo ao anterior *frigidarium* (área 9), do qual se conservou um solo definido pela UE254.

A subdivisão da área de serviços 17 encurtou o *propnigium*, onde se inscrevia o *praeurnium* Pr2, através da construção do muro M24, sendo aquela reforma contemporânea da instalação da canalização A, cuja vala de fundação possui um enchimento (UEs 054 e 255) com materiais que a permitem datar dos finais do século II/inícios do III. Parte desta canalização corria sob o *frigidarium* (área 9), sendo seguro que o solo de *opus signinum* que cobria aquela área foi rasgado, existindo evidências estratigráficas, quer da vala de instalação da canalização A, quer da reparação do solo de *opus* da área 9, assinalada pela UE257, com materiais datados da segunda metade do século II.

Outro elemento de datação importante referente a esta fase está representado pela construção do muro M40, que cortou o solo de *opus signinum* do *frigidarium*, tornando a área 9 mais pequena. A profunda vala de fundação daquele muro possui um enchimento (UE268), cujos materiais estão datados da primeira metade do século II.

Apesar da extensão das reformas desta fase são escassos os dados cronológicos susceptíveis de permitirem uma datação rigorosa da mesma, considerando que se conservaram poucos estratos associados às novas estruturas que foram erguidas.

Com alguma segurança podemos usar a cronologia dos materiais contidos na UE246, que corresponde ao entulhamento da área de serviços 18, bem como a dos materiais contidos no enchimento que criou a nova área fria 29, a qual não ultrapassa o século II.

Outro elemento cronológico sugestivo para situar esta reforma é a datação dos materiais da UE255, correspondente ao enchimento da vala de fundação da canalização A, com materiais do século II.

Nesta circunstância, e por ausência de elementos cronológicos mais precisos, admitimos que esta reforma possa situar-se entre finais do século II/inícios do século III.

#### 4.3.2. Análise das estruturas

A configuração do edifício das termas que resultou das reformas realizadas nesta fase não foi substancialmente alterada. O balneário man-

teve a planta alongada que o caracterizava anteriormente, verificando-se, tão só, uma ampliação da parte central do edifício para poente, avançando este cerca de 3 m (10 pés) sobre a área da *palaestra*, facto que resultou na criação de uma novo espaço que envolvia a piscina fria implantada na área 26 (Est. VI e Fig. 36).

Esta ampliação obrigou a uma alteração parcial da anterior fachada oeste, sendo interessante constatar a segura destruição de janelas, que aí deveriam existir na fase anterior, já que o enchimento realizado para criação da nova área fria 29, continha inúmeros fragmentos daquele tipo de vidro, certamente oriundos de uma fachada (Fig. 35).

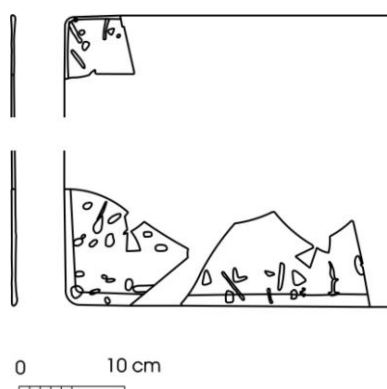


Fig. 35 - Fragmentos de vidros de janela. Fase I

A ampliação do corpo central do balneário para poente permitiu criar uma área de banhos de maior amplitude, a qual contemplou tanto novos espaços frios como aquecidos, que se articularam com os anteriores conservados da Fase I, designadamente com as áreas 9 e 11. (Fig. 36). Por sua vez, a ampliação das áreas afectas aos utentes possibilitou a redefinição do circuito de utilização do balneário, tornando-o mais operativo e flexível.

Para garantir esta ampliação foi construído o muro M8, com orientação N/S, lamentavelmente muito destruído aquando da implantação de infra-estruturas de saneamento na zona, nos anos 70 do século XX (Est. I). Torna-se assim quase impossível identificar as suas características, pois dele possuímos apenas parte da face externa, que apresenta um bom aparelho. Do mesmo modo, é-nos difícil estimar as suas reais dimensões, muito embora seja possível admitir que remataria, a norte, no muro M37, o qual terá sido prolongado para poente. O limite sul do muro M8 seria constituído pelo muro M20 (Est. VI e Fig. 36).

Nesta fase foram igualmente construídos o muro M53, em material laterício e o muro

M40. Este último subdividiu o anterior *frigidarium* (área 9), passando a constituir, em conjunto com o muro M52, a parede nascente da nova piscina fria (área 26) (Fig. 36).

O muro M53, do qual possuímos escassos vestígios conservados, serviu de parede norte da área 26, permitindo a criação de uma nova área quente, interpretada como *tepidarium* (área 28). Simultaneamente, aquele muro definiria o limite norte do novo *frigidarium* correspondente à área 27 (Est VI e Fig. 34).

Ainda a esta fase associamos a construção dos muros M21, M23 e M24 que permitiram a reorganização da anterior área de serviços 17, facto que obrigou a uma reforma do *proprineum* do *prae-furnium* 2 (Pr2) (Est. VI e Fig. 41). Estes muros serviram para criar uma nova área fria (área 29), anexa ao *frigidarium* (área 9), através do entulhamento do espaço entre os muros M24 e M22 (Fig. 36). Os muros M21 e M23, assentes em terra e reduzidos a uma fiada de pedras, aparentam ter servido de alicerce sobre o qual assentou o pavimento da sala.

Nesta fase foi reforçado o sistema de drenagem das termas, tendo sido construídas três novas canalizações que se articularam com o sistema anterior. São elas a canalização A, com origem na cisterna (área 16), definida pelos muros M12 e M51, implantada na área de serviços 15 e a canalização D, que arrancava da canalização B passando sob o muro M40 e sob o *opus signinum* da nova área 26. Uma outra canalização tinha origem no canto sudoeste da área 26, conservando-se da mesma apenas um elemento de material laterício, em forma de canal (canalização N), o qual, pela orientação, sugere que deveria drenar para a canalização B1 (Est. VI).

#### 4.3.3. Análise da estratigrafia

São pouco numerosas as unidades estratigráficas conservadas que se relacionam com esta fase de remodelação das termas.

Com efeito, os novos muros construídos ou assentam directamente na rocha, não possuindo vala de fundação, ou foram destruídos nas remodelações posteriores, pelo que deles não possuímos estratos associados. Dos muros construídos nesta fase apenas o muro M40 possui vala de fundação, com um enchimento constituído pela UE268. Do entulhamento da área de serviços 18 subsistiram as UEs 240 e 246, seladas por um pavimento de *opus signinum* identificado como UE245.

Na nova área fria, que resultou da subdivi-



são da área 17, encontramos um solo de terra batida definido pela UE254, assente num enchimento constituído pela UE263. A esta fase pertencem ainda as UEs 054 e 255 correspondentes ao enchimento da vala de fundação da canalização A, sobreposta pela UE254. Por sua vez, a UE257 constitui uma reparação do pavimento de *opus signinum* do frigidário (UE256), resultante do facto do mesmo ter sido rasgado para implantar a canalização A.

Na área de serviços norte temos a destacar um novo solo (UE014) nas áreas 22 e 23. Nesta área de serviços verifica-se ainda a inutilização da canalização F, cuja vala de saque está definida pelo enchimento correspondente à UE152.

Também na área de serviços 17 se observa o aparecimento de um novo solo correspondente à UE260, o qual se associaria às remodelações operadas no *praeefurnium* Pr2.

#### 4.3.4. Interpretação do edifício

##### 4.3.4.1. Caracterização dos espaços

Muito embora as remodelações operadas nas termas nesta fase tenham alterado a orgânica da área de banhos e as características de alguns espaços, conservou-se boa parte da estrutura do balneário anterior, mantendo este a sua forma alongada apesar de avançar parte da fachada oeste sobre a *palaestra*.

Tendo em conta que nesta fase persistem grande parte dos espaços anteriores, designadamente todos os que se relacionam com a área de serviços norte, bem como algumas áreas afectas aos banhos, construídas na fase anterior, designadamente as áreas 6 (*apodyterium*), 7 (piscina Pi1), 8 (corredor), 9 (*frigidarium*), 11 (*tepidarium*), 12 (*tepidarium*) e 13 (*caldarium*), iremos apenas abordar as transformações ocorridas nas áreas anteriormente construídas, bem como as que se relacionam com a edificação dos novos espaços.

Por essa razão as áreas que compunham o edifício anterior mantiveram a mesma identificação tendo sido numerados, de modo sequencial, apenas os novos espaços (Fig. 36).

#### Área 6: *apodyterium*/ *basilica therma-rum* (A/BT)

Este compartimento manteve as dimensões e funcionalidade que possuía na fase anterior registando-se, tão só, a sua passagem a espaço frio, uma vez que desapareceu o *praeefurnium* Pr1 que o aquecia, tendo sido entaipada a boca do mesmo, anteriormente implantada no

muro M25 (Est. VI).

Tendo em conta que a nova área fria 25, disposta a nascente do *apodyterium*, passou a possuir a mesma cota de circulação que estimamos para aquele espaço, é possível admitir que tenha sido aberta uma passagem no muro M25, de forma a permitir a circulação entre o *apodyterium* (área 6) e a nova área fria 25 (Fig. 36). De qualquer modo, foram mantidos os acessos deste compartimento às anteriores áreas 3 (*cubiculum*), 7 (piscina Pi1) e 8 (corredor).

#### Área 8: corredor

O corredor manteve as mesmas dimensões e características da fase anterior, deixando de estar limitado na parte nascente pelo muro M25B, que desapareceu.

Esta comprida área de circulação passou agora a articular-se fisicamente com a nova área fria 25 através de um extenso pavimento de *opus signinum* (UE245) que cobriu, quer o corredor, quer aquela nova área construída, quer ainda a anterior soleira de entrada para o *frigidarium* (área 9), rasgada no muro M20 (Fig. 37).

Com efeito, aquele pavimento (UE245) recobriu as grandes lajes que anteriormente marcavam a passagem entre as áreas 8 e 9, ligando-se ao *opus* que definia o solo do *frigidarium* na Fase I. Para além da remodelação daquela passagem passou a ser possível aceder à área 9 através de uma nova entrada rasgada no muro M20, no eixo da nova área 25 (Fig. 36).

#### Área 9: *frigidarium* (F)

Este espaço sofreu remodelações significativas nesta fase, embora tenha mantido as características de área fria.

A principal alteração resultou do seu encurtamento, pela construção do muro M40, que cortou os enchimentos sobre a rocha, bem como o pavimento de *opus signinum* da fase anterior. A sala passou, assim, a possuir 7,50 m de comprimento (25 pés), mantendo inalterada a sua largura de 3 m (10 pés), dispondo agora de 22,5 m<sup>2</sup> de área útil. Regista-se igualmente um rasgão no *opus signinum* que formava o solo da sala, aberto para implantar a canalização A. No mesmo solo foi integrado um ralo que drenava água para a canalização B, que corria encaixada na rocha transversalmente ao eixo da sala, oriunda da área 11 (Est VI). A reparação do *opus signinum*, identificada pela UE257, revela inferior qualidade relativamente ao *opus* original, possuindo, todavia, as mesmas características daquele que cobre as áreas 8 e 25, correspondente à UE245.

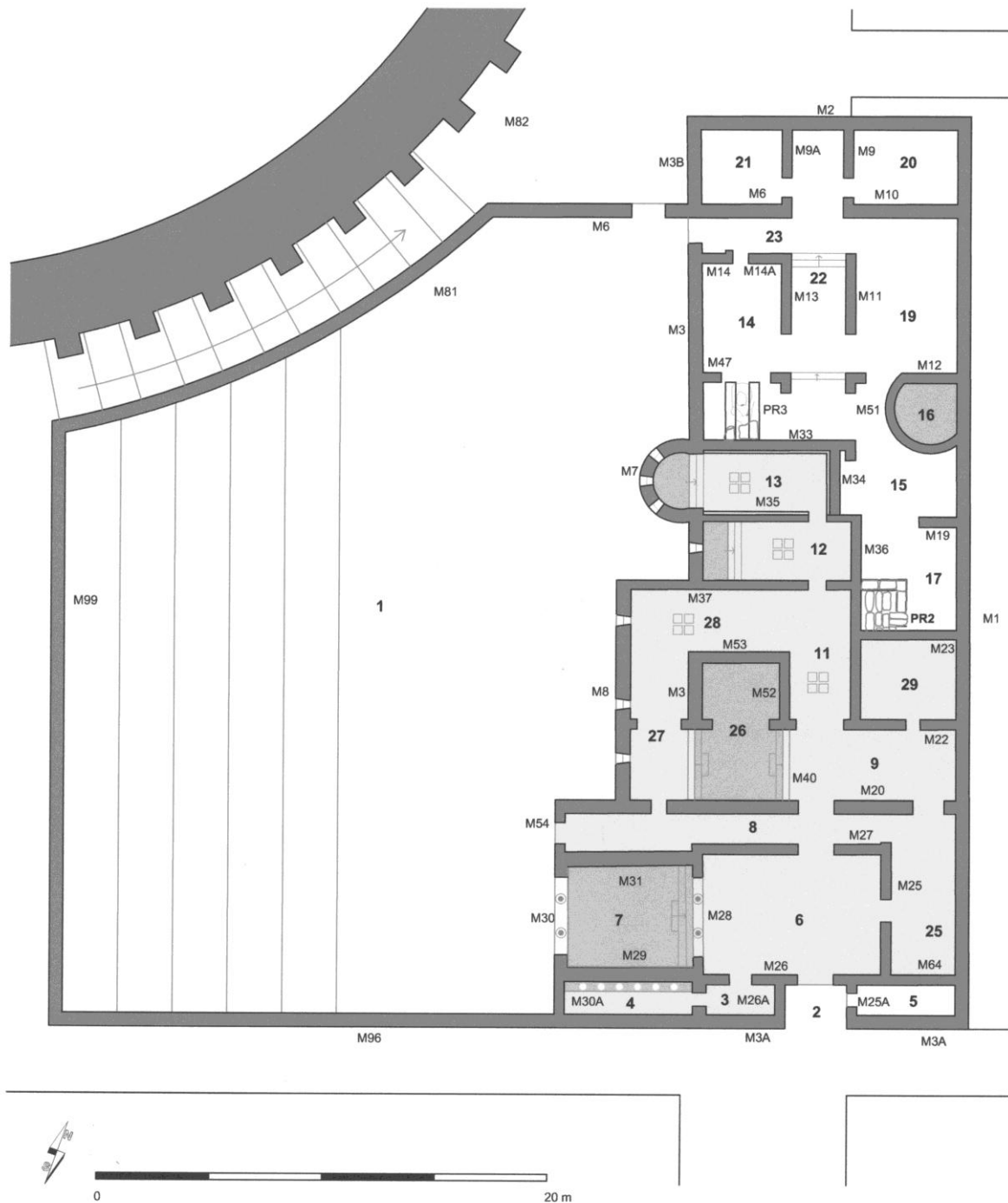


Fig. 36 - Planta esquemática interpretada das termas na Fase II

O muro M40, que passou a constituir o limite poente da sala, definiria parte da parede nascente da piscina instalada na nova área 26 (Est VI e Fig. 36).



Fig. 37 - Solo de *opus signinum* da área 9 prolongado na área 8, cobrindo a anterior soleira da porta

Este muro articulava a nova piscina fria (Pi3) com o *frigidarium* (área 9) através de degraus, cujos vestígios residuais se conservam na base do referido muro, na sua parte norte.

O acesso a este *frigidarium*, através do qual se iniciava o circuito de banhos, continuou a ser feito a partir do corredor 8, no local onde se realizava a passagem anterior. No entanto, foi aberta uma nova entrada no muro M20, a qual articulava directamente a área 9 com o novo espaço frio 25. Esta nova entrada, assinalada por um vão com 1,20 m (4 pés), encontra-se assinalada por pequenas lajes de pedra muito desgastadas, ligeiramente sobrelevadas relativamente ao *opus signinum* que formava o pavimento do *frigidarium* (área 9).

Este compartimento passou ainda a dar acesso à nova área fria 29, através de uma passagem rasgada no muro M22. Esta faz-se assinalar pelos silhares B46 e B47 que definem um vão de circulação com cerca de 0,80 m (Fig. 36).



Fig. 38 - Muro M40 que encurta a área 9

Cabe ainda destacar que este *frigidarium* contactava agora com a área 11 através de uma passagem mais ampla que permitia circular em torno da piscina fria Pi3, definida pela área 26, facultando, simultaneamente, a passagem para as áreas quentes 12 e 13 (Fig. 36).

### Área 11: *tepidarium* (T)

Esta sala manteve as mesmas dimensões e orientação da fase anterior. As alterações observadas neste espaço relacionam-se com o estreitamento da boca do *praefurnium* Pr2, integrada no muro M36 e com o entaipamento da abertura que se situava a sul do Pr2, igualmente rasgada no mesmo muro (Fig. 22). A inutilização daquela passagem foi indispensável ao entulhamento registado a nascente da mesma, que permitiu a criação da nova área fria 29.

Simultaneamente, registou-se o arrasamento de parte da infra-estrutura do muro M52, que definia a parede oeste deste *tepidarium* na Fase I, tendo em vista articular o seu hipocausto com o que terá sido construído na nova área 28. A destruição parcial daquele muro teria permitido estender o hipocausto da área 11 para poente, facilitando a circulação do ar quente, oriundo do *praefurnium* Pr2 para a nova área 28.

Apesar destas alterações do subsolo da sala tudo leva a crer que ao nível do pavimento ela se articulasse, agora, quer com a área 9 (*frigidarium*), quer com o novo espaço quente 28, permitindo uma circulação contínua em torno da nova piscina fria da área 26 (Fig. 36).

### Área 12: *tepidarium* (T)

Esta área aquecida conservou as mesmas características e dimensões da fase anterior. Todavia, julgamos que terá sido nesta fase que foi destruído parte do muro M37, a oeste do silhar B8, a fim de permitir ligar o hipocausto desta área àquele que foi construído sob a nova área aquecida 28 (*tepidarium*), por onde circularia o ar quente originário, quer do *praefurnium* Pr2, a nascente, através do hipocausto da área 11, quer do *praefurnium* Pr3, a norte, através dos hipocaustos do *caldarium* (área 13) e do *tepidarium* anexo (área 12) (Fig. 36).

### Área 15: área de serviços

Esta área foi parcialmente transformada com a instalação de uma estrutura que identificamos como cisterna (área 16) (Fig. 36). De facto, nesta fase, parte do muro M12 foi destruído, sendo parte dele incorporado na parede da nova estrutura semicircular definida pelo muro M51 (Est. VI e Fig. 36).

O desaparecimento da parede norte desta área não nos impede, contudo, de pensar que continuou a ser utilizada como área de serviços e de passagem para a área 17, podendo ligar-se agora fisicamente à área 19 (Fig. 36).

#### Área 16: cisterna

Esta estrutura, de configuração um pouco irregular, definida pelo aproveitamento de parte do muro M12 e pela construção do muro M51, desenvolve-se em arco de círculo (Fig. 39). A sua forma e o facto de na sua base ter início a canalização A, integrada no muro M51, sugerem que estamos perante uma cisterna de armazenamento de água limpa (Fig. 36).

Tendo em conta o traçado da canalização A, que corre pela área de serviço 17, sob o solo da nova área fria 29 (*frigidarium*) e sob o *opus* da área 9, ligando-se à canalização B, podemos admitir que servisse para drenar o excesso de água da cisterna. Desconhecemos, todavia, o sistema de distribuição da água aqui armazenada, que deveria alimentar piscinas e *alvei*, certamente através de tubos integrados nas paredes, cujas evidências não chegaram até nós.



Fig. 39 - Perspectiva da cisterna na área de serviço norte

#### Área 25: *frigidarium* (F)

Esta nova área fria resultou do entulhamento da anterior área de serviços 18, cuja cota de circulação passou a ser a mesma dos restantes compartimentos das termas, situando-se a cerca de 194,70 m.

Limitada pelos muros M20, M1, M64 e M25 este espaço possui as dimensões de 7 x 3 m (23 x 10 pés), com uma área útil de 21 m<sup>2</sup>, oferecendo-se como um comprido compartimento de orientação N/S articulado com o corredor 8 (Fig. 36).

Possuía comunicação com o *apodyterium* (área 6), certamente através de passagem aberta no muro M25 e com a área 9 (*frigidarium*), através de passagem implantada na parte nascente do muro M20, a qual se faz assinalar por lajes muito gastas que se dispõem à largura do muro.

Esta nova área fria possuía um pavimento de *opus signinum* que se prolongava pelo corredor 8, bem como sobre a anterior soleira de acesso à área 9, articulando os três espaços (Fig. 37).

Considerando que o corredor 8 ligaria esta nova área à *palaestra*, admitimos que este *frigidarium* possa ter desempenhado a função de *destrictarium*, espaço onde era habitualmente removida a sujidade do corpo depois da realização de exercícios físicos. De facto, este espaço especializado das termas não costumava ser colocado no meio do circuito termal, estando habitualmente associado à *palaestra* (Nielsen 1990, 165). A passagem aberta entre esta nova área fria e a área 9, onde se iniciava o circuito de banhos propriamente dito, parece reforçar a interpretação sugerida. Ele poderia igualmente ser usado no Inverno, quando os referidos exercícios poderiam ser praticados no próprio *apodyterium*, tendo em conta que os dois espaços estariam seguramente articulados por uma passagem rasgada no eixo do muro M25 (Fig. 36).

#### Área 26: piscina (Pi3)

Este novo espaço resultou da inutilização de parte das anteriores áreas 9 (*frigidarium*) e 10 (piscina Pi2), estando limitado pelos muros M53, M52, M40, M20 e M3 (Fig. 36). Trata-se de uma área orientada N/S que possui (20 x 11 pés) 6 m de comprimento por 3,40 m de largura, tendo 20,4 m<sup>2</sup>.

A interpretação desta nova área como piscina resulta da coexistência de vários elementos que sugerem essa funcionalidade. Aspecto importante é o facto do pavimento ser de *opus signinum* de excelente qualidade, muito embora se apresente descontinuado.

De facto, a parte a sul do muro M53 reaproveita parte do *opus* da anterior área fria 10, estando o solo ligeiramente rebaixado relativamente àquele que se encontra a sul do alinhamento do anterior muro M49, que divide a área aproximadamente a meio. A rocha apresenta-se aqui ligeiramente mais alta, tendo sobre ela sido assente um solo de *opus signinum* de grande qualidade. A assinalar o desnível entre as duas cotas, no eixo do muro M49, encontramos uma fiada de tijoleiras, ligeiramente inclinadas S/N, as quais assentam directamente na rocha. Por outro lado, existem restos inequívocos de argamassa de revestimento das paredes, visíveis na parte mais baixa do muro M40, no degrau que ao mesmo encosta na parte norte e no muro M53, feito de material laterício, bem como nos recortes da rocha, sobrelevados relativamente ao pavimento que são visíveis no eixo do muro

M3, que limitaria esta área na parte oeste.

O elemento laterício em forma de canal, conservado no extremo sudoeste deste espaço, assente sobre o solo de *opus signinum*, bem como a canalização D ligada à canalização B, representam, certamente, as estruturas que asseguravam a drenagem desta nova piscina (Est. VI).

O acesso a esta piscina deveria ser feito a partir da nova área fria 27, ou da área 9, através de degraus (Fig. 36). De qualquer modo, cabe destacar que a piscina Pi3 ocupa o centro de um amplo espaço de circulação que passou a integrar as antigas áreas 9 e 11, bem como as novas áreas 27 e 28 (Fig. 36).

### Área 27: *frigidarium* (F)

Esta área fria foi construída de novo, situando-se a poente da anterior fachada oeste das termas, representada pelo muro M3, o qual passou a constituir o limite nascente deste novo *frigidarium*. A parede sul seria definida pelo muro M20 e a parede oeste pelo novo muro M8. A parede norte seria formada pelo muro M53, do qual possuímos apenas escassas evidências, pois foi destruído na Fase III (Est VI).

Com base nos limites definidos este compartimento, com orientação N/S, possuiria 6 x 3 m (20 x 10 pés), ou seja, uma área 18 m<sup>2</sup>. Completamente arrasado na fase seguinte, este espaço não conserva quaisquer elementos que o permitam caracterizar em detalhe.

No entanto, considerando a simetria desta área e a da piscina Pi3 (área 26), julgamos que os dois espaços estariam articulados, sendo provável que esta nova área fria assegurasse o acesso à piscina, através de escadas (Fig. 36). Do mesmo modo, admitimos que este novo espaço frio estaria articulado com a nova área quente 28, facultando uma circulação ampla em torno da nova piscina (Fig. 36).

Deste novo *frigidarium* seria igualmente possível entrar no corredor 8, por passagem que deveria situar-se no eixo do muro M20, o que permitia o acesso, ou à *palaestra* (área 1), ou ao *apodyterium* (área 6).

A parede oeste deste novo *frigidarium* passou a constituir parte da nova fachada poente das termas, sendo de supor que possuíse janelas envidraçadas que iluminariam o espaço e permitiriam receber a luz do sol durante a tarde.

### Área 28: *tepidarium* (T)

Esta nova área aquecida, que resultou de uma reorganização do espaço interior da área de banhos e do prolongamento para oeste do corpo central das termas, estaria definida pelos mu-

ros M37, M52, M53 e M8 (Fig. 36). Com base nestes limites esta nova área configura-se como um espaço rectangular, orientado E/O, com 6,60 x 2,80 m (22 x 9 pés) e uma área útil de cerca de 18,50 m<sup>2</sup>.

Quer o limite este desta área, que contacta com a área 11, quer o muro M37, que separava este espaço da área 12, teriam sido rompidos ao nível dos hipocaustos para que estes se tornassem contíguos facilitando o aquecimento desta nova área.

Todavia, pouco se conservou do que seria o referido hipocausto, aquecido indirectamente pelo ar oriundo dos *praeefurnia* Pr2 e Pr3. A sua área encontra-se definida por um solo de *opus signinum*, no qual assentariam as *pilae*. Muito embora não se possa garantir que as pilastras conservadas na parte nascente do compartimento pertençam efectivamente a esta fase, haverá que ter em conta que as suas características são semelhantes às aquelas que encontramos na fase anterior. De facto, as *pilae* conservadas formam duas fiadas, dispostas no sentido E/O, sendo constituídas por *lateres bessales* muito regulares, espaçados de 0,45/0,50 m.

### Área 29: *frigidarium* (F)

Esta área resultou da subdivisão da anterior área de serviços 17. Para o efeito foram construídos os muros M23 e M24, que limitavam o compartimento a norte e o muro M21, que adossava ao muro M22 e constitui o seu limite sul. A nascente a área estaria limitada pelo muro M1 e a poente pelo muro M36 (Est. VI e Fig. 36).

Este novo espaço frio, anexo à área fria 9, possui uma forma aproximadamente quadrada, com as dimensões de 4 x 4,20 m (13 x 14 pés), estando o eixo maior orientado E/O, possuindo uma área útil de cerca de 17 m<sup>2</sup>.

Os novos muros construídos M23 e M21, funcionando como alicerces, assentam em terra, estando o muro M24 toscamente afeiçoado à rocha (Fig. 41). O compartimento foi entulhado e possui um solo de terra batida definido pela UE254, o qual possui aproximadamente a mesma cota do pavimento de *opus signinum* da área 9.

A estruturação desta nova área fria implicou, também, a criação de uma passagem para a anexa área 9, rasgada no eixo do muro M22, assinalada por dois silhares implantados nesta fase, referenciados como B46 e B47 (Est. VI e Fig. 33).

Sob o enchimento, que permitiu colocar esta área à mesma cota da área fria 9, corria a

canalização A, que circulava sob o muro M24, o qual possui uma abertura estruturada para a sua passagem e sob o muro M22, rompido ao nível do alicerce para implantação da referida canalização. Esta passava exactamente no sítio da porta, situada entre os silhares B46 e B47 (Fig. 33).

#### 4.3.4.2. Tecnologia construtiva

Com excepção do muro M8, que apesar de muito destruído oferece na parte conservada da sua face externa um aparelho de boa qualidade, os muros erguidos neste período, sobretudo os que permitiram organizar os novos espaços, revelam-se bastante irregulares, ainda que seja de destacar que as partes conservadas dos mesmos correspondem genericamente a subestruturas.

O muro melhor conservado desta fase é o muro M40, que subdividiu a anterior área 9 (*frigidarium*) (Fig. 38). Construído para criar a área 26 (piscina Pi3) seria rebocado para isolamento, tendo sido encontrados restos de argamassa de revestimento na sua parte norte.

A parte conservada do muro está definida por cinco fiadas de blocos, de talhe e dimensão irregulares, revelando, pontualmente, algumas tijoleiras. Os interstícios foram colmatados por pequenas pedras. Uma vez que os dois grandes blocos de pedra, que recobrem toda a extensão do muro, formando uma soleira, pertencem à fase seguinte, não sabemos como ele remataria nesta fase, sendo certo, contudo, que formava parte da escadaria de acesso à área 9 (Fig. 36).

Do conjunto dos muros erguidos nesta fase, muitos dos quais desaparecidos, alterados, ou saqueados nas fases posteriores, merece destaque, pela sua técnica de construção, o muro M53. Trata-se de um muro feito de tégulas sobrepostas, com o rebordo para cima, directamente assentes no solo de *opus signinum* que definia o pavimento da anterior área 10 (piscina Pi2). Tendo sido parcialmente arrasado na Fase III para a construção de um novo hipocausto, daquele muro conservaram-se, apenas, três fiadas de tégulas que apresentam na face sul restos de revestimento de *opus* destinado a impermeabilizá-lo, uma vez que servia de parede norte da nova piscina (Pi3).

É igualmente digno de nota o facto da face oeste do muro M52, que separava a área quente 11 (*tepidarium*) da nova piscina situada na área 26, apresentar algumas fiadas de material laterício destinadas a funcionar, eventualmente, como reforço refractário do muro.

Presumimos que nesta fase não terão sido introduzidas quaisquer alterações nas áreas quentes 11 (*tepidarium*), 12 (*tepidarium*) e 13 (*caldarium*) e que as mesmas continuaram a estar cobertas por sistema de abóbadas elaboradas com material laterício disposto em arco conservando, portanto, a estrutura que possuíam na fase anterior. A mesma tecnologia deve ter sido aplicada à nova área quente 28, que funcionaria como *tepidarium* (Fig. 36).

O novo hipocausto construído para criar esta última área, embora muito alterado pelas reformas posteriores, conservou duas fiadas de seis *pilae*, dispostas no sentido E/O, formadas por *lateres bessales* (0,19/0,18 x 0,18/0,17 x 0,06 m), muito regulares, espaçados de 0,45/0,50 m, entre si, o que permitia assentar uma *suspensura* de tijoleiras *bipedalis*. No entanto, as *pilae* assentam agora directamente no solo de *opus signinum* conservado da fase anterior.

Merece destaque a reforma que foi realizada no *prae-furnium* 2 (Pr2), inserido numa câmara (*propnigium*), agora encurtada no sentido da sua largura pela construção do muro M24. Sobre o lajeado de base da câmara foram assentes duas fiadas de tijoleiras, orientadas NE/SO, formando um canal externo, de modo a orientar o calor para o meio do hipocausto da área 11, do qual circularia para a contígua área 28 (Figs. 14, 36 e 41).

Globalmente a reforma deste período regista indicadores de uma diminuição na qualidade da construção, muito embora se mantenha um rigoroso respeito pelas métricas, registadas nas dimensões dos novos compartimentos e na organização dos novos espaços aquecidos.

Sublinhamos, ainda, que esta reforma, que ampliou consideravelmente a área de banhos e flexibilizou o circuito de utilização das termas, sobretudo na parte que poderemos considerar como área nuclear do balneário, em torno da nova piscina, definida pela área 26, foi conseguida com uma intervenção circunscrita na estrutura geral do edifício. De facto, dois dos novos espaços frios (áreas 25 e 29) foram acrescentados, através da inutilização de uma área de serviços (anterior área 18) e da redução de uma outra (área 17).

Por sua vez, o avanço da fachada oeste sobre a *palaestra*, com a construção de três novas paredes, correspondentes aos muros M8 e M53 e ao prolongamento do muro M37, permitiu criar mais um espaço frio (área 27) e mais um espaço aquecido (área 28).

Todos os restantes trabalhos de construção de canalizações, abertura de passagens, no-

vos hipocaustos e repavimentações parecem ter sido realizados sem pôr em causa a estrutura do edifício anterior que manteve o essencial da sua traça (Fig. 36).

#### 4.3.4.3. Funcionamento e circulação

Tudo indica que o acesso ao edifício continuou a ser feito pelo lado sul através do *vestibulum* (área 2) conservado da fase anterior, sendo admissível que se tivessem conservado as duas passagens que, a partir daquela área, dariam acesso a diferentes compartimentos. A entrada principal situar-se-ia de face para a rua, no eixo de circulação interna do balneário e a lateral, a nascente, continuaria a dar acesso ao *cubiculum* 5 (Figs. 36 e 40).

exercícios físicos antes dos banhos. Regressados da *palaestra*, pelo referido corredor, os utentes das termas podiam agora dirigir-se à nova área fria 25, para a qual sugerimos eventuais funções de *destrictarium*. A partir deste espaço os banhistas podiam entrar no circuito de banhos através da nova passagem aberta na parede sul da área 9 (Fig. 40).

Para além de poderem utilizar a nova área fria 29, que se oferece como espaço algo reservado com eventuais funções de *unctorium*, os banhistas dispunham agora de dois circuitos alternativos para a utilização do balneário.

Um deles seria aquele que lhes permitia, a partir da área 9, seguir em direcção ao *caldarium* (área 13) através das áreas tépidas 11 e 12 (Fig. 40), circuito que já existia na fase anterior.

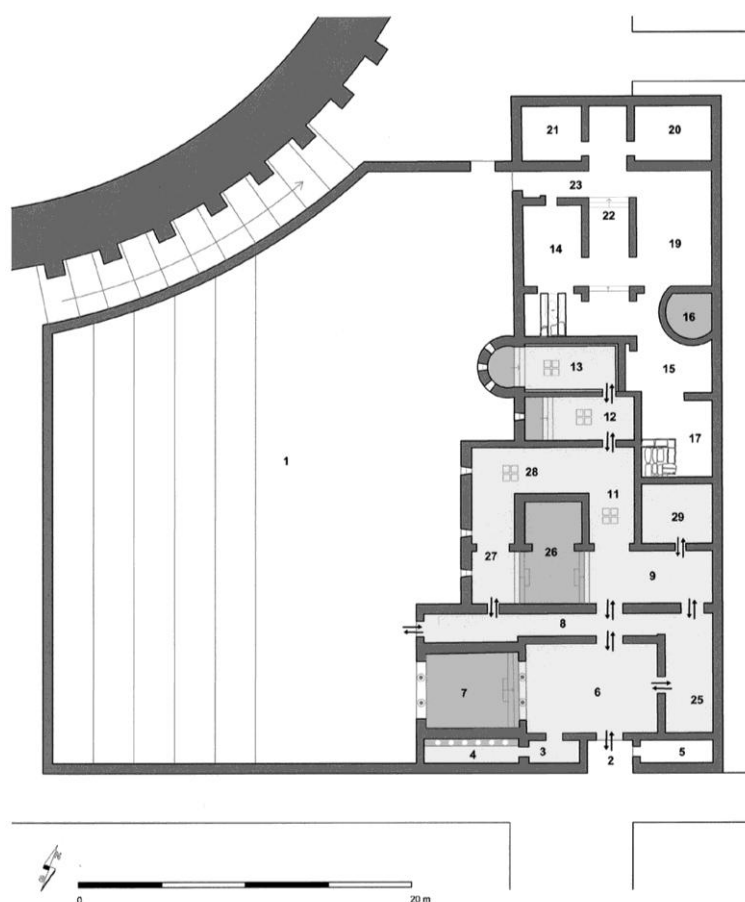


Fig. 40 - Proposta de circulação para a Fase II

O *apodyterium* ou *basilica thermarum* (área 6) manteve as mesmas características e dimensões, deixando, todavia, de ser um espaço aquecido. A partir dele era possível aceder ao circuito de banhos cruzando o corredor 8 em direcção à área 9, tal como já acontecia na Fase I. O *apodyterium* dava ainda acesso à *palaestra* (área 1), através do corredor 8, permitindo a realização de

O outro seria aquele que permitia aos banhistas deambular pelos espaços em volta da nova piscina da área 26, que se configuram como um *ambulatorium*, formado pelas áreas quentes 11 e 28 e pela área fria 27 (Fig. 40). De qualquer modo, a utilização deste espaço central, bem como da piscina Pi3, poderia ser feita no regresso das áreas aquecidas 12 e 13 que

sendo naturalmente as áreas mais quentes das termas, destinadas à sudação, tornariam necessário um banho frio para fechar os poros (Fig. 40).

A grande novidade introduzida com esta reforma, em termos de circulação, residia, precisamente, na possibilidade de conjugar diferentes percursos, uma vez que a disposição das salas permitia a escolha de vários circuitos, o que facultava, também, a utilização do balneário por um maior número de banhistas.

O retorno à área 9 (*frigidarium*), donde se podia aceder à nova área 29, interpretada como *unctorium*, para uma última aplicação de óleos, ou a saída para o *apodyterium* (área 6), que podia ser feita, quer a partir da área 9, quer da área 27, completava o circuito de banhos, permitindo uma circulação muito mais flexível (Fig. 40).

Neste sentido, as modificações introduzidas na organização dos espaços nesta fase permitiram criar um novo circuito de banhos que se aproximou, parcialmente do circuito classificado tipologicamente como circular (Krencker *et alii* 1929; Nielsen 1990), ainda que limitado à parte central da área de banhos.

Este modelo, que surgiu em meados do século I, difundiu-se nos séculos II/III, ainda que seja raro encontrá-lo fora de grandes equipamentos termas (Fernández Ochoa e García Entero 1999).

Esta reforma que ampliou as termas, quer em termos de áreas aquecidas, quer frias, tornou o circuito de banhos mais flexível, facultando um maior número de opções na utilização dos espaços do balneário, racionalizando os percursos e eliminando a obrigatoriedade de circulação retrógrada entre todas as salas, a qual era característica das termas na fase anterior. Por sua vez, o aumento da área útil que ficou afecta aos banhos permitiu, certamente, a utilização do balneário por um maior número de utentes.



Fig. 41 - Perspectiva da remodelação operada na área de serviços 17, com a construção do muro M24 sobre o *prae-furnium* Pr2

A área quente anteriormente composta por dois *tepidaria* (áreas 11 e 12) e um *caldarium* (área 13), cobrindo 51,80 m<sup>2</sup>, passou agora a dispor de uma área útil de cerca de 70,30 m<sup>2</sup>, com a construção de mais um *tepidarium* (área 28) que se veio juntar aos anteriores espaços aquecidos (Quadro 1).

Mais significativa foi, contudo, a ampliação dos espaços frios. Mesmo não entrando em linha de conta com o *apodyterium* (área 6), também ele transformado em espaço frio, verificamos um claro aumento das áreas frias, que passam dos 35,80 m<sup>2</sup> anteriores (área 9), para 78,5 m<sup>2</sup>, contemplando agora quatro *frigidaria* (áreas 9, 25, 27 e 29), dois dos quais com prováveis funções especializadas de *destrictarium* (área 25) e de *unctorium* (área 29).

Já a área reservada a piscinas manteve-se sensivelmente a mesma, pois a construção da nova piscina fria Pi3, na área 26, com 20,4 m<sup>2</sup>, viria a ocupar aproximadamente a mesma área da anterior piscina fria Pi2 (área 10), tendo sido igualmente mantida em funcionamento a piscina do *apodyterium* (Pi1), com 24 m<sup>2</sup> de área útil.

Tudo indica que nesta fase se conservou inalterada a estrutura da área de serviços norte, que revela uma permanência dos mesmos compartimentos. Do mesmo modo, não possuímos quaisquer dados que nos permitam pensar em alterações ocorridas na área da *palaestra*.

#### 4.4. A reforma dos finais do século III/inícios do IV (Fase III)

##### 4.4.1. Cronologia

Em finais do século III/inícios do IV as termas do Alto da Cividade foram objecto de uma profunda remodelação, que alterou por completo, quer a sua morfologia, quer a circulação interna na área de banhos. Durante muito tempo esta remodelação foi mesmo considerada como a única reforma ocorrida nestas termas, sendo como tal referida na bibliografia (Martins e Delgado 1996; Martins *et alii* 1994).

Esta reforma é sem dúvida a mais fácil de datar, tendo em vista os elementos cronológicos fornecidos pelos materiais contidos nos estratos que compõem o entulhamento de um conjunto significativo de salas, tendo em vista a alteração da sua funcionalidade inicial. Entre as unidades estratigráficas, bem datadas, que representam aquele entulhamento podemos referir as UEs 239 (áreas 6 e 8), 242 (área 6), 254A e 266 (área de serviços 17), que oferecem um conjunto sig-



nificativo de moedas de Galieno e Claudio II. Também a UE238, que representa o solo de *opus signinum* do novo *frigidarium* (área 31) e *apodyterium* (área 30), forneceu moedas de imperadores do século III.

A remodelação dos finais do século III/inícios do IV alterou, também, a organização da área de serviços norte, registando-se o aparecimento de novos solos de utilização dos compartimentos que continuaram a dividir aquele espaço, permitindo o seu funcionamento. Na área 20 surge um novo solo (UE010), cuja preparação forneceu moedas e materiais datados do século III, o mesmo acontecendo com a UE013, identificada na área 22.

Contudo, a construção de alguns muros que consideramos importantes na estrutura do novo edifício, designadamente os muros M39 e M50 que compõem a nova parede norte da área de banhos, ou o muro M38, que passou a separar a nova área quente da fria, não forneceu elementos cronológicos significativos.

Dispomos, todavia, de um conjunto de contextos construtivos bem definidos, seguramente atribuíveis a esta remodelação, cuja datação se revela bastante homogénea, tendo em conta, sobretudo, as moedas de Claudio II e de Galieno muito bem representadas nas unidades estratigráficas correspondentes a esta reforma das termas.

#### 4.4.2. Análise das estruturas

Apesar da profunda remodelação sofrida, o edifício termal continuou a manter uma disposição rectangular alongada, conservando a orientação N/S, revelando agora um corpo central avançado na direcção poente, ou seja, sobre a área da *palaestra* (Fig. 50).

Conservando parte dos muros do anterior edifício, foram erguidos outros novos, num

aparelho bastante irregular que revelam características construtivas bastante diferentes daquelas que tipificam os muros registados nas fases



Fig. 42 - Perspectiva do muro M50 sobreposto ao silhar B13 e à canalização A

anteriores.

Entre os principais muros construídos nesta reforma destacamos o já referido muro M50, de orientação E/O, que se prolonga, na parte oeste, no muro M39, passando ambos a definir o limite norte da área de banhos (Est. VII e Fig. 42). Estrutural ao novo edifício é, também, o muro M38, de orientação N/S, que separou as novas áreas frias e quentes das termas (Est. VII e Fig. 43).

Na nova área aquecida foram erguidos vários muros que subdividiram aquele espaço, criando diferentes compartimentos, como aconteceu com os muros M42 e M44, ambos com orientação E/O. Por sua vez, os muros M56 e o M43, ambos com orientação N/S, parecem associar-se à construção de *alvei* que rematavam a parte poente, quer do novo *caldarium*, quer de um dos novos tepidários (Est. VII e Fig. 50).

A norte do muro M39 e a fechar a nova área de serviços onde se localizava o único *prae-*

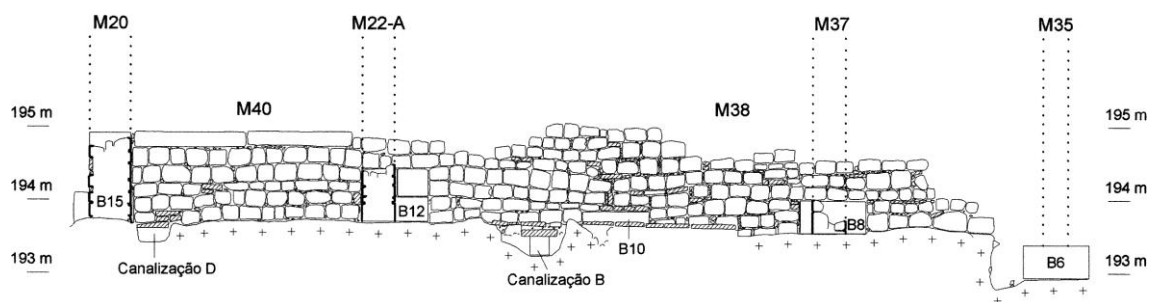


Fig. 43 - Alçado poente da parede que separa o *frigidarium* da parte aquecida das termas na Fase III. Esc. 1:100

*furnium* em funcionamento nesta fase (Pr4), é presumível que se tivesse prolongado o muro M8, que remataria, a norte, no novo muro M102 (Est. VII e Fig. 50).

Data igualmente desta fase a construção dos muros M15 e M16, situados na área de serviços norte. Estes dois muros paralelos, orientados E/O, rematando a poente, respectivamente, nos muros M3B e M3, estreitaram as anteriores áreas 14 e 21, situadas a sul e norte do corredor 23. De facto, estamos em crer que os novos muros M15 e M16 definem as paredes norte e sul de um novo espaço criado na área de



Fig. 44 - Perspectiva dos hipocaustos da Fase III, limitados a sul pelo muro M39, em primeiro plano

serviços, o qual alterou a circulação neste sector.

Contudo, as transformações mais significativas do balneário fizeram-se sentir nas áreas norte e sul do edifício, bem como no seu corpo central, onde se localizavam os compartimentos de banhos.

Na parte norte verifica-se a inutilização do *caldarium* em funcionamento nas fases anteriores (área 13), sendo o seu espaço transformado em zona de serviços, com a implantação do *prae-furnium* Pr4 no solo do hipocausto daquele compartimento, o qual ficou agora integrado na área de serviços norte, separada do novo espaço de banhos pela parede definida pelo conjunto dos muros M50 e M39 (Fig. 52).

O hipocausto do anterior *caldarium* (antiga área 13) foi parcialmente entulhado, tendo para o efeito sido construído o muro M59 que passou a limitar, a nascente, a nova área de serviços onde foi instalado o novo *prae-furnium* (Pr4) (Est. VII e Fig. 50).

A sul, regista-se um grande entulhamento das áreas correspondentes ao anterior *vestibulum*

(área 2) e compartimentos anexos (áreas 3 e 5), bem como ao *apodyterium* (área 6) e ao corredor de circulação (área 8). Foi igualmente entulhada a área fria 25, construída na Fase II. Este grande entulhamento criou uma ampla zona fria, que formalizou o novo *apodyterium* das termas.

A área de banhos propriamente dita, sofreu igualmente uma profunda reforma. Com efeito, as anteriores áreas frias 9 e 29, toda a área quente 11, parte da área quente 12 e a totalidade da anterior área de serviços 17, onde estava situado o *prae-furnium* Pr2, foram também entulhados e transformados numa ampla zona fria, com funções de *frigidarium* (área 31), o qual está assinalado pela presença de um extenso pavimento de *opus signinum* (Fig. 45).

Por sua vez, a área aquecida com hipocaustos deslocou-se para poente, revelando agora uma organização em quatro salas aquecidas por um único *prae-furnium* (Pr4), situado a norte do muro M39, cuja boca, definida por um arco de tijoleiras, ficou integrada naquele muro.

Pensamos que nesta fase deveria ter existido um único hipocausto contínuo sob as novas salas quentes, que definiam uma área aquecida com 12,5 m de comprimento por 6,5 m de largura (81 m<sup>2</sup>), a qual se encontrava dividida ao nível do solo de utilização das termas em quatro áreas, que formalizavam um *caldarium* e três *tepi-*



Fig. 45 - Perspectiva do sector nascente, cujo entulhamento permitiu criar o novo *frigidarium*

*daria* (Est. VII e Fig. 50).

Ao nível do hipocausto e a separar o *caldarium* dos *tepidaria* contíguos, situados a sul, encontramos um alinhamento de tijoleiras (0,60 x 0,45 m) separadas entre si cerca de 1,50 m, que formariam a base das *pilae*, ou dos arcos que permitiam a circulação do ar quente, oriundo do *prae-furnium* Pr4.

Para a construção do hipocausto do *caldarium* foi destruído o muro M37. Também para criar o hipocausto dos *tepidaria* foi arrasado o muro M53. Por sua vez, o muro M3, com orientação N/S e situado no meio dos novos

espaços quentes, foi extensamente destruído na parte correspondente ao interior do novo hipocausto.

O que se conservou da estrutura dos hipocaustos da nova área aquecida não permite saber, com segurança, o que será característico desta fase ou da fase seguinte, uma vez que a zona voltou a ser alterada posteriormente aos meados do século IV.

Contudo, consideramos que as *pilae* feitas de tijoleiras conservadas nos *tepidaria* centrais, assentes directamente nos solos das salas ante-



Fig. 46 - Sobreposição do solo de *opus signinum* do *frigidarium* da Fase III sobre o *opus* do *frigidarium* das Fases I e II

riores, deverão pertencer a esta época.

Tendo em conta os dados disponíveis julgamos poder atribuir a esta fase a construção da canalização O, instalada entre os novos muros M32 e M58, a qual poderia drenar para a canalização E, que correria ainda sob a *palaestra* (Fig. 50).

#### 4.4.3. Análise da estratigrafia

São abundantes as unidades estratigráficas identificadas nas escavações que se podem relacionar com esta fase de remodelação das termas (Anexo A2).

De facto, as grandes alterações operadas na área nuclear do balneário implicaram sucessivos entulhamentos, muitos dos quais selados por pavimentos que vão definir as novas áreas de banhos das termas. Todavia, continuam a ser escassos os muros que possuem valas de fundação, pois a maioria deles assenta directamente na rocha.

Os únicos muros que exibem valas de fundação são os muros M16 e M50, cujos

enchimentos são constituídos, respectivamente, pelas UEs 030 e 053.

A esta fase podemos atribuir vários enchimentos, que inutilizam os hipocaustos que funcionaram nas duas primeiras fases das termas. Estão nessa situação o entulhamento do anterior *apodyterium* (área 6) e do corredor 8, correspondente às UEs 239 e 242. O saque do muro M26, representado pela UE230 e a destruição do muro M25 identificado pela UE 239A, testemunham igualmente as remodelações opera-



das no sector sul das termas.

O entulhamento da zona de serviços 17 e do *prae-furnium* Pr2 encontra-se assinalado pela UE266. Também a anterior área 11 e parte da 12 foram entulhadas, factos referenciados pela formação da UE269. O *opus signinum* que cobre estes enchimentos e constitui o solo do novo *frigidarium* e do novo *apodyterium* está representado pela UE238.

As reformas realizadas na área de serviços norte estão assinaladas por várias unidades estratigráficas. Entre elas destacam-se novas pavi-

Fig. 47 - Perspectiva das *pilae* dos hipocaustos da Fase III



mentações, como aconteceu nas áreas 19 e 20, onde as UEs 003, 010, 018 e 019, representam quer nivelamentos, quer novos solos.

Também a área 21 foi repavimentada, tendo o novo solo assentado sobre um enchimento assinalado pela UE027, o mesmo acontecendo na área 22, onde surge um novo solo

(UE013) e na área 21, onde se assinala um enchimento representado pela UE026.

Nesta área de serviços verifica-se ainda o entulhamento da cisterna (área 16), representado pelas UEs 050 e 051.

A implantação do *praeurnium* Pr4 sobre a área do hipocausto do anterior *caldarium* (área 13) implicou o entulhamento de parte do mesmo, entre o muro M34 e o novo muro M59, o qual está representado pela UE56A. A instalação deste novo *praeurnium* associa-se, ainda, a um pavimento, correspondente à UE064 e a uma entulheira de utilização do mesmo, representada pela UE012.

Outros estratos estão associados a esta fase de renovação das termas. Entre eles encontra-se a UE212 que corresponde a um enchimento posterior à reforma do muro M8 e as UEs 216 e 217, reportáveis à implantação da canalização O, definida pelos muros M32 e M58.

Os hipocaustos das novas áreas aquecidas assentam em solos de *opus signinum*, representados pelas UEs 272, 273 e 274.

Estamos em crer que o sistema de drenagem, implantado na Fase I, aquando da construção do primeiro edifício das termas, terá resultado inoperacional nesta fase, pelo que terão sido desafectadas algumas canalizações, designadamente as identificadas como B e B1. Também a canalização A, implantada na Fase II, terá perdido funcionalidade.

A destruição da canalização B está representada pela sua vala de saque, a qual apresenta um enchimento corresponde a UE234, estando a UE235 igualmente associada à inutilização daquela estrutura.

Admitimos que date desta fase a construção da canalização J, que integrava numa das

paredes um pequeno capitel decorado, o qual, pelas suas reduzidas dimensões, deve ter ornamentado uma janela que pode ter estado integrada na fachada oeste das termas nas Fases I ou II (Fig. 49).

A referida canalização parece ter origem numa outra, identificada como canalização L, da qual se conservou apenas o lastro de tijoleiras, sendo possível que, pela sua orientação, drenasse para a canalização C que deve ter-se mantido operacional nesta fase (Est. I e Fig. 50).

#### 4.4.4. Interpretação do edifício

##### 4.4.4.1. Caracterização dos espaços

As remodelações operadas nas termas nesta fase alteraram profundamente a estrutura da área de banhos anterior, bem como as características da área sul, por onde continuou a fazer-se a entrada no balneário. Apesar desta profunda reforma, que ampliou consideravelmente a área fria das termas, o edifício conservou parte da estrutura anterior, mantendo a sua forma alongada, com orientação N/S.

As alterações sofridas na parte norte são pouco significativas, persistindo grande parte das áreas anteriores, apenas com algumas reformulações pontuais. Neste sentido, para a descrição dos espaços foi mantida a numeração anterior, por facilidade de compreensão das persistências. Todavia, a descontinuidade das áreas na parte central e sul do edifício obrigaram a uma nova numeração das salas. Procedeu-se, de seguida à caracterização das novas áreas, bem como das anteriores que sofreram transformações (Fig. 50).

#### Pórtico sul

Embora sem grandes dados que o comprovem, admitimos que nesta fase tenha sido construído um pequeno pórtico de entrada na parte sul das termas. A justificação deste espaço baseia-se na presença de algumas canalizações tardias que justificam a presença de uma área avançada sobre a rua, a sul do muro M3A, que definia a fachada. São elas as canalizações I e L, que parecem relacionadas com a recolha de água de um telhado e a canalização J, que deveria escoar a água das anteriores. Por outro lado, parece-nos difícil admitir que a entrada nas termas se fizesse directamente para o *apodyterium* (área 30), uma vez que este novo espaço inutilizou a anterior área 2, que teria funcionado como *vestibulum* nas Fases I e II. Este pórtico pode justificar-se, também, por

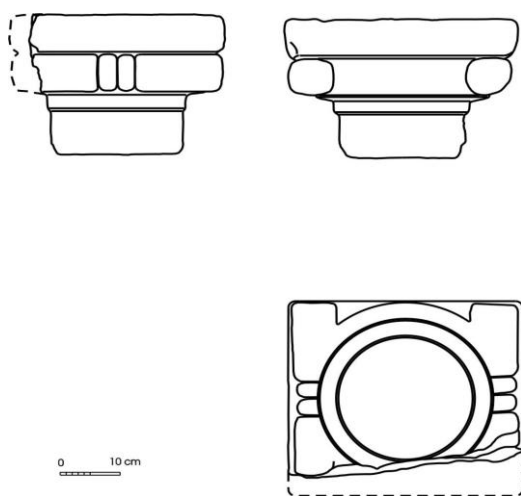


Fig. 49 - Pequeno capitel encontrado na canalização J

razões arquitectónicas, atendendo ao desnível de cota existente entre a rua sul (194,5 m) e aquela que passou a definir o nível de circulação do *apodyterium*, situada a 195 m.

O facto deste pórtico avançar sobre o eixo da rua não nos parece problemático, atendendo à cronologia avançada deste novo projecto das termas. Com efeito, encontramos numerosas evidências de ocupação de zonas de circulação, a partir de finais do século III/inícios do IV, quer em *Bracara Augusta*, quer noutras cidades romanas peninsulares.

Admitimos, assim, que este pórtico poderia ser um espaço quadrado, com 3,60 por 3,60 m, estando limitado a poente pelo muro M63, o único que persistiu associado ao referido espaço. O silhar B45, que se adivinha pelo recorte na rocha, no eixo do muro M3A, poderia definir o remate de um outro muro que seria paralelo ao M63 (Fig. 50). Presumivelmente este pórtico seria basicamente constituído por uma escadaria de acesso ao novo *apodyterium* (área 30) (Fig. 50).

#### Área 4: corredor

A suposta conservação nesta fase da piscina fria do anterior *apodyterium* (área 7), que continuaria articulada com a nova área 30, subentende que não deverão ter existido grandes alterações da fachada sudoeste do edifício.

Nesta circunstância parece-nos possível admitir que se tenha mantido a área 4, com as mesmas dimensões que possuía nas Fases I e II, muito embora deva ter sido alterada a sua funcionalidade.

Com efeito, tudo leva a crer que umas novas latrinas tenham surgido na área 39, que corresponde a parte do anterior corredor 8, facto que teria inevitavelmente inutilizado as anteriormente situadas na área 4. Por outro lado, a localização das novas latrinas e a persistência da piscina 7 exigiam um acesso entre o novo *apodyterium* e a *palaestra*, pelo que supomos que esta área se terá transformado em corredor de circulação unindo os dois espaços referidos (Fig. 50).

#### Área 14: área de serviços

Esta área transformou-se nesta fase num compartimento quadrado, com cerca de 3,60 x 3,60 m (12 x 12 pés) e uma área útil de 13 m<sup>2</sup>, passando a estar limitada a norte pelo novo muro M16. Simultaneamente, a cota do solo deste compartimento passou a situar-se a 194,50 m. Possuindo comunicação com a área 38, a sul, é provável que comunicasse, também, com a área 22 (Fig. 50). Deveria servir de apoio

à área de serviços 38, onde se implantou o novo *prae-furnium* Pr4.

#### Área 21: área de serviços

Esta área torna-se mais estreita nesta fase, passando a ter uma largura de 2,50 m (cerca de 8 pés), pois passa a estar limitada pelo novo muro M15. Mantendo o seu comprimento inicial de 3,50 m (cerca de 12 pés), este compartimento passou a dispor de uma área útil aproximada de 9 m<sup>2</sup> (Fig. 50).

#### Área 23A: área de serviços

Tendo em conta a construção dos muros M15 e M16, que alargou o espaço entre as anteriores áreas de serviço 14, a sul, e 21, a norte, supomos que a anterior área 23 deverá ter deixado de funcionar como corredor de circulação. No entanto, por razões funcionais deverá ter sido mantida a anterior passagem, que assegurava a circulação entre a área de serviços norte e a *palaestra*, rasgada no muro M3 (Fig. 50).

O novo espaço, limitado pelos muros M15, M16 e M3, deve ter passado a constituir mais um compartimento de serviços, ainda que não pareça ter possuído qualquer parede a nascente, abrindo-se à área 22, a toda a largura (Fig. 50). Esta nova área seria quadrada, possuindo 3,60 x 3,60 m (12 x 12 pés), ou seja, as mesmas dimensões da contígua área 14, situada a sul.

#### Área 30: *apodyterium*/basilica *thermarum* (A/BT)

O novo *apodyterium* configura-se como um amplo espaço rectangular, com orientação E/O, possuindo 9 m de largura por 11,2 m de comprimento (30 x 37 pés), com uma área útil de cerca de 101 m<sup>2</sup> e sendo limitado pelos muros M20, M1, M3A e M28.

Este vasto espaço frio conservou, apenas pontualmente, parte do espesso pavimento de *opus signinum* que cobriria toda a sala. A comunicação com o *frigidarium* (área 31) far-se-ia, muito possivelmente, pelo mesmo local onde se situava a passagem da fase anterior, rasgada no muro M20, no eixo de entrada do edifício (Fig. 50).

Parece-nos admissível que este espaço se tenha mantido articulado com a piscina Pi1 (área 7), que terá persistido nesta fase. O acesso à piscina continuaria a ser feito por escadas, que articulavam os dois espaços, situadas no eixo do muro M28 (Fig. 50).

A circulação entre o *apodyterium* e a *palaestra* (área 1) seria agora assegurada através da área 4, transformada em corredor de passa-

gem (Fig. 50).

As características deste novo compartimento sugerem que tivesse continuado a funcionar como *basilica thermarum*, tanto mais que as grandes dimensões do espaço se adequariam, agora, mais facilmente à prática de exercícios físicos na época fria, ou ao repouso e reunião dos banhistas.

#### Área 31: *frigidarium* (F)

O novo *frigidarium* é agora uma grande sala rectangular, orientada no sentido N/S, com as dimensões de 12,60 x 7,50 m (42 x 25 pés) e 94,5 m<sup>2</sup>. Este novo espaço frio passou a estar limitado pelos muros M50, M1, M20, M40 e M38 M20 (Fig. 50).

No limite sudoeste do compartimento, na zona onde este contactava com a área quente 32, que constituía um *tepidarium*, desenha-se a única passagem conservada do balneário desta fase, a qual corresponde à coroa do muro M40. Esta exhibe duas grandes lajes de granito, cada uma com 1,50 m de comprimento, por 0,45 m de largura e uma espessura de 0,20 m, as quais formalizam uma ampla soleira que assegurava a circulação entre as duas áreas (Figs. 38 e 55).

#### Área 32: *tepidarium* (T)

Trata-se do compartimento menos aquecido do balneário. Possui uma forma rectangular, disposta E/O, tendo as dimensões globais de 6,60 x 3,90 m (22 x 13 pés), com área útil de 25 m<sup>2</sup>, dos quais 6 m<sup>2</sup> seriam ocupados por um *alveus* situado na parte poente da sala, identificado como área 33. O novo *tepidarium* está limitado pelos muros M44, M40, M20 e M8 (Est. VIII e Fig. 50).

O hipocausto desta área encontra-se globalmente mal conservado, oferecendo a particularidade que possuir vários elementos de arquitectura reaproveitados, designadamente fustes e meias colunas que serviriam para suportar a *suspensura*. Os elementos referidos assentam directamente no solo de *opus signinum* da anterior área 26 (Fig. 50).

#### Área 33: *alveus* (Al)

Este espaço foi interpretado como um *alveus* da área 32, estando definido pelos muros M44, M43, M20 e M8 (Fig. 50).

Dispondo-se à largura da sala, teria 3,90 m de comprimento, por 1,50 m de largura (13 x 5 pés), cobrindo uma área com 6 m<sup>2</sup>.

Uma vez que o muro M43 possui uma passagem de ar (Fig. 51), é presumível que o

*alveus* assentasse sobre *pilae*, muito embora não se tenham conservado quaisquer vestígios das mesmas. A água deste *alveus* juntar-se-ia, muito provavelmente, àquela que provinha do *alveus* da área 37, drenando para a nova canalização O, a qual deve ter servido para a construção das novas latrinas (área 39) (Fig. 50).

#### Área 34: *tepidarium* (T)

Este *tepidarium*, que possuía um ambiente mais quente que o *tepidarium* da área 32 corresponde a uma sala rectangular, com eixo maior no sentido N/S, com 3,90 m de comprimento por 3 m de largura (13 x 10 pés) e área útil de 11,70 m<sup>2</sup>.

Limitado pelos muros M42, M38, M44 e M41, este espaço seria aquecido a partir do hipocausto do *caldarium* (área 36), situado a norte (Fig. 50). A área do hipocausto é formada por um solo de *opus signinum* que se sobrepõe ao solo da anterior área 26. Embora de uma forma não muito regular, conservam-se à largura da sala cerca de 7 fiadas de *pilae* e um máximo de 10 fiadas no sentido do comprimento.

#### Área 35: *tepidarium* (T)

Este *tepidarium* possui as mesmas características e dimensões do contíguo *tepidarium* definido por área 34, com o qual comunicava por passagem aberta na sua parede oeste. A parede norte estava definida pelo muro M42, a parede sul pelo muro M44 e a parede nascente pelo muro M38.

Este espaço seria aquecido a partir do único *praeefurnium* (Pr4) existente nesta fase.

O hipocausto encontra-se muito destruído, sendo de destacar o carácter desorganizado dos elementos que o compunham. De facto, uma vez que esta sala foi reestruturada na Fase IV, torna-se difícil determinar a cronologia exacta das *pilae* conservadas. Estas são formadas por *lateres bessales*, mas utilizam, também, tijoleiras *pedalis* com entalhes. Pode ainda observar-se o reaproveitamento de elementos de arquitectura, designadamente secções de fustes e bases de colunas, bem como elementos de mós.

#### Área 36: *caldarium* (C)

Esta área situa-se no limite norte do conjunto quente do balneário, possuindo uma organização semelhante àquela que caracteriza a área quente 32, interpretada como *tepidarium*.

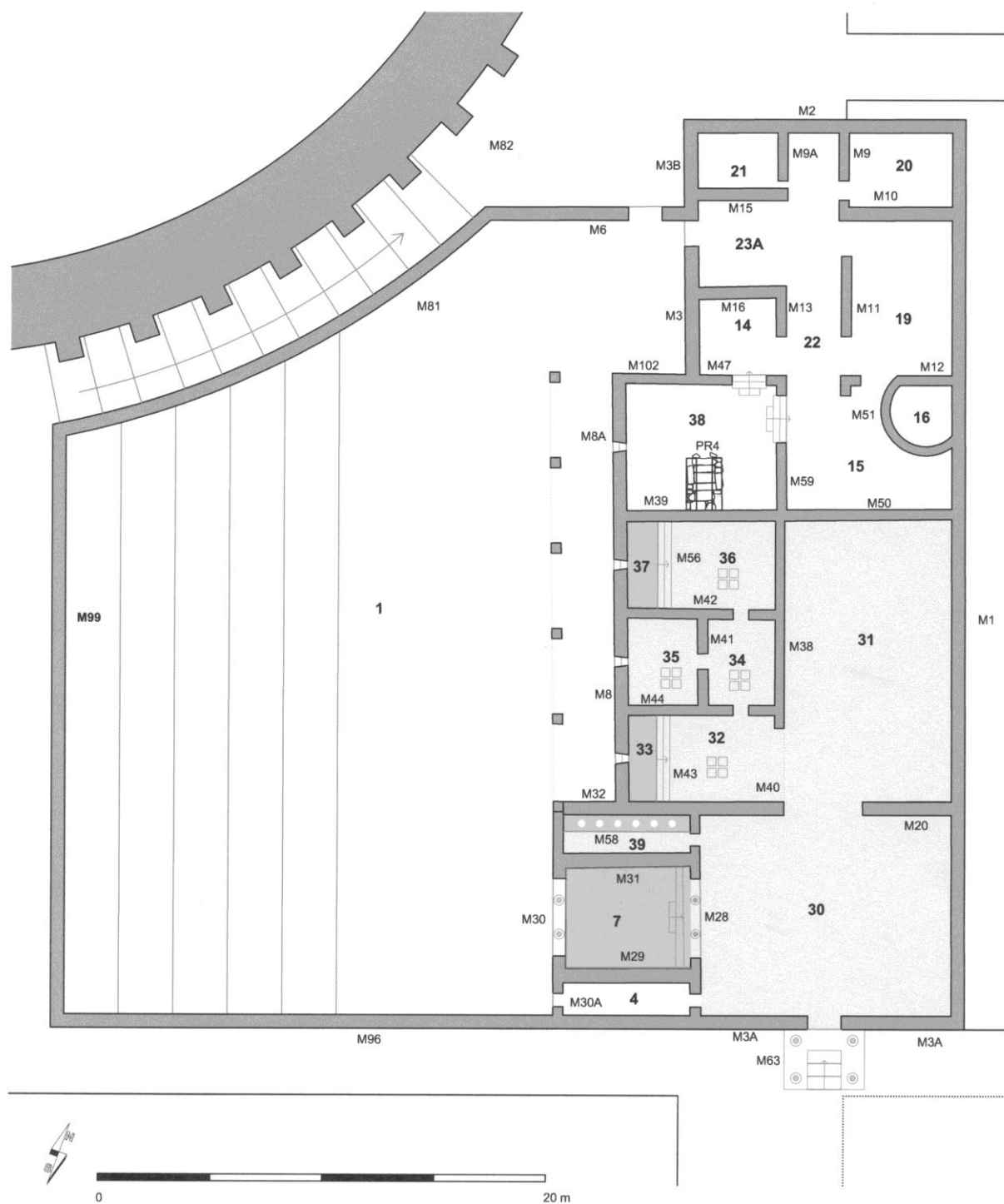


Fig. 50 - Planta esquemática interpretada das termas na Fase III

Exibe igualmente a forma rectangular e a orientação E/O, características da área 32, possuindo, também, as mesmas dimensões e área útil de 25 m<sup>2</sup>. Desta área, 6 m<sup>2</sup> estariam ocupados por um *alveus*, que se situava na parte poente da sala, simétrico daquele que supomos existir na área 32 (Fig.50).

Limitado pelos muros M39, M38, M42 e M8, este espaço era aquecido directamente pelo *prae-furnium* Pr4, cuja boca em forma de arco estava incorporada na parede formada pelo muro M39 (Fig. 48).



Fig. 51 - Muro M43, sendo visível a passagem de ar quente

Não se conservaram quaisquer vestígios do hipocausto desta área, desmontado na fase seguinte, certamente para aproveitamento de material, quando esta sala foi transformada num espaço frio. A *area* do hipocausto é constituída por um solo de *opus signinum* que não se conservou a poente do muro M56, ou seja, na parte da sala onde se erguia o *alveus* (área 37).

#### Área 37: *alveus* (A1)

Esta área, interpretada como *alveus* do novo *caldarium* (área 36), estaria definida pelos muros M39, M56, M42 e M8 (Fig. 50).

Disposto à largura da sala, tinha as mesmas dimensões do *alveus* 33, situado na área 32, oferecendo 3,90 m de comprimento, por 1,50 m de largura (13 x 5 pés), cobrindo uma área de 6 m<sup>2</sup>.

Uma vez que o muro M56 possui uma passagem de ar é presumível que o *alveus* assentasse sobre *pilae*, tal como aconteceria, também, na área 32.

A água do *alveus* deveria escoar-se para a canalização G, que corria sob aquele espaço, drenando, talvez, sob o solo da área 35 para uma outra canalização, não conservada, que deveria existir sob a área 33, cuja água seria finalmente recolhida pela canalização O.

#### Área 38: área de serviços do Pr 4

Trata-se de um novo espaço, inserido na grande área de serviços norte, que resultou do desmantelamento de parte do hipocausto da an-

terior área 13 (*caldarium*) e do *prae-furnium* Pr3.

Corresponde a um compartimento de forma aproximadamente quadrada, com 6,60 x 5,60 m (22 x 22 pés) e uma área útil de 37 m<sup>2</sup>, limitado pelos muros M102, M47, M59, M39 e M8. É nesta área que se encontra implantado o único *prae-furnium* que funcionou nesta fase (Pr4), o qual assentou directamente sobre a *area* do hipocausto do anterior *caldarium*.

A base do *prae-furnium* encontra-se bem conservada, sendo composta por cinco lajes justapostas, com larguras variáveis, perfazendo um

comprimento de 1,90 m. Em volta das lajes, que registam um abaulamento significativo, resultante do desgaste do fogo, dispõem-se pedras que rematavam a estrutura, nas quais deveriam assentar as paredes.

Este compartimento possuía um solo de terra batida, definido pela UE064, tendo comunicação com a área de serviços 14, situada a norte, através de uma passagem certamente localizada entre o muro M47 e o silhar B1A. Tinha igualmente acesso à área 22, situada a nascente.

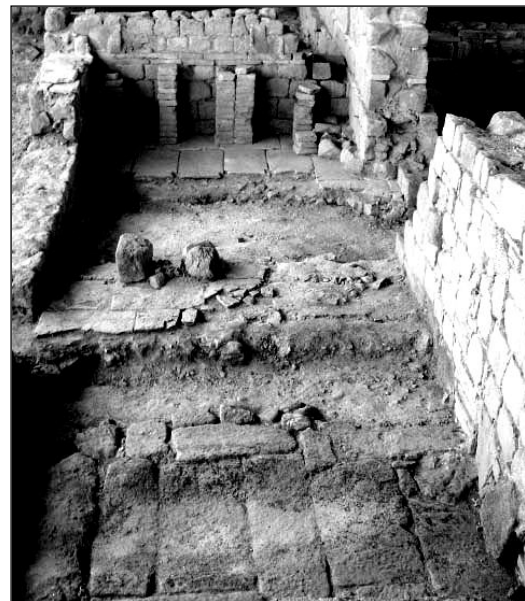


Fig. 52 - Solo do hipocausto da área 13 onde se situa o *prae-furnium* 4, em primeiro plano



**Área 39: *latrinae* (La)**

A canalização O, situada entre os novos muros M32 e M58, que recolheria, certamente, a água procedente dos *alvei* 33 e 37 das novas salas quentes, bem como as suas características e orientação (Fig. 60), sugerem que ela terá constituído a infra-estrutura de umas novas latrinas. Acresce que a sua localização em nada ofende os requisitos normalmente exigidos para a implantação deste tipo de equipamentos, pois alimentava-se de água corrente, situando-se perto da entrada, na circunstância, com acesso ao novo *apodyterium* (área 30) (Est VIII e Fig. 50).



Fig. 53 - Face sul do muro M50 que passou a definir o limite norte da área de banhos

**4.4.4.2. Tecnologia construtiva**

Esta remodelação das termas revela características que denotam alguma degradação da qualidade da construção, visível, quer nos aparelhos utilizados nos novos muros que foram erguidos, quer na tecnologia de construção dos hipocaustos, o que constitui situação comum noutros edifícios termais de cronologia avançada (Nielsen 1990).

No entanto, enquanto projecto arquitectónico devemos destacar que ele revela uma intervenção bem pensada, que integrou de forma harmoniosa parte dos espaços já construídos, adequando as novas áreas quentes e frias a um edifício que continuou a oferecer uma disposi-

ção alongada e que manteve basicamente as mesmas dimensões dos projectos das Fases I e II (Fig. 50).

O edifício manteve o corpo sul avançado sobre a *palaestra*, pois parece bastante plausível a persistência, ainda nesta fase, da piscina fria Pi1, correspondente à área 7, que continuaria a servir o novo *apodyterium*, apesar deste oferecer agora características e dimensões diferentes do anterior (Fig. 50).

A ampliação para norte da fachada central oeste, com o prolongamento do muro M8, permite-nos pensar na possível existência de um pórtico que remataria aquela fachada sobre a *palaestra*, cuja colunata alinharia pela fachada do corpo sul, mais saliente que a do corpo central (Fig. 50).

Outros aspectos revelam, entretanto, que estamos perante um projecto com alguma qualidade conceptual. De facto, devemos salientar a preocupação de simetria deste novo projecto das termas, a qual se revela na organização do corpo central da nova área de banhos.

Com efeito, são semelhantes as características organizativas do *caldarium* (área 36) e do *tepidarium*, definido como área 32, com os respectivos *alvei*, ambos construídos na parte poente das salas, existindo igualmente perfeita simetria dos dois pequenos *tepidaria* centrais (áreas 34 e 35). Esta harmoniosa organização da área quente, com dimensões iguais ao *frigidarium*, constitui um argumento importante em favor da qualidade deste projecto de remodelação das termas.

Já ao nível das novas paredes que foram erguidas nesta fase, devemos sublinhar que se registam características construtivas de inferior qualidade relativamente às fases precedentes, pese embora o limitado número de muros conservados desta remodelação. De facto, a nossa avaliação está limitada aos muros M50 e M39, que correspondem à nova parede norte da área de banhos e ao muro M38 que divide a nova área fria 31 do conjunto das salas quentes.

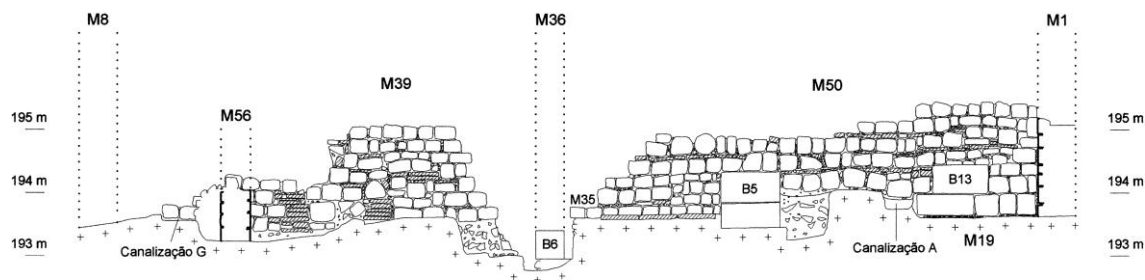


Fig. 54 - Alçado oeste dos muros M39 e M50. Esc. 1:100

O muro M50 regista um aparelho muito irregular, composto por pedras de diferentes dimensões dispostas em fiadas mais ou menos horizontais. A regularizar as fiadas encontramos tijoleiras com espessuras variáveis, dispostas, quer na horizontal, quer na vertical. O muro regista mesmo a utilização de uma secção de fuste de coluna, sendo de destacar que parte do seu traçado assentou directamente sobre estruturas anteriores e, de forma pontual, directamente sobre a rocha, ou mesmo sobre terra (Fig. 53).

A mesma irregularidade pode ser observada no muro M39 que corresponde ao prolongamento para poente do muro M50, muito embora aquele se encontre mais alterado pela reforma da Fase IV. O muro M39 regista também a utilização de tijoleiras a colmatar os espaços entre os blocos de pedra, genericamente mal talhados.

te nascente do *alveus* do *caldarium* (área 37), constituindo o segundo a substrução da parede que separaria as áreas quentes 34 e 35.

Uma característica generalizada da construção nesta fase consiste na reutilização de elementos de arquitectura, quer nos próprios muros, quer nos hipocaustos (Figs. 56 e 58).

Essa característica é bem evidente no muro M50 (Fig. 53), mas, também, no novo muro M41 que separava os *tepidaria* 34 e 35.

De facto, aquele muro possui três passagens de ar, revelando um aparelho muito irregular que integra fragmentos de tijoleira e pedras de diferentes talhes e dimensões. As três passagens de ar estão definidas por blocos de pedra dispostos na vertical, rematados superiormente por blocos horizontais. Todos eles constituem elementos arquitectónicos reaproveitados, sendo de destacar a utilização de um

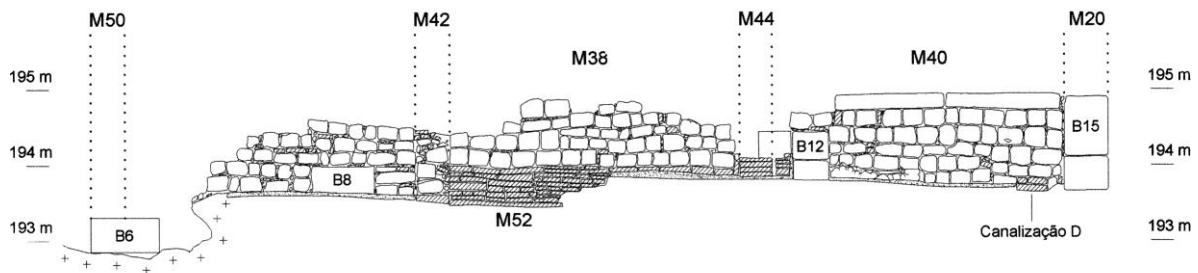


Fig. 55 - Alcado nascente dos muros M38 e 40. Esc. 1:100

O muro M39 integra a boca do *prae-furnum* Pr4, disposta em arco, feito de material laterício, a qual viria a ser entaipada na Fase IV. Parte do muro assentava directamente sobre enchimentos de terra (Fig. 54).

Outro muro estrutural construído nesta fase foi o muro M38 (Figs. 55 e 59). Também ele ostenta um aparelho muito irregular, com pedras de diferentes dimensões colmatadas por material laterício que se dispõe, tanto na horizontal, como na vertical, procurando-se deste modo nivelar as fiadas. Para preencher os espaços entre as pedras utilizaram-se também pedras miúdas. A estrutura assentou sobre várias preexistências, designadamente sobre silhares, sobre o muro M52 e sobre o solo de *opus signinum* da anterior área 28 (Fig. 58).

O muro M43 revela igualmente uma feição tosca, ainda que na circunstância estejamos perante um alicerce, que constituiria uma parte não visível do mesmo. Incorpora uma passagem de ar com paredes e lastro de tijoleiras. O mesmo pode ser afirmado em relação aos muros M56 e M41, o primeiro dos quais definia o limi-

te almofoadado, com 0,45 x 0,36 x 0,24 m, integrado na passagem sul.



Fig. 56 - Hipocaustos da Fase III sendo visível ao centro o muro M43

Pese embora as remodelações que irão ocorrer na fase seguinte nos hipocaustos das salas quentes (áreas 32, 34, 35 e 36) e que alterarão as características dos mesmos, podemos, contudo, admitir pertencerem a esta reforma alguns dos elementos arquitectónicos conservados, com destaque para aqueles que se encontram no hipocausto da área 34 (Fig. 50).

Aspecto dominante da tecnologia de construção nesta época parece ser o facto de não existir qualquer preocupação em revestir de material laterício a *area* dos hipocaustos, verificando-se que as *pilae* se erguem directamente sobre simples solos de *opus signinum* preexistentes (Fig. 58), ou construídos de novo, assentando pontualmente directamente sobre a rocha, adaptando-se, nesta circunstância, às irregularidades do terreno. Estas características podem ser observadas nas áreas 33 e 37, correspondentes aos *alvei* das áreas 32 (*tepidarium*) e 36 (*caldarium*).

As *pilae* conservadas são formadas por *lateres bessales*, revelando apenas algumas fiadas sobrepostas, fortemente argamassadas. Por vezes, assentavam em tijoleiras ou tégulas fragmentadas. Algumas *pilae* integram mesmo tijoleiras *pedalis* com entalhes, usadas na construção das abóbadas. O aproveitamento deste tipo de material nos hipocaustos desta fase

permite admitir que o mesmo tenha continuado a ser usado para formalizar as abóbadas das novas salas aquecidas.

Verifica-se que a equidistância entre as *pilae* conservadas é de 0,45 m, o que sugere algum respeito pela tecnologia canónica de as rematar com tijoleiras *bipedalis* para a construção da *suspensura*. Tendo em conta a cota da soleira de passagem entre as áreas 31 (*frigidarium*) e 32 (*tepidarium*), bem como a cota do solo de *opus signinum* do *frigidarium*, podemos considerar que a altura do hipocausto e respectiva *suspensura* seria agora de 1,25 m.

O único *praefurnium* em funcionamento nesta fase, que aquecia todas as salas, pode ser classificado como de canal exterior, tipo III de Degbomont (1984, 62), sendo semelhante, por conseguinte, ao *praefurnium* Pr3, erguido na Fase I na área de serviços norte.

Nesta remodelação foram construídas,

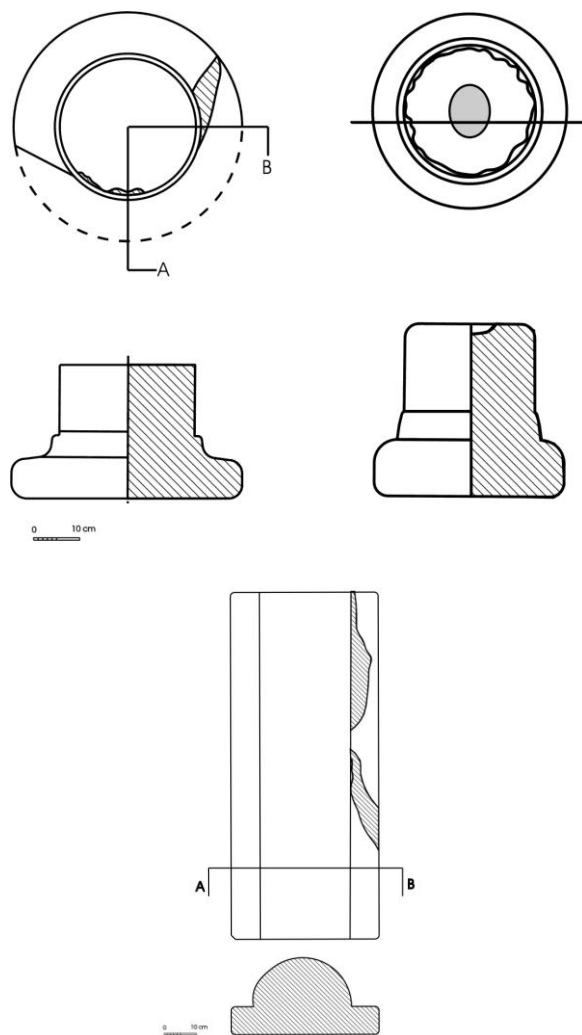


Fig. 57 - Elementos de arquitectura reaproveitados nos hipocaustos das Fases III e IV

pelo menos duas drenagens para escoamento de águas sujas oriundas do interior das termas.

trução de três canalizações na fachada sul do edifício.



Fig. 58 - Perspectiva das sondagens realizadas nos solos dos *tepidaria* da Fase III

Uma está identificada como canalização O e destinava-se a escoar a água dos *alvei* 33 e 37 (Fig. 60), utilizando para o efeito uma outra canalização (G), identificada sob o *alveus* da área 37, a qual poderia articular-se com uma outra, não conservada, que existiria sob o *alveus* da área 33. A canalização O drenaria para o exterior do edifício, talvez ainda para a canalização C que deve ter continuado em funcionamento ainda nesta fase.

São elas as canalizações I e L, muito mal conservadas, que parecem drenar a água das chuvas de um presumível pórtico de entrada nas termas que teria sido construído nesta fase. Ambas as canalizações parecem drenar para uma outra canalização, identificada como J, cuja água escoaria para a canalização C, para onde continuariam a convergir, também, as águas oriundas da canalização E (Est. VIII).

#### 4.4.4.3. Funcionamento e circulação

Nesta fase, a entrada nas termas continuou a ser feita pelo lado sul, sendo possível



Fig. 59 - Perspectiva dos hipocaustos da Fase III a sul do muro M39

Como já foi sublinhado anteriormente, admitimos que a canalização O foi aproveitada para a construção de umas novas latrinas localizadas na área 39, a sul do conjunto das novas salas quentes do balneário.

A esta fase atribuímos, também, a cons-



Fig. 60 - Pormenor da canalização O que poderá articular-se com umas latrinas

que a mesma contemplasse agora a existência de um pequeno pórtico, avançado sobre o eixo da rua, o qual permitiria vencer, através de escadas, a diferença entre a cota exterior do edifício (194,50 m) e a correspondente ao pavimento de *opus signinum* do *apodyterium* (195 m) (Fig. 61).

A existência das canalizações J e L constitui um argumento em favor da hipotética construção de um pequeno pórtico de entrada no edifício. Este daria acesso imediato ao novo *apodyterium* (área 30), o qual, pelas suas dimensões, poderá ter continuado a ser usado para a prática de exercícios físicos no período de Inverno, podendo, por isso, continuar a ser interpretado como *basilica thermarum*.

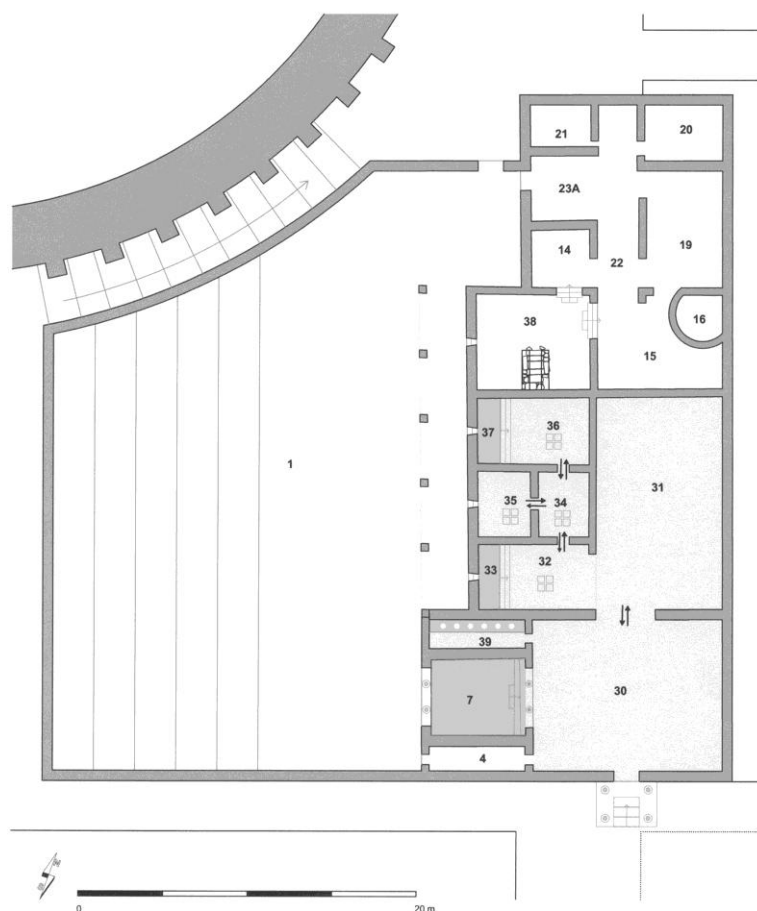


Fig. 61 - Proposta de circulação das termas na Fase III

A entrada no circuito de banhos far-se-ia por passagem que dava acesso ao amplo *frigidarium*, definido como área 31, vasto compartimento rectangular, orientado N/S. As grandes dimensões daquela sala fria fazem dela um espaço polivalente, talvez utilizado para massagens e aplicação de unguentos, ainda que estes pudessem ser aplicados igualmente no *apodyterium*, ou mesmo nos *tepidaria* (áreas 32, 34 e 35).

A monumentalidade do novo *frigidarium*, quando comparado com as modestas dimensões dos *frigidaria* das fases anteriores, não é de surpreender, tendo em conta que o aumento dos espaços frios constitui um procedimento característico das reformas tardias de vários estabelecimentos termais.

A partir do *frigidarium* os banhistas podiam aceder à área aquecida, situada a poente, através da área 32, atravessando uma larga passagem situada no eixo do muro M40, assinalada por uma ampla soleira feita com duas grandes lajes de pedra que rematam a parte superior daquele muro. Da área quente 32 (*tepidarium*) passava-se a um segundo ambiente tépido, representado pela área 34, a partir do

qual se podia aceder ainda a um outro *tepidarium* (área 35) (Fig. 61).

A entrada no *caldarium* (área 36) seria feita a partir da área 34. Para sair do *caldarium* os utentes deveriam retroceder pelas salas tépidas 34 e 32, podendo, a partir desta última, encaminhar-se novamente para o *frigidarium* (área 31), ou dirigir-se ao *apodyterium*, onde poderiam utilizar a única piscina fria disponível nesta fase, situada na área 7.

O acesso à *palaestra* (área 1) seria agora feito através do *apodyterium*, a partir de uma porta que deveria abrir-se na parede oeste daquele compartimento, com acesso ao corredor 4, o qual conduziria àquele amplo espaço exterior (Fig. 61).

Acompanhando o muro M8, que definia a fachada oeste das termas, presumimos que existiria um pórtico com 3 m de largura (10 pés) por 18,60 m de comprimento (62 pés) (Fig. 50).

Esta reforma das termas que reestruturou completamente a área reservada aos banhos, transformando em áreas frias parte das anteriores áreas aquecidas e em áreas quentes parte dos anteriores espaços frios, permitiu criar um circuito de banhos que pode ser definido como linear angular e retrógrado (Krencker *et alii*, 1929; Nielsen, 1990), esquema de circulação muito frequente nas termas hispânicas (Fernández Ochoa e García Entero 1999).

#### 4.5. A reforma da 2ª metade do século IV (Fase IV)

##### 4.5.1. Cronologia

A última remodelação operada nas termas, datada da 2ª metade do século IV, está associada à reorganização da área de banhos e à inutilização da zona de serviços norte.

Esta remodelação pode ser datada com base na cronologia da construção de um novo *praefurnium* (Pr5), na desafecção do *praefurnium* Pr4 e pelo entulhamento do *caldarium* da Fase III (área 36), que transformou este espaço em área fria. O enchimento que determinou a alteração da funcionalidade daquela sala forneceu um conjunto significativo de moedas de Constâncio II, Constante e Constantino I, as quais permitem situar esta reforma posteriormente a 341-346.

No entanto, o entulhamento generalizado dos compartimentos que compunham a área de serviços norte e os evidentes sinais de desmonte dos muros que definiam os diferentes espaços daquela área, servem igualmente para situar esta reforma na 2ª metade do século IV.

Esta última remodelação do balneário está associada a uma profunda alteração da área exterior do edifício, sendo seguro que nesta fase o muro perimetral do teatro (M82), situado no extremo noroeste da *palaestra*, estaria já parcialmente desmontado, tendo sido coberto pontualmente por um solo de terra

batida, que se estendia também por toda a área da anterior *palaestra*. A cronologia dos materiais que integram aquele solo, definido pela UE145 e o enchimento sobre o qual assentava (UE165) reforçam a cronologia sugerida para esta última remodelação das termas.

##### 4.5.2. Análise das estruturas

A reforma das termas que situamos posteriormente aos meados do século IV reordenou parte dos anteriores espaços aquecidos, alterando, também, a fisionomia do edifício a norte da área de banhos. As remodelações situam-se, por conseguinte, na anterior parte aquecida do edifício, onde foi reorientado o sistema de aquecimento. Esta reforma encontra-se igualmente associada à desafecção da grande *palaestra* (área 1) a poente, que terá servido as termas entre as Fases I e III.

Simultaneamente, registaram-se alterações significativas na parte norte do edifício, onde anteriormente se situavam vários compartimentos de serviços, agora completamente inutilizados por um grande entulhamento que fará elevar o nível do solo.

A inutilização do *praefurnium* Pr4 que se situava na anterior área 38, cuja boca se encontrava implantada na parede norte do *caldarium*, correspondente ao muro M39, está assinalada pelo entaipamento da mesma (Fig. 52), associando-se à desafecção da área de serviços norte que foi destruída e entulhada.



Fig. 62 - Hipocausto do *tepidarium* da área 32

A construção de um novo *praefurnium* (Pr5), implantado na fachada oeste do edifício, com entrada de ar quente através do muro M8 (Fig. 64), reorientou o sistema de aquecimento das áreas situadas a poente do novo *frigidarium* (área 31). O referido pré-fúrnio encontrava-se inserido numa câmara (*propnigium*) delimitada por dois muros, que foram construídos nesta

fase (M45 e M46). O muro M79, com orientação N/S, situado entre o muro M46 e a parede norte do *praeefurnium*, definia um pequeno espaço no interior desta nova área, cuja função se desconhece.

A alteração no sistema de aquecimento das termas, decorrente da construção do novo *praeefurnium*, obrigou a um reordenamento das salas, passando as anteriores áreas tépidas 34 e 35 a funcionar agora como *caldaria*, mantendo-se, todavia, em funcionamento o *tepidarium* situado na área 32, que pode ter mantido o anterior *alveus*, identificado como área 33.

O hipocausto da anterior área 36, que constituía o *caldarium*, foi desmontado e o seu espaço entulhado, sendo a área transformada em *frigidarium*. Esta reforma implicou uma alteração do alicerce do muro M42, integrado no anterior hipocausto, o qual era formado por tijoleiras sobrepostas, espaçadas 1,50 m entre si (cerca de 5 pés). Os espaços entre as tijoleiras foram agora colmatados por pedras, passando o muro M42 a ser compacto ao nível do alicerce, o que permitiu o entulhamento da área anteriormente ocupada pelo hipocausto.

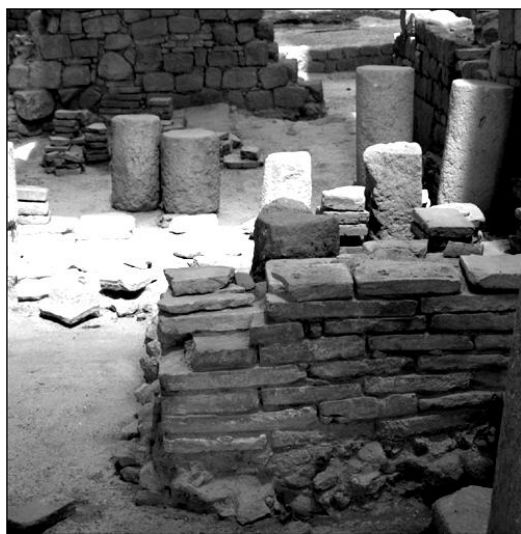


Fig. 63 - Hipocausto do *caldarium* 34 reaproveitado vários fustes

A esta reforma poderá ser atribuída uma maior utilização de elementos de arquitectura na construção dos hipocaustos das salas quentes 32 (*tepidarium*), 34 e 35 (*caldaria*), bem como um reaproveitamento mais generalizado de material pétreo e laterício variado, utilizado de forma desorganizada entre as *pilae* conservadas da fase anterior.

Esta última remodelação das termas parece intrinsecamente associada à inutilização do teatro. Sinal inequívoco do abandono da estrutura é o facto da rua situada entre os muros

M81 e M82, que circundava o teatro, ter sido entulhada até ao nível do desmonte do muro perimetral do teatro (M82), estendendo-se sobre ambas as estruturas, bem como sobre a área da *palaestra* (área 1), um extenso pavimento representado pela UE145. Este pavimento encontra-se associado à utilização do novo *praeefurnium* Pr5, sendo de supor que parte do espaço ocupado pela anterior *palaestra* deva ter persistido como área de circulação externa às termas, ainda que tenha deixado de fazer parte integrante das mesmas (Fig. 64).

#### 4.5.3. Análise estratigráfica

Dos muros erguidos nesta reforma apenas o muro M46, cujo enchimento está representado pela UE204, forneceu materiais datáveis de meados do século IV, cronologia a que deve corresponder, também, o paralelo muro M45, cuja vala de fundação revela um enchimento definido pela UE213.

Associadas à instalação do novo *praeefurnium* Pr5 identificámos, ainda, outras unidades estratigráficas, designadamente a UE211, que corresponde ao enchimento da vala de reparação do muro M8, para instalação da boca do referido *praeefurnium*. Por sua vez, entre os muros M45 e M46, que definem os limites da câmara de combustão, encontramos um solo identificado pela UE 206.

A esta fase podemos igualmente atribuir o entulhamento do hipocausto do *caldarium* da Fase III (área 36), cujo enchimento está definido pela UE066, bem como a inutilização da anterior área 38, onde se situava o *praeefurnium* Pr4 definido pelas UEs 063 e 069.

Na área de serviços norte estão assinalados vários estratos relacionados com a inutilização dos compartimentos anteriores e o nivelamento de toda a zona. Entre eles podemos referir a UE060, que corresponde ao entulhamento da área 14, a UE002, que assinala o abandono do compartimento 20, as UEs 016 e 061, que definem o entulhamento da área 19 e a UE021 que assinala o abandono da área 22.

Na área exterior das termas e em articulação com a inutilização da *palaestra* e do teatro, identificaram-se várias unidades estratigráficas com cronologias coevas desta reforma.

A UE074 corresponde à destruição do muro M6, que limitava a *palaestra* a norte, estando a UE077 referenciada como o enchimento da vala de saque do referido muro. Vários enchimentos registam a existência de saques do muro M82, designadamente as UEs

085, 086, 087 e 097, bem como dos seus contrafortes, como acontece com a UE129.

Enquanto que a destruição do muro M81 está representada pelas UEs 078 e 135, o entulhamento da calçada situada entre aquele muro e o muro do teatro (M82) encontra-se definido pelos sedimentos que integram as UEs 135 e 136. Finalmente, encontramos um solo de terra batida que se estende desde a fachada oeste das termas por toda a zona da antiga *palaestra*, estando assinalado pela UE145, equivalente à UE198, tendo como preparação o enchimento constituído pela UE165.

#### 4.5.4. Interpretação do edifício

##### 4.5.4.1. Caracterização dos espaços

Tendo em conta os dados disponíveis presumimos que as termas mantiveram nesta fase a estrutura da área de banhos globalmente adquirida na Fase III (Est. VIII e Fig. 64). Com efeito, a única alteração substantiva realizada no balneário parece associada no reordenamento funcional dos espaços situados a poente do grande *frigidarium* (área 31), com a passagem do anterior *caldarium* (área 36) a *frigidarium* e transformação dos anteriores *tepidaria* (áreas 34 e 35) em *caldaria*, o que foi conseguido graças à instalação de um novo *prae-furnium* (Pr5) na fachada oeste, com entrada de ar centrada na área 35.

Admitindo uma possível persistência, nesta fase, da piscina fria do *apodyterium* (área 7), que se justificaria por razões funcionais, podemos considerar que a morfologia do edifício foi sobretudo alterada na parte norte, com a desafectação da anterior área de serviços que aí se situava, a qual foi totalmente entulhada e nivelada a uma cota próxima dos 195 m.

Tendo em conta o desaparecimento da grande *palaestra* das Fases I, II e III (área 1) e o profundo aterro registado na área de serviços norte, parece possível admitir que aquele espaço possa ter passado a funcionar como uma nova *palaestra*. Ainda que substancialmente mais pequena que a anterior, ela afigura-se, contudo, mais equilibrada face à estrutura do edifício que emergiu das remodelações realizadas nesta fase.

Passamos a descrever as alterações ocorridas nos espaços que persistiram, os quais mantêm a mesma numeração, tendo sido identificados em sequência os novos espaços emergentes com esta reforma (Fig. 64).

#### Área 4: *cubiculum* ? (Cu)

Este espaço que pensamos ter sobrevivido após esta remodelação e que foi interpretado na fase anterior como um corredor de passagem entre o *apodyterium* e a *palaestra*, terá deixado de ter essa funcionalidade, uma vez desaparecido aquele amplo espaço exterior. Neste sentido, esta área pode ter-se mantido como *cubiculum* com eventual ligação ao grande *apodyterium* (área 30) (Fig. 64).

#### Área 34: *caldarium* (C)

Esta área, que correspondia a um *tepidarium* da Fase III, não sofreu alterações, nem na dimensão, nem na morfologia, registando, tão só, uma mudança de funcionalidade. De facto, situando-se no prolongamento da área 35, directamente aquecida pelo *prae-furnium* Pr5, deverá ser considerada como um segundo *caldarium*, embora com temperatura ligeiramente inferior aquela que se registaria na anexa área 35 (Fig. 64). Mantém-se nesta fase o hipocausto anterior, sendo possível que o mesmo tenha sido pontualmente reparado, reutilizando mais elementos de arquitectura para substituir eventuais *pilae* danificadas.

#### Área 35: *caldarium* (C)

Esta área que correspondia anteriormente a um *tepidarium*, do qual conservou as dimensões e morfologia, passou a funcionar como *caldarium*, sendo directamente aquecida pelo *prae-furnium* Pr5, cuja boca foi implantada na parede oeste da sala (Fig. 64).

O hipocausto encontra-se mal conservado, pois foi profundamente danificado pela implantação das infra-estruturas de urbanização da colina que rasgou este sector do edifício. Entre os elementos conservados destacam-se algumas *pilae* formadas por tijoleiras irregulares e por material arquitectónico reaproveitado.

#### Área 36: *frigidarium* (F)

Esta área, anteriormente com funções de *caldarium*, foi entulhada para ser transformada em espaço frio, passando a constituir um segundo *frigidarium*. Para isso, foi fechada a boca do *prae-furnium* Pr4, situada na parede correspondente ao muro M39, tendo sido igualmente fechados os espaços situados entre as tijoleiras que definiam a substrução do muro M42.

O compartimento manteve a sua forma rectangular e as mesmas dimensões e orientação que possuía na fase anterior.





Fig. 64 - Planta esquemática interpretada das termas na Fase IV

Parece plausível admitir que se tenha mantido a circulação entre esta área e a área quente 34, mantendo-se desta forma o circuito anterior. Também estamos em crer que este compartimento poderá ter mantido um *alveus* na área 37, o qual seria agora de água fria (Fig. 64).

#### Área 40: *palaestra* ? (Pa)

O generalizado arrasamento e entulhamento da área de serviços norte, situada entre os muros M50 e M39, a sul, o muro M2, a norte e o conjunto dos muros M3, M3B e M8, a oeste, criou uma ampla área de superfície nivelada, a qual se encontrava à mesma cota de circulação do interior da área de banhos (195 m).

Tendo em conta que nesta fase se realizou a desafecção da anterior *palaestra*, julgamos ser possível considerar que este grande espaço tenha sido convertido numa nova *palaestra*, muito mais pequena, a qual se integraria agora no corpo do edifício, articulando-se com o *frigidarium* (área 31) (Fig. 64).

#### Área 41: *propnigeum* do Pr5

Trata-se de uma nova área exterior ao edifício, implantada a poente do muro M8, onde se instalou o novo *prae-furnium* Pr5. Está limitada pelos muros M46, a norte, M45, a sul e pelo muro M8, a este, desconhecendo-se o seu limite poente.

Os muros M46 e M45, erguidos nesta fase, estão orientados SE/NO e encontram-se distanciados entre si cerca de 4 m. Aproximadamente a meio foi instalado o *prae-furnium* Pr5, do qual se conservam dois blocos verticais, formando o canal de combustão, cuja boca foi incorporada no muro M8 (Fig. 64).

Esta área assinala ainda um pequeno compartimento situado entre o bloco norte do *prae-furnium* e o muro M46, limitado a poente pelo muro M79 e a nascente pelo muro M8, desconhecendo-se, todavia, qual poderá ter sido a funcionalidade daquele pequeno espaço dentro da área de serviço (Fig. 64).

#### 4.5.4.2. Tecnologia construtiva

A tecnologia construtiva evidenciada nesta fase revela perfeita continuidade relativamente às características já dominantes e definidas para a Fase III, ou seja, para os finais do século III/inícios do século IV.

Na verdade, esta fase de remodelação das termas não implicou grandes obras, apenas se registando a reconstrução do alicerce do muro M42, bem como a construção de três muros

que estruturaram a área 41, exterior ao corpo do edifício, onde se implantou o *prae-furnium* 5 Pr5 (Fig. 64).

Os novos muros revelam má qualidade técnica, facto que se insere na tendência geral das características construtivas já evidenciadas e analisadas para a fase anterior.

Sublinhe-se, também, o generalizado reaproveitamento de materiais arquitectónicos nos hipocaustos, igualmente observada na remodelação dos finais do século III/inícios do IV.

Muito embora as sucessivas remodelações das termas tenham eliminado evidências relativas aos revestimentos, igualmente destruídas pela acidez do solo, não podemos deixar de destacar que, pelo menos nesta fase, os pavimentos dos *caldaria* (áreas 34 e 35) seriam revestidas de mosaicos. Com efeito, nos enchimentos que assinalam a destruição daquelas salas foram encontrados fragmentos de um mosaico que conservavam restos da argamassa de assentamento.

Se as reduzidas dimensões dos fragmentos não permitem sugerir quaisquer características decorativas do pavimento, elas assinalam, todavia, que, mesmo nesta fase tardia de utilização das termas, as salas seriam revestidas de mosaicos, cumprindo-se, deste modo, as exigências de qualidade que eram habituais neste tipo de edifícios.

#### 4.5.4.3. Funcionamento e circulação

Tudo indica que a entrada nas termas tenha continuado a ser feita por sul, talvez ainda pelo pequeno pórtico que julgamos ter sido construído na fase anterior, mantendo-se parte da circulação precedente.

Assim, parece continuar em funcionamento o grande *apodyterium* ou *basilica thermanum* (área 30) construído na anterior remodelação, sendo possível que este espaço continuasse articulado com a piscina fria Pi1 (área 7), situada a poente, a qual serviria para um banho frio uma vez ultimado o circuito de banhos (Fig. 65).

Saindo da área 30 acedia-se ao *frigidarium* (área 31), que manteve as dimensões adquiridas na fase anterior e, certamente também, o mesmo tipo de utilização.

Do *frigidarium* (área 31) seria possível aceder ao único *tepidarium* conservado nesta fase (área 32), através da passagem situada sobre o muro M40, construída na fase anterior e marcada por uma grande soleira, disposta à largura do muro (Est. VIII e Fig. 65).

A partir do *tepidarium* seria possível entrar

nos *caldaria* instalados nas áreas 34 e 35, o último dos quais possuía o ambiente mais quente das termas.

lhoramentos introduzidos nos edifícios, bem como a sua manutenção e funcionamento (Nielsen 1990).

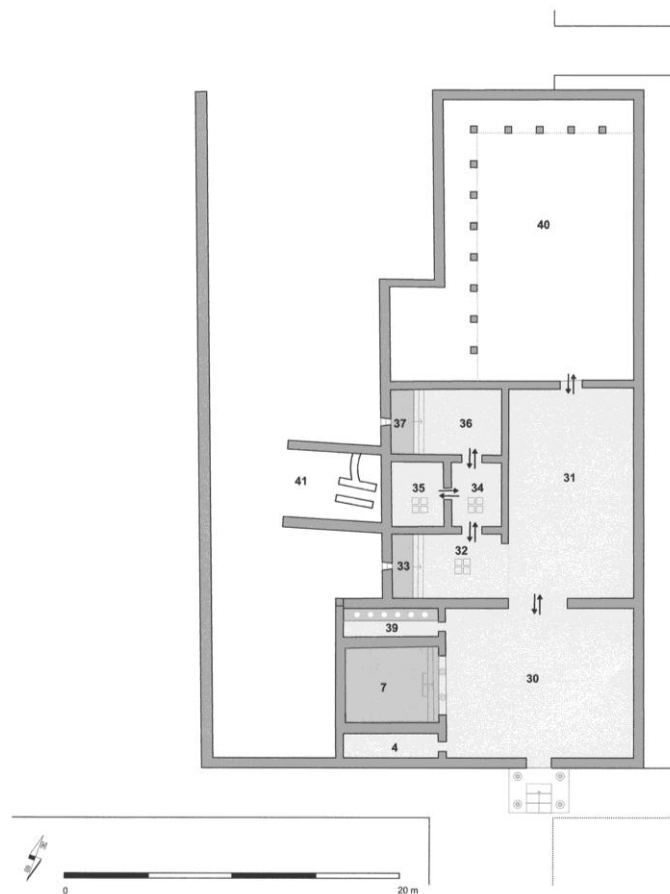


Fig. 65 - Proposta de circulação das termas na Fase IV

Saídos da área 34 seria possível aos banhistas aceder ao novo *frigidarium* instalado na área 36, ou retroceder para o *tepidarium* da área 32. Uma vez neste último espaço os banhistas podiam dirigir-se ao grande *frigidarium* (área 31), com acesso à nova *palaestra* (área 40), ou ao *apodyterium* (área 30), onde podiam beneficiar de um banho frio na única piscina ainda em funcionamento nesta fase (Fig. 65).

O circuito sugerido pela disposição dos novos espaços frios e quentes manteve-se, assim, basicamente semelhante ao da fase anterior, podendo ser classificado como angular e retrógrado.

## 5. Valorização do conjunto

### 5.1. Inserção urbana das termas

A construção de banhos públicos exigia um cuidado planeamento e um significativo empenhamento do governo das cidades e dos cidadãos, os quais financiavam a construção, os me-

De facto, o acto de construir edifícios públicos era um privilégio das elites económicas e políticas das cidades, actuando tanto individualmente como em colectividade. Neste sentido, a construção de equipamentos cívicos, entre os quais se incluem termas públicas, pode ser entendida como um acto político que reflecte, tanto as aspirações sociais e as percepções das elites urbanas, como as experiências e necessidades dos utentes dos referidos edifícios (Zajac 1999).

Por isso, a análise das plantas, dos sistemas de construção, dos programas decorativos, bem como do contexto urbano dos edifícios pode fornecer indicações relevantes sobre os responsáveis pela construção das termas e sobre os eventuais destinatários daqueles equipamentos que prestigiavam as cidades, mas, também, as suas elites (DeLaine 1999c, 160).

De facto, a escolha dos locais para erguer as termas não seria nunca um acto arbitrário, representando antes o resultado de uma actuação bem pensada, na qual jogavam factores de or-

dem urbanística, designadamente a disponibilidade e propriedade dos terrenos e critérios de ordem económica, pois eram edifícios caros e de manutenção dispendiosa.

A localização física das termas tinha, por isso, uma razão de ser, podendo constituir um precioso indicador, quer das razões que assistiram à sua construção, quer do público que as utilizaria (Wilkes 1999, 19).

Tendo em conta os pressupostos considerados, para além da tradicional valorização tipológica e arquitectónica dos edifícios termais, iniciada com os estudos de D. Krencker (1929) e refinada com os trabalhos de I. Nielsen (1985; 1990; 1993), defende-se hoje que a análise destes importantes equipamentos urbanos deve procurar igualmente equacionar e compreender a sua dimensão enquanto fenómeno urbano e social (DeLaine 1988; Mar 1990; 1994; Gros 1993).

zam-se na parte central da plataforma mais elevada da colina do mesmo nome, que corresponde, também, ao ponto mais alto da cidade de Braga.

A referida plataforma apresenta hoje uma configuração muito alterada pelas urbanizações envolventes, estando rasgada a nascente por uma rua que limita a área vedada e protegida do monumento, sendo certo que a mesma se prolongaria, em época romana, para nascente, espraiando-se num extenso tabuleiro onde sabemos que se localizava o *forum* administrativo da cidade.

A parte oeste da plataforma sustentada por muros de suporte conservados a sul e oeste, em cujo centro se situa o complexo termal em análise, configura-se hoje como um tabuleiro de forma aproximadamente rectangular, cuja cota mais elevada corresponde à curva de nível dos 200 m.

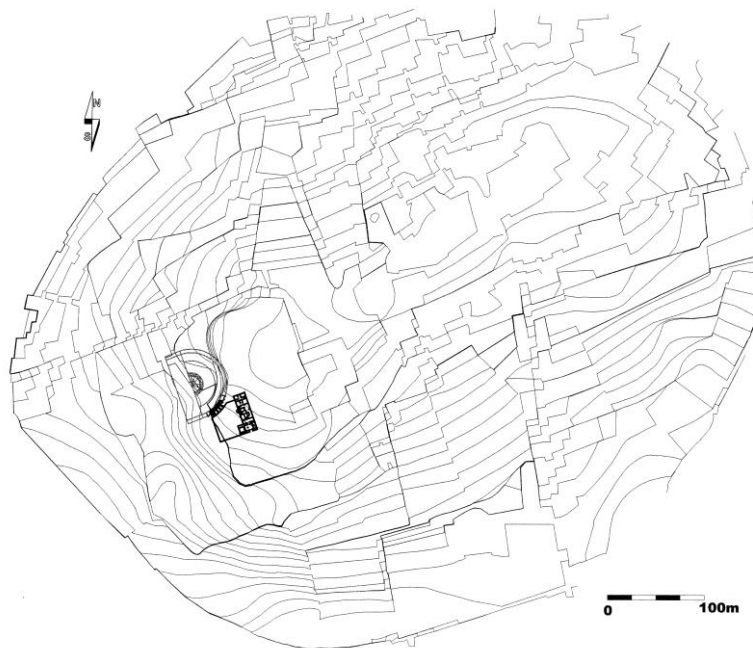


Fig. 66 - Localização das termas e do teatro na planta de Braga de 1883-84 tendo como limite a área fortificada de *Bracara Augusta*

A contextualização dos edifícios públicos de banhos constitui, assim, uma abordagem imprescindível para valorizar o seu papel no âmbito da actividade edilícia das cidades romanas.

Será nesta perspectiva que procuraremos equacionar a inserção urbana das termas estudadas, tendo em vista situá-las no tecido urbano de *Bracara Augusta*, mas também ensaiar uma aproximação ao seu valor enquanto espaço de ócio e sociabilidade.

As termas do Alto da Cividade locali-

A inserção do edifício das termas na malha urbana de *Bracara Augusta*, que tem vindo a ser recuperada com base nos alinhamentos de muros, arruamentos e cloacas, mostra que o edifício ocupou parte da área pertencente a duas *insulae* da cidade romana, área essa que já fora ocupada anteriormente, ao longo do século I, pelo conjunto edificado pré-termal. Por outro lado, as termas seguem a orientação global adquirida pelo edifício anterior, revelando-se globalmente alinhadas segundo os ei-

xos dominantes da cidade, que se encontram bem representados nas *insulae* a norte do *decumanus maximus* (Fig. 67).

O facto das termas não se enquadrarem dentro dos limites de uma *insula* convencional, mas ocuparem parte de dois quarteirões, poderá justificar-se por questões de ordem topográfica e urbanística, ainda não completamente esclarecidas, tendo por base os dados actualmente disponíveis.

No entanto, não cabe no âmbito deste trabalho uma discussão alargada sobre as alterações da malha urbana de *Bracara Augusta* que poderão ter ocorrido ao longo do século I, resultantes da adaptação dos edifícios às características do terreno, problemática que deverá ser discutida numa publicação com outras características.

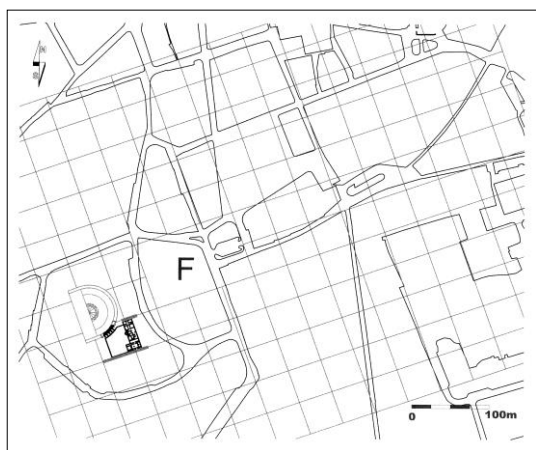


Fig. 67 - Localização das termas e do teatro na malha urbana teórica de *Bracara Augusta*

Por esse motivo permitimo-nos constatar aqui, tão só, algumas das evidências sugeridas pelas escavações realizadas na área das termas, as quais nos possibilitam afirmar que, quer o edifício pré-termal, quer as próprias termas, respeitando os alinhamentos dominantes da malha ortogonal da cidade, ultrapassam, todavia, os limites de um dos cardos. Por outro lado, não deixa de ser sugestivo verificar que a área ocupada pelos dois edifícios que se sucederam no mesmo espaço, corresponda, globalmente, àquela que caracterizava a generalidade dos quarteirões de *Bracara Augusta*, ou seja, a um quadrado com 150 pés de lado.

No entanto, permanecem por esclarecer as razões que justificam o desfasamento dos dois edifícios relativamente aos limites impostos pela estrutura dos cardos e decumanos.

De facto, se a implantação do edifício pré-termal, que quebrou a rigorosa malha dos quarteirões da cidade, pode ser explicada por

razões topográficas, sobretudo a poente, justificando-se pelo forte desnível existente entre a plataforma superior da colina e os terrenos que compõem a plataforma inferior, o que obrigaria a avançar o edifício sobre a *insula* situada a nascente, a verdade é que não deixa de ser problemática a ocupação aparentemente circunscrita daquela última *insula*.

Tal facto repete-se com a construção das termas e respectiva *palaestra*, que se sobrepõem quase integralmente às preexistências do edifício anterior. Com efeito, entre a fachada nascente das termas e o limite teórico da *insula* em que aquela se encontra implantada, fica disponível uma vasta área, à qual não podemos atribuir, para já, quaisquer construções (Fig. 67).

Se, por um lado, a actual ausência de evidências arqueológicas nos terrenos situados a nascente das termas pode ser explicada por destruições ocorridas na zona, resultantes de rebaixamentos operados aquando da urbanização da colina, não deixa, contudo, de ser possível admitir, também, que aqueles terrenos estivessem desocupados em época romana, atendendo à proximidade dos mesmos relativamente ao *forum*.

Pensamos ser igualmente possível aceitar que a fachada nascente do edifício termal possa ter sido delimitada por uma rua, cujos vestígios poderão ter desaparecido pelos rebaixamentos a que o terreno esteve sujeito antes do início das escavações.

Nesta circunstância, seria possível admitir que as *insulae* envolventes do *forum* tivessem acabado por assumir uma forma rectangular, quebrando-se, nesta área, a morfologia quadrada imposta pelo modelo urbano fundacional, que sobreviveu, contudo, em amplos sectores da cidade.

Relativamente ao lado poente cabe destacar que entre o muro M99, que definiria o limite da *palaestra*, e o limite teórico da *insula*, que estaria assinalado por um cardo (Fig. 67), existe igualmente um espaço livre, o qual poderia assegurar uma ligação à rua envolvente do teatro.

Neste sentido, parece admissível que as termas tivessem sido envolvidas por arruamentos apenas em três dos seus lados. No entanto, devemos destacar apenas a segura existência de uma rua que circundava o muro perimetral do teatro (M82), situada entre aquele edifício e o muro M81 que limitava a *palaestra* a noroeste. Esta rua subia da plataforma inferior, articulando-se com um outro

eixo viário, de orientação E/O, que correria paralelo ao muro M2, o qual definia o limite norte das termas. Este último eixo deveria articular as termas e o teatro com a área do *forum*, muito embora seja de todo impossível estimar a sua real extensão.

Da rua sul, que deveria correr ao longo do paredão que definia o limite da *palaestra* e a fachada sul das termas, não encontramos evidências claras, sendo, contudo, de assinalar a coincidência física entre aquela fachada e o traçado sugerido para a rua, tendo em conta uma rigorosa malha de 150 pés de lado (Fig. 67). Este facto permitiu-nos eliminar a hipótese da existência de um pórtico estruturado ao longo da fachada sul, tal como foi sugerido em trabalhos anteriores (Martins 2000; Silva 2000; 2003), os quais precederam uma análise topográfica mais rigorosa, quer dos limites dos edifícios, quer da implantação da malha ortogonal da cidade, de origem fundacional.

Se a relação do edifício das termas com a área do *forum* de *Bracara Augusta* se encontra hoje irremediavelmente perdida, devido às construções modernas que se erguem entre as duas zonas, também poucos dados possuímos, de momento, para caracterizar a utilização dos quarteirões que se desenvolviam a sul do edifício, uma vez que os terrenos não foram ainda escavados.

No que se refere ao sector situado a norte das termas, esperamos poder vir a valorizar proximamente a sua ocupação, uma vez que aí estão a decorrer trabalhos arqueológicos que se articulam com o estudo do teatro e áreas anexas.

Pese embora as lacunas de conhecimento que ainda persistem relativamente à envolvente das termas, julgamos que o conjunto dos dados disponíveis sobre o urbanismo da cidade romana e a ocupação dos seus quarteirões, nos permitem formalizar alguns comentários relativamente à localização deste edifício público.

É indiscutível a privilegiada inserção urbana das termas do Alto da Cividade, situadas nas imediações do *forum* administrativo da cidade, facto que responde a um dos requisitos fundamentais para a localização de termas de carácter público (Nielsen 1993, 308), sendo conhecidos numerosos exemplares deste tipo de edifícios erguidos perto do centro da vida política das cidades romanas em várias províncias do Império (DeLaine 1999b, 68).

No entanto, a localização das termas do Alto da Cividade levanta algumas questões inte-

ressantes, atendendo ao facto das mesmas possuírem uma cronologia avançada já dos inícios do século II. Com efeito, o edifício das termas ocupou boa parte de uma área anteriormente construída onde se ergueu um equipamento, cujas características sugerem corresponder a um espaço público. Por isso, é possível admitir que os terrenos onde se ergueram as termas pertencessem já ao domínio público, o que pode constituir um indicador de que a sua construção tenha constituído um acto de iniciativa municipal, sendo realizada a expensas da comunidade.

Existem, todavia, outros factores que acentuam uma vertente política e ideológica associada à construção das termas do Alto da Cividade.

Desde logo, cabe destacar o facto destas termas estarem associadas a um teatro, também ele construído nos inícios do século II.

Alguns trabalhos de escavação realizados posteriormente ao ano 2000, nos terrenos situados a norte das termas, onde era suposto poder encontrar-se o prolongamento do muro perimetral do teatro, permitiram definir melhor a curvatura do mesmo, o que possibilitou uma primeira estimativa do seu diâmetro e uma avaliação do seu estado de conservação.

Assim, apesar do poderoso desmonte do muro perimetral do teatro, observado nas áreas anexas às termas, consideramos, todavia, que alguns sectores do teatro poderão encontrar-se bem conservados. Pensamos ser esse o caso de parte da estrutura da *cavea*, a qual se encontra alicerçada na vertente da colina, característica que é aliás comum a numerosos teatros hispânicos, estando representada, designadamente em *Clunia* (Palol 1991), *Carthago Nova* e *Saguntum* (Ramallo e Pablos 1992).

No entanto e independentemente do estado de conservação do teatro de *Bracara Augusta*, a sua identificação não deixa de constituir uma contribuição de enorme alcance para o estudo do urbanismo da cidade, em particular, bem como dos demais centros urbanos do NO peninsular, em geral.

Na verdade, sendo relativamente abundantes na Tarraconense, os teatros são praticamente desconhecidos nos centros urbanos da área da Galécia. Este facto serviu mesmo para minimizar a importância assumida pela romanização na área do NO peninsular, considerando-se que as cidades não teriam sido dotadas deste tipo de equipamentos, pois eles pouco diriam a comunidades que revelariam uma integração incipiente no modo de vida romano.

Estamos em crer que a situação será bem diversa e que os teatros, tal como outros edifícios de espectáculos, estarão presentes, pelo menos, nas capitais conventuais, à semelhança do que ocorre em *Bracara Augusta* que, para além de um teatro, dispunha também de um anfiteatro (Martins 2005).

Por outro lado, é presumível a existência de outros teatros em cidades com diferentes estatutos. Esse parece ser o caso de Tongobriga, onde a fotografia aérea deixa perceber um edifício deste tipo (Dias 1997).

Todavia, o teatro de *Bracara Augusta* surge-nos como o primeiro exemplar arqueologicamente identificado deste tipo de edifícios de espectáculo numa cidade conventual do NO peninsular, sendo de destacar a sua cronologia avançada, dos inícios do século II, algo desfasada da cronologia dominante dos teatros conhecidos na Tarraconense, datados predominantemente na primeira metade do século I, com excepção do de *Tarraco*, com uma cronologia flaviana, mais concretamente da época de Domiciano.

Sendo dominante na Hispânia a implantação de teatros no interior das áreas urbanas, cabe destacar que estes edifícios possuíam um enorme impacto visual e social. De facto, para além de exprimirem uma importante mensagem cultural e ideológica relativa ao modo de vida romano, estes edifícios permitiam afirmar a unidade do Império e a adesão das comunidades provinciais à autocracia imperial. A sua inclusão no tecido urbano reflectia, por isso, a aceitação de tipos de diversão e de rituais colectivos muito estereotipados, que expressavam sempre um alto nível de integração da população (Gros 1996).

Mas a inserção deste tipo de edifícios na estrutura urbana de uma cidade implicava, quando não era planeada de raiz como aconteceu no caso do teatro de *Bracara Augusta* onde surgiu um século depois da sua fundação, um programa urbanístico pensado em função de uma planificação específica, que poderia contemplar a radical reorganização de espaços anteriores.

Sendo certo que o teatro de *Bracara Augusta* surgiu articulado com o edifício termal, parece indiscutível, dada a área que as duas construções ocuparam, que a edificação destes equipamentos se tenha inserido num programa edilício de valorização urbana, o qual, envolvendo um conjunto de obras públicas, teria contribuído para qualificar a área central da cidade situada nas imediações do *forum*.

Elemento arquitectónico privilegiado da paisagem urbana, as termas tornaram-se, com a sua ampla difusão, num importante veículo de imposição da sociedade e cultura romanas, dando satisfação às necessidades de higiene, mas também do *otium*, tornando-se cenários da vida social, tão ou mais importantes que o próprio *forum* (Mar 1990; 1994; Wilkes 1999; Zajac 1999).

No entanto, é um facto que a proliferação dos estabelecimentos termais nas cidades provinciais acompanhou, muitas vezes, a imposição de outras grandes manifestações da vida pública romana, como sejam os *ludi scaenici*, os *munera*, ou os *ludi circenses*, protagonizados em ambientes arquitectónicos específicos, designadamente em teatros, anfiteatros e circos. Por isso, se a proximidade das termas públicas em relação aos *fora* é frequente (Nielsen 1990; DeLaine 1999b, 68), também não é rara a proximidade de termas e teatros (Fuentes Dominguez 2000), oferecendo a Itália um número significativo de banhos públicos associados, tanto a teatros, como a anfiteatros (DeLaine 1999c, 161).

Neste sentido, a construção de um teatro e de umas termas públicas em *Bracara Augusta*, no reinado de Trajano, não pode deixar de ser vista como expressão de uma importante intervenção urbana, com manifesta carga ideológica. Na verdade, a referida intervenção pode constituir um sinal da munificência pública, tão característica do período alto-imperial, através da qual as elites urbanas se prestigiavam, manifestando, simultaneamente, a sua lealdade ao estado romano e ao imperador (Keay 1993).

Aparentemente, a construção das termas e do teatro estará relacionada com a reorganização e revalorização da área central da cidade, no âmbito de um programa de obras públicas, talvez iniciado ainda em época flávia e continuado no período de Trajano e Adriano (Martins e Silva 2000). Tal programa terá certamente tido em vista a requalificação e embelezamento dos espaços envolventes do *forum*, à semelhança do que aconteceu noutras cidades peninsulares no mesmo período (Alarcão 1990; 1993; Boneville *et alii* 1982).

Mas, quem seriam os utentes privilegiados das termas do Alto da Cividade?

Atendendo às suas reduzidas dimensões, mesmo depois de ampliadas nos finais do século II/inícios do III (Fase II), estas termas não ofereciam condições para serem utilizadas por um público muito numeroso. Em com-

pensação, aqueles que as frequentavam beneficiavam das indiscutíveis vantagens propiciadas por uma enorme *palaestra*/jardim, da qual se desfrutaria uma excelente panorâmica sobre a envolvente da cidade.

Esta particularidade das termas em análise parece, aliás, enquadrar-se na perspectiva que caracterizou a arquitectura romana do século I, no âmbito da qual se procurou desenvolver uma relação intrínseca entre os edifícios e a natureza.

De facto, a criação de cenografias associadas às termas está bem representada nos programas edilícios do Campo de Marte, em Roma, com a criação de áreas de jardins e parques públicos, que permitiam o usufruto do *otium*, num espaço urbanizado, onde a natureza, recriada pelos arquitectos, surgia controlada no interior da própria cidade (Mar 2000, 18).

No caso das termas do Alto da Cividade parece-nos evidente a preocupação em articular o edifício com a envolvente, através de uma extensa área de recreio, representada pela *palaestra*, que se prolongava em termos visuais na paisagem que rodeava a cidade.

Assim, é possível que estejamos perante um balneário público que serviria uma população restrita, mas de requintado gosto, certamente influenciada pelos altos padrões de qualidade de vida que se desenvolviam na capital do Império, os quais eram apenas apanágio das elites.

A cronologia avançada das termas da Cividade sugere que *Bracara Augusta* deve ter possuído um estabelecimento termal público mais antigo, uma vez que é legítimo pensar nas exigências de uma elite de cidadãos romanos que sabemos instalados na cidade, já em época de Cláudio, tendo por base a epigrafia.

Por outro lado, as exíguas dimensões das termas da Cividade exigiam outro balneário público que satisfizesse um maior número de utentes, o que poderia ser igualmente conseguido com a proliferação de *balnea* que permitisse a prática alargada dos banhos (Nielsen 1990; DeLaine 1999a).

Sabemos hoje que as termas do Alto da Cividade não representam o único equipamento de banhos públicos de *Bracara Augusta*, uma vez que foram identificados vestígios de um outro conjunto balnear, que supomos de carácter público, atendendo às suas dimensões. De facto, muito embora não tenha sido possível escavar a totalidade do edifício, parte do qual se deve conservar ainda sob o solo de casas e quintais,

tendo eventualmente sido destruída a sua fachada nascente, o balneário em causa, oferece características que apontam para a eventualidade de constituir um segundo equipamento público. Estas segundas termas, também elas situadas não muito longe do *forum*, localizavam-se a nordeste do mesmo, estando identificadas como termas da R. Afonso Henriques (Fig. 68-T2).

Os vestígios escavados deste segundo balneário situam-se no interior de um quarteirão da cidade moderna, definido a norte pela Rua Afonso Henriques, a oeste pela Rua de Santo António das Travessas, a sul pela Rua de S. Paulo e a este pela Rua de Santiago. O referido quarteirão moderno, que conserva os alinhamentos da cidade romana, parece ter resultado da junção de duas *insulae* romanas, dispostas no sentido N/S, sendo provável que o balneário ocupasse apenas a *insula* situada a norte. No estado actual dos conhecimentos não é possível avaliar as reais dimensões destas termas, das quais se conhecem parte das substrações correspondentes aos hipocaustos de duas grandes salas, um *prae-furnium* e uma grande piscina de água fria, situada a nascente da área aquecida que foi escavada<sup>3</sup>.

Não sabemos ainda se as termas da Rua Afonso Henriques correspondiam a um grande edifício de banhos, nem tão pouco se este será o mais antigo balneário construído em *Bracara Augusta*, pois, para isso, é necessário realizar o estudo detalhado dos vestígios descobertos. No entanto, estamos certos que o futuro das escavações urbanas e a identificação de mais equipamentos balneares constituem factores fundamentais para compreendermos o peso que os banhos públicos, enquanto fenómeno urbano e social, possuíram na cidade.

De facto, permitimo-nos destacar que, para além das termas do Alto da Cividade e do balneário público da Rua Afonso Henriques, são conhecidos em Braga numerosos vestígios de outros balneários associados a habitações, facto que demonstra a importância que este tipo de equipamento adquiriu em *Bracara Augusta* (Fig. 69).

Entre eles merece natural destaque aquele que foi escavado na *insula* das Carvalheiras, si-

<sup>3</sup> A parte identificada deste edifício foi escavada em duas intervenções realizadas pelo Gabinete de Arqueologia da Câmara de Braga, no âmbito do reconhecimento da potencialidade arqueológica do subsolo da área do Centro Histórico. Os resultados das escavações permanecem ainda inéditos, pelo que agradecemos ao Dr. Armandino Cunha as informações fornecidas.



tuada no quadrante noroeste da cidade romana (Fig. 68-B1). Trata-se de um *balneum* inserido na estrutura de uma *domus*, construída em época flávia. O balneário, datado nos inícios do século II, foi construído no âmbito de uma primeira reforma da habitação que sacrificou o quadrante noroeste da mesma, oferecendo-se como um bloco compacto de quatro salas que permitiam cumprir o circuito de banhos, sendo servido por duas pequenas áreas de serviço, localizadas a norte (Martins 1997/98, 32-34).

O *frigidarium* rectangular, com um solo de *opus signinum*, possuía uma área útil de 78 m<sup>2</sup> e duas piscinas.

Os espaços aquecidos dispõem-se a poente do *frigidarium*, possuindo o *tepidarium* 19,50 m<sup>2</sup> e o *caldarium* cerca de 23,40 m<sup>2</sup>, com um *alveus*, do qual se conservou o solo, ligeiramente elevado em relação à *area* do hipocausto. Um espaço frio, disposto no sentido E/O, com um pavimento de *opus signinum* e uma área útil de 33,90 m<sup>2</sup>, formaliza o que julgamos ser um *apodyterium* que daria acesso ao *frigidarium*.

A originalidade deste *balneum* reside no facto do *apodyterium* permitir uma entrada a partir da rua oeste, através de um pequeno pórtico, recortado na fachada, o que sugere a sua utilização pública, para além de poder ser igualmente usufruído pelos donos da casa. Estes podiam aceder directamente ao *frigidarium*, a partir do pórtico sul do peristilo, entrando num cubículo que poderia servir de vestiário.

O carácter semi-público deste balneário, bem como a sua cronologia antonina, levanta uma interessante questão relativa à difusão dos edifícios de banhos em *Bracara Augusta*. Com efeito, para além da construção de termas de carácter público é possível que, à semelhança do que parece ocorrer no caso identificado nas Carvalheiras, existissem, dispersos pela cidade, pequenos *balnea* incorporados em áreas habitacionais, os quais poderiam ter serventia pública, satisfazendo os locatários de áreas restritas, ou elementos de agremiações, tal como ocorreu em Óstia (Mar 1990).

Por outro lado, a cronologia antonina dos referidos banhos sugere que a inclusão deste tipo de equipamentos em habitações não pode continuar a ser vista, apenas, como um fenómeno tardio, ou como resposta à retracção dos balneários públicos urbanos que representa um fenómeno característico do Baixo-Império.

De facto, a construção de *balnea* privados pode constituir um significativo indicador da assimilação generalizada da prática cultural e social dos banhos, a qual nos surge bem de-

monstrada em *Bracara Augusta*, tendo em conta o elevado número de casas com equipamentos de banho, identificado nas intervenções arqueológicas realizadas em vários locais da cidade.

Como exemplos podemos referir o caso da habitação detectada nas escavações da antiga escola da Sé, área que corresponde a parte de uma *insula* romana, cujo limite nascente foi detectado nos trabalhos arqueológicos (Fig. 68-B2). Os restos exumados de hipocaustos, integrados no interior da habitação, não permitem definir com rigor as dimensões do balneário da casa, mas parecem reportar-se a uma reforma da mesma, para a qual é sugerida uma cronologia baixo-imperial<sup>4</sup>.

Também em recentes trabalhos realizados a nordeste do bloco de exposições do edifício do Museu D. Diogo de Sousa, para tratamento da envolvente, foram detectados vestígios de dois compartimentos com hipocaustos, pertencentes a um *balneum* de uma habitação, inserida numa *insula* da parte sul da cidade<sup>5</sup> (Fig. 68-B3).

Outra habitação que possuía um balneário foi identificada numa intervenção arqueológica realizada no interior de um logradouro de uma casa da Rua Gualdim Pais, a qual ocuparia uma *insula* (Fig. 68-B4), de cujos limites, em época romana, se conserva apenas aquele que é definido pelo eixo da rua referida<sup>6</sup>.

A escavação de uma área circunscrita, situada no quadrante sudoeste da *insula*, permitiu identificar um compartimento aquecido por sistema de hipocausto com *pilae*, anexo a uma sala fria, situada a sul do mesmo, que conservava um solo de argila com rebordo de tesselas feitas de tijolo. Muito embora tenha sido atribuída uma cronologia tardia a este hipocausto, em torno do século IV (Delgado 1987, 190), é provável que ele seja mais antigo, considerando que a datação sugerida se baseou em materiais de um estrato que corresponde ao entulhamento do mesmo, esse sim datado do século IV.

Outro *balneum* identificado e integrado numa *domus* situa-se no limite nordeste da área escavada do actual claustro do Seminário de Santiago (Fig. 68-B5). A sua identificação resultou da limpeza e escavação pontual da área descoberta do peristilo da habitação que se encontra sob o edifício do Seminário, escavado nos anos

<sup>4</sup> Intervenção arqueológica inédita, da responsabilidade do GACMB. Agradecemos ao Dr. Armandino Cunha as informações disponibilizadas.

<sup>5</sup> Os referidos trabalhos foram realizados pela Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho em 2002.

<sup>6</sup> Esta intervenção foi realizada pela Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho em 1986, tendo sido noticiada por Manuela Delgado (1987).

60 pelo Cónego Luciano dos Santos<sup>7</sup>. Os vestígios do hipocausto estão circunscritos a um conjunto reduzido de *pilae* que permitem situar a área de banhos a nordeste do peristilo (Martins 2000, 68).

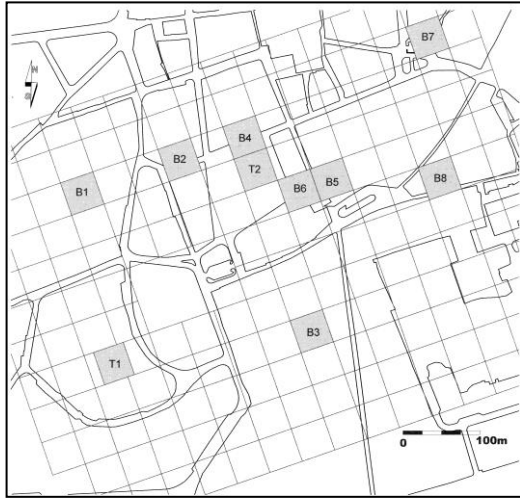


Fig. 68 - Localização dos balneários públicos e privados: T - *thermae* ; B - *balnea*

Na *insula* a oeste daquela onde se situava a *domus* de Santiago foi identificado, em finais dos anos 60 (Sousa e Ponte 1970), um tanque revestido de mosaicos, eventualmente pertencente a um outro balneário privado, certamente integrado na estrutura de uma outra *domus* (Fig. 68-B6). Aquando da repavimentação empreendida no Largo de S. Paulo foram identificados vários muros pertencentes à casa na qual se integraria o balneário referido.

Nas escavações realizadas no subsolo do Café-Snack Bar das Frigideiras do Cantinho, no lado norte do Largo S. João do Souto foram identificados vestígios correspondentes ao pórtico oeste de um peristilo de uma *domus*, recoberta pelos edifícios anexos (Fig. 68-B7).

Na parte norte do pórtico detectou-se um compartimento aquecido com hipocausto, do qual se conservam algumas *pilae*, assentes num solo de *opus signinum* (Martins 2000). A cronologia atribuída a este hipocausto é tardia, podendo ser datado do século IV<sup>8</sup>.

<sup>7</sup> Estas escavações nunca foram publicadas. No entanto, a importância das ruínas identificadas da parte central do peristilo, onde existia uma piscina revestida de mosaicos, datados dos séculos III/IV, justificou uma pequena intervenção da Unidade de Arqueologia, em 1986, a qual permitiu a identificação de restos de um hipocausto, correspondente a uma área de banhos da habitação (Martins 2000).

<sup>8</sup> Esta escavação foi realizada pelo GACMB encontrando-se ainda inédita. Dela foi publicada apenas uma planta (Martins 2000, 69).

Numa intervenção realizada nos terrenos situados entre os prédios 57-65 da Rua do Anjo (Fig. 68-B8), foram encontrados vestígios de um hipocausto de um outro *balneum*<sup>9</sup>.

A quantidade de habitações com balneários detectada até ao momento em *Bracara Augusta* é bastante significativa, quando comparada com aquela que caracteriza outras cidades romanas, designadamente da província da Tarraconense, ou mesmo da Galécia.

Se a proliferação destes equipamentos nas habitações privadas pode ser entendida como uma consequência do clima rigoroso da região, pois os mesmos serviriam de sistema de aquecimento das casas, não deixa de ser questionável que esse tenha sido o motivo principal para a construção de tantos banhos privados, pois cidades romanas existem, bem mais frias, onde os mesmos são desconhecidos ou escassos, como acontece com Clunia, com clima bem mais rigoroso, ou mesmo em Lugo (Carreño 1992).

Por outro lado, parece descabido considerar que o processo de multiplicação de *balnea* nas habitações esteja intimamente associado à retracção das termas públicas, fenómeno característico do Baixo Império, decorrente, quer da mudança de hábitos, por influência do Cristianismo (Fuentes Dominguez 2000), quer das crescentes dificuldades em custear o funcionamento destes dispendiosos equipamentos urbanos (Nielsen, 1990).

Com efeito, parece mais aceitável admitir que a construção de balneários privados constitua um fenómeno tendencial que se iniciou no Alto Império, prosseguindo em épocas mais tardias, a par da construção e utilização das termas públicas.

Neste sentido, os banhos públicos e privados podem ser percepcionados como duas faces de um mesmo processo de difusão e assimilação de uma prática de higiene e de cultura, que se materializou na construção de equipamentos específicos de origem mediterrânica, processo esse que poderá ter-se desenvolvido a diferentes ritmos consoante as regiões.

De facto, no caso de *Bracara Augusta* parece verificar-se uma fácil assimilação dessa prática, que possuía, no caso dos banhos públicos, uma importante componente social e ideológica. Não parece, por isso, descabido admitir que a assimilação dos banhos romanos no território de Braga possa ter sido facilitada pelo facto das comunidades indígenas desta região possuírem já uma tradição de banhos, de carácter público e

<sup>9</sup> Intervenção realizada pelo GACMB, ainda inédita.

ritual, que tinham lugar nos chamados “monumentos com forno”, bem representados na área meridional e ocidental da Galécia.

Um desses monumentos foi recentemente encontrado em Braga, numa área periférica daquela que foi ocupada pela cidade romana, sendo de destacar, igualmente, a existência de um equipamento com a mesma funcionalidade em Tongobriga, datado da transição da era, que tem a particularidade de se situar nas imediações de umas termas romanas, aí edificadas na época flávia (Dias 1997).

## 5.2. As termas do Alto da Cidade no contexto da arquitectura termal romana do Ocidente do Império

### 5.2.1. O estado das investigações

As termas constituem os edifícios mais emblemáticos das cidades romanas, reflexo inequívoco da adopção generalizada do hábito cultural e social dos banhos, cuja aceitação nas diferentes províncias constitui um importante indicador do processo de romanização (Nielsen 1990). Nenhuma cidade as dispensava, pelo que as termas representam o exemplar mais democrático da arquitectura funcional romana, tornando-se uma verdadeira expressão da *urbanitas* e da *romanitas* (Nielsen 1993).

Edifícios dispendiosos, quer na construção, quer na manutenção (DeLaine 1999a; Blyth 1999), eram também difíceis de construir, pois tinham que satisfazer requisitos técnicos estereotipados, exigindo conhecimentos de engenharia hidráulica, articulados, quer com o sistema de abastecimento de água, quer com o sistema de drenagem da mesma (Malissard 1994).

Neste sentido, as termas eram equipamentos intrinsecamente ligados ao sistema urbanístico das cidades, pois dependiam do fornecimento de água assegurado por aquedutos e cisternas, que garantiam o funcionamento dos banhos, articulando-se, por outro lado, com a rede geral de saneamento da cidade, para onde eram canalizadas as águas oriundas dos edifícios.

Por isso, a construção das termas públicas representa, sempre, uma resposta a uma série de requisitos de ordem ideológica, económica, estética e funcional, que combinava expectativas da comunidade, disponibilidades económicas e um vasto conjunto de saberes técnicos (DeLaine 1999c, 160).

Os edifícios públicos de banhos, *thermae* e *balnea*, que se difundem pelas cidades do Império a partir da 1ª metade do século I, perfilam a

adopção de um sistema canónico de construção deste tipo de equipamentos, o qual constitui o resultado de uma evolução que se operou na Campânia (Nielsen 1985; 1990; Gros 1996).

O modelo de termas que resultou do desenvolvimento de tecnologias de aquecimento e de engenharia hidráulica específicas surgiu pela primeira vez representado nas termas estabianas de Pompeia, na remodelação de 90/80 a.C. (Eschebach 1979), impondo-se rapidamente em Roma, durante o século I a.C., difundindo-se, a partir de Augusto, pelas cidades da Itália e das províncias ocidentais recém conquistadas, designadamente da *Gallia* Narbonense, da Tarracoenense e da Mauritânia Tingitana (Nielsen 1999).

Tal modelo incluía um esquema arquitectónico de organização interior do espaço, que permitia satisfazer funcionalmente a sucessão de banhos quentes e frios, uma forma de aquecimento das salas, assegurado com o sistema de *balnea pensilia*, com *hipocaustum* e *suspensura* e, ainda, esquemas de engenharia de abastecimento e saneamento de águas, que permitiam o funcionamento global dos edifícios.

De facto, todos os elementos característicos dos banhos romanos estavam adquiridos na mudança da era, correspondendo a uma evolução do *gymnasium* e da *palaestra* gregas (Nielsen 1999, 35).

A partir de Augusto os equipamentos de banhos tornam-se uniformes em termos da tecnologia de construção utilizada e do modo de organizar a sequência das salas, ainda que alguma imaginação tenha sido deixada aos arquitectos, razão porque não existem rigorosamente dois edifícios termais iguais.

Por outro lado, os agentes de difusão destes estabelecimentos, o clima das diferentes regiões, as matérias-primas disponíveis, a riqueza das cidades e o próprio desenvolvimento da arquitectura termal, constituem, no seu conjunto, importantes factores que determinaram as particularidades das termas em termos provinciais e regionais (Nielsen 1999; Wilkes 1999).

Nas províncias ocidentais, particularmente na Gália do sul, na Península Ibérica e na Mauritânia Tingitana, os banhos assemelham-se aos protótipos italianos, pois os agentes difusores foram sobretudo civis, imigrantes ou negociantes. Nas províncias do Norte da Europa foram sobretudo os militares que difundiram os estabelecimentos termais, presentes nos acampamentos, mas, também, nos *vici* que se desenvolveram nas suas imediações. As condicionantes climáticas daquelas áreas e a natureza dos utensílios dos balneários influenciaram a sua arquitect-

tura, estando aí ausente a *palaestra*, que constituía, na área mediterrânica e ocidental do Império, um espaço social de grande importância na composição e ordenação dos edifícios (Nielsen 1990).

De facto, a *palaestra*, ao contrário do *gymnasion* grego, não representava um espaço especificamente desportivo. Ela perfilava-se antes como um ambiente cívico, cujas funções se associavam ao papel social do jardim urbano, uma vez que a natureza controlada e humanizada no contexto urbano (*rus in urbs*) constituía, em última instância, uma das máximas expressões de luxo (*luxuria privata*) das elites aristocráticas tar-do-republicanas (Grimal, 1984).

A cronologia de construção dos balneários representa igualmente um factor relevante, pois estes edifícios utilitários sofreram uma evolução arquitectónica significativa, consolidada em Roma com o aparecimento das termas imperiais (DeLaine 1999b; Mar 2000).

O aumento da funcionalidade dos edifícios e um novo sentido de organização dos espaços, em que a simetria ocupava um lugar de destaque, a generalizada utilização de abóbadas (Gros 1978; Torelli 1980), de nichos e de janelas envidraçadas que se abriam para o exterior, articulando as termas com a envolvente (Broise 1991), são algumas das importantes inovações operadas nas termas no período entre Nero e os Flávios, estando bem representadas nas termas de Nero, Tito e Trajano, bem como na *Domus Aurea* e nos palácios do Palatino (Mar 1994b; 2000).

Os conceitos arquitectónicos inovadores que se desenvolveram na 2ª metade do século I acabaram por criar as bases para os novos modelos de edifícios termais que foram edificados nos séculos II e III. Estes serão igualmente enriquecidos, em época adriânica, com a instalação de salas com formas diferenciadas, que enriqueceram e embelezaram os espaços, fazendo o luxo sobrepor-se à *utilitas* (Mar 2000).

A arquitectura dos edifícios termais presentes nas províncias constitui, assim, um reflexo da evolução da arquitectura utilitária romana durante o Alto Império, a qual fixou, primeiro, a matriz canónica de funcionamento dos balneários e, depois, a sua transformação em verdadeiros espaços de representação, com a consequente monumentalização e embelezamento dos edifícios e a sua articulação com a envolvente (Torelli 1980; Nielsen 1999).

Mau grado a importância hoje reconhecida às termas enquanto indicadores de urbanização e romanização das províncias, elas estão

longe de representar os edifícios romanos mais estudados ou melhor conhecidos, como demonstra a historiografia (Gros 1996; Fernández Ochoa *et alii* 1997).

Podemos mesmo considerar que, até aos anos 80 do século XX, as termas constituíram uma expressão da arquitectura romana quase negligenciada, pois só muito recentemente começaram a ser consideradas na literatura como um indicador de romanização (DeLaine 1988; 1999a, 7).

De facto, depois do trabalho pioneiro de D. Krencker que, a propósito das termas imperiais de Trêves, elaborou um valioso catálogo dos planos dos edifícios conhecidos e uma não menos importante proposta tipológica para os mesmos, cuja validade se manteve até hoje (Krencker *et alii* 1929), sucederam-se décadas de acumulação de evidências em todas as províncias romanas, sem que as mesmas merecessem qualquer valorização comparativa.

Sem dúvida que uma explicação para o facto residirá na circunstância dos balneários constituírem edifícios que, tendo sido submetidos a frequentes remodelações, são sempre difíceis de estudar, pois exigem escavações bem documentadas e estratigrafias conservadas que permitam analisar a evolução dos espaços e os diferentes esquemas de circulação que se foram sucedendo no tempo.

Por outro lado, não deixa de ser um facto que as grandes dimensões da maioria destes edifícios dificulta sobremaneira a sua escavação integral, sendo muitos deles apenas parcialmente conhecidos.

Por isso, são escassas as monografias publicadas que ilustram as características da arquitectura termal. Mais escassos ainda são os estudos que documentam as transformações destes edifícios ao longo do seu tempo de utilização.

Neste sentido, a tradicional valorização tipológica dos estabelecimentos termais entra necessariamente em contradição com as evidências disponíveis, que raramente representam a totalidade dos edifícios e ainda menos a sua evolução arquitectónica.

Após a publicação do valioso catálogo elaborado por A. Grenier (1960) para a Gália, mais de duas décadas se escoaram antes do aparecimento dos trabalhos de Manderscheid (1988a; 1988b), que antecederam as importantes obras de síntese devidas a I. Nielsen (1990) e F. Yegül (1992), as quais reflectem um importante renascimento dos estudos dedicados às termas, bem como uma necessária tentativa de síntese.

O interesse pela investigação dos balneá-

rios romanos, sobretudo no que concerne às províncias ocidentais, é, também, um fenómeno relativamente recente, tendo-se assistido na década de 90 do século XX a uma verdadeira explosão de bibliografia sobre o tema, em parte decorrente da identificação de numerosos edifícios termais descobertos pela Arqueologia Urbana, em parte motivada pela proliferação de estudos que valorizaram os esquemas de funcionamento destes equipamentos, as suas tipologias, os materiais construtivos utilizados ou, ainda, os programas ornamentais.

O interesse crescente pela investigação das termas romanas nos anos 80 e 90 do século passado encontra-se bem expresso na realização de reuniões científicas periódicas, das quais merecem natural destaque a Mesa Redonda de Roma, realizada em 1988 sob os auspícios da *École Française de Rome*, cujas Actas foram editadas em 1991 e as reuniões sobre o Termalismo Antigo, dedicadas à problemática das termas medicinais. Igualmente sugestivos da importância consignada ao estudo dos balneários romanos são os trabalhos que valorizam os elementos construtivos do sistema de aquecimento das termas, iniciados por J. M. Degbomont (1984), temática que viria a tornar-se recorrente na bibliografia da especialidade.

No entanto, a grande maioria dos trabalhos publicados nas duas últimas décadas centra-se ainda basicamente nas manifestações físicas e arquitectónicas dos edifícios, no seu modo de funcionamento e nas questões relacionadas com a tecnologia construtiva dos sistemas de aquecimento.

Tendo por base as plantas dos edifícios salientaram-se uniformidades e diversidades, quer cronológicas, quer espaciais, no âmbito das diferentes províncias, criaram-se tipologias de formas e funcionamento dos banhos (Nielsen, 1990; Yegül, 1992), descurando-se, todavia, outros aspectos, não menos importantes, relacionados com a construção e com o uso dos próprios balneários (Wilkes, 1999).

Neste sentido, as Actas da Conferência Internacional dedicada às termas romanas, realizada em Bath, no Reino Unido, em 1992 (DeLaine e Johnston, eds., 1999), abriram um novo dossier de problemáticas relativas ao estudo das termas romanas em termos sociológicos, as quais se configuram bastante inspiradoras.

Centrando-nos na Península Ibérica parece ser indiscutível a valorização da arquitectura termal, a partir dos anos 90 do século XX, a qual viria a superar a falta de visão de conjunto dos balneários conhecidos (Fernández Ochoa *et*

*alii* 1997).

Após o estudo de síntese de G. Mora (1981) relativo às termas hispano-romanas, as duas últimas décadas viriam a demonstrar um novo impulso no estudo destes edifícios no âmbito peninsular. Este impulso parece altamente devedor, quer da publicação de boa parte das termas da Catalunha, coordenada por Ricardo Mar, J. López e L. Piñol (1993), quer do lançamento, em 1993, do Projecto DGICyT, coordenado por Carmen Fernández Ochoa, sobre as termas públicas e os banhos privados da Hispânia romana<sup>10</sup>.

O projecto referido viria a traduzir-se em várias publicações de indiscutível qualidade e interesse (Fernández Ochoa e Zarzalejos Prieto 1996; Fernández Ochoa *et alii* 1997; Fernández Ochoa e García Entero 1999; Fernández Ochoa *et alii* 2000; García Entero 2001) e na organização de um Colóquio, em Gijón, em 2000, intitulado “Termas romanas no Ocidente del Império” (Fernández Ochoa e García Entero, eds., 2000), o qual reflecte, pelo conjunto das contribuições prestadas, um significativo impulso no estudo dos equipamentos termais.

Mau grado este recente interesse acrescido pela temática das termas romanas na Península Ibérica, expresso, também, em estudos de âmbito provincial, como aconteceu com a Lusitânia (Pilar Reis 2004), continuam, contudo, a escassear os estudos monográficos, sobretudo relativos aos complexos termais urbanos, facto que torna difícil a valorização comparativa das informações (Fernández Ochoa *et alii* 2000).

Mantendo-se ainda por publicar e valorizar os grandes conjuntos termais de importantes cidades hispânicas, merece referência, neste contexto, o estudo pioneiro das termas de Conimbriga (Alarcão e Étienne 1977), a publicação das termas de Miróbriga (Biers, 1988), das de Clunia (Palol 1991), a revalorização interpretativa dos conjuntos balneares de *Italica*, *Carteia* e *Baelo* (Roldán 1996) e a publicação das termas de Tongobriga (Dias 1997).

Entre as novas termas descobertas em escavações urbanas, que ampliaram significativamente o nosso conhecimento sobre este tipo de equipamentos, contam-se as de Gijón (Fernández Ochoa 1997), de *Asturica Augusta* (García Marcos 1994; García Marcos e Vidal Encinas

<sup>10</sup> Este Projecto intitulado “*Termas publicas e baños privados de Hispânia*” teve continuidade num outro designado “*Termas romanas de Hispânia: arquitectura y analisis funcional*”, ao qual se sucedeu um outro com o título “*La imagen de las termas romanas en Hispânia: programas decorativos y ambiente interior*”.

1995; García Marcos e Burón Álvarez 2000), de *Barvino* (Granados 1992; Miro i Alaix e Puig i Verdaguer 2000), de *Complutum* (Rascón Marqués 1994; Rascón Marqués 2000), de *Tarraco* (Díaz García *et alii* 2000) e de Lérída (Payà i Mercè 2000).

Sem dúvida que os novos dados propiciados por estes trabalhos recentes não deixarão de constituir um poderoso estímulo ao estudo de conjuntos termais ainda por publicar, sendo certo que eles representam, desde já, um importante acervo de dados que poderão ser valorizados muito para além de critérios tipológicos e tecnológicos.

### 5.2.2. Analogias e especificidades das termas do Alto da Cividade

#### Fase I

As termas do Alto da Cividade edificadas nos inícios do século II (Fase I) correspondem ao modelo de estabelecimentos de banho difundido nas províncias ocidentais e setentrionais, a partir de Itália, que oferece uma disposição axial e alinhada das salas, característica dos estabelecimentos mais antigos e também mais pequenos (Krencker *et alii* 1929; Nielsen 1990).

De um ponto de vista construtivo e funcional este balneário público de *Bracara Augusta* respeita os requisitos canónicos relativos aos dispositivos de aquecimento e drenagem de águas consolidados nas termas estabianas de Pompeia e difundidos a partir da 2ª metade do século I a.C.. Já a utilização de *tubuli latericii*, observada no *caldarium*, representa uma importante inovação da tecnologia de aquecimento das salas, com expressão mais tardia, estando apenas presente nas termas da Hispânia a partir dos finais do século I (Nielsen 1990, 14-15).

A orientação do edifício segue ainda as prescrições vitruvianas (De Arch. V, 10), que recomendavam que os balneários recebessem a máxima insolação ao longo do dia, o que permitia concentrar o calor. Esta recomendação era ainda garantida com a instalação de janelas envidraçadas nas salas viradas a poente, o que se verificou no caso das termas da Cividade.

Estamos, contudo, perante um pequeno balneário público, cuja área de banhos não ultrapassava os 172 m<sup>2</sup>, a que acresce uma área de serviços com cerca de 219 m<sup>2</sup>.

As modestas dimensões do edifício justificariam a sua classificação como *balnea*, não fosse o facto deste possuir uma enorme *palaestra*, com 786 m<sup>2</sup>, que dotou o edifício de uma mais-valia social importante, facultando actividades asso-

ciadas a este tipo de equipamentos, designadamente práticas sociais que ultrapassam as limitadas origens desportivas deste tipo de edifícios (Nielsen 1990). Tratando-se de uma *palaestra* panorâmica, parece-nos indiscutível ver na mesma um reflexo das inovações introduzidas nas termas durante o século I (DeLaine 1999b; Mar 2000), as quais, não tendo tido, aparentemente, qualquer impacto na arquitectura das salas, aparecem, contudo, perfiladas na interacção do edifício com o exterior. Esta relação poderia mesmo ser reforçada pelas características de jardim que a própria *palaestra* deve ter assumido, facultando aos utentes das termas um ambiente natural controlado.

Por outro lado, não é possível ignorar a relação deste edifício termal com a construção de um teatro. Com efeito, a *palaestra*/jardim, com o edifício termal anexo, configuraria a imagem de um *locus amoenissimus* que complementava as funções sociais do teatro. Basta para tanto recordar o complexo sistema de jardins que se desenvolveram nas traseiras do teatro de Bulla Regia, ou mesmo o peristilo ajardinado que se estendia por detrás da *scaenae frons* dos teatros de Mérida, Pompeia, ou Leptis Magna. Estes constituem apenas alguns exemplos provinciais, entre muitos outros conhecidos, que nos lembram os modelos originais que se encontrariam na própria cidade de Roma. Lembremos, a este propósito, a construção do teatro de Pompeu, erguido nos jardins da sua própria *villa*, no Campo de Marte ou a posterior construção dos primeiros banhos públicos de Roma, feita por Agripa, por ocasião da sua edilidade.

Assim, as termas do Alto da Cividade inserem-se dentro dos parâmetros conceptuais que compaginam o desenvolvimento da arquitectura romana no século I, reflectindo, igualmente, os padrões característicos das termas itálicas, bem representados nas províncias do ocidente do Império, mas, também, nas províncias setentrionais.

Os aspectos que mais aproximam o exemplar em estudo dos protótipos itálicos e dos primeiros balneários urbanos da parte ocidental do Império relacionam-se com a organização compacta e alinhada das salas, com a circulação axial, reflexo do modelo campaniano, com a existência de uma *palaestra*/jardim e com a sua localização privilegiada numa área nobre da cidade. A cobertura das salas quentes com abóbadas (*concomerata sudatio*) e a presença de uma exedra a rematar o *caldarium*, na qual se inscrevia um *alveus*, são igualmente características do modelo das termas estabianas de Pompeia, com

larga difusão nas províncias romanas (Nielsen 1990; Gros 1996).

Mas, apesar das analogias das termas de *Bracara Augusta* com os protótipos itálicos e com os balneários públicos das províncias ocidentais, podemos identificar algumas especificidades deste estabelecimento de banhos.

Assim, a localização de uma piscina no *apodyterium* não parece representar uma característica frequente deste tipo de espaços, sendo mais comum a sua associação aos *frigidaria* (Nielsen 1990). As termas de *Leptis Magna* (Nielsen 1990, fig. 182) constituem, a este propósito, uma excepção à regra. Destaque-se, todavia, que a presença de piscinas nos *apodyteria* é relativamente comum nos balneários privados das *villae* (Entero García 2001), talvez porque aqueles espaços desempenhavam também funções de *frigidaria*.

Por sua vez, a existência de *apodyteria* aquecidos, tal como ocorre no primeiro projecto das termas do Alto da Cividade, não constitui, igualmente, uma característica das termas das áreas meridionais, com excepção das termas imperiais (Nielsen 1990). No entanto, esta característica está presente nas termas das áreas setentrionais e tem vindo a ser referenciada nalgumas termas do NO peninsular, designadamente em Gijón (Fernández Ochoa 1997) e nas termas de Tongobriga (Dias 1997), facto que parece representar uma adaptação construtiva ao clima frio desta região do ocidente do Império.

As termas do Alto da Cividade parecem recolher, igualmente, paralelos noutras particularidades das termas urbanas das áreas setentrionais, as quais resultaram, tanto de uma adaptação às condições climáticas, como do facto da sua implantação ter sido feita por militares (Nielsen 1990).

Entre os paralelismos mais significativos poderíamos destacar a ausência de *natatio*, a abundância de *praeurnia*, as grandes dimensões do *apodyterium*, que nos permite considerar aquele espaço como *basilica thermarum*, a simplicidade do *frigidarium* e a ausência de pormenores arquitectónicos complexos na maioria dos compartimentos, que oferecem plantas simples, maioritariamente rectangulares.

Assim, o exemplar em estudo, na morfologia do seu primeiro projecto, constitui um edifício que cruza influências várias, situando-se entre a austeridade das termas nórdicas, em parte visível na disposição axial das suas salas, na organização em bloco das áreas aquecidas e na pobreza de pormenores arquitectónicos e as exigências e prescrições dos exemplares itálicos

e meridionais, característicos deste tipo de estabelecimentos, designadamente, no que concerne à existência de um *caldarium* rematado em exedra e de uma *palaestra*/jardim com características panorâmicas.

Se a austeridade do edifício pode em parte ter sido condicionada pela rigorosa adaptação às características do edificado preexistente e às condições climáticas que exigiam a concentração das áreas aquecidas, não lhe são estranhas, igualmente, as condicionantes impostas pelas matérias-primas disponíveis, com utilização exclusiva do granito e de material laterício. A ausência de *opus caementicium*, substituído pela larga utilização de material laterício, representa, neste contexto, um importante constrangimento construtivo, não permitindo, nem a elevação de grandes massas, nem os requintes arquitectónicos que a utilização daquele material quase sempre potenciava.

Um dos aspectos em que o edifício mais se afasta dos protótipos mediterrânicos configura-se na reduzida importância concedida ao *frigidarium*, que constitui, habitualmente, um dos espaços mais valorizados e monumentalizados nas termas públicas (Nielsen 1990). No nosso exemplar aquele espaço apresenta-se singelo e, aparentemente, sem artifícios, articulando-se com uma piscina que não exhibe, igualmente, quaisquer pormenores arquitectónicos ou decorativos dignos de realce.

Um dos espaços mais originais das termas do Alto da Cividade, que cruza várias influências, é sem dúvida o *apodyterium*, compartimento a que podemos atribuir algum do requinte arquitectónico que era habitualmente característico dos *frigidaria*.

Respeitando os cânones característicos deste tipo de espaços (Nielsen 1990, 153), ele oferece a particularidade de ser aquecido, o que se justifica por razões climáticas, estando associado a uma piscina de água fria coberta, que substituiria, talvez, a clássica *natatio*, ausente neste balneário. Por outro lado, deverá ser sublinhado o facto de estarmos perante o espaço mais amplo do edifício, o que lhe confere prováveis funções de *basilica thermarum*, sendo aceitável que dispusesse de alguma ornamentação, da qual não se conservou qualquer vestígio.

No entanto, tendo em conta as características da piscina, que se dispõe a poente do *apodyterium*, admitimos que a mesma deveria ser adornada por uma grande janela envidraçada, facto que deveria conferir algum requinte ao espaço em questão (Fig. 70).

De resto, a utilização de janelas envidraça-

das na fachada poente deveria ter constituído uma característica importante do edifício, a qual responderia a uma das prescrições recomendadas por Vitruvius (De Arch, V, 10; Ortiz y Sanz 1993).

Esta suposição encontra-se arqueologicamente documentada, uma vez que no aterro para a edificação da área fria 29, que surgiu na remodelação das termas dos finais do século II/inícios do III (Fase II), foram encontrados abundantes fragmentos de vidro plano de janela, certamente originários daquelas que deveriam ter integrado e ornamentado a primitiva fachada poente do edifício, destruída na reforma referida.

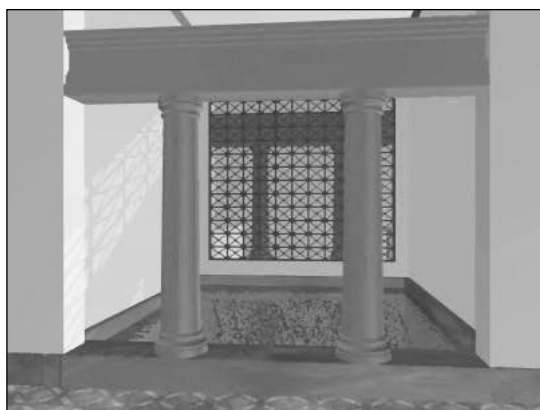


Fig. 69 - Reconstituição virtual da piscina e janela poente da *basilica thermarum*, segundo proposta da Arquitecta Paula Silva

A utilização de vidraças nas janelas, generalizada entre finais do século I/inícios do século II (Ortiz Palomar e Paz Peralta 1997, 449), representando uma característica do primeiro projecto das termas do Alto da Cidade, deverá ter persistido na fase seguinte, na nova fachada poente, entretanto construída, permitindo a iluminação e aquecimento natural da área central de banhos, estruturada em torno de uma piscina central (Fig. 36).

Refira-se a este propósito que os vidros de janela procedentes das escavações das termas representam 77,8% do total de vidros identificados no conjunto das escavações de Braga (Cruz 2000, 43), o que só por si é indicador de uma ampla utilização de vidraças neste estabelecimento de banhos.

Os vidros documentados são planos, com cantos arredondados, bordos boleados e ligeiramente biselados (Fig. 35), sendo possível que fossem quadrados. De um modo geral possuem características semelhantes aos vidros usados noutras termas conhecidas, designadamente em *Bilbilis* (Martín Bueno e Ortiz Palomar 1995, 10-11), *Caesarangusta* e *Labitolosa* (Ortiz Palomar e

Paz Peralta 1997, 442-443).

Esta significativa presença de vidro reforça a importante relação que existiria entre o interior e o exterior do edifício, já acima referida, a propósito da *palaestra*/jardim. De facto, a grande piscina fria do *apodyterium* deverá ser imaginada como um lugar privilegiado para desfrutar do banho e, simultaneamente, da natureza humanizada. Com efeito, não podemos esquecer que esta última era, na ideologia augustea, sinónimo de natureza geometrizada, aspecto que foi recentemente revalorizado na análise dos modelos decorativos arquitectónicos implantados por Augusto e aplicados generalizadamente pelos seus sucessores.

Aspecto marcante que resulta da análise do edifício, sobretudo atendendo à sua função de balneário público, é a sua reduzida dimensão, com apenas cerca de 430 m<sup>2</sup> de área coberta. A área de banhos propriamente dita ocupava uma superfície total de 172 m<sup>2</sup>, dos quais 51,8 m<sup>2</sup> correspondiam a áreas quentes, 55,8 m<sup>2</sup> a áreas frias, incluindo aqui o *frigidarium* e a piscina Pi2, oferecendo o *apodyterium* 64 m<sup>2</sup> de área construída, da qual a piscina fria Pi1 ocupava 24 m<sup>2</sup>.

Trata-se, por conseguinte, de um edifício pequeno, com compartimentos de dimensões modestas, que se situam apenas ligeiramente acima da média das áreas correspondentes aos balneários conhecidos na Galiza (Perez Losada 1992a; 1999). A esta área de banhos propriamente dita acresce uma área destinada a serviços, que ocupava cerca de 219 m<sup>2</sup> da superfície construída. As reduzidas dimensões do edifício contrastam ainda com a área reservada à *palaestra* /jardim que possuía 786 m<sup>2</sup>.

O esquema linear de organização das termas do Alto da Cidade foi o mais utilizado em edifícios de pequenas dimensões, caracterizando-se por uma circulação interna, normalmente retrógrada. Sendo sem dúvida o esquema mais simples, económico, prático e funcional de organizar um complexo balnear, ele surge como largamente dominante nas termas conhecidas na Hispânia romana, construídas entre a 2<sup>a</sup> metade do século I e a segunda centúria (Fernández Ochoa *et alii* 2000), sendo, também, o esquema mais comum das termas mais antigas construídas na generalidade das províncias ocidentais e setentrionais, bem como na Mauritânia Tingitana (Nielsen 1990).

Dentro da região do NO peninsular encontramos este esquema presente na Fase I das Termas de Gijón, datada de finais do século I/inícios do II (Fernández Ochoa 1997) e na Fase I das termas de Tongobriga, erguidas em finais



do século I (Dias 1997).

O esquema axial é aliás frequente em toda a Tarraconense, estando presente no conjunto termal de Los Arcos II de Clunia, cuja cronologia aponta para finais do século I/inícios do II (Palol 1994) e nas termas de Lérida, datadas da 2ª metade do século I (Paya i Mercê 2000). Também as termas monumentais de *Segobriga*, datadas de época flávia, a Fase I das termas de *Lancia*, situada no século II, as termas de *Baelo*, com cronologia da 1ª metade do século II, as termas de *Labitolosa*, de meados do século I (Fernández Ochoa *et alii* 2000) e as termas da muralha de Conimbriga, datadas da época flávia (Correia e Reis 2000), se inscrevem no esquema linear simples, ou linear axial.

Os exemplares hispânicos mais antigos deste tipo de termas estão representados em *Bilbilis*, na sua Fase I, datada dos inícios do século I e em Cartagena, nas termas da Calle Honda, de cronologia júlio-cláudia (Fernández Ochoa *et alii* 2000).

Assim, o modelo de organização das termas do Alto da Cidade, construídas nos inícios da 2ª centúria, é representativo do primeiro tipo de balneário público da época imperial, que foi largamente difundido no século I, mas continuou a servir de protótipo à edificação de banhos públicos no século seguinte, certamente pelas vantagens construtivas que oferecia.

A restituição arquitectónica e volumétrica sugerida pela arquitecta Paula Silva para esta fase (2000; 2003) é compatível com as características construtivas evidenciadas pelos muros que compõem o edifício, pelos materiais construtivos empregues e pelas reduzidas dimensões dos compartimentos (Est. IX).

## Fase II

A remodelação operada nas termas do Alto da Cidade, que define a Fase II do edifício, caracteriza-se por uma ampliação da área afecta aos banhos, a qual passou de uns modestos 172 m<sup>2</sup> para 233 m<sup>2</sup>, dos quais 162 m<sup>2</sup> correspondem a áreas frias e apenas 70 m<sup>2</sup> a espaços aquecidos.

Esta reforma, mantendo a disposição alongada do edifício, traduziu-se na ampliação da fachada oeste para poente e na reconversão de algumas áreas de serviços, o que conferiu ao bloco de banhos propriamente dito uma configuração quase quadrangular (Fig. 36).

Estamos em crer que os objectivos desta reforma tiveram em vista permitir a utilização das termas por um maior número de utentes, mas, também, flexibilizar o esquema interno de

circulação, quebrando a rigidez do anterior circuito retrógrado. De facto, a criação de mais uma área tépida e de um novo espaço frio, articulado com uma nova piscina fria (Pi3) que ocupou um espaço central dentro da área de banhos, permitiu que o circuito se tornasse parcialmente circular, sendo retrógrado apenas na passagem entre as áreas 12 (*tepidarium*) e 13 (*caldarium*).

No entanto, convém sublinhar aqui as dificuldades que nos assistiram na restituição, quer das plantas, quer da volumetria das diferentes fases das termas. De facto, a constante metamorfose deste pequeno edifício reduziu a uma expressão mínima os vestígios que podem ser atribuídos às Fases I e II.

Se, como já observámos anteriormente, a simplicidade do esquema planimétrico da Fase I, com o seu modelo alinhado de salas, não ofereceu grandes dúvidas para a sua restituição, já a introdução de um percurso de tipo circular, na Fase II, numa parte do edifício, levanta algumas dúvidas, sobretudo relativas aos detalhes da sua materialização arquitectónica, uma vez que muitos vestígios desta fase foram inevitavelmente camuflados nas reformas posteriores.

No entanto, alguns pormenores arquitectónicos conservados das obras que terão sido realizadas na Fase II parecem reveladores das intenções do arquitecto que planificou esta obra, permitindo-nos defender uma proposta mais ou menos plausível para a organização e funcionamentos dos espaços nesta fase.

Aparentemente, o problema fundamental que esteve por detrás da reforma do edifício inicial terá sido a ampliação das salas quentes, dotando de maior flexibilidade a circulação dentro do edifício, através de um circuito de tipo anelar na parte central da área de banhos.

Para o efeito, terá sido utilizada a posição da piscina fria Pi2 que ocupava a anterior área 10. Esta foi cortada na parte sul, passando a possuir uma planta quadrada. Por sua vez, para manter as dimensões aproximadas que possuía na Fase I, foi necessário prolongar o novo espaço quadrado da piscina para sul, o que implicou sacrificar parte da anterior área fria 9, criando-se, assim, a área 26, que corresponde à nova piscina Pi3 (Fig. 36).

A parte sacrificada da anterior piscina Pi2 transformou-se numa nova área aquecida (área 28), a qual se articulou com a área quente 11, sobrevivente da fase anterior e com um novo espaço frio (área 27) que resultou do avanço da fachada oeste das termas sobre a *palaestra*. Deste modo, configurou-se um *ambulacrum*, de dimen-

sões regulares, que passou a rodear a nova piscina Pi3 (área 26), facto que facultava uma circulação circular aos banhistas. Parte do subsolo do *ambulacrum* foi equipada com *pilae*, o que aconteceu concretamente na área 28, permitindo articular esta área com o hipocausto da anterior área 11. No entanto, ao anterior espaço frio 9 veio agora juntar-se um outro, correspondente à área 27. Estes dois espaços frios, contíguos aos anteriores, completaram o espaço de circulação que se formalizou em torno da piscina fria Pi3.

A complexa transformação do sector central do antigo edifício balnear está documentado arqueograficamente no seu desenvolvimento planimétrico. De facto, como foi referido anteriormente, foi conservado o fundo da piscina Pi2 (área 10) da Fase I, o qual se situava cerca de 1 m abaixo da cota de circulação das salas, verificando-se a construção de um novo pavimento de *opus signinum*, que prolongou para sul o anterior solo.

Por outro lado, a nova piscina Pi3 (área 26) revela revestimentos hidráulicos nas novas pa-redes que a delimitam e no início das escadas de acesso que se conservaram junto ao muro M40.

Solucionada a articulação planimétrica da Fase II, permanecem dúvidas quanto à interpretação da sua volumetria, pois todos os dados referentes a esta fase encontram-se sob pavimentos da reforma operada na remodelação seguinte, em finais do século III/ inícios do IV. Por isso, ainda que seja possível documentar a planta do edifício na Fase II, a restituição do respectivo alçado revela-se problemática.

A primeira dúvida que nos assiste diz respeito, naturalmente, à reconstituição do alçado do *ambulacrum* que circundava a piscina Pi3. Ou bem que estamos perante uma piscina quadrada inserida no centro de um pavimento de uma sala quadrada, de tipo *impluvium*, ou bem que dispomos de uma piscina encerrada numa sala rodeada de um *ambulacrum* em forma de U. Na figura 70 apresentamos um esquema volumétrico para ambas as soluções.

A primeira solução sugerida, tipo *impluvium*, encontra-se documentada nas termas suburbanas de Herculano e nas termas de Nuotatore de Óstia. O problema que se coloca a esta interpretação é que, em ambos os casos referenciados, este tipo de solução aparece associada ao conjunto vestíbulo/frigidário e não a espaços quentes. A segunda solução, que configura uma piscina encerrada num espaço fechado, é bastante frequente nas termas imperiais norte-

africanas, ocorrendo nas termas adriânicas de Leptis Magna, surgindo documentada em articulação com salas quentes.

Em nossa opinião a solução que nos parece mais provável será a segunda, tendo em conta que já no primeiro projecto das termas a piscina Pi2 estava integrada numa sala fechada. Por isso, a reforma que permitiu criar o *ambulacrum* na Fase II é a mais fácil de aceitar, se imaginarmos que a nova piscina Pi3 manteve um carácter fechado.

A planta das termas resultante desta remodelação adquiriu maior complexidade, o que aliás constitui uma característica própria da evolução da arquitectura balnear romana desenvolvida no século II. Assim, para além da reorganização da área central do corpo de banhos, já descrita, foram conservadas intactas as áreas quentes 12 e 13, o mesmo acontecendo com o conjunto *apodyterium*/*frigidarium* (áreas 6, 7 e 9).

Esta reforma do edifício original permitiu ainda criar duas novas salas frias, as áreas 25 e 29, sacrificando-se para o efeito a totalidade da anterior zona de serviços 18 e parte da zona de serviços 17, que foi reduzida a metade.

O tipo de circulação anelar criado com a reforma da parte central da área de banhos que exclui o *caldarium* (área 13), está pouco documentado na Hispânia. Todavia, ele está presente nas termas de Miróbriga, datadas dos inícios do século II (Biers 1988; Nielsen 1990, fig. 122), nas duas termas de Itálica, ambas de época adriânica (Nielsen 1990, figs. 112 e 115) e na Fase I das Termas Mayores de Astorga, datada entre meados do século I e meados do III (Sevillano Fuertes e Vidal Encinas 2000). Trata-se de um tipo de circulação com influências conceptuais resultantes das inovações introduzidas nas termas de Roma, entre Nero e os Flávios, que se encontram completamente desenvolvidas nas termas de tipo imperial, as quais ofereciam uma total simetria de espaços e de circulação em torno de um ambiente frio, normalmente o *frigidarium* (Fernández Ochoa *et alii* 2000).

Muito embora a composição global das termas do Alto da Cidade esteja longe da simetria, parece indiscutível que a reforma desta fase permitiu uma circulação anelar perfeita em torno da piscina fria (Pi3), facto que introduziu uma simetria “parcial” na parte central do edifício.

Permitimo-nos, por isso, e a este propósito, destacar as dificuldades em integrar as termas em categorias tipológicas rígidas, facto, aliás, já sublinhado anteriormente por outros autores (Yegül 1992; Gros 1996).

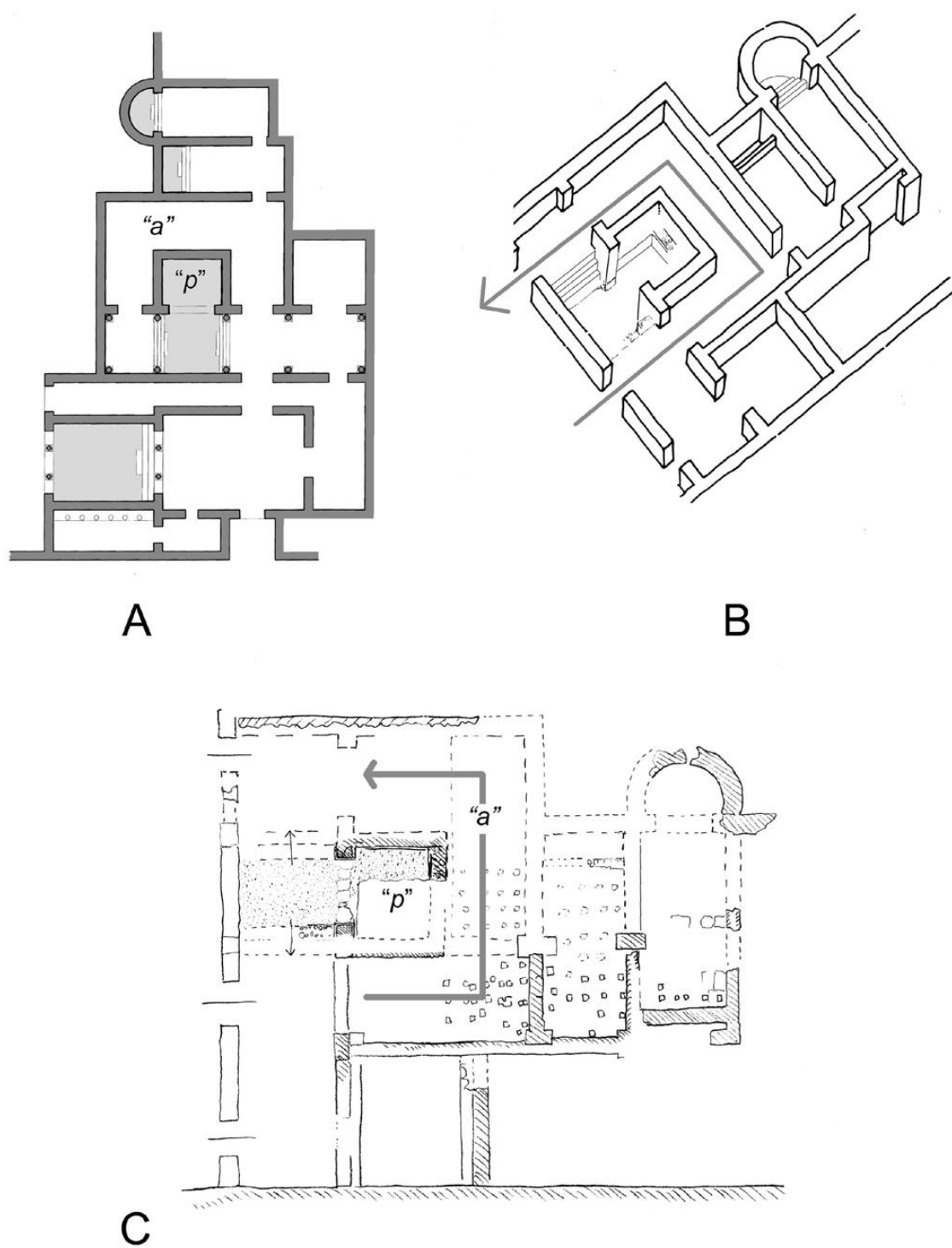


Fig. 70 - Possível restituição da Fase II das termas. O elemento fundamental deste projecto seria a organização de um *ambulacrum* (a) em volta da piscina fria (p). Desenhos de Ricardo Mar

De facto, os edifícios de banhos caracterizam-se por uma enorme versatilidade construtiva, que aumenta consideravelmente com as reformas que os mesmos vão sofrendo ao longo dos tempos. Não podemos esquecer que tais reformas, tendo como objectivos ampliar ou reduzir áreas de banhos e facilitar a circulação, acabavam sempre por reorganizar os espaços em conformidade com os constrangimentos que eram impostos pela morfologia dos edifícios originais.

Neste sentido, uma vez que as reformas não implicavam, na maior parte dos casos, a alteração substancial da massa arquitectónica original, como se verificou acontecer no caso das termas do Alto da Cividade, parece natural admitir que as respostas aos requisitos de cada reforma traduzam prioritariamente adaptações meramente funcionais dos espaços e não uma obediência estrita aos modelos canónicos em circulação, mais fáceis de aplicar quando se construa de raiz.

Esse parece ter constituído o caso vertente na reforma realizada nas termas do Alto da Cividade, nos finais do século II/inícios do III.

A reorganização dos espaços que dela resultou parece constituir uma resposta hábil e consequente, quer ao que parecem ter sido os seus objectivos principais, designadamente a ampliação da área de banhos e a flexibilização do percurso de circulação, quer às limitações decorrentes de uma intervenção num edifício que manteve a sua configuração original e o funcionamento de muitos dos anteriores espaços. Sublinhe-se, de resto, que as reformas dos edifícios são sempre sugestivas da atitude dos construtores, em face, quer das condicionantes técnicas impostas pelo edificado anterior, quer dos meios económicos disponíveis para a realização das remodelações, factores que não podem ser ignorados no estudo de um edifício desta natureza (DeLaine 1999c, 158).

A intervenção, quase cirúrgica, que foi realizada no edifício do Alto da Cividade nos finais do século II/inícios do III, obedeceu certamente a uma planificação bem pensada em termos de gastos, tendo em conta que com um mínimo de impactos se ampliou a área de banhos anterior, se facilitou a circulação, tendo as termas sido dotadas de novos espaços, alguns dos quais admitimos terem passado a ser funcionalmente especializados. Esse poderá ser o caso das duas novas áreas frias que surgiram na parte nascente da área de banhos, respectivamente, a norte (área 29) e sul (área 25) da área fria 9, as quais poderão ser interpretadas, respectivamente, co-

mo *unctorium* e *destrictarium*.

Pese embora todas as dificuldades em identificar este tipo de espaços especializados dentro dos edifícios termais, uma vez que os mesmos não oferecem características construtivas particulares, podemos admitir que a nova área fria 29 poderia funcionar como *unctorium* (*cella unctuaria*), uma vez que este tipo de espaço, destinado à aplicação de óleos e a massagens, poderia ser usado em diferentes momentos do circuito de banhos (Nielsen 1990, 161), situando-se, normalmente, perto dos *frigidaria*, *apodyteria* e *tepidaria*. No caso das termas do Alto da Cividade aquele espaço tanto poderia servir para aplicação de óleos, antes da entrada no circuito de banhos, como para uma última aplicação dos mesmos, depois do banho frio realizado na piscina Pi3 (área 26). De facto, os banhistas depois de emergirem da piscina poderiam ter acesso ao *unctorium* (área 29), a partir da área 9.

Por sua vez, o novo compartimento frio, identificado como área 25, poderá ser interpretado como *destrictarium*, espaço que era habitual nas termas públicas, destinando-se a eliminar a sujidade adquirida na *palaestra*, antes de se entrar no circuito de banhos. No caso das termas em estudo, os banhistas saídos do *apodyterium* poderiam dirigir-se à *palaestra*, através do corredor (área 8), regressando pelo mesmo percurso até à área 25, a partir da qual tinham acesso à área 9, onde se iniciava o circuito de banhos. Se é certo que habitualmente este tipo de espaço especializado se situava nas imediações da *pa-laestra*, a verdade é que o circuito sugerido não inviabiliza que a área 25 possa ter desempenhado aquela função, dada a sua situação periférica relativamente ao corpo principal da área de banhos.

Tendo em conta as características dos espaços, bem como dos novos muros interiores que foram construídos, supomos que se manteve inalterada a volumetria geral do edifício, existindo, contudo, algumas pequenas alterações na parte central do edifício (Est. X).

### Fase III

A grande reforma introduzida nas termas do Alto da Cividade em finais do século III/inícios do IV (Fase III) alterou substancialmente a área de banhos, modificando mesmo alguns aspectos da fisionomia do edifício, sobretudo na sua fachada poente.

Com efeito, a provável conservação da piscina do *apodyterium* (área 7) e o desaparecimento do *caldarium* (área 13) permitiram criar uma fachada poente menos recortada, relativamente ao eixo da fachada anterior.

Sendo admissível a manutenção da piscina fria do *apodyterium* (área 7), explicável por razões funcionais associadas à orgânica dos banhos, supomos que o edifício manteve na parte sul a configuração anterior, com a piscina centrada em relação ao novo *apodyterium* (área 30), sendo ladeada, a sul, por um corredor de acesso à *palaestra* (área 4) e, a norte, por umas novas latrinas (área 39).

Este conjunto frio (*apodyterium*/piscina/anexos) estruturou um corpo sul avançado sobre a *palaestra*, saliente relativamente à parte central da fachada poente, a qual limitava agora o bloco quente das termas, composto por salas alinhadas, de forma a facilitar o aquecimento feito por um único *prae-furnium* situado a norte, na nova área 38.

Uma tentativa arquitectónica de regularizar a fachada pode ter sido ensaiada através da construção de um pórtico, cuja colonata alinharia pela fachada do corpo sul (Fig. 50).

Cabe destacar ainda nesta reforma a eventual construção de um pequeno pórtico de entrada nas termas, o qual se justificaria para tornar mais fácil o acesso ao *apodyterium*, cujo solo se apresenta ligeiramente mais alto que o anterior.

Esta reforma reestruturou o sistema de funcionamento e de circulação das termas, os dispositivos de aquecimento, afectando, também, o anterior sistema de drenagem implantado com o primeiro projecto, o qual se manteve operativo durante as duas primeiras fases do edifício (Fases I e II).

Sublinhamos, mais uma vez, a disposição em bloco da área aquecida, composta por salas simétricas e alinhadas, dispostas no sentido E/O. Esta nova área quente possui as mesmas dimensões do *frigidarium*, situado a nascente.

De um ponto de vista estrutural o edifício oferece um espaço de banhos muito mais harmonioso e integrado, facto que facilitaria, certamente, a circulação interna dos banhistas.

Todas estas transformações foram acompanhadas por uma ligeira diminuição da área fria, sem contar com o *apodyterium*, a qual passou de 99 para 94,5 m<sup>2</sup> e por um ligeiro aumento da área aquecida, a qual, em vez dos 70,3 m<sup>2</sup> anteriores, ocuparia agora 73,4 m<sup>2</sup>.

Característica desta reforma foi a criação de um *apodyterium* (área 30) muito maior que o anterior, com 101 m<sup>2</sup>, bem como o aparecimento de um amplo *frigidarium* (área 31), resultante do entulhamento de vários compartimentos quentes e frios, bem como de áreas de serviços. Simultaneamente, desapareceu a piscina fria Pi3

(área 26), que ocupava a parte central do bloco de banhos na fase anterior

Sendo característico das termas tardias o aumento dos espaços frios e a monumentalização dos *frigidaria* (Nielsen, 1990), não encontramos esses requisitos nas termas do Alto da Cividade. De facto, verifica-se uma ligeira diminuição da área fria e um pequeno aumento da quente, não tendo sido detectados quaisquer vestígios que indiquem a existência de ornamentação do *frigidarium*, que nos surge como um vasto espaço rectangular, sem qualquer particularidade arquitectónica digna de destaque.

No entanto, cabe sublinhar a grande alteração que consistiu na substituição de quatro salas frias por um único espaço de grandes dimensões, destruindo-se, assim, a fragmentação das áreas frias anteriores, de utilização algo labiríntica.

Certamente que o conceito que presidiu à criação, nesta fase, de um amplo *frigidarium* terá sido o mesmo que esteve presente na formalização do grande *apodyterium* anexo, sendo de destacar que o edifício foi dotado de dois amplos espaços frios de fácil circulação, certamente com funções polivalentes.

O esquema de circulação das termas alterou-se novamente em função da reorganização dos espaços quentes em relação aos frios, podendo ser classificado agora dentro do tipo axial angular e retrógrado, esquema muito comum nas termas alto-imperiais.

A adopção deste esquema de circulação numa época tardia vem mostrar, mais uma vez, a grande versatilidade dos edifícios termais, os quais, enquanto equipamentos funcionais, tinham que responder arquitectonicamente às prescrições recomendadas para os banhos, adoptando os esquemas de circulação que melhor se adaptavam à disposição dos novos espaços projectados.

Este tipo de esquema de circulação angular e retrógrado é aquele que melhor se adapta a balneários de tendência quadrada, sendo considerado característico da ampliação de edifícios com esquemas lineares axiais, que sofreram remodelações e ampliações do espaço (Fernández Ochoa *et alii* 2000). Esse foi o caso constatado, designadamente nas Fases II e IIA das termas de Gijón, datadas de meados do século II (Fernández Ochoa 1997) e na Fase II das termas de Tongobriga, datada da época Trajânica (Dias 1997).

Trata-se, todavia, de um esquema muito frequente nas termas hispânicas com cronologia alto-imperial, por vezes bastante antiga, como

acontece nos casos da Fase I das termas de Conimbriga, nas termas de Arcóbriga, na Fase II das termas Clos de la Torre de *Baetulo*, todas elas consideradas da época de Augusto, estando igualmente presente nas termas do Teatro de Segobriga, datadas de Tibério (Fernández Ochoa *et alii* 2000). Ligeiramente mais tardias são as termas do *forum* de *Complutum*, as termas de *Munigua* e as termas de Los Bañales, datadas de meados do século I e as termas de Padre Blanco de *Asturica Augusta*, dos finais do século I, todas elas com o mesmo tipo de circulação.

A utilização do esquema de circulação angular retrógrada, introduzido na reforma das termas do Alto da Cividade em finais do século III/inícios do IV, vem mostrar o ecletismo dominante na utilização dos modelos de funcionamento das termas, os quais conviviam praticamente todos desde meados do século I. Estamos certos que a demonstração desse facto, bem patente nas termas em análise, poderá observar-se igualmente noutros locais, desde que se realizem estudos mais pormenorizados da evolução dos estabelecimentos de banhos de pequenas dimensões.

De facto, uma vez ultimados os diferentes esquemas de funcionamento das termas, que se enquadram nos tipos básicos propostos por D. Krencker (1929), estes passaram a constituir modelos funcionais gerais, utilizados pelos arquitectos ao sabor das necessidades correntes.

A primeira reforma tardia das termas do Alto da Cividade (Fase III) assinala características que começam a ser generalizadas em balneários tardios, designadamente no âmbito das alterações na tecnologia de construção dos hipocaustos. Uma delas, bem visível no nosso exemplar, é a utilização exclusiva do *opus signinum* nas *areae* dos novos espaços aquecidos, em substituição do material laterício dominante nas termas alto-imperiais (Degbomont 1984).

Por outro lado, verifica-se agora a utilização de elementos de arquitectura, designadamente de bases e fustes na construção das *pilae* que sustentavam a *suspensura* das novas salas aquecidas. Certamente que por detrás do recurso a estes novos materiais usados na edificação dos hipocaustos estarão razões de natureza económica, as quais parecem ter afectado sobretudo as reformas tardias das termas das províncias ocidentais do Império, as mais afectadas por uma eventual retracção económica (Nielsen 1990, 152).

No entanto, é indiscutível que os balneários públicos continuaram a constituir elementos importantes na vida urbana das cidades, so-

bretudo naquelas que desempenharam um papel relevante na nova estrutura administrativa decorrente das reformas de Diocleciano (Fuentes Domínguez 2000).

Esse foi sem dúvida o caso de *Bracara Augusta* que se tornou capital da província da *Gallaecia*, aumentando a sua centralidade em relação a um vasto território, o que terá determinado o aumento da actividade construtiva e, naturalmente, a persistência de equipamentos públicos, designadamente termas, como parece demonstrado na grande reforma desta fase, operada entre finais do século III/ inícios do IV.

#### Fase IV

O interesse pela manutenção em funcionamento destas termas está bem patente na última reforma realizada no edifício, datada da 2ª metade do século IV (Fase IV), o que demonstra que as mesmas se mantiveram em funcionamento ao longo de todo aquele século.

Esta reforma é particularmente interessante, não só porque representa um inevitável sinal da evolução dos balneários públicos na Antiguidade Tardia, mas, também, porque reflecte uma importante reorganização do espaço envolvente das termas decorrente da destruição do teatro.

As dificuldades económicas com que se confrontariam as cidades do ocidente do Império e os altos encargos na manutenção de edifícios como as termas (Nielsen 1990) estão bem patentes nos aspectos que caracterizam esta reforma, que regista uma retracção da área quente, que passa de 73,4 para 48,4 m<sup>2</sup>, com a transformação do *caldarium* anterior em mais uma área fria. Esse facto, que implicou a construção de um novo *prae-furnium* na fachada poente do edifício, acabaria criar por uma nova área de serviços no espaço da anterior *palaestra*.

Por sua vez, a diminuição das necessidades de combustível para aquecer a reduzida área quente agora em funcionamento, parece ter tornado obsoleta a grande área de serviços norte, que funcionava como zona de armazenagem desde o primeiro projecto das termas. Toda esta área foi desmantelada e entulhada nesta fase.

A parte coberta do edifício ficou agora limitada à área de banhos, incluindo o corpo sul, com o grande *apodyterium* e respectiva piscina fria e uma área quase quadrada disposta a norte, que manteve as dimensões e estrutura adquiridas na fase anterior.

No entanto, a restituição desta última fase

do conjunto termal levanta-nos algumas dúvidas, que se relacionam com o momento de inutilização da piscina fria do *apodyterium* (área 7), conservada desde o primeiro projecto.

De facto, muito embora a sua persistência se justifique por ser a única piscina fria das termas, onde seria possível tomar um banho depois da circulação pelas salas quentes, é possível aceitar, também, o abandono daquele equipamento nesta fase final da vida do edifício.

Salientamos, todavia, que os materiais presentes nos estratos que assinalam o abandono daquela piscina são inconclusivos em termos cronológicos, não permitindo, por isso, privilegiar qualquer das duas hipóteses consideradas. Neste sentido e meramente por razões de coerência funcional e arquitectónica do edifício, parece-nos mais plausível a hipótese que sustenta a persistência da piscina do *apodyterium*, defendida na proposta planimétrica representada na figura 64.

Um eventual sinal dos tempos, sobretudo no que respeita a uma crescente censura relativa à prática de exercícios físicos por parte do Cristianismo, poderá estar representado na desafecção da grande *palaestra*/jardim das termas, construída nos inícios do século II, com o primeiro projecto do edifício.

Sobre a anterior área da *palaestra* dispôs-se, então, um extenso solo de terra batida, o qual cobriu, também, o entulhamento da rua que circundava o teatro e o próprio muro perimetral daquele edifício, o que demonstra que o mesmo havia já sido parcialmente desmontado. A poente do pequeno balneário, que sobreviveu após esta reforma, estendia-se agora um espaço livre, cuja funcionalidade desconhecemos, o qual nos aparece subdividido pelo muro M76.

No entanto, é possível que uma nova *palaestra*, bem mais pequena, tenha surgido a norte do balneário, na zona onde anteriormente se localizava a maior área de serviços das termas, a qual poderia ter continuado a estar limitada pelos muros perimetrais M1, M2, M3, M3B, M102 e ainda por parte do muro M8 (Fig. 64). Esta hipótese é em parte sustentada pelo entulhamento operado naquela área até à cota de circulação das termas.

Admitindo que a *palaestra* se tenha deslocado para a parte norte da área de banhos, podemos considerar que as termas da Cividade passaram a configurar-se como um edifício fechado sobre si próprio, perdendo a anterior ligação com a envolvente, que era garantida com a grande *palaestra*/jardim, situada a poente e desafectada com esta reforma.

## 6. Considerações finais

O trabalho agora publicado, representando o fim de um longo percurso que foi o da lenta escavação e estudo das termas do Alto da Cividade, assinala, também, o início de um novo ciclo que se articula com a difusão pública das mesmas, através da qual se veicula um conjunto de interpretações que puderam ser formuladas sobre a evolução arquitectónica do edifício. Esperamos, por isso, que o ciclo que agora se inaugura, associado à divulgação destas termas, abra finalmente à avaliação, discussão e crítica de todos os interessados pelas características da arquitectura termal romana nas cidades provinciais do Império, ou pelo papel desempenhado por estes edifícios na organização do espaço urbano e no processo de romanização das comunidades indígenas.

O percurso que se encerra com esta publicação foi lento, cheio de percalços e dificuldades. Por isso, nunca será excessivo reafirmar a natureza fragmentária dos vestígios que chegaram até nós, as destruições ocorridas nas ruínas antes de se iniciarem os trabalhos arqueológicos, a frequente descontinuidade dos financiamentos que não permitiram desenvolver as escavações ao ritmo desejado, mas, também, as inúmeras dúvidas que assistiram à interpretação arqueológica e arquitectónica do edifício.

Tantos entraves acabaram por alongar demasiado o tempo entre a descoberta e a divulgação deste importante conjunto termal de *Bracara Augusta*.

De facto, as termas do Alto da Cividade, conhecidas como área arqueológica de Braga desde 1977, quase que se tornaram num exemplo paradigmático das dificuldades vividas pelos projectos de Arqueologia Urbana que, quase sempre avassalados por numerosas intervenções, se confrontam com inevitáveis dificuldades em tratar e analisar, em tempo útil, a informação disponibilizada pelas escavações. Por isso, a sua divulgação resulta, amiúde, fragmentária e genérica, ficando muitas vezes por publicar os necessários trabalhos monográficos.

Se esta é uma situação criticável do ponto de vista científico ela é, também, por demais frequente no contexto do estudo das cidades sobrepostas, decorrendo, frequentemente, da própria especificidade do sítio arqueológico em causa, na circunstância, a cidade viva. Com efeito, alguns dos contextos

identificados pelas escavações urbanas revelam uma notável complexidade estratigráfica, frequentemente acompanhada de uma não-me-nos notável escassez de vestígios arquitectónicos, sistematicamente saqueados pelas sucessivas ocupações dos mesmos espaços ao longo do tempo.

Por isso, a publicação monográfica de intervenções arqueológicas urbanas é frequentemente uma tarefa adiada, que exige, para além de um amplo trabalho de equipa, um enorme esforço na busca de coerência e significado dos espaços e ruínas. Essa coerência é frequentemente difícil de alcançar, seja porque nem sempre é possível recuperar os limites das construções, seja porque o tempo erodiu em definitivo as evidências que permitiriam dar forma aos edifícios, facultando a sua compreensão e reconstituição históricas.

Neste contexto é justo sublinhar que, mau grado todas as contingências que afectaram a sua escavação e estudo, as termas do Alto da Cividade acabaram por se configurar como um conjunto arquitectónico coerente, facultando-nos elementos que, apesar de frustres e truncados, nos permitem fundamentar uma proposta para a sua evolução ao longo de quatro fases construtivas.

Podemos mesmo afirmar que, circunstancialmente, foi o carácter fragmentário dos vestígios e, muitas vezes, a sua ausência, que nos desafiaram a alargar as escavações muito para além dos limites físicos do edifício onde se localizavam as áreas de banhos e de serviços. Foi em parte esse desafio que nos permitiu detectar os elementos relativos a um conjunto arquitectónico pré-termal, a existência de uma grande *palaestra*, bem como, o muro perimetral de um teatro anexo às termas.

Neste sentido, devemos destacar que foi a lenta procura da coerência do edifício termal que nos conduziu, afinal, à identificação de elementos fundamentais, quer para a sua compreensão enquanto conjunto arquitectónico, quer para a sua valorização no contexto da evolução do urbanismo de *Bracara Augusta*.

De facto, se é certo que aqueles elementos permitiram enriquecer a nossa interpretação das termas do Alto da Cividade, em termos da sua inserção urbana e da importância histórica do local, não é menos verdade que eles nos conduziram, frequentemente, a questionar algumas das hipóteses interpretativas anteriormente assumidas, relativas à organização do edifício e à sua implantação na malha urbana da cidade.

Foi sem dúvida longo o percurso que nos conduziu à formalização do trabalho agora publicado. No entanto, o tempo sempre adiado desta publicação representou um inquestionável tempo de aprendizagem e de amadurecimento sobre questões que ultrapassam largamente as próprias termas e que se inscrevem na lógica do estudo de uma cidade romana que se descobre, dia a dia, pela prática de um projecto de Arqueologia Urbana.

De facto, o estudo arqueológico e arquitectónico das termas do Alto da Cividade representou um enorme desafio, pois a compreensão deste edifício público exigiu um permanente repensar dos seus parcos testemunhos e uma contínua valorização do seu enquadramento urbano, facto que nos obrigou a sucessivas aproximações interpretativas, quer do edifício, quer da envolvente.

A interpretação das termas romanas da Cividade levou longos anos a ser ultimada. E essa demora em ver frutos de tanto e moroso trabalho apenas veio confirmar algo irrefutável: o facto de a transformação dos fragmentos do passado em informação e conhecimento útil ser uma tarefa que não se conforma ao tempo curto, nem tão pouco ao exercício de afirmações simplistas ou definitivas. Essa transformação é antes uma tarefa que se executa caminhando com humildade entre pequenos avanços e frequentes recuos que, lentamente, vão firmando alguns pontos de apoio no meio de um turbilhão de questões, muitas das quais jamais encontram uma solução satisfatória.

À escala de uma cidade em permanente descoberta e onde novos dados são constantemente trazidos à luz do dia, o estudo de qualquer edifício está sempre inevitavelmente condicionado, uma vez que ele só ganha pleno sentido na exacta dimensão da nossa capacidade de o percebermos no seu real contexto urbano.

Esse foi precisamente um dos problemas que se nos colocou no estudo destas termas, atendendo à sua inevitável interacção com a cidade, mas também com outros edifícios e espaços ainda não estudados. Na verdade, não estamos perante um edifício isolado, mas sim perante um balneário que se situava na área de influência do *forum*, inserindo-se num espaço de carácter público, no qual foi também erguido um teatro.

Esta particular circunstância acabaria por pesar bastante na interpretação do edifício, uma vez que ela conferiu às termas da Civi-



de um estatuto privilegiado em termos urbanos. Por isso, procurámos valorizá-las, igualmente, no contexto de outros vestígios de arquitectura termal conhecidos em Braga, tendo em vista compreender melhor o seu papel no âmbito da difusão da prática dos banhos romanos na cidade de *Bracara Augusta*.

Assim, podemos considerar que este trabalho procurou dar resposta a duas preocupações fundamentais. Uma delas teve naturalmente em vista caracterizar a evolução das termas do Alto da Cidade, o que foi conseguido através de uma análise detalhada dos vestígios que, pela sua cronologia, nos permitiram, depois de muitas hesitações, definir quatro fases distintas da vida do edifício. A outra, visou perceber este balneário no contexto do tecido urbano, valorizando as suas características, mas, também, o seu possível protagonismo em termos sociais e culturais, atendendo à sua localização privilegiada.

A ponderada definição dos elementos construtivos reportáveis a cada uma das fases identificadas das termas, permitiu-nos individualizar os diferentes espaços que formalizaram propostas planimétricas para o funcionamento do edifício, tendo em conta os condicionamentos a que obedeciam estes equipamentos.

Neste sentido, foi possível destacar as continuidades e mudanças operadas nas termas desde a implementação do primeiro projecto, datado dos inícios do século II, até aos finais do século IV, altura em que o balneário terá sido abandonado.

De igual modo, tendo por base a análise e interpretação funcional dos espaços, permitimo-nos sugerir os esquemas de circulação que poderão ter sido usados em cada uma das fases consideradas, ainda que mereça ser salientada a grande flexibilidade que tais esquemas apresentam ao longo do ciclo de vida do edifício.

Por outro lado, a definição dos espaços possibilitou a elaboração de algumas propostas interpretativas de alçados para cada uma das fases do edifício, as quais são sugestivas das possíveis volumetrias do mesmo.

A valorização das características das termas do Alto da Cidade, bem como a sua cronologia avançada, sugerem que elas não serão, nem as mais antigas, nem as maiores que terão sido construídas em *Bracara Augusta*.

De facto, estamos perante um edifício modesto em termos de área de banhos, associado a um teatro, que apesar de ocupar um lugar privilegiado na estrutura urbana da cidade, se adaptou a preexistências construtivas anteriores, tendo sido pensado como um pequeno balneário. Com efeito, as suas reduzidas dimensões deverão ter resultado de uma clara intenção dos responsáveis pelo programa edilício que contemplou a sua construção, os quais nunca terão objectivado a edificação de umas grandes termas públicas nesta zona da cidade, que dispunha de espaço para o efeito, atendendo às dimensões da área que foi reservada para a edificação da *palaestra*/jardim. Assim, terão sido razões conceptuais e não de espaço que condicionaram as características formais do edifício.

Correspondendo a um edifício harmonioso na filosofia do seu primeiro projecto, ele parece viver, sobretudo, de uma íntima relação com o exterior, circunstância que facultava ao seu reduzido número de utentes um nobre espaço de convivência.

Globalmente, as termas do Alto da Cidade representam um indicador deveras sugestivo da importância cultural e social assumida pelos banhos públicos nas cidades do ocidente peninsular, sendo igualmente reveladoras das influências que se fizeram sentir neste tipo de equipamentos, quer fruto do desenvolvimento da arquitectura romana, quer como consequência das mudanças económicas e mentais ocorridas entre o Alto e o Baixo-Império.

	FASE I		FASE II		FASE III	FASE IV
Pórtico					013,0 m <sup>2</sup>	013,0 m <sup>2</sup>
<i>Vestibulum</i> (V)	(A2)	004,3 m <sup>2</sup>	(A2)	004,3 m <sup>2</sup>		
<i>Cubiculum</i> (Cu)	(A3)	004,2 m <sup>2</sup>	(A3)	004,2 m <sup>2</sup>		
<i>Latrinae</i> (La)	(A4)	008,4 m <sup>2</sup>	(A4)	008,4 m <sup>2</sup>	(A39) 010,5 m <sup>2</sup>	(A39) 010,5 m <sup>2</sup>
<i>Cubiculum</i> (Cu)	(A5)	006,3 m <sup>2</sup>	(A5)	006,3 m <sup>2</sup>	(A4) 008,4 m <sup>2</sup>	(A4) 008,4 m <sup>2</sup>
Corredor	(A8)	016,8 m <sup>2</sup>	(A8)	016,8 m <sup>2</sup>		
<b>Total</b>		<b>040,0m<sup>2</sup></b>		<b>040,0m<sup>2</sup></b>	<b>31,9 m<sup>2</sup></b>	<b>031,9 m<sup>2</sup></b>
<i>Apodyterium</i> (A)	(A6)	040,0 m <sup>2</sup>	(A6)	040,0 m <sup>2</sup>	(A30) 101,0 m <sup>2</sup>	(A30) 101,0 m <sup>2</sup>
Piscina (Pi1)	(A7)	024,0 m <sup>2</sup>	(A7)	024,0 m <sup>2</sup>	(A7) 024,0m <sup>2</sup> -	(A7) 024,0m <sup>2</sup> -
<b>Total apodyterium</b>		<b>064,0 m<sup>2</sup></b>		<b>064,0 m<sup>2</sup></b>	<b>125,0 m<sup>2</sup></b>	<b>125,0 m<sup>2</sup></b>
<i>Frigidarium</i> (F)	(A9)	035,8 m <sup>2</sup>	(A9)	022,5 m <sup>2</sup>	(A31) 094,5 m <sup>2</sup>	(A31) 094,5 m <sup>2</sup>
<i>Frigidarium</i> (F)						(A36) 025,0 m <sup>2</sup>
Piscina (Pi2)	(A10)	020,0 m <sup>2</sup>	(A27)	018,0 m <sup>2</sup>		
<i>Districtarium</i> (D)			(A25)	021,0 m <sup>2</sup>		
<i>Unctorium</i> (U)			(A29)	017,0 m <sup>2</sup>		
Piscina (Pi3)			(A26)	020,4 m <sup>2</sup>		
<b>Total área fria</b>		<b>055,8 m<sup>2</sup></b>		<b>098,9 m<sup>2</sup></b>	<b>094,5 m<sup>2</sup></b>	<b>119,5m<sup>2</sup></b>
<i>Tepidarium</i> (T)	(A11)	015,0 m <sup>2</sup>	(A11)	015,0 m <sup>2</sup>	(A32) 025,0 m <sup>2</sup>	(A32) 025,0 m <sup>2</sup>
<i>Tepidarium</i> (T)	(A12)	019,8 m <sup>2</sup>	(A12)	019,8 m <sup>2</sup>	(A34) 011,7 m <sup>2</sup>	
<i>Tepidarium</i> (T)			(A28)	018,5 m <sup>2</sup>	(A35) 011,7 m <sup>2</sup>	
<i>Caldarium</i> (C)	(A13)	017,0 m <sup>2</sup>	(A13)	017,0 m <sup>2</sup>	(A36) 025,0 m <sup>2</sup>	(A34) 011,7 m <sup>2</sup>
<i>Caldarium</i> (C)						(A35) 011,7 m <sup>2</sup>
<b>Total área quente</b>		<b>051,8 m<sup>2</sup></b>		<b>070,3 m<sup>2</sup></b>	<b>073,4 m<sup>2</sup></b>	<b>048,4 m<sup>2</sup></b>
Área de serviço	(A14)	029,0 m <sup>2</sup>	(A14)	029,0 m <sup>2</sup>	(A14) 013,0 m <sup>2</sup>	
Área de serviço	(A15)	029,0 m <sup>2</sup>	(A15)	015,0 m <sup>2</sup>	(A15) 015,0 m <sup>2</sup>	
Área de serviço	(A17)	040,0 m <sup>2</sup>	(A17)	022,0 m <sup>2</sup>		
Área de serviço	(A18)	021,0 m <sup>2</sup>				
Área de serviço	(A19)	034,6 m <sup>2</sup>	(A19)	034,6 m <sup>2</sup>	(A19) 034,6 m <sup>2</sup>	
Área de serviço	(A20)	015,0 m <sup>2</sup>	(A20)	015,0 m <sup>2</sup>	(A20) 015,0 m <sup>2</sup>	
Área de serviço	(A21)	011,0 m <sup>2</sup>	(A21)	011,0 m <sup>2</sup>	(A21) 009,0 m <sup>2</sup>	
Área de serviço	(A22)	032,7 m <sup>2</sup>	(A22)	032,7 m <sup>2</sup>	(A22) 032,7 m <sup>2</sup>	
Área de serviço	(A23)	007,1 m <sup>2</sup>	(A23)	007,1 m <sup>2</sup>		
Área de serviço					(A23A) 013,0 m <sup>2</sup>	
Área de serviço					(A38) 037,0 m <sup>2</sup>	
Área de serviço						(A41) 024,0 m <sup>2</sup>
<b>Total área serviços</b>		<b>219,4 m<sup>2</sup></b>		<b>198,4 m<sup>2</sup></b>	<b>169,3 m<sup>2</sup></b>	<b>024,0 m<sup>2</sup></b>
<b>Palaestra</b> (P)	(A1)	<b>786,0 m<sup>2</sup></b>	(A1)	<b>786,0 m<sup>2</sup></b>	(A1) <b>786,0 m<sup>2</sup></b>	(A40) <b>275,5 m<sup>2</sup></b>

Quadro 1 – Comparação das áreas dos compartimentos das termas da Cividade nas suas diferentes fases.

## 7. Bibliografia

- Adam, Jean-Pierre (1995) - *La construction Romaine*. Paris : Grands Manuels Picard, 3<sup>a</sup> ed..
- Alarcão, J. de (1990) - A urbanização de Portugal nas épocas de César e de Augusto. In *Stadtbild und Ideologie. Die Monumentalisierung hispanischer Städte zwischen Republik und Kaiserzeit*. Munique, p. 43-54.
- Alarcão, J. de (1993) - Las ciudades romanas de Portugal. In *La ciudad Hispanorromana*. Barcelona, p. 206-223.
- Alarcão, J. ; Etienne, R., dir. (1977) - *Fouilles de Conimbriga, I*, L'Architecture. Paris.
- Beltrán Lloris, M. (1999) - Colonia Caesaraugusta. In *Hispania. El Legado de Roma*. Zaragoza, p. 457-462.
- Biers, W. R. (1988) - *Miróbriga. Investigations at an Iron Age and Roman site in Southern Portugal by the University of Missouri-Columbia (1981-1986)*. Oxford : B.A.R. International Series, 451.
- Black, E. W. (1985) - Hypocaust heating in domestic rooms in Roman Britain, *Oxford Journal of Archaeology*. Oxford. 4: 1, p. 79-92.
- Blyth, P. H. (1999) - The consumption and cost of fuel in hypocaust baths. In DeLaine E, J. ; Johnston, D. E., eds. - *Roman Baths and Bathing*. Proceedings of the First International Conference on Roman Baths. Portsmouth, Rhode Island : Journal of Roman Archaeology, 37, p. 87-98.
- Bonneville, J. N. ; Etienne, R. ; Rouillard, P. ; Sillières, P. ; Tranoy, A. (1982) - Les villes romaines de la Péninsule Ibérique. In *Les villes dans le Monde Ibérique*. Paris : CNRS, p. 11-26.
- Bouet, A. (1994) - Les thermes des maisons urbaines en Gaule Narbonnaise. In *La Maison Urbaine d'époque romaine en Gaule Narbonnaise e dans les provinces voisines. Actes du Colloque d'Avignon. Documents d'Archeologie Vauclusienne*, 6, p. 169-182.
- Bouet, A. (1996) - *Les thermes privés et publics en Gaule Narbonnaise*. Doctorat de l'Université de Provence.
- Bouet, A. (1999) - *Les matériaux de construction en terre cuite dans les thermes de la Gaule Narbonnaise*. Bordeaux: Ausonius Publications 1.
- Brödner, E. (1984) - "Concomerata sudatio". *Bemerkungen zu den hellenistischen Schwitzbädern*. Innsbruck.
- Brödner, E. (1999) - *Die römischen Thermen und das antike Badenwesen. Eine Kulturhistorische betrachtung*. Darmstadt.
- Broise, H. (1991) - Vitrages et volets des fenêtres thermals à l'époque impériale. In *Actes de la table ronde Les Thermes romains*. C.E.F.R., 142. Roma: École Française de Rome, p. 61-78.
- Carreño, C. (1992) - Baños privados y termas públicas en el Lugo romano. In *Actas de la mesa Redonda Terma-lismo Antiguo. Espacio, Tiempo y Forma*, 5, p. 337-350.
- Correia, V. H. ; Pilar Reia; M. (2000) - As termas de Conimbriga: tipologias arquitectónicas e integração urbana. In Fernández Ochoa, C. ; Garcia Entero, V., eds. - *Termas romanas en el Occidente del Imperio*, Coloquio Internacional, Gijón 2000. Série Património, 5. Gijón : vtp editorial, p. 271-280.
- Degbomont, J. M. (1984) - *Le chauffage par hypocauste dans l'habitat privé: de la Place St. Lambert à Liège à l'Aula Palatina de Trèves*. Liège : ERAUL – Études et Recherches Archéologiques de l'Université de Liège, 17
- DeLaine, J. (1988) - Recent research on Roman Baths. *Journal of Roman Archaeology*. Portsmouth, Rhode Island. 1, p. 11-32.
- DeLaine, J. (1999a) - Bathing and society. In DeLaine, J. ; Johnston, D. E., eds. - *Roman Baths and Bathing*. Proceedings of the First International Conference on Roman Baths. Portsmouth, Rhode Island : Journal of Roman Archaeology, 37, p. 7-16.
- DeLaine, J. (1999b) - Benefactions and urban renewal: bath buildings in Roman Italy. In DeLaine, J. ; Johnston, D. E., eds. - *Roman Baths and Bathing*. Proceedings of the First International Conference on Roman Baths. Portsmouth, Rhode Island : Journal of Roman Archaeology, 37, p. 67-74.
- DeLaine, J. (1999c) - Baths - The urban phenomenon. In DeLaine, J. ; Johnston, D. E., eds. - *Roman Baths and Bathing*. Proceedings of the First International Conference on Roman Baths. Portsmouth, Rhode Island : Journal of Roman Archaeology, 37, p. 156-163.
- DeLaine, J. ; Johnston, D. E., eds. (1999) - *Roman Baths and bathing*. Proceedings of the First International Conference on Roman Baths. Portsmouth, Rhode Island: Journal of Roman Archaeology, 37.
- Delgado, M. (1987) - Notícia preliminar sobre o salvamento no quarteirão da Rua Gualdim Pais. *Cadernos de Arqueologia*. Braga. série II, 4, p. 187-199.

- Dias, L. A. (1997) - *Tongobriga*, Lisboa : IPPAR .
- Díaz García, M. ; M. Garcá Noguera, M. ; María Sole, J. (2000) - Las termas públicas de Tarraco: estudio preliminar. In Fernández Ochoa, C. ; García Entero, V., eds. - *Termas romanas en el Occidente del Imperio*, Coloquio Internacional, Gijón 2000. Série Património, 5. Gijón : vtp editorial, p. 163-169.
- Escchwbach, H. (1979) - *Die Stabianer thermen in Pompeji*. Berlin : Denkmäler antiker Architektur, 13.
- Fernández Ochoa, C. (1997) - Las Termas de Gijón (Asturias). In *Hispania Romana: desde Tierra de Conquista a Provincia del Império*. Milão: Electa Editrice, p. 181-187.
- Fernández Ochoa, C. ; Zarzalejos Prieto, M. (1996) - Técnicas Constructivas en las Termas Romanas de Campo Valdés (Gijón): El Material Latericio. *Archivo Español de Arqueología*. Madrid: Instituto Español de Arqueología Madrid. 69, 173-174, p. 109-118.
- Fernández Ochoa, C. ; Zarzalejos Prieto, M. (1997) - Las termas públicas en las ciudades hispanas en le Bajo Império. In *II Encontro Hispania en la Antigüedad Tardía: Ocio y Espectáculos*. Alcalá de Henares.
- Fernández Ochoa, C. ; Morillo Cerdán, A.; Zarzalejos Prieto, M. ; García Entero, V. (1997) - Las termas romanas de Hispania: Balance historiografico y perspectivas de investigación. In Pérex Agorreta, ed., *Termalismo Antiguo, I Congreso Peninsular*, Arnedillo 1996. Madrid, p. 381-389.
- Fernández Ochoa, C. ; García Entero, V. (1999) - Las termas romanas del Noroente y de la Meseta Norte de Hispania. Los modelos arquitectónicos. *Archivo Español de Arqueología*. Madrid: Instituto Español de Arqueología Madrid. 72, p. 141-166.
- Fernández Ochoa, C. ; Morillo Cerdán, A.; Zarzalejos Prieto, M. (1999) - Material latericio en las termas romanas de Hispânia. In Bendala, M. *et alii*, eds. - *El ladrillo y sus derivados en la época romana. Monografías de Arquitectura romana*, 4. Madrid: Casa Velázquez-U.A.M., p. 291-305.
- Fernández Ochoa, C. ; Morillo Cerdán, A.; Zarzalejos Prieto, M.. (2000). Grandes conjuntos termales públicos en Hispânia. In Fernández Ochoa, C. ; García Entero, V., eds. - *Termas romanas en el Occidente del Imperio*, Coloquio Internacional, Gijón 2000. Série Património, 5. Gijón : vtp editorial, p. 59-72.
- Fernández Ochoa, C. ; García Entero, V., eds. (2000) - *Termas romanas en el Occidente del Imperio*, Coloquio Internacional, Gijón 2000. Série Património, 5. Gijón : vtp editorial.
- Fuentes Domínguez, A. (2000) - Las termas en la antigüedad tardía: reconversión, amortización, desaparición. El caso hispano. In Fernández Ochoa, C. ; García Entero, V., eds. - *Termas romanas en el Occidente del Imperio*, Coloquio Internacional, Gijón 2000. Série Património, 5. Gijón : vtp editorial, p. 131-145.
- García Entero, V. (2001) - *Los Balnea de las villae Hispanorromanas. Provincia Tarraconense*. Monografías de Arquitectura Romanas, 5. Série Termas 1, Madrid : UAM.
- García Marcos, V. (1994) - *Descubrimiento de unas nuevas termas públicas de Asturica Augusta (Astorga-León)*. Cuadernos Municipales, 2. Astorga.
- García Marcos, V. ; Vidal Encinas, J. (1995) - Recent archaeological research at *Asturica Augusta*. In *Social Complexity and the Development of Towns in Iberia from Copper Age to the Second century, A.D.*. London: Proceedings of the British Academy, 86, p. 371-394.
- García Marcos, V. ; Burón Álvarez, M. (2000) - Las termas menores de *Asturica Augusta*. In Fernández Ochoa, C.; García Entero, V., eds. - *Termas romanas en el Occidente del Imperio*, Coloquio Internacional, Gijón 2000. Série Património, 5, Gijón : vtp editorial, p. 207-214.
- Granados, O. (1992) - *Les termes de Barcino. Roma à Catalunya*. Barcelona, 135.
- Grenier, A. (1960) - *Manuel d'Archaeologie Gallo-Romaine, IV partie: Les Monuments des Eaux, Aqueducs - Thermes*. Paris: Ed. A. et J. Picard et Cie.
- Grimal, P. (1984) - *Les jardins romains*, Paris, Fayard.
- Gros, P. (1978) - *Architècture et société à Rome et en Italie centro-meridionale aux deux derniers siècles de la République*. Bruxelles: Colletion Latomus, 156.
- Gros, P. (1987) - La fonction symbolique des édifices théâtraux dans le paysage urbain de Rome augustéenne. *URBS Roma*, p. 319-346.
- Gros, P. (1993) - Comprendre la ville romaine? Perspectives et problèmes d'une approche structurelle. In *Actas del XIV Congreso Internacional de Arqueología Clásica*. Tarragona, p. 77-92.
- Gros, P. (1996) - *L'Architecture Romaine: du début du IIIe siècle av. J.C. à la fin du Haut-Empire, 1. Les Monuments Publics*.

- Col. Manuels d'Art et d'Archéologie Antiques. Paris : Picard éditeur.
- Johnson, P. ; Hayes I., eds., (1996) - *Architecture in Roman Britain*. London : CBA.
- Keay, S. (1993) - Towns in the Roman world: economic centres or cultural symbols?, in *La ciudad en el mundo romano*. In *Actas del XIV Congreso Internacional de Arqueología Clásica*. 1. Tarragona, p. 253-259.
- Keay, S. (1995) - Innovation and Adaptation: the contribution of Rome to Urbanism in Iberia, *Proceedings of the British Academy*. London. 86, p. 291-337.
- Krencker, D. ; Krüger, E. ; Lehmann, H. ; Wachtler, H. (1929) - *Die Trierer Kaiserthermen*, Augsburg.
- Kretzschmer, F. (1953) - "Hipopokausten". *Saalsburg Jahrbücher*. Saalsburg. XXII, p. 7-41
- Malissard, A. (1994) - *Les romains et l'eau. Fontaines, salles de bains, thermes, égouts, aqueducts*. Paris : Les Belles Letres.
- Manderscheid, H. (1983) - Katalog der öffentlichen Thermenanlagen des römischen Reiches. Projekt und Durchführung am Beispiel der Aeuweizer Thermen. *Jahresbericht Augstkeiseraugst*, 3, p. 59-76.
- Manderscheid, H. (1988) - *Bibliographie zum römischen Badenwesen unter besonderer Berücksichtigung der öffentlichen Thermen*. München.
- Mar, R. (1990) - Las termas de tipo medio en Ostia y su inserción en el espacio urbano. Estudio Preliminar. *Italica*, 18, p. 31-77.
- Mar, R. (1994a) - Las Termas y su Inserción Urbana en el Occidente Romano. In *Actas del XIV Congreso Internacional de Arqueología Clásica*, 1. Tarragona, p. 285-290.
- Mar, R. (1994b) - Los palacios imperiales. Néron y la *Domus Aurea*. *Bulletti RSAT*. Roma. 16, p. 54-84.
- Mar, R. (2000) - Las termas imperiales. In Fernández Ochoa, C. ; García Entero, V., eds. - *Termas romanas en el Occidente del Imperio*, Coloquio Internacional, Gijón 2000. Série Património, 5. Gijón : vtp editorial, p. 15-21.
- Mar, R. ; López, J. ; Piñol, LL., eds., (1993) - *Utilització de l'aigua a les ciutats romanes*. Documents d'Arqueologia Clàssica. 0. Tarragona : Universitat Rovira i Virgili.
- Martín-Bueno, M. ; Ortiz Palomar, M. E. (1995) - Vidrio de ventana en Bilbilis. *Balnearia*, 4, p. 10-11.
- Martins, M. (1997/98) - A zona arqueológica das Carvalheiras, *Cadernos de Arqueologia*. Braga, série II, 14-15, p. 23-45.
- Martins, M. (1999) - A urbanização do NO peninsular: o caso de *Bracara Augusta*. In *Actas da Mesa Redonda Emergência e desenvolvimento das cidades romanas no Norte da Península Ibérica*. Tongobriga, p. 53-75.
- Martins, M. (2000) - *Bracara Augusta. Cidade romana*. Braga : UAUM.
- Martins, M. ; Delgado, M. (1989-90) - História e Arqueologia de uma cidade em devir: *Bracara Augusta*. In *Cadernos de Arqueologia*. Braga. Série II, 6-7, p. 11-38.
- Martins, M. ; Delgado, M. ; Alarcão, J. (1994) - Urbanismo e Arquitectura de *Bracara Augusta*: Balanço dos Resultados. In *Actas do I Congresso de Arqueologia Peninsular*. Porto. 34, (1-2), p. 303-319.
- Martins, M. ; Silva, P. (2000) - As termas públicas de *Bracara Augusta*. In Fernández Ochoa, C. ; García Entero, V., eds. - *Termas romanas en el Occidente del Imperio*, Coloquio Internacional, Gijón 2000. Série Património, 5, Gijón : vtp editorial, p. 73-81.
- Martins, M. ; Bernardes, P. (2000) - A multi-disciplinary approach for research and Presentation of *Bracara Augusta's* archaeological Heritage. *Archeologia e Calcolatori*. Roma. 11, p. 347-357.
- Miró i Alaix, C. ; Puig i Verdager, F. (2000) - Edificios termales públicos y privados en Barcino. In Fernández Ochoa, C. ; García Entero, V., eds. - *Termas romanas en el Occidente del Imperio*, Coloquio Internacional, Gijón 2000. Série Património, 5, Gijón : vtp editorial, p.171-178.
- Mora, G. (1981) - Termas romanas en Hispânia. *Archivo Español de Arqueologia*. Madrid. 54, p. 37-89.
- Morais, R. (2004) - *Autarquia e Comércio em Bracara Augusta no período Alto-Imperial: contribuição para o estudo económico da cidade*, Dissertação de Doutoramento (polic.). Braga : Universidade do Minho.
- Nielsen, I. (1985) - Considerazioni sulle prime fasi dell'evoluzione dell'edificio termale romano. *Anaclea Romana Instituti Danici*, 14, p. 91-112.
- Nielsen, I. (1990) - *Thermae et Balnea. The Architecture and Cultural History of Roman Public Baths*. Aarhus.

- Nielsen, I. (1993) - Roman Baths and Urban Society. IN *Actas del XIV Congreso Internacional de Arqueología Clásica*. Tarragona, p. 308-309.
- Nielsen, I. (1999) - Early provincial baths and their relations to early italic baths. In DeLaine, J. ; Johnston, D. E., eds. - *Roman Baths and Bathing*. Proceedings of the First International Conference on Roman Baths. Portsmouth, Rhode Island : Journal of Roman Archaeology, 37, p. 35-43.
- Ortiz y Sanz, J., trad. e com. (1993) - *Los Diez Libros de Arquitectura*. Facsímil de la edición de 1787. Madrid, Barcelona: Biblioteca Alta Fulla.
- Ortiz Palomar, M. ; Paz Peralta, J. A. (1997) - El vidrio en los baños romanos. In Pérez Agorreta, ed., - *Termalismo Antiguo, I Congreso Peninsular*. Arnedillo 1996. Madrid, p. 437-451.
- Padrós Martí, M.; Gurrícosta, J. ; Gurrícosta, E. ; Grasses, Q. (2000) - Las termas de Baetulo (Barcelona): un ejemplo de las últimas tecnologías en imagen virtual. In Fernández Ochoa, C. ; García Entero, V., eds. - *Termas romanas en el Occidente del Imperio*, Coloquio Internacional, Gijón 2000. Série Património, 5, Gijón : vtp editorial, p. 429-436.
- Palol, P. de (1991a) - El teatro romano de Clunia. In Pedro de Palol *et alii*, eds., *Clunia 0. Studia Varia Cluniensia*. Burgos, p. 325-340.
- Palol, P. de (1991b) - La ciudad romana de Clunia. In Pedro de Palol *et alii*, eds., *Clunia 0. Studia Varia Cluniensia*. Burgos, p. 375-382.
- Palol, P. de (1994) - *Clunia. Historia de la ciudad y guía de las excavaciones*. 6ª ed. Burgos.
- Payà i Mercè, J. (2000) - Las termas públicas de la ciudad romana de Ilerda. In Fernández Ochoa, C. ; García Entero, V., eds. - *Termas romanas en el Occidente del Imperio*, Coloquio Internacional, Gijón 2000. Série Património, 5, Gijón : vtp editorial, p. 179-184.
- Perez Losada, F. (1992a) - Hipocaustos na Galicia Romana. *Gallaecia*. 13. Santiago de Compostela : Facultad de Geografía e Historia, p. 129-174.
- Perez Losada, F. (1992b) - Contribución ó estudio da cerámica de construción na Galicia romana (I). In *Galicia: da Romanidade à Germanización. Problemas históricos e culturais*. Santiago de Compostela, p. 241-262.
- Pilar Reis, M. (2004) - *Las termas y balnea romanos da Lusitania*, Studia Lusitana, Madrid: Ministerio da Cultura
- Ramallo, S. F. ; Pablos, F. S., eds (1992) - *Teatros romanos de Hispania*. Cadernos de Arquitectura Romana, 2. Murcia : Universidad de Murcia y Colegio de Arquitectos
- Rascón Marqués, S. (1999) - La Ciudad de Complutum en la Tardoantigüedad. Restauración y Renovación. In García Moreno, L. ; Rascón Marqués, S., eds. - *Complutum y las ciudades hispanas en la Antigüedad Tardía*, Alcalá: Acta Antiqua Complutensia, I, p. 51-72.
- Rascón Marqués, S. (2000) - Termas Complutenses. In Fernández Ochoa, C. ; García Entero, V., eds. - *Termas romanas en el Occidente del Imperio*, Coloquio Internacional, Gijón 2000. Série Património, 5, Gijón: vtp editorial, p. 199-205.
- Rebuffat, R. (1991) - Vocabulaire thermal. Documents sur le bain romain. In *Actes de la table ronde Les Thermes romains*. C.E.F.R., 142. Roma: École Française de Rome, p. 1-34.
- Rickman, G. (1971) - *Roman Granaries and Store Buildings*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Roldán, L. (1996) - Aspects constructifs des thermes romaines de la Baetica. In *L'Africa romana, XI Convegno di Studio*, Sassari, 1994. Sassari, p. 789-821.
- Sevillano Fuertes, A. E Vidal Encinas, J. (2000). Las Termas Mayores de Astorga, in C. Fernández Ochoa e V. García Entero (eds), *Termas romanas en el Occidente del Imperio, Coloquio Internacional*, Gijón 2000, Série Património 5. Gijón : vtp editorial p. 199-205.
- Silva, P. (2000) - *As termas romanas de Bracara Augusta*. Dissertação de Mestrado (polic.). Braga: Universidade do Minho.
- Silva, P. (2003) - *As termas romanas de Bracara Augusta*. Série 2. Argumentos, 22. Porto : FAUP.
- Sousa, J. J. R. de; Salette da Ponte, M. (1970). Novos elementos para a arqueologia bracarense. In *Actas das I Jornadas Arqueológicas*, II. Lisboa, p. 389-411.
- Torelli, M. (1980) - Innovazioni nelle tecniche edilizie romane tra il II sec. A.C. e il I d.C., *Tecnologia, Economia e società nel mondo romano*. Como, p. 139-162.

- Vasconcelos, J. L. de (1918) - Braga romana. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 23, p. 356-360.
- Yegül, F. (1992) - *Baths and Bathing in Classical Antiquity*. New York: Architectural History Foundation.
- Wilkes, J. J. (1999) - Approaching roman baths, in Roman Italy. In DeLaine, J.; Johnston, D. E., eds. - *Roman Baths and Bathing*. Proceedings of the First International Conference on Roman Baths. Portsmouth, Rhode Island : Journal of Roman Archaeology, 37, p. 17-23.
- Zajac, N. (1999) - 'The thermae: a policy of public health or personal legitimantion?'. In DeLaine, J. ; Johnston, D. E., eds. - *Roman Baths and Bathing*. Proceedings of the First International Conference on Roman Baths. Portsmouth, Rhode Island : Journal of Roman Archaeology, 37, p. 99-105.





## **ANEXOS**



## ANEXO A1

### As estruturas. Descrição e cronologia

As estruturas que serão descritas neste apartado encontram-se agrupadas em três grandes categorias: muros, silhares e canalizações. Os muros encontram-se identificados pela letra M, seguida de um número corrente que o individualiza. O mesmo sistema foi usado com os silhares, identificados pela letra B e por um número. As canalizações foram simplesmente individualizadas por letras maiúsculas.

Todas as estruturas foram descritas nas suas características e atribuídas às respectivas fases de construção referidas no texto. No caso dos muros são igualmente referenciadas as fases de utilização, sendo sugerido o momento da sua destruição. Para o efeito foram utilizadas as siglas PT, para designar a fase pré-termal e I, II, III e IV, para assinalar as sucessivas fases das termas.

### MUROS

#### Muro 1 (M1)

**Construção:** Fase PT; **Utilização:** Fases PT, I, II, III e IV

O muro M1, orientado N/S, conserva-se numa extensão de cerca de 33 m, revelando alturas muito variáveis que oscilam entre 1,50 m e 0,60 m. Muito embora o seu limite norte esteja bem definido, encaixando na rocha, o limite sul é problemático, pois este sector encontra-se muito alterado. O muro assenta na rocha não possuindo vala de fundação. Conservado até uma altura que deveria corresponder a uma parte subterrânea da construção, revela um aparelho aparentado do *opus vittatum*, ainda que irregular, nas dimensões e forma dos blocos (Fig. 26). Possui, na maior parte da sua extensão, apenas a face interna, adossando internamente a um recorte da alterite granítica, especialmente afeiçoada para a sua implantação. Pontualmente, o muro exhibe duas faces, revelando uma largura de 0,60 m (2 pés). Possui um sistema de construção com espigões ortogonais, que travam o muro na alterite granítica, estando os mesmos implantados a distâncias regulares de 0,60 m (2 pés) (Fig. 25). A ele encostavam vários outros muros, uns datáveis da Fase PT, como é o caso dos muros M12, M19 e M22 (Fig. 9), outros construídos na Fase II, como acontece com os muros M21, M23, M24 e M51 (Fig. 36), ou,

ainda, o muro M50, erguido na Fase III (Fig. 50), o qual passou a definir o limite norte do balneário. O muro M20 é o único que se encontra travado no muro M1, pertencendo igualmente à Fase PT. Este muro foi utilizado como limite nascente, quer do edifício pré-termal, quer das termas, mantendo as mesmas características ao longo das fases daquele último edifício.

#### Muro 2 (M2)

**Construção:** Fase I; **Utilização:** Fases I, II, III e IV

Perpendicular ao muro M1, possui orientação E/O, definindo o limite norte do edifício das termas. Sendo limitado a nascente pelo muro M1 deveria articular-se, a poente, com o muro M3B (Figs. 16, 36, 50 e 64). Possui duas faces com bom aparelho formado com blocos de forma e dimensões irregulares, colmatados por pequenas pedras e argamassa de areão. Encontra-se conservado em boa parte do que seria a sua extensão original, tendo sido destruído na parte poente por uma vala de implantação de um ca-no moderno. Julgamos, contudo, que deveria possuir 11,5 m de comprimento (cerca de 40 pés), apresentando na parte conservada 0,60 m de largura (2 pés), característica dos muros pe-rimétrais detectados na escavação. Conserva uma altura irregular que não ultrapassa 1,20 m. Foi implantado numa vala de fundação aberta na alterite, cujo enchimento está definido pelas UEs 007 e UE025. Ao muro M2 encostava o muro M9, parcialmente conservado, sendo presumível que a ele encostasse, também, o muro M9A, identificado apenas pela respectiva vala de saque (Figs. 16, 36 e 50).

#### Muro 3 (M3)

**Construção:** Fase PT; **Utilização:** Fases PT, I, II, III, IV

Este muro, com orientação N/S, muito destruído pelas sucessivas remodelações das termas, aparenta constituir um muro estrutural do edifício pré-termal, sendo paralelo ao muro M1. Muito embora as partes conservadas do muro sejam muito descontínuas, podemos constatar que possuía uma largura de 0,60 m (2 pés), sendo, por isso, um muro perimetral. Apresenta dois paramentos de grande qualidade, em *opus vittatum*, encontrando-se solidamente implantado na rocha. Na fase pré-termal seria limitado a norte pelo muro M6 e a sul pelo muro M20 (Fig. 9). Com a construção das termas, na Fase I, este muro foi prolongado para norte, até ao muro M2, através da construção do muro M3B.

**Muro 3A (M3A)**

**Construção:** Fase PT; **Utilização:** Fases PT, I, II, III, IV

Muro reduzido a uma fiada de pedras e assente na rocha. A parte conservada revela, todavia, um aparelho de boa qualidade. Com orientação E/O constituía parte da fachada sul do edifício pré-termal, tendo igualmente definido a parede sul das termas em todas as suas fa-ses construtivas (Figs. 16, 36, 50 e 64). Possui, tal como o muro M3, 0,60 m de largura (2 pés), sendo, por isso, um muro perimetral.

**Muro 3B (M3B)**

**Construção:** Fase I; **Utilização:** Fases II, III, IV

Este muro corresponde a um prolongamento para norte do muro M3, situando-se entre o muro M6, a sul, e o muro M2, que representa a fachada norte das termas. Apresenta-se destruído no local onde se articulava com o muro M2, mas revela-se relativamente bem conservado na restante extensão, tendo feito parte integrante da estrutura do edifício entre as Fases I e IV (Figs. 16, 36, 50 e 64). Possui cerca de 0,60 m de largura, revelando um aparelho semelhante ao do muro M2, do qual é contemporâneo. Revela a particularidade de integrar, na sua estrutura e ao nível da base, a passagem da canalização F, o que demonstra que aquela é anterior à construção das termas, continuando, todavia, em funcionamento, pelo menos na Fase I.

**Muro 4 (M4)**

**Construção:** Fase PT; **Utilização:** Fase PT; **Destruição:** Fase I

Muro com orientação E/O bem conservado ao nível da fundação. Exibe paramentos de grande qualidade, com blocos dispostos em fiadas horizontais e aparelho aparentado ao *opus vittatum*, possuindo características semelhantes ao muro M1, mas, também, ao muro M5. Revela um sistema de travamento semelhante ao exibido pelo muro M1, com blocos transversais que excedem a largura do muro. Tem cerca de 0,60 m de largura (2 pés) e conserva-se numa extensão de 15 m. Possui uma grande vala de fundação, aberta na alterite granítica, cujo enchimento está representado pela UE164. Conservado numa altura máxima de 1,20 m, revela evidências de uma passagem, com cerca de 1 m de largura, à qual parece faltar a pedra da soleira. Esta, deveria ser formada por um bloco granítico, devendo ter como cota superior 194,60 m. Este muro foi extensamente arrasado na Fase I e soterrado

para a construção da *palaestra* das termas.

**Muro 5 (M5)**

**Construção:** Fase PT; **Utilização:** Fase PT; **Destruição:** Fase I

Muro com orientação E/O, de boa qualidade, embora menos robusto que os anteriores. É perpendicular ao muro M4. Possui 8 m de extensão e uma largura de 0,50 m, estando definido por dois paramentos de aparelho de boa qualidade, semelhante ao do muro M4. Com fiadas de blocos dispostos na horizontal, adapta-se às irregularidades da rocha, revelando cerca de 1,50 m de altura máxima conservada na parte onde se articula com o muro M4. Possui vala de fundação, cujo enchimento está representado pela UE164, sendo, por isso, contemporâneo do muro M4. Foi completamente arrasado e soterrado na Fase I para a implantação do muro M81 e da calçada exterior ao teatro.

**Muro 6 (M6)**

**Construção:** Fase PT; **Utilização:** Fases PT, I, II, III; **Destruição:** Fase IV

Muro com orientação E/O, no alinhamento do muro M10 e paralelo ao muro M4. Apresenta-se muito destruído e praticamente reduzido ao alicerce, pois foi parcialmente arrasado na Fase I, aquando da construção do teatro e da *palaestra* das termas, da qual define parte do limite norte. Com cerca de 0,50 m de largura, este muro deve ter constituído parte da fachada norte do edifício pré-termal, correspondendo ao lado sul de um pórtico que se desenvolveria a norte. Com a construção das termas passou a definir parte do limite norte da *palaestra*, servindo de parede sul da área 21, situada na zona de serviços norte das termas (Figs. 16 e 36). Na Fase III perdeu aquela última funcionalidade, passando apenas a limitar a *palaestra* até ao limite do muro M81 (Fig. 50).

**Muro 6A (M6A)**

**Construção:** Fase PT; **Utilização:** Fase PT; **Destruição:** Fase I

Este muro, com orientação N/S, foi detectado em várias sondagens do sector oeste da área escavada, encontrando-se conservado apenas ao nível do alicerce. A parte identificada do muro revela um aparelho muito irregular, composto por blocos toscamente afeiçoados, possuindo cerca de 0,60 m de largura (2 pés). Encontra-se bastante destruído, pois foi extensamente desmontado a fim de permitir o entulhamento e nivelamento da área da *palaestra* das termas. Estava associado aos muros M67, M68, M69, M75 e

M77, que lhe são perpendiculares. Pontualmente o muro exhibe uma vala de fundação, cujo enchimento é constituído pela UE155. Estaria limitado a sul pelo muro M96 e a norte pelo muro M6, fazendo parte do corpo poente do edifício pré-termal (Fig. 9).

### Muro 7 (M7)

**Construção:** Fase I; **Utilização:** Fases I e II; **Destruição:** Fase III

Este muro, bastante largo, com cerca de 0,60 m, em forma de abside, apresenta-se muito arrasado. Revela, contudo, uma boa qualidade de execução, conservando-se dele apenas duas fiadas de blocos dispostos na horizontal, que assentam directamente na rocha. Apesar da sua articulação com o muro M3, ao qual encosta, julgamos poder atribuí-lo à Fase I, associando-se à construção do *caldarium* das termas (área 13), formando o *alveus* daquela sala (Fig. 16), que se conservou ainda na Fase II (Fig. 36). A ele associam-se, pelo menos, dois pavimentos sobrepostos de *opus signinum* (Fig. 23). Foi destruído na Fase III quando a área 13 foi transformada em zona de serviços (Fig. 50).

### Muro 8 (M8)

**Construção:** Fase II; **Utilização:** Fases II, III e IV

Muro com orientação N/S, conservado apenas na sua fiada oeste, pois foi destruído longitudinalmente, nos anos 70 do século XX, pela abertura de uma grande vala para implantação de saneamentos. É paralelo aos muros M3 e M1, definindo, seguramente, a fachada oeste do edifício das termas nas Fases II, III e IV. Embora quase totalmente arrasado, julgamos que, numa primeira fase, o seu limite sul estaria assinalado pelo silhar B33 e o norte pelo muro M37 (Fig. 36). Na Fase III, o muro M8 terá sido prolongado para norte até ao muro M102 (Fig. 50). Numa reforma posterior (Fase IV), este muro foi reestruturado para nele se incorporar a boca do *prae-furnium* Pr5 (Fig. 64).

### Muro 9 (M9)

**Construção:** Fase I; **Utilização:** Fases I, II e III; **Destruição:** Fase IV

Perpendicular ao muro M2 (Fig. 16), ao qual encosta e orientado N/S, este muro encontra-se muito destruído, tendo sido saqueado na Fase IV, quando a área de serviços norte foi inutilizada e entulhada. A parte melhor conservada do mesmo situa-se junto ao muro M2, revelando uma altura máxima de 0,80 m, com quatro fiadas de blocos sobrepostos. Apresenta bom apa-

relho, constituído por blocos muito regulares dispostos em fiadas horizontais, sendo semelhante ao muro M2. Possui 0,45 m de largura (1,5 pés), encontrando-se alinhado com o silhar B24, conservado *in situ* (Fig. 16). Assenta na rocha, definindo a parede oeste da área 20 (Figs. 16, 36 e 50), um dos compartimentos da zona de serviços norte das termas.

### Muro 9A (M9A)

**Construção:** Fase I; **Utilização:** Fases I, II e III; **Destruição:** Fase IV

Totalmente saqueado, este muro seria paralelo ao muro M9 e perpendicular ao muro M2, possuindo, portanto, uma orientação N/S. A sua datação pode ser estabelecida indirectamente pela coerência estrutural do espaço da zona de serviços norte, organizada em vários compartimentos, pelo que podemos atribuir-lhe datação semelhante à do muro M9. Definiria a parede nascente da área 21 da zona de serviços referida, construída na Fase I (Fig. 16).

### Muro 10 (M10)

**Construção:** Fase PT; **Utilização:** Fases PT, I, II e III; **Destruição:** Fase IV

Este muro conserva-se apenas parcialmente, dele subsistindo uma única fiada de blocos que correspondia à sua face norte. O seu arrasamento deverá ter ocorrido aquando da abertura de uma grande vala para implantação de saneamento. No entanto, tal como aconteceu com muitos muros da área de serviços norte, é provável que tenha sido parcialmente desmontado na Fase IV, quando aquela zona foi inutilizada e entulhada. Trata-se de um muro de orientação E/O, que assentava na rocha, não possuindo vala de fundação. A fiada conservada revela um aparelho de boa qualidade semelhante ao do muro M1. Admitimos a sua construção na fase pré-termal, devido ao facto de possuir o mesmo alinhamento do muro M6, podendo ter definido parte da fachada norte daquele primeiro conjunto arquitectónico (Fig. 9). Posteriormente, deverá ter sido reutilizado como parede divisória da área 20, inserida na zona de serviços norte das termas.

### Muro 11 (M11)

**Construção:** Fase I; **Utilização:** Fases I, II e III; **Destruição:** Fase IV

Este muro, hoje totalmente desaparecido, deixa-se adivinhar por um recorte na rocha, no alinhamento do muro M9. Teria, por conseguinte, uma orientação N/S, sendo paralelo ao muro M1. Definiria a parede oeste da área 19 da zona

de serviços norte das termas (Figs. 16, 36 e 50). Na falta de mais elementos julgamos poder datá-lo da Fase I, uma vez que terá servido para compartimentar aquele espaço. A sua vala de saque, bem definida, possuía um enchimento correspondente às UEs 015 e 048.

#### Muro 12 (M12)

**Construção:** Fase PT; **Utilização:** Fases PT e I; **Destruição:** Fase II

Perpendicular ao muro M1 e com orientação E/O, encontra-se alinhado com o silhar B1A, que constituía o seu limite poente (Fig. 9). Assentava na rocha, que foi cortada para a sua implantação. A sua parte conservada, situada junto ao muro M1, apresenta bom aparelho com blocos regulares dispostos em fiadas horizontais e com características semelhantes ao *opus vittatum*. Possui uma largura de 0,45 m (1,5 pés), conservando-se numa altura máxima de 1 m. Na Fase I serviu de parede sul da área 19 (Fig. 16), tendo sido parcialmente destruído e reaproveitado na construção de uma estrutura sub-circular, que consideramos definir uma cisterna (área 16) instalada na Fase II (Fig. 36).

#### Muro 13 (M13)

**Construção:** Fase I; **Utilização:** Fases I, II e III; **Destruição:** Fase IV

Este muro, completamente destruído, deixa-se perceber por uma vala de saque que corre paralela ao muro M11, a nascente, possuindo orientação N/S. Teria como limite norte o muro M14A e definiria a parede nascente da área 14, compartimento onde se encontrava instalado o *prae-furnium* Pr3 (Fig. 16). Simultaneamente, definia a parede do corredor de circulação correspondente à área 22 (Figs. 16 e 36). Na Fase III foi remodelado ficando mais curto (Fig. 50).

#### Muro 14 (M14)

**Construção:** Fase I; **Utilização:** Fases I e II; **Destruição:** Fase III

Perpendicular ao muro M3, está orientado E/O. Apresenta um aparelho de razoável qualidade, muito embora se encontre muito destruído, conservando uma altura máxima de 0,60 m. Assentava na rocha e possui 0,45 m de largura (1,50 pés). Limitado a poente pelo muro M3, ao qual encosta, rematava a nascente num bloco disposto transversalmente ao muro, que deveria corresponder à ombreira de uma porta, a qual definiria a entrada norte na área 14 da zona de serviços norte. O muro encontra-se alinhado com o muro M14A, que rematava no muro M13 situado a nascente (Figs. 16 e 36).

#### Muro 14A (M14A)

**Construção:** Fase I; **Utilização:** Fases I e II; **Destruição:** Fase III

Quase totalmente destruído, este muro prolongava-se para este, até ao muro M13, parede norte da área 14 (Figs. 16 e 36). Encontra-se no alinhamento do muro M14, dele restando apenas umas quantas pedras. Destas, uma delas, disposta transversalmente ao muro, revela-se semelhante ao bloco que rematava, a nascente, o muro M14 e que foi interpretado como a marcação de uma ombreira de porta.

#### Muro 15 (M15)

**Construção:** Fase III; **Utilização:** Fase III; **Destruição:** Fase IV

Perpendicular ao muro M3, que representa o seu limite poente, este muro, com orientação E/O, encontra-se muito destruído, não sendo perceptível a sua face norte. Apresenta um poderoso alicerce de pedras, sendo semelhante ao muro M16. Definia juntamente com aquele último o novo compartimento 23A, que julgamos poder datar da Fase III (Fig. 50). O muro é formado por blocos de grandes dimensões, dispostos de modo pouco ordenado, incorporando fragmentos de tijoleira.

#### Muro 16 (M16)

**Construção:** Fase III; **Utilização:** Fase III; **Destruição:** Fase IV

Perpendicular ao muro M3 e paralelo ao muro M15, deverá possuir a mesma cronologia daquele último. Ambos possuem o mesmo sistema de construção, com alicerce de pedras que definia uma vala de implantação, cujo enchimento está representado pela UE030. Definiria a parede sul da nova área 23A, um novo compartimento erguido na Fase III na área de serviços norte (Fig. 50).

#### Muro 17 (M17)

**Construção:** Fase PT; **Utilização:** Fase PT; **Destruição:** Fase I

Orientado E/O, este muro apresenta um aparelho irregular, possuindo cerca de 0,50 m de largura, estando conservado numa extensão de 3 m. Encontra-se limitado a poente por um bloco disposto à largura do muro, que parece definir o local de uma porta (Fig. 9). Desconhecemos o seu limite nascente, pois foi rompido pela abertura de uma grande vala de saneamento nos anos 70 do século XX. É paralelo ao muro M4, mas apresenta um aparelho irregular, o que pode justificar-se pelo facto de constituir um muro divisório interior e ainda pela parte con-

servada do mesmo corresponder a um alicerce. Possui uma vala de fundação cujo enchimento corresponde à UE195. Este muro foi arrasado na Fase I para a construção da *palaestra* das termas e do teatro.

#### Muro 17A (M17A)

**Construção:** Fase PT; **Utilização:** Fase PT; **Destruição:** Fase I

Orientado N/S, este muro estaria limitado a norte pelo muro M6 e a sul pelo muro M17, sendo paralelo ao muro M3 (Fig. 9). Encontrava-se bastante destruído, revelando na parte conservada um aparelho relativamente regular, sendo essa regularidade mais evidente na face oeste. Apresenta 0,50 m de largura, estando conservado numa altura máxima de 0,60 m. O enchimento da sua vala de fundação é o mesmo do muro M17, correspondendo à UE195. Foi destruído na Fase I, aquando da construção da *palaestra* das termas e do teatro.

#### Muro 18 (M18)

**Construção:** Fase PT; **Utilização:** Fase PT; **Destruição:** Fase I

Sendo perpendicular ao muro M5, ao qual encosta a poente, este muro encontra-se no alinhamento do muro M17, possuindo orientação E/O. Praticamente destruído, compunha juntamente com o muro M17 o limite sul de um espaço do edifício pré-termal (Fig. 9).

#### Muro 19 (M19)

**Construção:** Fase PT; **Utilização:** Fases PT, I e II; **Destruição:** Fase III

Perpendicular ao muro M1 e com orientação E/O, possui um aparelho próximo do *opus vittatum*. Assenta na rocha, estando limitado a oeste por um conjunto de silhares rectangulares sobrepostos (B13). A parte melhor conservada situa-se junto à sua articulação com o muro M1, onde atinge 1,50 m de altura máxima, possuindo seis fiadas de blocos dispostos na horizontal. Constitui um dos muros que compõem as divisórias do corpo poente do edifício pré-termal (Fig. 9). Foi utilizado nas Fases I e II (Figs. 16 e 36) como elemento divisório entre as áreas de serviço 15 e 17, tendo sido destruído na Fase III, quando sobre ele assentou parcialmente o muro M50.

#### Muro 20 (M20)

**Construção:** Fase PT; **Utilização:** Fases PT, I, II, III e IV?

Muro de orientação E/O, com 0,60 m de largura (2 pés), perpendicular ao muro M1, no qual

se encontra travado. A parte conservada do muro possui bom aparelho, revelando blocos mais ou menos homogêneos, dispostos em fiadas horizontais regulares, aproximando-se do *opus vittatum* e oferecendo características semelhantes às exibidas pelo muro M1. Este muro regista, contudo, profundas remodelações, ocorridas em várias fases. Uma delas corresponde à Fase I das termas e caracteriza a parte do muro que se situa entre o silhar B14 e o silhar B15. Esta remodelação resultou da implantação da canalização B, que corre sob o muro, bem como da abertura, no próprio muro, da boca de drenagem do que pensamos ser uma caixa de recepção de água suja. Nesta parte do muro foi ainda incorporada a soleira da porta de passagem entre as áreas 8 e 9, constituída por um bloco granítico disposto no eixo do muro, com 1,60 m de comprimento por 0,20 m de espessura (Fig. 18). Na sua parte nascente observa-se uma outra reforma, que datamos da Fase II das termas, caracterizada pela abertura de uma passagem entre a nova área 25 e a área 9. O muro parece prolongar-se ainda para poente, a partir do silhar B16. Dele conservam-se ainda algumas fiadas de pedras, situadas entre aquele silhar e aquele que foi identificado como B33, que estaria integrado no muro, bem como o silhar B32, que assinalaria o limite do muro nas Fases I e II (Figs. 16 e 36). No entanto, é admissível que na fase pré-termal este muro se prolongasse até ao muro M6A, que constituiria, assim, o seu limite poente (Fig. 9). Na parte conhecida e conservada, e apesar das reformas sofridas, o muro M20 assentava na maior parte da sua extensão directamente sobre a rocha, não possuindo vala de fundação. Por vezes, quando existem ligeiras depressões da rocha, é perceptível um nível de pedras miúdas, que constituía o leito de assentamento da estrutura. Sendo um muro estrutural do edifício pré-termal, foi utilizado nas termas em todas as suas fases, ainda que parte do muro original, a poente do silhar B32, tenha sido destruído, muito provavelmente logo na Fase I.

#### Muro 21 (M21)

**Construção:** Fase II; **Utilização:** Fase II; **Destruição:** Fase III

Trata-se de um muro apenas com um paramento norte, limitado a uma única fiada de pedras, que encostava directamente ao muro M22. Assentava directamente num enchimento de terra, sendo paralelo ao muro M23, o qual possui as mesmas características, situando-se à mesma cota. Julgamos que ambos terão sido construídos

aquando do entulhamento de parte da área de serviços 17, para construção da área fria 29, integrada na reforma do edifício correspondente à Fase II (Fig. 36).

#### Muro 22 (M22)

**Construção:** Fase PT; **Utilização:** Fases PT, I e II; **Destruição:** Fase III

Muro perpendicular ao muro M1, com orientação E/O, remata a poente no silhar B11A (Fig. 9). Possui bom aparelho, composto por blocos regulares e uma largura de 0,50 m. Assenta na rocha, não possuindo vala de fundação. Conserva uma altura máxima de 0,90 m. Considerando as suas características, julgamos poder atribuí-lo ao edifício pré-termal, tendo sido usado como parede norte do *frigidarium* das termas (área 9), sofrendo então um prolongamento para poente, através do muro M22A, situado entre os silhares B11A e B12A (Fig. 16). Na Fase II sofreu uma remodelação ao nível do alicerce, tendo sido rasgado para implantar a canalização A. Simultaneamente, foi aberta uma porta de passagem entre a área 9 e a nova área fria 29, a qual se encontra assinalada por dois silhares (B46 e B47). (Figs. 32 e 36).

#### Muro 22A (M22A)

**Construção:** Fase I; **Utilização:** Fases I e II; **Destruição:** Fase III

Este muro prolongou para poente o muro M22, situando-se entre os silhares B11A e B12A (Fig. 16). Com orientação E/O, apresenta-se razoavelmente bem conservado, revelando um aparelho regular, disposto em fiadas horizontais, apresentando uma altura máxima de 0,80m. Juntamente com o muro M22 definia a parede norte do *frigidarium* (área 9) das termas, tendo sido construído na Fase II. Assenta na maior parte da sua extensão num enchimento saibroso, que serve de leito ao próprio muro e colmata o espaço entre este e a canalização B, encaixada na rocha (Fig. 32).

#### Muro 23 (M23)

**Construção:** Fase II; **Utilização:** Fase II; **Destruição:** Fase III

Trata-se de um muro de orientação E/O, apenas com um paramento interno sul, que deve ter servido de reforço ao muro M24. Encontra-se limitado a duas fiadas de pedras, assentando num enchimento de terra. Limitado a este pelo muro M1, encosta a oeste num bloco que corresponde ao limite da câmara do *prae-furnium* Pr2. Aproximadamente a meio, apoia-se num bloco granítico com 0,90 m de comprimento

por 0,24 m de espessura, que se situa sobre a canalização A. É simétrico do muro M21, possuindo as mesmas características. Julgamos que ambos terão sido construídos aquando do entulhamento de parte da área de serviços 17, para criar a nova área fria 29, na Fase II.

#### Muro 24 (M24)

**Construção:** Fase II; **Utilização:** Fase II; **Destruição:** Fase III

Orientado E/O, este muro, com 0,45 m de largura, dispõe-se entre o muro M1, a este, e o eixo do muro M36, encostando, todavia, aos blocos verticais que definem a boca do *prae-furnium* Pr2. Trata-se de um muro irregular, composto por blocos toscamente talhados, com espaços significativos entre os mesmos, colmatados por fragmentos de tijoleira e terra. Assenta na maior parte da sua extensão num enchimento de terra, o qual, por sua vez, assenta parcialmente sobre as lajes que, na Fase I, definiam a base do *propnigium* do *prae-furnium* Pr2. Parte do muro alicerça-se nas tijoleiras que compõem a nova boca do *prae-furnium*. Aproximadamente a meio, o muro incorpora uma passagem definida por dois elementos graníticos, dispostos verticalmente, com 0,55 m de altura por 0,28 m de largura máxima, sobre os quais assenta um bloco granítico, disposto no eixo do muro, com 0,90 m de comprimento, 0,45 m de largura e cerca de 0,22 m de espessura, compondo uma abertura com 0,48 x 0,48 m, situada sobre a canalização A. Este muro foi construído na Fase II para servir de parede norte à nova área fria 29 (Figs. 36 e 41).

#### Muro 25 (M25)

**Construção:** Fase I; **Utilização:** Fases I e II; **Destruição:** Fase III

Muro com 0,45 m de largura, orientado N/S, reduzido ao alicerce. Definia a parede nascente da área 6, correspondente ao *apodyterium* das termas, tendo sido erguido na Fase I (Fig. 16). Está limitado a sul pelo muro M26, ao qual encosta, articulando-se, a norte, com o alicerce do silhar B18, que definia a sua ligação com o muro M27. Encontra-se muito arrasado, conservando-se apenas pontualmente na parte norte, onde está reduzido a uma fiada de blocos, que assenta num ressalto da rocha talhada à largura do muro, adaptando-se, assim, aos desníveis daquela. Destruído na parte sul, revela alguma irregularidade, pois, aproximadamente a meio, apresenta-se mais largo e de aparelho mais caótico no local onde, na Fase II, foi entaipada a boca do *prae-furnium* Pr1 (Fig. 16).



**Muro 25A (M25A)****Construção:** Fase I; **Utilização:** Fases I e II;**Destruição:** Fase III

Muro totalmente destruído que deveria estar limitado, a norte, pelo muro M26 e, a sul, pelo muro M3A. Definiria o limite oeste da área 5 e o limite nascente da área 2. Foi construído na Fase I (Fig. 16), tal como terá acontecido com o paralelo muro M26A (Figs. 16 e 36).

**Muro 25B (M25B)****Construção:** Fase I; **Utilização:** Fase I; **Destruição:** Fase II

Trata-se de um muro não conservado, que deveria prolongar para norte o muro M25, fechando o corredor 8, a nascente, e separando-o da área de serviços 18 (Fig. 16). Construído na Fase I, foi destruído na Fase II, quando o corredor 8 passou a estar ligado à nova área fria 25.

**Muro 26 (M26)****Construção:** Fase I; **Utilização:** Fases I e II; **Destruição:** Fase III

Muro muito destruído, de orientação E/O, corresponde à parede sul do *apodyterium* das termas (área 6) (Fig. 16). Erguido na Fase I, encontra-se quase totalmente saqueado, tendo sido certamente inutilizado na Fase III, quando se entulhou o *apodyterium*. A parte conservada deste muro revela 0,45 m de largura, estando reduzida a uma fiada de pedras, sobre as quais assentam régulas invertidas, formando uma parede de *opus laterício*. Desconhecemos se esta característica seria extensível a todo o muro, dado o seu estado de destruição.

**Muro 26A (M26A)****Construção:** Fase I; **Utilização:** Fases I e II; **Destruição:** Fase III

Totalmente destruído, este muro articularia o muro M3A com o muro M26, definindo a parede nascente da área 3 e servindo de limite oeste ao *vestibulum* anexo (área 2) (Figs. 16 e 36). É presumível que neste muro se abrisse uma porta para circulação entre as áreas 2 e 3.

**Muro 27 (M27)****Construção:** Fase I; **Utilização:** Fases I e II; **Destruição:** Fase III

Muro com 0,45 m de largura, orientado E/O, que definia a parede norte do *apodyterium* das termas (área 6) (Fig. 16). Trata-se do muro melhor conservado deste compartimento, revelando uma altura irregular, que oscila entre 0,40 m e 0,60 m, o que se deve ao facto de ter sido arrasado e nivelado na Fase III para construção

do novo *apodyterium* (área 30). Revela um enchimento de pedra miúda e argamassa, com aparelho irregular, composto por blocos de diferentes dimensões, dispostos em fiadas horizontais. A parte melhor conservada apresenta uma série de quatro fiadas de blocos. Assenta na rocha, a qual se revela mais alta na sua extremidade nascente e sobrelevada em relação à *area* do hipocausto. Assenta, também, sobre a cobertura da canalização B. Incorporou na sua construção um conjunto de silhares sobrepostos, dos quais resta apenas o mais baixo, identificado por B19 (0,70 x 0,30 m); os restantes foram saqueados na Fase III, quando o muro foi arrasado. A cerca de 1,50 m do seu limite nascente, o muro revela uma organização que sugere a existência de um vão de passagem, com cerca de 1,60 m, mais perceptível no alçado norte. Este vão encontra-se no alinhamento daquele outro observado no muro M20, o qual estava assinalado por uma soleira que permitia a entrada no *frigidarium* (área 9). À semelhança do que acontece com tal passagem, é provável que a do muro M27 estivesse também ela marcada por uma soleira, composta por um bloco granítico disposto ao correr do muro.

**Muro 28 (M28)****Construção:** Fase I; **Utilização:** Fases I, II, III e IV

Com 0,45 m de largura e orientação N/S, este muro define a parede poente do *apodyterium* das termas (área 6), constituindo, simultaneamente, o limite este da piscina anexa (área 7) (Fig. 16), prolongando-se para sul até ao muro M3A. Encontra-se bastante destruído na parte sul. A parte conservada revela três fiadas de blocos regulares, que se adaptam aos recortes da rocha, talhada, por certo, para assentar as escadas de acesso à piscina fria Pi1 (área 7).

**Muro 29 (M29)****Construção:** Fase I; **Utilização:** Fases I, II, III e IV?

Este muro, que definia a parede sul da piscina fria do *apodyterium* (área 7) (Fig. 16), encontra-se completamente saqueado, deixando-se apenas adivinhar pelo rebordo do *opus signinum* da piscina e pela profunda vala de saque que se dispõe ao longo do seu eixo. O enchimento daquela vala está definido pelas UEs 220 e 222, as quais correspondem, também, aos saques dos muros M30 e M31.

**Muro 30 (M30)****Construção:** Fase I; **Utilização:** Fases I, II,

III e IV?

Muro com orientação N/S, apresenta 0,82 m de largura na base, ao nível do alicerce e 0,65 m na parte superior. Constitui o limite oeste da piscina fria do *apodyterium* (área 7) (Fig. 16). Assenta na rocha, sendo contudo visível que o pavimento de *opus signinum* da piscina repousava num poderoso enchimento de pedras para nivelamento do solo. A parte conservada do muro apresenta um aparelho muito regular, com pedras de dimensão média, revelando cinco fiadas de blocos que atingem a altura máxima de 1 m. O enchimento do muro, constituído por pedra miúda, revela restos de argamassa e argila que isolavam a estrutura. Rematava a norte em dois silhares rectangulares (B21), com 0,83 x 0,45 m, que poderiam ter servido de contrafortes da estrutura, muito embora devam ter sido reaproveitados do edifício pré-termal. Sob o muro, na parte norte, corre a canalização B1, definida por um caleiro de material laterício. O enchimento da vala de saque deste muro está definido pelas UEs 220 e 222.

#### Muro 31 (M31)

**Construção:** Fase I; **Utilização:** Fases I, II, III e IV?

Com orientação E/O e 0,65 m de largura, este muro define o limite norte da piscina fria do *apodyterium* (área 7) (Fig. 16). Muito mal conservado, foi saqueado até praticamente ao alicerce, tendo a sua parte poente sido destruída pela grande vala de implantação de saneamento, que arrasou o edifício das termas no sentido N/S. Na parte melhor conservada, visível na sua face exterior norte, revela um aparelho algo irregular e um miolo com argamassa argilosa de impermeabilização, à semelhança do que ocorre, também, com o muro M30. No canto noroeste, apresentava vestígios de argamassa de revestimento interior, com cerca de 0,09 m de espessura, na qual assentavam tesselas quadradas de cerâmica, com cerca de 0,02 m x 0,02 m, algumas das quais ainda conservadas. O enchimento da vala de saque está definido pela UE220.

#### Muro 32 (M32)

**Construção:** Fase III; **Utilização:** Fases III e IV

Orientado E/O, este muro encontra-se alinhado com o muro M20, situando-se entre os silhares B32 e B33 (Fig. 50). Praticamente desmantelado, exibe um aparelho irregular com 0,45 m de largura, com blocos de diferentes dimensões e fragmentos de tijoleira incorporados, assentando num alicerce formado por grandes blocos

irregulares. A nascente, o muro sobrepõe-se parcialmente ao silhar almofadado B33. Embora alinhado pelo muro M20, erguido na Fase PT e usado nas Fases I e II das termas, este muro possui características construtivas muito tardias, que julgamos adquiridas na Fase III, representando a parede norte da canalização O (Figs. 50 e 60), a qual será incorporada nas novas latrinas das termas construídas na Fase III (Fig. 50).

#### Muro 33 (M33)

**Construção:** Fase I; **Utilização:** Fases I e II; **Destruição:** Fase III

Muro com orientação E/O possui 0,45 m de largura. Limitado a oeste pelo muro M3, rematava no silhar B3, definindo a parede norte do *caldarium* (área 13) (Figs. 16 e 36). Este muro encontra-se muito arrasado, conservando-se em grande parte da sua extensão apenas ao nível do alicerce que corresponde ao das tijoleiras da *area* do hipocausto, sendo possível verificar que incorporava a boca do *prae-furnium* Pr3, com 0,60 m de largura. A parte melhor conservada do muro situa-se na sua extremidade poente, onde revela uma altura máxima de 1,20 m, assentando num leito de preparação composto por pequenas pedras que acamam e regularizam a rocha. Revela um bom aparelho, com blocos dispostos em fiadas horizontais, conservando, a cerca de 0,80 m de altura, duas fiadas de tijoleiras de rebordo (0,40 x 0,29 x 0,06 m), que marcam a altura do nível de assentamento da *suspensura* do hipocausto. Este muro foi destruído quando grande parte da área 13 foi transformada em área de serviços do *prae-furnium* Pr4, na Fase III. Na parte poente, junto ao muro M34, conservou-se na face sul do muro uma fiada de *tubuli latericii* (Fig. 24).

#### Muro 34 (M34)

**Construção:** Fase I; **Utilização:** Fases I e II; **Destruição:** Fase III

Muro com 0,50 m de largura e orientação N/S, corresponde à parede nascente do *caldarium* das termas (área 13), tendo sido erguido na Fase I (Fig. 16). Está limitado a norte pelo muro M33 e a sul pelo M35, possuindo 2,80 m de comprimento. O muro assenta num enchimento que regularizava a inclinação da rocha. Apresenta uma altura conservada de 1,20 m, a qual exibe bom aparelho, semelhante ao do muro M33. Tal como aquele último, revela duas fiadas de tijoleiras de rebordo, que assinalam o nível de assentamento da *suspensura* do hipocausto da área 13. A face interna do muro apresenta vestígios de *concamerationes* com *tubuli*, dispostos aci-

ma das tijoleiras e situados a 0,80 m da base do muro.

### Muro 35 (M35)

**Construção:** Fase I; **Utilização:** Fase I; **Destruição:** Fase II

Muro com 0,40 m de largura que limitava a parede sul da área 13 (*caldarium*), separando-a da área 12 (*tepidarium*), limitado a oeste pelo muro M3 e a este pelo M36 (Fig. 16). Orientado E/O, conserva-se somente a nascente, numa extensão aproximada de 2,40 m, revelando um máximo de três fiadas de blocos, de boa qualidade, sobrepostos na horizontal, visíveis apenas na zona onde se articula com o silhar B5. Uma vez que a área 12, da qual este muro definia o limite norte, seria aquecida indirectamente a partir do ar que circulava no hipocausto da área 13, é admissível que o muro não se prolongasse ao nível do hipocausto, podendo este ser contínuo entre as duas áreas referidas.

### Muro 35A (M35A)

**Construção:** Fase II; **Utilização:** Fase II; **Destruição:** Fase III

Este muro com orientação E/O sobrepôs-se ao muro M35, incorporando-o. Conservado numa altura de 0,60 m, estava igualmente limitado pelo silhar B5, situado a nascente, não se conservando o seu limite poente (Fig. 36). Revela uma largura de 0,60 m (2 pés), assentando parcialmente, quer no muro M35, quer nas tijoleiras que compõem a *area* do hipocausto do *caldarium* (área 13). Aparentemente a sua construção pode estar associada à reforma da Fase II. Tal como sugerimos para o muro M35, é possível que não se estendesse a todo o comprimento da sala, de forma a permitir a passagem do ar quente da área 13 para a área 12. Sobre ele irá assentar o muro M50, erguido na Fase III.

### Muro 36 (M36)

**Construção:** Fase I; **Utilização:** Fases I e II; **Destruição:** Fase III

Muro com orientação N/S, definia a parede nascente das áreas 11 e 12 (*tepidaria*) do primeiro edifício das termas (Fig. 16). Tem características semelhantes aos muros M34 e M35. Encontra-se limitado a norte por um conjunto de três silhares sobrepostos, conservados da Fase PT (B5) e a sul pelo conjunto dos silhares B11. Incorpora ainda dois outros silhares, o B7 e o B9, que se revelam ligeiramente salientes relativamente à face interna do muro. Encontra-se conservado a uma altura mais ou menos semelhante, tendo sido objecto de extenso arrasa-

mento, realizado na Fase III, para sobre ele assentar o pavimento de *opus signinum* do *frigidarium* das termas tardias (área 31). Todavia, conserva ainda parte do rebordo de tijoleiras que assinalava o nível de assentamento da *suspensura* dos hipocaustos das áreas 11 e 12, em funcionamentos nas Fases I e II. Aproximadamente a meio, entre os silhares B7 e B9, possui uma abertura que corresponde à boca do *praefurnium* Pr2, definida por dois blocos graníticos dispostos verticalmente, com 0,70 m de altura por 0,20 m de largura e espaçados entre si cerca de 0,60 m, os quais se apresentam bastante alterados pelo fogo (Fig. 20). Na parte sul do muro, entre os silhares B9 e B11, existe uma outra abertura com as mesmas características, ainda que esta não assinale quaisquer sinais de ter sido usada como boca de pré-fúrnio; julgamos antes estar em presença de uma entrada de serviço para limpeza do hipocausto da área 11. Por outro lado, esta entrada foi entaipada na Fase II, possuindo, no lado poente, uma fiada de pedras entre os blocos verticais e uma grande pedra, com 0,60 x 0,40 m que fechava quase completamente a abertura. No lado nascente, a entrada foi fechada com quatro fiadas horizontais de pedras. Julgamos que o entaipamento do muro teve por objectivo a criação da área 29, que implicou o entulhamento do espaço situado a nascente da referida entrada (Fig. 36). O muro não possui vala de fundação, assentando, ora nos recortes da rocha, ora em enchimentos das valas de fundação dos silhares. Possui um aparelho composto de pedras de talhe e dimensão irregulares, dominando os blocos quadrados (Fig. 20).

### Muro 37 (M37)

**Construção:** Fase I; **Utilização:** Fases I e II; **Destruição:** Fase III

Este muro, com orientação E/O, construído na Fase I das termas, situava-se entre os muros M3 e M36, definindo a parede sul da área 12 (Fig. 16). Muito embora se tenha conservado apenas na parte situada entre os silhares B7 e B8, devido a reformas tardias, julgamos que terá sido prolongado para oeste, até ao muro M8, na reforma da Fase II, a fim de permitir a criação da nova área quente 28 (Fig. 36).

### Muro 38 (M38)

**Construção:** Fase III; **Utilização:** Fases III e IV

Trata-se de um muro tardio, construído na Fase III para servir de limite entre o novo *frigidarium* (área 31), situado a nascente e a nova área aquecida das termas, localizada a poente (Fig. 50).

Tem orientação N/S, conservando-se em praticamente toda a sua extensão original (8,60 m), estando apenas destruído no limite norte que asseguraria a sua ligação ao muro M39, correspondente à nova parede norte das termas. A sul, estava limitado pelo muro M40 (Fig. 55). Sobrepe-se parcialmente ao muro M52, que definia o limite oeste da área 11 nas Fases I e II. Possui um aparelho irregular, sendo de destacar a utilização de fragmentos de telha entre os blocos de pedra. Sobrepe-se, também, aos silhares B8 e B10, tendo coberto igualmente o silhar B11. Mede cerca de 0,45 m de largura, encontrando-se conservado numa altura variável, que atinge 1,40 m na parte mais alta.

### Muro 39 (M39)

**Construção:** Fase III; **Utilização:** Fases III e IV

Muro tardio, construído na reforma que define a Fase III. Corresponde a parte da fachada norte do edifício das termas. Constitui o prolongamento natural, para oeste, do muro M50, construído na mesma fase (Fig. 50). Tem orientação E/O e encontra-se muito destruído. Possui um aparelho muito irregular, que integra abundantes fragmentos de tijoleira. Mede cerca de 0,45 m (1, 5 pés) de largura e assenta, quer sobre enchimentos de terra, designadamente do que pensamos ser a vala de fundação do silhar B6, quer sobre o solo de *opus signinum* que formava a *area* do hipocausto do *tepidarium* 12 das Fases I e II, quer em tijoleiras pertencentes à *area* daquele primitivo hipocausto. Conservado numa altura máxima de 1,40 m, incorpora parte da estrutura da boca do *praeefurnium* Pr4, com cerca de 0,90 m de largura, definida por um arco de tijoleiras mal conservado (Fig. 54). Aquela entrada de ar viria a ser fechada na última remodelação das termas, operada na 2ª metade do século IV (Fig. 64).

### Muro 40 (M40)

**Construção:** Fase II; **Utilização:** Fases II, III e IV

Com 0,45 m de largura, este muro, com orientação N/S, representa o limite nascente da piscina de água fria Pi3 (área 26), que foi integrada nas termas na Fase II (Fig. 36). Está implantado entre os silhares B12, a norte e B15, a sul, possuindo 3,14 m de comprimento. Apresenta-se bem conservado, revelando um aparelho irregular (Fig. 38). Desconhecemos a altura original do muro na fase em que foi construído, não vendo a mesma, contudo, ultrapassar cerca de

0,70 m, situando-se certamente a uma cota superior à do silhar B12, ou seja, a 194,40 m. Na base do muro, na sua parte norte, encostado ao silhar, encontra-se o alicerce de um degrau com 1,20 m de comprimento por 0,40 m de largura, composto por pedras e argamassa, registando vestígios de argamassa de revestimento. Na parte sul, o muro assenta sobre a cobertura de tijoleira da canalização D, com origem na área 9. Na Fase III, o muro deverá ter sido elevado com mais uma fiada de pedras que se sobrepe ao silhar B12, ligando-se, assim, ao muro M38 (Figs. 43 e 50). Sobre essa fiada de pedras foram assentes duas grandes lajes de granito com 1,50 m de comprimento, 0,45 m de largura e uma espessura de 0,20 m, as quais definem uma soleira que assegurou a passagem entre a nova área fria 31 e a área quente 32. O muro conservou restos de argamassa de revestimento.

### Muro 41 (M41)

**Construção:** Fase III; **Utilização:** Fases III e IV

Muro de orientação N/S, construído na Fase III, que constitui uma das divisórias da área aquecida das termas tardias (Fig. 50). Encontra-se muito destruído, mas é presumível que rematasse no muro M42, a norte e no muro M44, a sul, possuindo cerca de 4 m de comprimento por 0,45 m de largura. Trata-se de um muro de aparelho irregular, que integra fragmentos de tijoleira e pedras de diferentes talhes e dimensões. Na parte norte, assenta na rocha e, na parte sul, num solo de *opus signinum* conservado da Fase II. Possui três passagens de ar, definidas por blocos de pedra dispostos na vertical, rematados superiormente por blocos horizontais. A passagem central, com 0,80 m de altura por 0,50 m de largura, é mais alta que as laterais, sendo provável que o bloco superior que rematava o muro assinalasse o nível sobre o qual assentaria a *suspensura* do hipocausto. A passagem norte, com 0,50 m/0,60 m de altura por 0,40 m de largura, encontra-se definida por dois blocos verticais. Um deles, situado a norte, tem 0,50 x 0,45 x 0,20 m. O bloco sul possui 0,50 x 0,45 x 0,20 m, apresentando o bloco de cobertura 0,80 m de comprimento por 0,45 m de largura e 0,20 m de espessura. A passagem sul está definida, a norte, por um silhar almofadado com 0,45 x 0,36 x 0,24 m e a sul, por um bloco com 0,22 m de altura, 0,45 m de largura e 0,20 m de espessura. São ambos cobertos por uma laje com 1 m de comprimento por 0,45 m de largura e 0,20 m de espessura. O muro manteve-se em funcio-

namento na Fase IV (Fig. 64).

#### Muro 42 (M42)

**Construção:** Fase III; **Utilização:** Fases III e IV

Muro de orientação E/O, limitado a oeste pelo muro M8 e, a este, pelo muro M38 (Fig. 50). Servia de divisória entre dois compartimentos da parte oeste das termas, limitando a norte o muro M41. O eixo do muro M42 marca uma divisória da área quente das termas, estabelecida na Fase III, ainda que ao nível do subsolo existissem apenas as pilastras de um hipocausto, que julgamos contínuo, entre as áreas 36 (*caldarium*) e 34 e 35 (*tepidaria*). Desta fase conservaram-se várias tijoleiras retangulares espaçadas entre si cerca 0,70 m, dispostas no sentido do eixo do muro. Os espaços entre as referidas tijoleiras foram fechados na Fase IV, quando a área 36 foi entulhada e transformada em compartimento frio (Fig. 64).

#### Muro 43 (M43)

**Construção:** Fase III; **Utilização:** Fases III e IV

Muro contemporâneo dos muros M41 e M42, associado à remodelação das termas na Fase III (Fig. 50). Encontra-se muito arrasado. Está orientado N/S e constitui uma divisória entre as áreas 32 e 33. Possui um aparelho muito irregular, estando limitado a sul pelo muro M20, não se tendo conservado o seu limite norte. Assenta na rocha, que regista desníveis acentuados. Tal como o muro M41 possui uma passagem de ar, rasgada no aparelho pétreo e feita com material laterício (Fig. 51). Desta passagem conservou-se a base, composta por três fiadas de tijoleiras e as partes laterais formadas pela sobreposição de tijoleiras *pedalis*, com 0,30 m de lado, que definem uma entrada de ar com 0,40 m de vão. A parte superior não se conservou. A altura máxima do muro é de 0,60 m, possuindo 0,40 m de largura.

#### Muro 44 (M44)

**Construção:** Fase III; **Utilização:** Fases III e IV

Muro de *opus laterício*, apenas conservado parcialmente. Com orientação N/S, definia o limite sul da área 34 (Fig. 50). Embora o seu limite nascente esteja bem definido, encostando ao muro M38, o seu limite oeste é problemático. De facto, julgamos que deveria rematar no muro M8, a poente, sendo rasgado por aberturas para a passagem de ar quente entre os hipocaustos das áreas 34 e 32 e 35 e 33 (Figs. 50 e 64). A parte conservada do muro, com cerca de 2 m de

comprimento, parece definir, a oeste, uma dessas passagens, pois o muro encontra-se cuidadosamente rematado (Fig. 63). Tem 0,45 m de largura e apresenta uma altura máxima conservada de 0,90 m. Assenta parcialmente num espesso solo de *opus signinum*, sobrepondo-se igualmente a um grande bloco granítico e ao muro M52 (Fig. 58), destruído para assentar o muro M38.

#### Muro 45 (M45)

**Construção:** Fase IV; **Utilização:** Fase IV

Muro muito tardio construído na última remodelação das termas. Define o limite sul da câmara onde se situava o *praeefurnium* Pr5 (área 39) (Figs. 50 e 64). Foi incorporado no muro M8, no qual foi aberta a boca do *praeefurnium*. Bastante saqueado, encontra-se apenas conservado na parte junto ao muro M8. Apresenta um aparelho irregular e mede 0,50 m/0,45 m de largura. Possuindo uma orientação E/O, é paralelo ao muro M46 que lhe é contemporâneo. Possui uma vala de fundação, cujo enchimento está definido pela UE213. Está associado a um nível de coloração negra, rico em cinzas e carvões, definido pela UE205.

#### Muro 46 (M46)

**Construção:** Fase IV; **Utilização:** Fase IV

Muro paralelo ao muro M45 que definia o limite norte da área 39, onde se localiza o *praeefurnium* Pr5 (Figs. 50 e 64). Melhor conservado que o muro M45, apresenta um aparelho irregular que inclui fragmentos de tijoleiras e mede entre 0,45 m e 0,50 m de largura. Não sabemos, contudo, como rematava no muro M8, devido à extensa destruição deste último. Possui uma vala de fundação, cujo enchimento corresponde à UE204; está associado a um solo, definido pela UE206, que se estende até ao muro M45, sobre o qual assenta a UE205, com restos da utilização do *praeefurnium*.

#### Muro 47 (M47)

**Construção:** Fase PT; **Utilização:** Fases PT, I, II e III; **Destruição:** Fase IV

Este muro com orientação E/O apresenta 0,45 m de largura. Encontra-se muito destruído, pois foi usado e remodelado ao longo de várias fases. Sem vala de fundação e assente na rocha, possui bom aparelho, sendo possível atribuí-lo à Fase PT. Encostava ao muro perimetral M3, a poente, rematando no silhar B2 (Fig. 9). Tudo indica que foi utilizado, ainda, entre as Fases I e II das termas, servindo de limite à câmara do *praeefurnium* Pr3, na área 14 (Figs. 16 e 36). Na reforma

da Fase III foi prolongado para poente, através do muro M102, com o qual passou a definir o limite norte da nova área de serviços 38, onde se situava o novo *prae-furnium* Pr4 (Fig. 50).

#### Muro 48 (M48)

Muro muito tardio, orientado NO/SE, difícil de valorizar em termos arquitectónicos e cronológicos, ainda que seja posterior ao abandono das termas. Está reduzido a uma fiada de pedras, medindo cerca de 0,60 m de largura.

#### Muro 49 (M49)

**Construção:** Fase PT; **Utilização:** Fases PT e I; **Destruição:** Fase II

Trata-se de um muro muito arrasado, que atribuímos ao edifício pré-termal. Do muro original pouco se conserva, tendo sido implantado entre o silhar B12A e o muro M3 (Fig. 9). Com orientação E/O, encontra-se no alinhamento dos muros M22 e M22A, definindo, juntamente com aqueles, a parede norte da área 9 das termas na Fase I (Fig. 16). O seu traçado corresponde ao local onde se situariam as escadas que permitiam aceder à piscina fria Pi2 (área 10), sendo provável que tenha sido nesta fase que foi parcialmente desmontado. Posteriormente, na Fase II, o muro foi inutilizado para criar a piscina Pi3 (área 26), notando-se no sítio da sua anterior passagem um desnível da rocha, compensado com a implantação de tijoleiras inclinadas, posteriormente revestidas de *opus signinum*. A parte conservada do muro, constituída pelo silhar B12A saliente e por um ressalto da rocha, e que se associaria ao muro M3, revela restos do revestimento de *opus signinum* da piscina Pi3 (Figs. 36 e 58).

#### Muro 50 (M50)

**Construção:** Fase III; **Utilização:** Fases III e IV

Este muro tardio, com orientação E/O, definia, em conjunto com o muro M39, a parede norte das termas na Fase III (Fig. 50). A nascente estaria limitado pelo muro M1, prolongando-se até ao silhar B6, estando conservado numa extensão de cerca de 7,50 m. Assenta sobre parte dos muros M19 (Fase PT), M35 (Fase I) e M35A (Fase II), bem como sobre os silhares B5 e B6 (Figs. 53 e 54). De uma forma pontual assenta directamente em terra, nomeadamente sobre o enchimento da vala de fundação do silhar B5 (Fig. 54). Apresenta um aparelho muito irregular, incorporando elementos de arquitectura e tijoleiras dispostas horizontalmente, embora sem solução de continuidade (Fig. 42).

Mede 0,50 m de largura, estando conservado numa extensão de 8 m, revelando 1,80 m de altura máxima.

#### Muro 51 (M51)

**Construção:** Fase II; **Utilização:** Fase II e III?

Muro de tendência sub-circular que reaproveita parte do muro M12, encostando ao muro M1 (Fig. 36). Define uma estrutura que presumimos corresponder a uma cisterna (área 16), a qual se encontra associada à canalização A, implantada nesta mesma fase. Possui um aparelho muito irregular, sendo possível que tenha sido objecto de remodelações (Fig. 39). Tem uma largura variável, oscilando entre 0,45 m e 0,50 m. Incorpora na parte sul a boca da canalização A, cuja parte superior é formada por tijoleiras. O seu aparelho revela uma feição tardia, incorporando fiadas de material laterício. No lado interno assenta na rocha e, no externo, numa camada de terra que regularizava o declive da mesma. A sua correlação com a canalização A sugere que tenha sido erguido na Fase II, não sendo segura a sua utilização na Fase III.

#### Muro 52 (M52)

**Construção:** Fase I; **Utilização:** Fases I e II; **Destruição:** Fase III

Muro em *opus laterício*, com orientação N/S, aparentemente não conservado em toda a sua extensão. Pensamos que corresponderia à parede oeste da área 11, definindo o limite nascente da área 10 das termas na Fase I e da área 26 na Fase II (Figs. 16 e 36). Limitado a sul pelo silhar B12B, deveria estar inicialmente limitado pelo muro M37. Está conservado numa extensão de cerca de 5 m e tem 0,50 m de altura. Parcialmente arrasado, sobre ele foi implantado o muro M38, na Fase III (Fig. 43).

#### Muro 53 (M53)

**Construção:** Fase II; **Utilização:** Fase II; **Destruição:** Fase III

Muro de *opus laterício*, com orientação E/O, quase completamente destruído. Constituía o limite norte das áreas 26 e 27, tendo sido construído na Fase II (Fig. 36). Encontra-se apenas conservado na parte nascente. É feito de tégulas assentes umas sobre as outras, ligadas com argamassa, registando restos do *opus signinum* de revestimento na face sul. Tem 0,45 m de largura e assenta no solo de *opus signinum* da área 10 das primitivas termas (Fase I). Foi arrasado na remodelação das termas na Fase III, altura em que as áreas 26 e 27 foram transformadas no hi-

pocausto da área 34. Sobre o muro assentam várias *pilae*, que documentam essa reforma tardia das termas.

#### Muro 54 (M54)

**Construção:** Fase I; **Utilização:** Fases I, II, III e IV

Muro com 0,45 m de largura, com orientação N/S, situa-se entre os silhares B21 e B32, fechando o corredor (área 8) a oeste (Figs. 16, 36, 50 e 64). Nas Fases I e II deveria possuir uma passagem de acesso à *palaestra* (área 1). Nas Fases III e IV aquela passagem deverá ter sido fechada (Figs. 50 e 64).

#### Muro 55 (M55)

Muro muito tosco, de orientação NO/SE, com cerca de 1 m de largura, situado a oeste do muro M30. Pelas suas características pensamos que se trata de um estrutura bastante tardia, cuja funcionalidade não foi possível determinar, sendo impossível articulá-lo com a estrutura das termas.

#### Muro 56 (M56)

**Construção:** Fase III; **Utilização:** Fases III e IV

Com orientação N/S, este muro correspondia à parede oeste da área 37, definindo o limite nascente do *alveus* identificado como área 36 (Figs. 50 e 64). Muito arrasado, assenta na rocha, estando limitado pelos muros M39 e M42. Possui um aparelho muito irregular integrando tijoleiras e adapta-se aos recortes da rocha. Embora conserve a quase totalidade do seu comprimento original de 3,90 m, apresenta um rasgão central que poderia corresponder a uma passagem de ar, à semelhança do que ocorria com o muro M53 que lhe é contemporâneo. Tem 0,40 m de largura e apresenta-se melhor conservado na parte que encosta ao muro M39, onde conserva uma altura de 0,80 m.

#### Muro 57 (M57)

**Construção:** Fase III; **Utilização:** Fases III e IV

Trata-se de um muro muito arrasado, reduzido ao alicerce e assente na rocha. Com orientação E/O, encosta ao muro M39, estando limitado a nascente pelo muro M56. Possui cerca de 0,40 m de largura e parece constituir o limite norte da canalização G.

#### Muro 58 (M58)

**Construção:** Fase III; **Utilização:** Fases III e IV

Muro tardio, paralelo ao muro M32, com orien-

tação E/O, define a parede sul da canalização O (Figs. 50 e 64). Revela um aparelho muito irregular e possui cerca de 0,45 m de largura. Assenta em dois grandes blocos graníticos, dispostos em plano inclinado, com orientação E/O, respectivamente, com 1,20 m e 1,50 m de comprimento (Fig. 60).

#### Muro 59 (M59)

**Construção:** Fase III; **Utilização:** Fase III; **Destruição:** IV

Corresponde ao prolongamento para norte do muro M38, assentando na *area* do hipocausto do *caldarium* (área 13) das Fases I e II. Associado à reforma das termas na Fase III, servia para definir o limite nascente da área 38, onde se implantou o *prae-furnium* Pr4 (Fig. 50). O muro encontra-se totalmente saqueado.

#### Muro 60 (M60)

Muro muito tardio, com orientação E/O, posterior ao abandono das termas. Assentava sobre um enchimento posterior ao *opus signinum* do *frigidarium* das termas tardias (área 31). De dimensões irregulares encontra-se reduzido a duas fiadas de pedras, ligando-se ao muro M61, que lhe era perpendicular, através de um tosco bloco. Possuía cerca de 0,60 m de largura.

#### Muro 61 (M61)

Apresentando características semelhantes ao muro M60, este muro, com orientação N/S, rematava no muro M60 através de um bloco. Assentava sobre o solo de *opus signinum* do *frigidarium* das termas tardias (área 31).

#### Muro 63 (M63)

**Construção:** Fase III; **Utilização:** Fases III e IV

Muro com orientação N/S, muito arrasado e reduzido apenas a algumas pedras. Pode ter definido o limite oeste de um pórtico de entrada das termas nas Fases III e IV, que serviria para compensar a diferença de cota entre o *apodyterium* e o exterior do edifício (Figs. 50 e 64). Ao longo deste muro corria a canalização L.

#### Muro 64 (M64)

**Construção:** Fase I; **Utilização:** Fases I e II; **Destruição:** Fase III

Muro totalmente saqueado, que prolongava para este, até ao muro M1, o muro M26, definindo o limite sul da área de serviços 18, onde se situava o *prae-furnium* Pr1. Simultaneamente, definia parte da parede norte da área 5, com acesso ao *vestibulum* (área 2) (Figs 16 e 36).

**Muro 65 (M65)**

**Construção:** Fase PT; **Utilização:** Fase PT;  
**Destruição:** Fase I

Este muro, com orientação E/O, constitui uma poderosa parede que colmata os vãos existentes entre os silhares B29, B28 e B27, erguidos na Fase PT (Fig. 9). O muro apresenta uma face sul constituída por pedras de dimensão e talhe muito irregulares, pelo que pensamos que se destinaria a estar soterrado, permitindo o nivelamento da plataforma. A face norte revela-se faceada e teria constituído a fachada norte do edifício pré-termal, pelo menos numa das suas sub-fases. Possui 0,50 m de largura, revelando, pontualmente, uma altura significativa, que chega a atingir 3,5 m. O muro foi inutilizado na Fase I para a construção do muro perimetral do teatro (M82).

**Muro 67 (M67)**

**Construção:** Fase PT; **Utilização:** Fase PT;  
**Destruição:** Fase I

Perpendicular aos muros M6A e M70, com os quais se articulava, respectivamente, a nascente e a poente, este muro possui orientação E/O (Fig. 9), exibindo as mesmas características construtivas dos muros M68, M69 e M70. Com 0,50 m de largura, assenta na alterite granítica possuindo uma vala de fundação incipiente, cujo enchimento é constituído pela UE169. Parcialmente escavado, conserva na parte descoberta uma altura máxima de 0,70 m. Possui um aparelho muito irregular, composto por pedras de diferentes dimensões.

**Muro 68 (M68)**

**Construção:** Fase PT; **Utilização:** Fase PT;  
**Destruição:** Fase I

Perpendicular aos muros M6A e M70, que lhe serviriam de limites, respectivamente, a este e oeste, é paralelo ao muro M67, possuindo orientação E/O (Fig. 9) e as mesmas características construtivas. Apresenta cerca de 0,60 m (3 pés) de largura e assenta na alterite granítica.

**Muro 69 (M69)**

**Construção:** Fase PT; **Utilização:** Fase PT;  
**Destruição:** Fase I

Perpendicular ao muro M6A, no qual remataria a nascente, encostava ao muro M70 a oeste. É paralelo aos muros M67 e M68 (Fig. 9). Trata-se de um muro robusto, com 0,60 m (3 pés) de largura e um aparelho muito irregular onde dominam os grandes blocos. Foi parcialmente sobreposto pela canalização C, construída na Fase I. Possuía uma vala de fundação, cujo enchi-

mento está representado pela UE177.

**Muro 70 (M70)**

**Construção:** Fase PT; **Utilização:** Fase PT;  
**Destruição:** Fase I

Paralelo ao muro M6A, revela as mesmas características construtivas dos muros M67, M68 e M69 que lhe são perpendiculares (Fig. 9). Parcialmente conservado na parte sul, este muro deveria desenvolver-se, tal como sugerimos para o muro M6A que lhe é paralelo, entre o muro M96, a sul, e o muro M6, a norte, podendo possuir, por isso, cerca de 36 m de comprimento (120 pés). Na parte melhor conservada media 0,60 m (3 pés) de largura, registando uma altura máxima de 1,40 m. Encontra-se implantado na alterite granítica.

**Muro 71 (M71)**

**Construção:** Fase PT; **Utilização:** Fase PT;  
**Destruição:** Fase I

Perpendicular aos muros M6A e M70, que certamente o limitariam a este e oeste, respectivamente, este muro encontra-se completamente saqueado, dele restando apenas a vala de saque rasgada na alterite granítica (Fig. 9).

**Muro 72 (M72)**

**Construção:** Fase PT; **Utilização:** Fase PT;  
**Destruição:** Fase I

Muro muito destruído, que prolongava para oeste o muro M69. Revela um aparelho tosco e possui 0,60 m de largura. Face às suas características é presumível que possa ter sido construído na Fase PT, podendo rematar no muro M80 (Fig. 9).

**Muro 73 (M73)**

Muro muito mal conservado e certamente bastante tardio. Possui apenas algumas pedras muito toscas, que rematam, a oeste, no silhar B34, o qual parece definir o limite norte do muro M76. Assentava num solo tardio que inutilizou a *palaestra* (Est. I).

**Muro 75 (M75)**

**Construção:** Fase PT; **Utilização:** Fase PT;  
**Destruição:** Fase I

Perpendicular aos muros M6A e M70, que o limitavam, respectivamente, a este e oeste, este muro é paralelo ao conjunto dos muros M67, M68, M69 e M71 (Fig. 9). Encontra-se apenas parcialmente conservado, revelando características construtivas semelhantes às dos muros referidos. Possui 0,60 m (3 pés) de largura e assenta na alterite granítica.



**Muro 76 (M76)****Construção:** Fase IV; **Utilização:** Fase IV

Este muro muito tardio, com orientação N/S, assenta sobre o solo de terra batida (UE145) que inutilizou a *palaestra* das termas. Limitado a uma fiada de pedras, revela uma largura irregular entre 0,60 m/0,70 m. Aparentemente rematava a norte, no silhar B34. Admitimos que pudesse ter servido para delimitar a área de serviços das termas na Fase IV (Fig. 64).

**Muro 77 (M77)****Construção:** Fase PT; **Utilização:** Fase PT; **Destruição:** Fase I

Perpendicular aos muros M6A e M70, que o limitavam a nascente e poente, este muro é paralelo aos muros M67, M68, M69, M71 e M75 (Fig. 9). Encontra-se totalmente desmantelado, dele restando basicamente a vala de saque, rasgada na alterite granítica e algumas pedras do alicerce.

**Muro 78 (M78)**

Muro muito destruído, reduzido apenas a duas pedras de uma das faces. Remata a norte no silhar B35. Está orientado N/S e assentava sobre o solo de terra batida que inutilizou a *palaestra* (UE145) (Est. I).

**Muro 79 (M79)****Construção:** Fase IV; **Utilização:** Fase IV

Muro muito tardio, construído na última remodelação das termas. Possui orientação N/S, ligando-se a norte ao muro M46 e a sul à estrutura do *prae-furnium* Pr5 (Fig. 64). Revela um aparelho tosco, possuindo 0,60 m de largura. Assenta directamente na rocha.

**Muro 80 (M80)****Construção:** Fase PT; **Utilização:** Fase PT; **Destruição:** Fase I

Com orientação N/S, este muro situa-se a oeste do muro M70, do qual é paralelo (Fig. 9). Encontra-se muito destruído e reduzido a uma única fiada de pedras da face exterior, revelando, apesar de tudo, um excelente aparelho isódomo. Foi inutilizado pelo aterro realizado para instalar a *palaestra* das termas. Deveria estar limitado pelo muro M96, a sul e pelo muro M97, a norte.

**Muro 81 (M81)****Construção:** Fase I; **Utilização:** Fase I, II e III; **Destruição:** Fase IV

Muro curvo que definia o limite sul da calçada de circulação que se desenvolvia exteriormente

ao muro do teatro (M82) (Fig. 16), definindo, simultaneamente, o limite noroeste da *palaestra* das termas. Assentava sobre o entulhamento do tanque, que se encontrava na fachada do edifício pré-termal, sobrepondo-se parcialmente ao lado sul daquela estrutura (Est. I). Acompanhava a inclinação do terreno e assentava na rocha na maior parte do seu traçado. Foi posto a descoberto numa extensão apreciável de 22 m, revelando-se muito irregular, quer na altura conservada, a qual chega a atingir 1 m, quer na largura, que oscila entre os 0,50 m/0,60 m. O aparelho é também bastante irregular, sendo, por vezes, muito tosco, como acontece na parte em que se sobrepõe ao tanque, por vezes, de boa qualidade, como ocorre na parte em que se sobrepõe ao muro M5, arrasado para a sua construção. Supomos que rematava no muro M6. A sua cronologia é sugerida pelos materiais correspondentes ao entulhamento do tanque (UE130) e pelo enchimento da vala de fundação do muro, constituído pela UE127.

**Muro 82 (M82)****Construção:** Fase I; **Utilização:** Fase I, II e III; **Destruição:** Fase IV

Muro perimetral do teatro. Corresponde a uma maciça estrutura de tendência circular, cuja parte descoberta, numa extensão de 15 m, revela uma largura de cerca de 4 m (Fig. 16). É constituído por um poderoso enchimento de pedras misturadas com argamassa de saibro e argila, revestido por dois paramentos diferenciados. O paramento interior possui um aparelho muito tosco, com pedras de dimensão e talhe irregulares, semelhante ao do muro M65, o que sugere que se destinaria a estar soterrado, certamente pelas cimentações da *cavea*. Conserva uma altura máxima de 1,50 m, assentando directamente sobre enchimentos que inutilizaram as estruturas anteriores, pertencentes à Fase PT, bem como sobre os muros M6, M98, M87 e M65. O paramento externo, não se conservou de forma contínua, tendo sido pontualmente saqueado. O seu aparelho revelava características semelhantes ao *opus vittatum*. As partes conservadas dele mostram que assentava na rocha, cuidadosamente nivelada para o efeito, encontrando-se a mesma cortada em degraus, de modo a permitir que o muro vencesse o acentuado desnível do terreno. A altura máxima conservada da estrutura é de cerca de 2 m. Vários contrafortes dispõem-se a intervalos regulares de cerca de 11,50 m (cerca de 39 pés) (Fig. 13). Destes, conservaram-se dois, sendo perceptível os locais onde se implantavam outros dois, totalmente

saqueados, pois o seu alicerce está definido por sapatas de pedra miúda, onde assentavam os blocos que compunham os referidos contrafortes. Tendo por base aquele que se encontra melhor conservado, sabemos que possuíam 1,20 m (4 pés) de largura, por 0,90 m (3 pés) de espessura. Eram compostos por fiadas de grandes silhares almofadados com 1,20 x 0,45 x 0,20 m, dispostos vertical ou transversalmente. Entre aqueles silhares encontram-se blocos de aparelho isódomo. O muro pode ser datado pelas UEs 094 e 105, que correspondem a enchimentos da sua vala de fundação, podendo ser inserido na Fase I, sendo, por isso, coevo do edifício das termas. Na Fase IV o muro terá sido arrasado e sobre parte dele assentou o solo constituído pela UE145.

### Muro 83 (M83)

**Construção:** Fase I

Muro muito tosco, orientado E/O, construído para fechar a galeria situada entre os muros M87 e M97, datada da Fase PT. Apresentava-se mais largo na base que no topo, assentando num enchimento de terra que inutilizou aquele corredor. O muro passava sobre o arranque dos arcos de tijoleira, designadamente sobre os silhares B29 e B30. Admitimos a sua construção na Fase I (Est. I).

### Muro 85 (M85)

**Construção:** Fase PT; **Utilização:** Fase PT; **Destruição:** Fase I

Grande enchimento de pedras, de orientação E/O, situado a norte do muro M65, visível numa extensão de 11 m, aproximadamente entre os silhares B26 e B29 (Fig. 9). Aparenta constituir um nivelamento do terreno, a norte do muro M65. Pertence à Fase PT, tendo sido sobreposto pelo muro M82, o que indica a sua inutilização na Fase I.

### Muro 86 (M86)

**Construção:** Fase PT; **Utilização:** Fase PT; **Destruição:** Fase I

Grande enchimento de pedras, com as mesmas características e orientação da estrutura M85, situando-se a norte do muro M93 (Fig. 9). Foi parcialmente destruído por uma grande vala de saque, que destruiu ambas as estruturas (Est. I). Foi sobreposto pelas cimentações do teatro.

### Muro 87 (M87)

**Construção:** Fase PT; **Utilização:** Fase PT; **Destruição:** Fase I

Muro com orientação N/S, limitado a norte

pelo arco de tijoleira que se sobrepôs ao silhar B29. Desconhece-se o seu remate sul, pois encontra-se parcialmente sobreposto pelo muro M82. Poderia rematar no muro M6, parecendo encontrar-se no alinhamento do muro M70 (Fig. 9). O muro possui um aparelho irregular, preenchendo o vão de uma arco em tijoleira que arrancava do silhar B29, com orientação N/S. Encontra-se apenas parcialmente conservado, tendo 1,30 m de altura máxima. Assenta na aliterite granítica e tem cerca de 0,50 m de largura. Definia a parede este de uma galeria de circulação limitada a oeste pelo muro M97.

### Muro 89 (M89)

**Construção:** Fase PT; **Utilização:** Fase PT; **Destruição:** Fase I

Muro com orientação E/O, que constitui a parede sul do tanque que se situava na fachada oeste do edifício pré-termal (Fig. 9). Encontrava-se muito destruído, pois foi sobreposto pelo muro M81. Possuía, tal como os restantes que compunham o tanque, 0,45 m de largura (1,5 pés). Assentava na rocha, tendo cerca de 0,80 m de altura. Conservava ainda restos do *opus signinum* de revestimento, quer da parede interna, quer do rebordo.

### Muro 90 (M90)

**Construção:** Fase PT; **Utilização:** Fase PT; **Destruição:** Fase I

Formava a parede oeste do tanque existente na fachada poente do edifício pré-termal. Está limitado pelo muro M92, a norte e pelo muro M89, a sul (Fig. 9). Quase integralmente conservado em toda a sua extensão ao nível do alicerce, possui 3 m de comprimento (10 pés) e 0,45 m de largura (1,5 pés). No lado interno exhibe vestígios de revestimento de *opus signinum*.

### Muro 91 (M91)

**Construção:** Fase PT; **Utilização:** Fase PT; **Destruição:** Fase I

Muro que definia a parede este do tanque da fachada oeste do edifício pré-termal (Fig. 9). Possui, tal como o muro M90, 3 m de comprimento (10 pés) por 0,45 m de largura. Com cerca de 1 m de altura, conservou o revestimento de *opus signinum* que recobria as paredes internas do tanque, bem como o respectivo rebordo. É provável que se articulasse com o muro M99.

### Muro 92 (M92)

**Construção:** Fase PT; **Utilização:** Fase PT; **Destruição:** Fase I

Muro correspondente à parede norte do tanque

da fachada oeste do edifício pré-termal (Fig. 9). É o mais destruído dos quatro que compõem a estrutura, possuindo as mesmas características.

#### **Muro 93 (M93)**

**Construção:** Fase PT; **Utilização:** Fase PT; **Destruição:** Fase I

Este muro, com orientação E/O, encontra-se apenas parcialmente conservado na sua parte nascente, junto ao silhar B30, ao qual encosta. Possui características semelhantes ao muro M87, fechando o vão de um arco de tijoleira situado entre os silhares B30 e B30A (Fig. 9). Trata-se de um muro de aparelho tosco, com 0,50 m de largura (Fig. 12). Definia a parede norte de um compartimento que fechava a sul no muro M98 e a nascente no muro M97. A norte encosta ao muro M86. Possui uma vala de fundação, cujo enchimento é formado pela UE125.

#### **Muro 94 (M94)**

Muro com orientação E/O, faz ângulo com o muro M95, no qual se encontra travado, definindo um compartimento com solo de *opus signinum* situado à cota de 192,80 m. Trata-se de um muro tosco, muito destruído, com 0,45 m de largura, praticamente reduzido aos alicerces e assente em terra. Pelas suas características julgamos corresponder a uma fase posterior ao abandono das termas (Est. I).

#### **Muro 95 (M95)**

Muro com orientação N/S, faz ângulo com o muro M94 (E/O), no qual se encontra travado. Apresenta-se muito destruído, revelando uma feição tardia. Assenta em terra. A parte conservada possui uma largura de 0,45 m (Est. I). Deverá corresponder a uma fase posterior ao abandono das termas (Est. I).

#### **Muro 96 (M96)**

**Construção:** Fase PT; **Utilização:** Fases PT, I, II, III e IV

Muro reduzido apenas a partes do alicerce. Pela sua orientação, coincidente com a do muro M3A, admitimos que poderá ter correspondido ao limite sul do conjunto pré-termal, definindo, também, o limite sul da *palaestra* das termas nas Fases I, II e III (Figs. 9, 16, 36, 50). Poderá ainda ter-se conservado parcialmente na Fase IV (Fig. 64). Foi profundamente arrasado depois do abandono das termas, o que justificará o precário estado de conservação com que chegou até nós, mau grado a importância que terá assumido na organização

do edifício pré-termal e posteriormente na delimitação da *palaestra*.

#### **Muro 97 (M97)**

**Construção:** Fase PT; **Utilização:** Fase PT; **Destruição:** Fase I

Muro com orientação N/S, paralelo ao muro M87, estando limitado a norte pelo silhar B30. Definia o limite nascente de um compartimento composto pelos muros M93 e M98 (Fig. 9). Simultaneamente, corresponderia ao limite oeste da galeria de circulação, cuja parede nascente estaria definida pelo muro M87. A parte descoberta revela três fiadas de blocos algo irregulares. Assentava na alterite granítica e possuía uma vala de fundação, cujo enchimento corresponde à UE120.

#### **Muro 98 (M98)**

**Construção:** Fase PT; **Utilização:** Fase PT; **Destruição:** Fase I

Com orientação E/O, encontrava-se no alinhamento do muro M6 (Fig. 9). Foi sobreposto pelo muro M82, pelo que desconhecemos o modo como se articulava com o muro M97. Por sua vez, o seu remate oeste, que deveria articular-se com o muro M99, foi saqueado. Encontra-se muito destruído, revelando, na parte conservada, cerca de 0,45 m de largura. Definiria a parede sul de um compartimento limitado pelos muros M97, M93 e M99.

#### **Muro 99 (M99)**

**Construção:** Fase PT; **Utilização:** Fases PT, I, II, III e IV

Muro de orientação N/S, que deveria limitar a fachada oeste do primitivo edifício pré-termal e que remataria os muros M93 e M98 (Fig. 9). Coincide com o alinhamento do muro medieval que suportou a plataforma superior da colina. Terá sido construído na Fase PT, sendo possível que se tenha conservado nas fases seguintes, servindo como muro de suporte da *palaestra* das termas (Figs. 16, 36 e 50).

#### **Muro 100 (M100)**

**Construção:** Fase I; **Utilização:** Fases I e II; **Destruição:** Fase III

Muro tosco, pontualmente com duas faces, com 0,50 m de largura. Definia a parede sul de parte da canalização B1, na área junto ao muro M30.

#### **Muro 101 (M101)**

**Construção:** Fase I; **Utilização:** Fases I e II; **Destruição:** Fase III

Muro tosco, com uma só face, com 0,30 m de

largura (Est. I). Definia a parede norte da canalização B1, na área junto ao muro M30. Tal como o muro M100 foi erguido na Fase I.

#### **Muro 102 (M102)**

**Construção:** Fase III; **Utilização:** Fase III e IV

Muro com orientação E/O, parece corresponder a um prolongamento do muro M47 para oeste, depois da inutilização do muro M3, pelo que o podemos atribuir à Fase III (Fig. 50). Trata-se de um muro tosco com aparelho irregular, que definia a parede norte da área de serviços 38, onde se implantou o *prae-furnium* Pr4. Possui 0,45 m de largura e assentava na rocha.

#### **Muro 103 (M103)**

Muro muito arrasado com orientação E/O que se deixa adivinhar por algumas pedras residuais e por recortes da rocha que indicam a sua passagem (Est. I). Deverá corresponder a uma fase posterior ao abandono das termas.

#### **Muro 104 (M104)**

Muro residual com orientação E/O. Possui cerca de 0,50 m de largura e encontra-se muito destruído, sendo difícil atribuir-lhe qualquer função (Est. I). Deverá corresponder a uma fase posterior ao abandono das termas.

#### **Muro 105 (M105)**

Paralelo ao muro M94, possuiria orientação E/O, tendo sido completamente saqueado. Limitava a sul o solo de *opus signinum* do compartimento definido pelos muros M94, a norte e M95, a oeste. Desconhecemos qual a sua extensão (Est. I). Tal como os anteriores, será posterior ao abandono das termas.

### **SILHARES**

#### **Silhar 1A (B1A)**

**Construção:** Fase PT

Não se conservou, estando definido pela sapata rasgada na rocha (Est. I). Teria orientação E/O, possuindo forma rectangular, pelo que presumimos que mediria, tal como os seus congéneres, 0,90 x 0,45 x 0,45 m. Estava no alinhamento do muro M12, ao qual estaria certamente associado nas Fases PT e I (Figs. 9 e 16).

#### **Silhar 1B (B1B)**

**Construção:** Fase PT

Tal como o anterior não se conservou, estando definido pela sapata rasgada na rocha. Era qua-

drado e media 0,45 x 0,45 x 0,45 m. Juntamente com o silhar B1A formava o canto nordeste do corredor central do corpo 2 do edifício pré-termal (Fig. 9), tendo sido reaproveitado nas termas (Figs. 16, 36, 50).

#### **Silhar 2A (B2A)**

**Construção:** Fase PT

Não se conservou, estando definido pela sapata rasgada na rocha. Estaria orientado E/O, tendo forma rectangular, pelo que presumimos que mediria, tal como os seus congéneres 0,90 x 0,45 x 0,45 m (Figs. 9, 16, 36 e 50).

#### **Silhar 2B (B2B)**

**Construção:** Fase PT

Está definido pela sapata rasgada na rocha. Era quadrado e media 0,45 x 0,45 x 0,45 m. Juntamente com o silhar B2A formava o canto noroeste do corredor central do corpo 2 do edifício pré-termal (Fig. 9), tendo sido reaproveitado no edifício das termas para dividir o espaço da área de serviços norte (Figs. 16, 36 e 50).

#### **Silhar 3 (B3)**

**Construção:** Fase PT

Conserva-se *in situ*, estando orientado N/S. É rectangular e mede 0,90 x 0,45 x 0,45 m. Definia o limite este do corredor central do corpo 2 do edifício pré-termal (Fig. 9). Apresenta uma sapata aberta na rocha. Foi incorporado no muro M33, que definiu a parede norte do *caldarium* das termas nas Fases I e II (Figs. 16 e 36).

#### **Silhar 4 (B4)**

**Construção:** Fase PT

Desaparecido, deixa-se perceber pela sapata rasgada na rocha. Poderá ter sido removido aquando da destruição da área de serviços norte, na Fase IV. Definia o limite oeste do corredor central do corpo 2 do edifício pré-termal (Fig. 9). Estaria orientado N/S e presumimos que mediria, tal como os seus congéneres, 0,90 x 0,45 x 0,45 m.

#### **Silhar 5 (B5)**

**Construção:** Fase PT

Silhar conservado, embora esteja disposto numa orientação diferente daquela que presumimos corresponder à sua implantação original, que deveria ser N/S, no alinhamento dos silhares B1A, B3 e B7 (Fig. 9). É rectangular e mede 0,90 x 0,45 x 0,45 m. Foi incorporado no muro M35, ou seja, na parede sul do *caldarium* do edifício das termas, em funcionamento nas Fases I

e II (Figs 16 e 36), tendo-se conservado sob a construção do muro M50, datado da Fase III.

#### Silhar 6 (B6)

**Construção:** Fase PT

Conserva-se *in situ*, estando implantado numa profunda vala, aberta na rocha. Tem orientação N/S e definia o limite oeste do corredor central do corpo 2 do edifício pré-termal (Fig. 9). Mede 0,90 x 0,45 x 0,45 m.

#### Silhar 7 (B7)

**Construção:** Fase PT

Conserva-se *in situ*, tendo sido integrado no muro M36 na Fase I (Fig. 16). É rectangular, possui orientação N/S e mede 0,90 x 0,45 x 0,45 m, definindo o alinhamento nascente do corredor central do corpo 2 do edifício pré-termal.

#### Silhar 8 (B8)

**Construção:** Fase PT

Com orientação N/S, conservou-se sobreposto pelo muro M38, que definiu a parede de separação entre as áreas quente e fria das termas na Fase III. Deveria medir, tal como o silhar B7, que lhe era simétrico, 0,90 x 0,45 x 0,45 m. Definia o limite oeste do corredor central do corpo 2 do edifício pré-termal (Fig. 9).

#### Silhar 9 (B9)

**Construção:** Fase PT

Conserva-se *in situ*, tendo sido integrado no muro M36. Alinhado pelos silhares B7 e B11, que se conservaram igualmente integrados no mesmo muro, definia o limite nascente do corredor central do corpo 2 do edifício pré-termal (Fig. 9). É rectangular, está orientado N/S e mede 0,90 x 0,45 x 0,45 m.

#### Silhar 10 (B10)

**Construção:** Fase PT

Conservado *in situ*, foi incorporado no muro M52 e, mais tarde, no muro M38. Alinhado com os silhares B6 e B11, definia o limite oeste do corredor central do corpo 2 do edifício pré-termal (Fig. 9). É rectangular, está orientado N/S e mede 0,90 x 0,45 x 0,45 m.

#### Silhar 11A (B11A)

**Construção:** Fase PT

Conserva-se *in situ*. Está orientado E/O e é rectangular. Mede 0,90 x 0,45 x 0,45 m. Definia, juntamente com o silhar B11B, o canto sudeste do corredor central do corpo 2 do edifício pré-termal (Fig. 9). Rematava a oeste o muro M22, que funcionou como parede

norte do *frigidarium* das termas (Figs. 16 e 36).

#### Silhar 11B (B11B)

**Construção:** Fase PT

Conservado *in situ*, este silhar é quadrado e mede 0,45 x 0,45 x 0,45 m. Definia juntamente com o silhar B11A o canto sudoeste do corredor central do corpo 2 do edifício pré-termal (Fig. 9). Foi integrado no muro M36 na Fase I (Fig. 16).

#### Silhar 12A (B12A)

**Construção:** Fase PT

Conserva-se *in situ*. Está orientado E/O e é rectangular. Mede 0,90 x 0,45 x 0,45 m. Definia, juntamente com o silhar B12B, o canto sudoeste do corredor central do corpo 2 do edifício pré-termal, ligando-se ao muro M49 (Fig. 9).

#### Silhar 12B (B12B)

**Construção:** Fase PT

Conservado *in situ*, este silhar é quadrado e mede 0,45 x 0,45 x 0,45 m. Definiria, juntamente com o silhar B12A, o canto sudoeste do corredor central do corpo 2 do edifício pré-termal. Foi integrado no muro M52 (Fases I e II) e, posteriormente, no muro M38 (Fase III).

#### Silhar 13 (B13)

**Construção:** Fase PT

Conserva-se *in situ*. Está orientado E/O e é rectangular. Mede 0,90 x 0,45 x 0,45 m. Encontra-se no prolongamento do muro M19, datado da Fase PT (Fig. 9). Nas Fases I e II deverá ter funcionado como limite nascente da passagem para a área de serviços 18. Na Fase III foi sobreposto pelo muro M50.

#### Silhar 14 (B14)

**Construção:** Fase PT

Conservado *in situ*, encontra-se incorporado no muro M20, embora seja ligeiramente saliente em relação à sua face externa. Possui 0,90 m de comprimento, 0,60 m de largura e 0,45 m de altura.

#### Silhar 15 (B15)

**Construção:** Fase PT

Conservado *in situ* e integrado no muro M20, possui forma paralelepípeda com as dimensões de 0,80 x 0,60 x 0,40 m. Assenta sobre um silhar almofadado com 0,75 x 0,40 m (Fig. 18).

#### Silhar 16 (B16)

**Construção:** Fase PT

O silhar B16, que rematava a poente o muro

M20, desapareceu, sendo apenas possível perceber o local onde assentaria, pelo recorte da rocha, afeiçoada para o implantar. Pelas dimensões do referido recorte é possível admitir que possuísse 0,90 m de comprimento por 0,60 m de largura.

#### **Silhar 18 (B18)**

##### **Construção:** Fase PT

Construído na Fase PT e integrado no corpo sul do edifício pré-termal (Fig. 9), este silhar deve ter servido de reforço ao limite norte do muro M25 e ao limite poente do muro M27 nas Fases I e II das termas (Figs. 16 e 36). Não se conservou, muito embora esteja perfeitamente definido o recorte da rocha onde assentava, o qual permite admitir que possuiria cerca de 0,90 x 0,75 m, dimensões que o aproximam do silhar B19.

#### **Silhar 19 (B19)**

##### **Construção:** Fase PT

Este silhar integraria a estrutura do corpo sul do conjunto edificado pré-termal, encontrando-se no alinhamento dos silhares B18, B20 e B21 (Fig. 9). Posteriormente, na Fase I, foi incorporado na construção do muro M27, que correspondia à parede norte do *apodyterium* das termas. O silhar possui as dimensões de 0,90 x 0,75 x 0,45 m.

#### **Silhar 20 (B20)**

##### **Construção:** Fase I

Pela sua localização admitimos que foi erguido na Fase I, muito embora não se tenha conservado. Apenas podemos intuí-lo pelo recorte da rocha onde assentaria (Est I). Rematava o muro M27 a oeste e o muro M28 a norte, definindo o canto noroeste do *apodyterium* das termas nas Fases I e II (Figs. 16 e 36).

#### **Silhar 21 (B21)**

##### **Construção:** Fase PT

Este silhar integraria seguramente a estrutura do corpo sul do conjunto edificado pré-termal, encontrando-se no alinhamento dos silhares B18 e B19 (Fig. 9). Posteriormente, na Fase I, foi incorporado no canto noroeste da piscina do *apodyterium*, articulando os muros M30 e M31 (Figs. 16, 36 e 50). Possui as dimensões de 0,90 x 0,75 x 0,45 m.

#### **Silhar 22 (B22)**

##### **Construção:** Fase I

Este silhar, de forma quadrada, com 0,45 m de lado, assenta nas tijoleiras que formam a *area* do

hipocausto do *apodyterium* das termas (Fig. 16), desconhecendo-se a sua função exacta.

#### **Silhar 23 (B23)**

##### **Construção:** Fase PT

Este silhar integraria seguramente a estrutura do corpo sul do conjunto edificado pré-termal (Fig. 9). Encontrando-se no eixo dos silhares B15 e B19, possui as dimensões daquele último (0,90 x 0,75 x 0,45 m). Posteriormente, na Fase I, foi incorporado no muro M26, que definia a parede sul do *apodyterium*, sendo parcialmente recoberto pelas tijoleiras da *area* do hipocausto.

#### **Silhar 24 (B24)**

##### **Construção:** Fase I

Silhar conservado, de forma quadrada, com 0,50 m de lado, remataria o muro M9, construído na Fase I, para compartimentar a área de serviços norte das termas. O silhar definia o limite norte de uma entrada para a área 20 (Figs. 16, 36 e 50).

#### **Silhar 25 (B25)**

##### **Construção:** Fase PT

Este silhar faria parte da estrutura do pórtico do corpo norte do edifício pré-termal. Trata-se de um bloco quadrado com 0,60 m de lado. Na Fase I foi sobreposto pelo muro M2, que constitui a parede norte das termas.

#### **Silhar 26A (B26A)**

##### **Construção:** Fase PT

Conserva-se *in situ*. Está orientado E/O e é rectangular. Mede 0,90 x 0,45 x 0,45 m. Pertencia à estrutura do pórtico do corpo norte do edifício pré-termal (Fig. 9). Foi inutilizado com a construção do muro M82, na Fase I.

#### **Silhar 26B (B26B)**

##### **Construção:** Fase PT

Conservado *in situ*, este silhar, de forma quadrada, mede 0,45 x 0,45 x 0,45 m. Encosta ao silhar B26A, dispondo-se no sentido N/S, formando um canto (Fig. 9). Foi inutilizado com a construção do muro M82, na Fase I.

#### **Silhar 27 (B27)**

##### **Construção:** Fase PT

Silhar conservado que constitui um dos pilares que compunham o pórtico do corpo norte do edifício pré-termal (Fig. 9). Foi incorporado na estrutura do muro M65. Possui 0,90 m de comprimento, 0,45 m de largura e 0,45 m de espessura. Foi inutilizado pela construção do teatro.

**Silhar 28 (B28)****Construção:** Fase PT

Silhar conservado, que representa um dos pilares que compunham o pórtico do corpo norte do edifício pré-termal (Fig. 9). Posteriormente viria a ser integrado no muro M65. Era constituído pela sobreposição de três grandes elementos graníticos almofadados. O superior, possuía 0,90 m de comprimento, 0,45 m de largura e 0,45 m de espessura. Foi inutilizado pela construção do teatro.

**Silhar 29 (B29)****Construção:** Fase PT

Constituiu um dos silhares que compunham o pórtico do corpo norte do edifício pré-termal (Fig. 9). Foi integrado no muro M65, servindo de limite norte ao muro M87, com orientação N/S, sobre o qual se ergue um arco de tijoleira que arrancava do silhar B29 (Fig. 9). Deste mesmo silhar arrancava um outro arco em tijoleira, com orientação E/O, que ia assentar no silhar B30. Possui 0,90 m de comprimento, 0,45 m de largura e 0,45 m de espessura. Foi inutilizado pela construção do teatro.

**Silhar 30 (B30)****Construção:** Fase PT

Constituiu, tal como o silhar B29, um dos elementos que compunham o pórtico do corpo norte do edifício pré-termal (Fig. 9). Posteriormente serviu de limite norte ao muro M97, com orientação N/S, sobre o qual se ergueu um arco de tijoleira que arrancava do silhar B30. Deste mesmo silhar arrancavam dois arcos em tijoleira com orientação E/O. Um deles assentou no silhar B29 e o outro recobriu o muro M93, rematando no silhar B30A. Possuía 0,90 m de comprimento, 0,45 m de largura e 0,45 m de espessura. Foi inutilizado pela construção do teatro.

**Silhar 30A (B30A)****Construção:** Fase PT

Silhar não conservado. Deixa-se adivinhar pelo recorte na alterite (Est. I). Remataria o muro M93 a poente, constituindo, também, o limite norte do muro M99. Nele deveria rematar o arco em tijoleira que rematava o muro M93 (Fig. 9).

**Silhar 31 (B31)****Construção:** Fase III

Este silhar, de forma rectangular, encontra-se inserido na estrutura do muro M32, possuindo

0,90 m de comprimento, 0,50 m de largura e 0,40 m de altura. A poente encosta ao silhar B32 (Figs. 50 e 64).

**Silhar 32 (B32)****Construção:** Fase PT

Silhar paralelepípedo, disposto verticalmente, construído na fase pré-termal. Encontra-se incorporado no muro M20 (Fig. 9). Nas Fases I e II das termas constituiu o limite da parede norte da área 8 (Figs. 16 e 36), tendo passado a rematar o muro M32, juntamente com o silhar B31, nas Fases III e IV (Figs 50 e 64). Possui 1 m de altura, 0,40 m de largura e 0,40 m de espessura, assentando num outro, com 0,40 x 0,46 m.

**Silhar 33 (B33)****Construção:** Fase PT

Este silhar fazia parte da estrutura do muro M20 na fase pré-termal (Fig. 9). Nas Fases I e II das termas integrou a parede norte da área 8 (Figs. 16 e 36), tendo passado a rematar o muro M32 nas Fases III e IV (Figs 50 e 64). Trata-se de um silhar almofadado com as dimensões de 0,90 x 0,44 m x 0,45 m.

**Silhar 34 (B34)****Construção:** Fase IV

Silhar associado aos muros M73 e M76 (Fig. 64). Apresenta uma forma aproximadamente quadrangular, com cerca de 0,70 m de lado. Assentava sobre o solo de terra batida que inutilizou a *palaestra* das termas (UE145), muito embora se desconheça a sua função.

**Silhar 35 (B35)****Construção:** Fase IV

Silhar com 0,50 x 0,40 m, associado ao muro M78. Desconhece-se a sua função. Assentava sobre o solo de terra batida que inutilizou a *palaestra* das termas (UE145).

**Silhar 45 (B45)****Construção:** Fase III

Não conservado, assentaria num recorte na rocha, encontrando-se no eixo do muro M3A. A sapata do silhar apresenta-se irregular, possuindo 1,50 m, no sentido N/S, por 1 m, no sentido E/O. A sua localização indica que deve ter constituído o limite norte de um muro, que definiria um possível pórtico de entrada nas termas nas Fases III e IV (Figs 50 e 64).

**Silhar 46 (B46)****Construção:** Fase II

Silhar conservado, implantado no eixo do muro

M22 para limitar a passagem aberta na Fase II entre a área 9 e a área 29, constituindo o limite nascente da mesma (Fig. 36). Trata-se de um silhar com cerca de 0,40 por 0,45 m.

#### Silhar 47 (B47)

**Construção:** Fase II

Silhar conservado, implantado no eixo do muro M22, para limite da passagem aberta na Fase II entre a área 9 e a nova área 29, definindo o limite poente da mesma (Fig. 36). Corresponde a uma pedra quadrada com 0,45 m de lado.

### CANALIZAÇÕES

#### Canalização A

**Construção:** Fase II

Constitui uma grande canalização que tem a sua origem na cisterna, definida como área 16, implantada na área 15 (Est. I). Construída durante a primeira remodelação das termas, na Fase II, esta canalização atravessava toda a área de serviços 17, passando sob o solo da área 29 e sob parte da área 9, inflectindo aí para oeste. Transportaria água limpa oriunda da referida cisterna, drenando, provavelmente, o excesso de água da mesma. Tendo sido posta a descoberto em toda a sua extensão, apresenta-se bem conservada. Revela um lastro de régulas, sendo as paredes formadas de pedra e tijoleiras. A cobertura é feita de tijoleiras de diferentes dimensões, muito embora sejam dominantes as de 0,45 x 0,30 m, intercaladas com outras de 0,45 x 0,15 m. Na parte da canalização que atravessava o *frigidarium* (área 9) no sentido E/O, foi possível observar a articulação desta canalização com a canalização B, construída na fase anterior.

#### Canalização B

**Construção:** Fase I

A canalização B corresponde a um extenso eixo de drenagem de águas sujas, seguramente associado ao primeiro projecto das termas (Est. I). Com orientação dominante N/S, passava sob o solo da área 2, sob o hipocausto do *apodyterium* (área 6), sob o corredor (área 8), sob o *frigidarium* (área 9), sob parte do hipocausto da área 11, inflectindo para oeste e passando sob o solo da piscina fria Pi2 (área 10). Encontra-se implantada na rocha afeiçoada para o efeito, sendo constituída por uma caixa coberta por tijoleiras. O sistema de construção não se apresenta muito homogéneo, ora possuindo paredes de pedra, ora de tijoleira. A cobertura apresenta tijoleiras de dimensões variáveis (0,40 x 0,40 m;

0,42 x 0,40 m; 0,45 x 0,40 m). O lastro é feito de tijoleiras parcialmente recobertas pelas paredes, possuindo a caixa cerca de 0,30 m de largura (Fig. 15). O enchimento da vala de implantação da canalização é composto por terra castanha, misturada com areão saibroso e pedras, formando uma espécie de argamassa fortemente compactada. No seu trajecto pela área 9, onde corre no sentido N/S, a canalização apresenta ainda a particularidade de se articular com um ralo que captava água ao nível do pavimento de *opus signinum*, drenando-a por um tubo de material laterício, encaixado numa série de tijoleiras quadradas. Parte da canalização B passava sob o muro M27, devendo cruzar toda a largura da área 6 em direcção ao exterior do edifício. A canalização apresenta-se apenas conservada junto ao muro M27, tendo sido destruída por uma profunda vala de saque que rompeu a *area* do hipocausto do *apodyterium*. A canalização volta a ser visível a sul, já no exterior do edifício. Aí pode observar-se apenas parte das suas paredes laterais, quase exclusivamente feitas de fragmentos de tijoleiras, não se conservando vestígios do lastro. A construção da canalização H barrou a drenagem original da canalização B.

#### Canalização B1

**Construção:** Fase I

Tendo o seu início na canalização B, circula sob parte da área 8, entre o *apodyterium* (área 6) e o *frigidarium* (área 9) (Fig. 30). Segue um trajecto mais ou menos paralelo aos muros M20 e M27, com orientação E/O, inflectindo para sudoeste, para passar sob o solo de *opus signinum* da piscina do *apodyterium* (área 7), drenando para o exterior, em direcção à canalização C, situada no quadrante sudoeste da *palaestra* (Est. I). As suas características construtivas são semelhantes às da canalização B, da qual é contemporânea. Está solidamente implantada na rocha e tem a forma de caixa, com lastro de tijoleiras e paredes de pedra e tijoleiras. A cobertura é também de tijoleiras, com dimensões médias de 0,45 x 0,30 m (Fig. 30).

#### Canalização C

**Construção:** Fase I

Trata-se de uma canalização detectada na parte sudoeste da *palaestra* (Est. I). Sendo posterior à inutilização do muro M70, que faz parte do corpo oeste do edifício pré-termal, é possível datá-la do momento de construção das termas, ou seja, da Fase I. Revela boa construção, com lastro de tijoleiras e paredes de pedra. A sua largura é irregular, oscilando entre 0,35 m, nas zonas



mais largas e 0,10 m nas partes mais estreitas. As tijoleiras conservadas do lastro são rectangulares, com 0,60 x 0,35 m. As paredes de pedra revelam uma altura máxima de 0,50 m, apresentando, na parte melhor conservada, três fiadas de blocos aparelhados de forma quadrangular cuidadosamente dispostos na horizontal e parcialmente assentes nas tijoleiras da base. Pontualmente, foi possível observar o sistema de cobertura, formado por blocos graníticos de formato irregular (0,70 x 0,40 x 0,30 m), dispostos no sentido do comprimento, recobrimo parcialmente as paredes da canalização. Regista uma pendente para oeste, parecendo situar-se no alinhamento da canalização B. A orientação NE/SO da canalização C permite admitir que captava águas sujas oriundas de outras canalizações, ainda que a articulação entre elas não tenha sido identificada. Estaria nesse caso a canalização E, que cruzava a *palaestra* no sentido N/S e que deveria entroncar na canalização C. A mesma situação é presumida para as canalizações B1, construída na Fase I e para as identificadas como J e O, erguidas na Fase III.

#### Canalização D

##### Construção: Fase II

Esta canalização situa-se na parte sudoeste da área 9, sendo paralela ao muro M20. Passa sob o muro M40 e sob o pavimento de *opus signinum* que constitui o solo da área 26. Apenas observada parcialmente, na parte correspondente à área 9, revelou-se uma estrutura em forma de caixa com paredes e lastro de tijoleiras. Aparentemente serviria para drenar a água da piscina definida como área 26.

#### Canalização E

##### Construção: Fase I

Embora tenha sido apenas pontualmente observada, julgamos estar em presença de uma grande canalização, com orientação dominante N/S, que correria sob o solo da *palaestra* das termas (Est. I). Atendendo à sua orientação é provável que se ligasse à canalização C, situada na parte sudoeste da referida *palaestra*. A parte conservada da canalização revela paredes de pedra, com face interna bem apurada. As pedras da face encontram-se cimentadas por enchimento formado de pedra miúda, fragmentos de tijoleira e argila alaranjada. O lastro era formado por *opus signinum* que assentava numa preparação de pedras, a qual repousava sobre um enchimento de terra. As paredes seriam revestidas igualmente por uma fina camada de *opus signinum*, com cerca de 0,02 m de espessura, que apenas se

conservou junto ao lastro. A canalização revela uma largura média 0,35 m. Esta canalização tem a sua origem na área a norte das termas, drenando águas da zona do teatro.

#### Canalização F

##### Construção: Fase PT

Associada ao edifício pré-termal, esta canalização corria adossada ao lado norte do muro M6, drenando para oeste, sendo desconhecida a sua função exacta, uma vez que se apresenta destruída na parte nascente (Est. I). Sabemos que funcionou ainda na Fase I das termas, pois foi incorporada no muro M3B construído nessa fase. A canalização F apresenta-se bastante destruída, sendo possível, contudo, observar o seu sistema de construção. As paredes são de pedra, sendo formadas de ambos os lados por uma única fiada de blocos, bem aparelhados, que assentavam no rebordo das tégulas que formavam o lastro. As paredes encontram-se bem cimentadas numa argamassa de saibro e argila, misturada com pedra miúda. A cobertura era formada por tijoleiras, que se apoiavam nas paredes.

#### Canalização G

##### Construção: Fase III

Trata-se de uma canalização muito mal conservada, relacionada com a drenagem de águas do *alveus* da área 37 das Fases III e IV (Est. I). Os elementos conservados da canalização registam paredes feitas de pedra, não se conservando nem o lastro nem vestígios de cobertura. Eventualmente, esta drenagem correria sob as áreas 35 e 33, podendo recolher aí a água do *alveus*, drenando para a canalização O, que asseguraria o escoamento para fora do edifício, talvez em direcção à canalização C.

#### Canalização H

##### Construção: Fase III

Trata-se de uma canalização que trancou a canalização B, inviabilizando o seu funcionamento. Apresenta-se mal conservada, não oferecendo vestígios do lastro mas, tão só, das paredes (Est. I). Estas apresentam uma organização irregular, sendo possível observar, na parte melhor conservada, que possuíam cerca de 0,60 m de altura, sendo formadas por fragmentos de tijoleiras dispostos horizontal e regularmente, sobre os quais assentavam duas fiadas de pedras. A parte conservada da cobertura é feita de blocos de pedra de forma e talhe irregulares (0,80 x 0,30 e 0,60 x 0,30 m), dispostos transversalmente sobre as paredes. A canalização oferece uma largura de 0,30 m. Apesar de ser difícil estimar a

cronologia desta canalização, admitimos que tenha sido construída na Fase III, uma vez que inviabilizou a drenagem da canalização B, a qual se terá tornado desnecessária nesta reforma.

### **Canalização I**

#### **Construção:** Fase III

Esta canalização, da qual se conservou apenas parte do lastro de tégulas, corria ao longo do limite sul de um possível pórtico de entrada nas termas (Est. I), que teria sido construído na Fase III. As tégulas conservadas possuem 0,60 x 0,40 m e dispõem-se no sentido E/O. A base da canalização tem a cota de 193,55 m, a qual oferece o mesmo valor da canalização L, que limita o lado poente do referido pórtico de entrada. Ambas se encontram associadas, podendo recolher a água da chuva da cobertura do referido pórtico.

### **Canalização J**

#### **Construção:** Fase III

Esta canalização parece ter estado associada à canalização L, ainda que a articulação das duas tenha sido destruída (Est. I). Descreve um arco, correndo parcialmente sob o solo do *apodyterium* (área 30) da Fase III. A parte descoberta da canalização revela um lastro feito de tégulas, com dimensões semelhantes às que compõem a base das canalizações I e L (0,60 x 0,40 m). Pontualmente, observam-se algumas pedras que compunham os lados da canalização, com face interna aparelhada, ligeiramente sobrepostas às tégulas da base, definindo uma caixa com 0,30 m de largura. Porque estaria associada à canalização L, supomos que captaria parte da água das chuvas que aquela receberia, drenando-a, eventualmente, para a canalização C (Est. I). Incorporando uma das paredes da canalização encontrava-se um pequeno capitel decorado (Fig. 49).

### **Canalização L**

#### **Construção:** Fase III

Esta canalização, muito destruída, corre ao longo do muro M63, que definiria o lado poente de um possível pórtico de entrada das termas, que teria funcionado nas Fases III e IV. Dela conservam-se apenas duas tégulas do lastro, com 0,60 x 0,40 m, cuja cota é de 193,55 m, ou seja, semelhante à da base da canalização I que lhe é contígua. As tégulas encostam a nascente diretamente ao muro M63, conservando-se, a poente das mesmas, uma sapata de pedras miúdas que acompanhava o lastro da canalização e que deveria corresponder à camada de assentamento da sua parede oeste. Considerando a sua lo-

calização, deveria servir para recolher a água das chuvas do telhado do referido pórtico, parecendo ligar-se às canalizações I e J (Est. I).

### **Canalização M**

#### **Construção:** Fase PT

Trata-se de uma conduta de água limpa, que podemos datar da Fase PT, estando associada ao abastecimento do fontanário que existia na fachada oeste do conjunto pré-termal (Fig. 9). Identificada apenas pontualmente, esta canalização encontra-se implantada no areão granítico, dispondo-se no sentido N/S, correndo paralela aos muros M87 e M97, aproximadamente a meio da galeria de circulação situada entre aqueles dois muros. A conduta apresenta-se bem conservada na parte descoberta, sendo composta por caixa com lastro e paredes de tijoleira e tampa do mesmo material. Apresenta uma largura máxima de 0,45 m e um vão interior de cerca de 0,20 m, possuindo as tijoleiras da cobertura 0,40 x 0,30 m. Foi destruída na Fase I pela construção do teatro.

### **Canalização N**

#### **Construção:** Fase II

Construída na Fase II para escoar a água da piscina fria Pi3, a que corresponde a área 26, encontra-se muito destruída, fazendo-se assinalar apenas por um elemento laterício em forma de canal, conservado no canto sudoeste daquela área, parcialmente cimentado ao *opus signinum* de revestimento do solo (Est. I). Pela orientação do elemento conservado é de supor que esta pequena canalização drenasse para a canalização B1, que corria ao longo do corredor 8.

### **Canalização O**

#### **Construção:** Fase III

Construída na Fase III, esta canalização situa-se entre o muro M32, a norte e o muro M58, a sul, drenando para o exterior do edifício (Est. VII e Fig. 60). Apresenta um lastro constituído por dois grandes blocos de pedra, respectivamente com 1,20 m e 1,50 m de comprimento, sobre os quais deveria correr um cano que drenaria a água oriunda do *alveus* da área 33 e, eventualmente, também a do *alveus* da área 37, a qual seria recolhida através da canalização G detetada sob a área 33. É provável que a canalização O assegurasse o escoamento da água daquela canalização para o exterior, drenando-a possivelmente para a canalização C. Sobre esta canalização terão sido construídas uma latrina (área 39), que terão funcionado nas Fases III e IV (Fig. 60).

## ANEXO A2

### As unidades estratigráficas. Descrição e cronologia

As numerosas unidades estratigráficas (UEs) identificadas na escavação serão apresentadas neste apartado segundo a sequência da sua numeração corrente.

A sua identificação compreende, para além do número, a sua caracterização e interpretação, a sua datação, a referência aos cortes estratigráficos onde se encontra representada. Quando as unidades fornecem materiais com cronologia segura, aqueles foram discriminados de modo a fundamentar as datações propostas.

No entanto, nunca se pretendeu que este trabalho contemplasse o estudo exaustivo dos materiais das escavações das termas. De facto, a identificação de algum do espólio pertencente às unidades estratigráficas obedece apenas a uma lógica de valorização cronológica das fases construtivas do edifício. Neste sentido, não tivemos a preocupação de listar todo o material datável presente nas diferentes UEs, o que se configuraria como excessivo num trabalho desta natureza, mas, tão só, aquele que se relaciona mais directamente com a cronologia das mesmas, aferida pelos materiais mais tardios nelas representados. Omitem-se, assim, de forma sistemática, os materiais mais antigos encontrados nas diferentes unidades, por considerarmos desnecessária a sua resenha no âmbito desta publicação. Do mesmo modo, foi considerada despropositada a apresentação dos materiais presentes, em grande abundância, nas camadas posteriores ao século V.

Para a datação das unidades estratigráficas foram valorizadas as moedas, referenciadas pela letra **M**, as sigillatas pela letra **S**, as ânforas pela letra **A**, as lucernas por um **L** e os vidros por um **V**.

Para facilitar a apresentação dos materiais dentro de cada unidade, aqueles serão sempre apresentados pela ordem referida (moedas, sigillatas, ânforas, lucernas e vidros), sendo identificados pela letra a que corresponde a respectiva categoria de material. Segue-se o número da peça/número de inventário do Museu D. Diogo de Sousa, sendo posteriormente identificada a sondagem e a camada ou complexo onde foi encontrada. De seguida, procede-se à breve descrição e classificação da peça, bem como à sua datação. A existência de fragmentos com a mesma forma e datação, provenientes do mesmo complexo e sondagem, levou-nos a agrupá-los,

sendo fornecidos os números respectivos.

Os materiais apresentados que permitiram datar as UEs foram estudados por vários investigadores em diferentes momentos e contextos. Assim, as moedas foram classificadas por Maria del Mar Zabaleta Estevez. Para as sigillatas itálicas, gálicas e hispânicas alto imperiais, para as ânforas, bem como para as lucernas, utilizámos o extenso estudo de Rui Morais (2004), relativo à economia de *Bracara Augusta* no Alto Império, obra que poderá ser consultada para obtenção de uma mais completa relação dos materiais presentes nos estratos das termas. As sigillatas hispânicas tardias e as produções africanas foram classificadas por Manuela Delgado. Para os vidros servimo-nos do trabalho de síntese de Mário Cruz (2001) sobre os vidros de *Bracara Augusta*, o qual oferece uma relação completa das peças encontradas nas escavações realizadas nas termas.

As unidades estratigráficas que não possuem materiais com cronologia foram datadas de forma indirecta, sendo inseridas nas grandes fases construtivas das termas com base na sua interpretação e correlação estratigráficas.

#### UE001

Enchimento; preparação de rua moderna; posterior a 1972

#### UE002

Enchimento; abandono da área 20; **Fase IV**; 2ª metade do séc. IV; Cortes 1 e 2 N/S; Corte 1 E/O

S.Nº4873; 0528/00-T16A-0576, 2 fragmentos de produção hispânica, forma 37 tardia, 350-375

#### UE003

Enchimento; preparação do solo da área 20; **Fase III**; fins do séc. III/inícios do séc. IV; Cortes 1 e 2 N/S; Corte 1 E/O

M.Nº0919/95-Tb1C-0009, moeda de Cláudio II (268-270)

M.Nº1102/95-T16A-0589, moeda de Cláudio II (posterior a 270)

S.Nº1005/00-T15-0842, fragmento de produção africana A2, forma Hayes 8B, séc. III

L.Nº2325/02-T358-0813, fragmento de lucerna de disco, produção local, forma Dressel 28, 150-300

V.Nº1899/99-T11A-0312, fragmento de taça, incolor, forma Is 96b1, AR 60.1, 200-250

#### UE004

Pavimento; solo de terra batida da área 20; **Fase**

I; inícios do séc. II; Cortes 1 e 2 N/S; Corte 1 E/O

S.Nº0551/00-T58-1136, fragmento de produção hispânica, forma Drag 27, 50-100

#### UE005

Enchimento; nivelamento sobre a rocha; **Fase I**; inícios do séc. II; Cortes 1, 2, 3 e 4 N/S; Cortes 1, 2 e 3 E/O

S.Nº0487-P6G-0040, fragmento de produção hispânica, forma Drag 33, 50-100

S.Nº7734-T13B-0404, fragmento de produção hispânica, forma indeterminada, 75-100

S.Nº2716/00-T9B-0361, fragmento de produção hispânica, forma Drag 15/17, 80-120

A.Nº0588/99-T11A-0320, fragmento de produção bética, forma Haltern 70, meados do séc. I a.C.-Antoninos

#### UE007

Enchimento; vala de fundação do muro M2; =UE025; **Fase I**; inícios do séc. II; Cortes 1, 2, 3 e 4 N/S

S.Nº0164-PB16B-C007, fragmento de produção hispânica, forma Hisp 7, 80-120

S.Nº0482-P14B-C007, fragmento de produção hispânica, forma Drag 27, 80-120

#### UE008

Enchimento; vala de implantação de canalização moderna; posterior a 1972; Cortes 1, 2, 3 e 4 N/S; Cortes 1, 2, 3 e 5 E/O

#### UE009

Enchimento; utilização do solo (UE010) da área 20; **Fase III**; fins do séc. III/inícios do séc. IV; Corte 1 N/S; Corte 1 E/O

#### UE010

Pavimento; solo de terra batida da área 20; **Fase III**; fins do séc. III/inícios do séc. IV; Cortes 1 e 2 N/S; Corte 1 E/O

#### UE011

Enchimento; vala de saque dos muros M2 e M9; posterior ao séc. V; Corte 2 N/S; Corte 1 E/O

#### UE012

Enchimento; entulhos de utilização do Pr4; **Fase III**; fins do séc. III/inícios do séc. IV; Corte 3 N/S; Corte 1 E/O

M.Nº1154/95-T10A-0454-, moeda de Cláudio II (268-270)

#### UE013

Enchimento e pavimento; área 22; **Fase III**; fins do séc. III/inícios do séc. IV; Corte 3 N/S; Corte 1 E/O

S.Nº0107/00-P2-0003, fragmento de produção hispânica, forma 37 tardia, séc. III

S.Nº1096/00-PB8B-0006, fragmento de produção hispânica, forma 8 tardia, séc. III

V.Nº0524/99-T171-0007, fragmento de taça cilíndrica, forma Is 88, Ar 98.2, 3ª quartel do séc. II/meados do séc. III

#### UE014

Pavimento; solo de terra batida das áreas 22 e 23; **Fase II**; fins do séc. II/inícios do séc. III; Corte 3 N/S; Cortes 1 e 2 E/O

#### UE015

Enchimento; vala de saque do muro M11; =UE048; posterior ao séc. V; Corte 2 N/S; Corte 2 E/O

#### UE016

Enchimento; abandono da área 19; **Fase IV**; 2ª metade do séc. IV; Corte 1 N/S; Corte 2 E/O

M.Nº0610/95-TB5-0001, moeda de Constantino I (337-341)

M.Nº1052/95-P1C-0005A, moeda de Teodora (póstuma) (337-341)

M.Nº1051/95-P1C-C003, moeda de Constante I (337-341)

M.Nº0612/95-TB5-0001, moeda de Constâncio II ou Constante (337-341)

M.Nº0845/93-TB5-0001, moeda de Constâncio II ou Constante (341-346)

M.Nº0844/93-PB5-C001, moeda de Constante (341-346)

M.Nº0854/93-PB10A-C002, moeda de Constâncio II ou Constante (341-346)

M.Nº1050/95-P1C-C003, moeda de Constâncio II ou Constante (341-346)

S.Nº0225-P6-C003, fragmento de produção hispânica, forma 79 tardia, séc. III/séc. IV

S.Nº0079-P17-C001, fragmento de produção hispânica, forma 37 tardia, 2º estilo decorativo, meados do séc. IV a fins do séc. V/inícios do VI

S.Nº0021; 0028-PB5-C001, 2 fragmentos de produção hispânica, forma 37 tardia, 2º estilo decorativo, meados do séc. IV a fins do séc. V/inícios do VI

#### UE017

Enchimento; nivelamento; posterior ao séc. V; Cortes 1, 2 e 3 N/S; Cortes 1 e 2 E/O

#### UE018

Enchimento; preparação do solo de terra batida UE019; **Fase III**; fins do séc. III/inícios do

séc. IV; Corte 1 N/S; Corte 2 E/O

S.Nº3672-T11B-0300, fragmento de produção hispânica, forma Ritt-8, 100-200

V.Nº2401/99-P10-C001, fragmento de taça cilíndrica, incolor esverdeado, forma Is 85b, AR 98.1, 200-250

V.Nº0621/99-P10-C002, fragmento de taça cilíndrica, incolor, forma AR77, Flávios-séc. III

#### UE019

Pavimento; solo de terra batida da área 19; **Fase III**; fins do séc. III/inícios do séc. IV; Corte 1 N/S; Corte 2 E/O

#### UE020

Enchimento; vala de saque do muro M1; =UE287; posterior ao séc. V; Cortes 1 e 2 E/O

#### UE021

Enchimento; abandono da área 22; **Fase IV**; 2ª metade do séc. IV; Corte 3 N/S; Corte 2 E/O

M.Nº1023/95-P17-C002, moeda do séc. IV

A.Nº2637/99-P6B-C003, metade inferior de ânfora, forma Almagro 50/Keay XVI, variante C, fins do séc. II-séc. IV

V.Nº0785/99-P17-0040, fragmento de taça, verde acastanhada, forma var. Is 116, 2ª metade do séc. IV-séc. V

#### UE022

Enchimento; preparação do pavimento de terra batida da área 22; **Fase II**; fins do séc. II/inícios do séc. III; Corte 3 N/S; Cortes 1 e 2 E/O

#### UE023

Pavimento; solo de terra batida das áreas 22 e 23; **Fase I**; inícios do séc. II; Corte 2 E/O

S.Nº0186-T124-0013, fragmento de produção hispânica, forma Drag 29, 60-80

#### UE23A

Enchimento e pavimento; utilização da área 14; **Fase I**; posterior aos inícios do séc. II; Corte 4 N/S; Corte 2 E/O

#### UE024

Enchimento; vala de saque dos muros M2 e M9A; posterior ao séc. V; Cortes 3 e 4 N/S; Corte 1 E/O

#### UE025

Enchimento; vala de fundação do muro M2; =UE007; **Fase I**; inícios do séc. II; Corte 4

N/S

#### UE026

Enchimento; aterro entre os muros M2 e M15; **Fase III**; fins do séc. III/inícios do séc. IV; Corte 4 N/S; Corte 1 E/O

#### UE027

Enchimento e pavimento; área 21; **Fase III**; fins do séc. III/inícios do séc. IV; Corte 4 N/S; Corte 1 E/O

V.Nº2402/99-T9A-0157, fragmento de copo tronco-cónico, incolor esverdeado, forma indeterminada, sécs. III-IV

#### UE028

Enchimento; vala de saque dos muros M13 e M14A; posterior ao séc. V; Corte 2 E/O

S.Nºs0184; 0188-P11-0021, 2 fragmentos de produção africana D1, forma Hayes 61A, 325-380

#### UE029

Enchimento; nivelamento; **Fase IV**; 2ª metade do séc. IV; Corte 4 N/S; Corte 2 E/O

#### UE030

Enchimento; vala de fundação do muro M16; **Fase III**; fins do séc. III/inícios do séc. IV; Corte 4 N/S

M.Nº1454/99-P15-0015, moeda de Alexandre Severo (222-235)

A.Nº2610/99-T8C/D-0182, fragmento de produção africana, forma Africana Grande B, fins do séc. II-fins do séc. IV

#### UE031

Enchimento; acumulação de entulhos na área 14; **Fase II**; posterior aos inícios do séc. III; Corte 4 N/S; Corte 2 E/O

#### UE032

Enchimento; **Fase IV**; 2ª metade do séc. IV; Corte 1 E/O

A.Nº0000-T8A-0128, fragmento de ânfora, forma L.R.A. 1, fins do séc. IV/inícios do V-meados do séc. VII

#### UE033

Enchimento; sobre a canalização F; **Fase I**; inícios do séc. II

#### UE034

Enchimento; sobre canalização F; **Fase I**; iní-

cios do séc. II; Corte 1 E/O

S.Nº2978-T8B-0034, fragmento de produção hispânica, forma Drag 29, 50-80

S.Nº2967-T6A-0080, fragmento de produção hispânica, forma Drag 15/17, 50-100

S.Nº2968-T6A-0080, fragmento de produção hispânica, forma Ritt 8, 50-100

S.Nº2816-T8A-0146, fragmento de produção hispânica, forma Drag 15/17, 75-100

S.Nº2815-T8A-0146, fragmento de produção hispânica, forma Drag 15/17, 50-80 /100

S.Nº2818-T8A-0146, fragmento de produção hispânica, forma Drag 46, 70-100/120

#### **UE035**

Enchimento; inutilização do muro M82 e áreas limítrofes; **Fase IV**; 2ª metade do séc. IV

S.Nº1304-T21-0009, fragmento de produção africana D1, Hayes 59, 320-420

A.Nº1310/98-T8A-0146, fragmento de produção lusitana, forma Almagro 51C, fins do séc. II-séc. V

#### **UE036**

Enchimento; vala de saque do muro M17A; **Fase I**; inícios do séc. II

#### **UE037**

Enchimento da canalização E; **Fase IV**; 2ª metade do séc. IV; Corte 2 E/O

A.Nº8487-T7B=0267=, fragmento de produção gálica, forma Gauloise 4, meados do séc. I-séc. III.

#### **UE038**

Enchimento; sobre a UE043; =UE044; **Fase IV**; 2ª metade do séc. IV; Corte 2 E/O

#### **UE039**

Pavimento; solo de terra batida; **Fase IV**; 2ª metade do séc. IV; Corte 2 E/O

#### **UE040**

Enchimento; vala de fundação do M3; **Fase PT**; séc. I; Corte 2 E/O

#### **UE041**

Enchimento; nivelamento do solo da área 21; **Fase I**; inícios do séc. II; Corte 4 N/S; Corte 1 E/O

S.Nº0000-T18B/Tb1A-0011, fragmento de produção hispânica, forma Drag 15/17, 70-100/120

#### **UE042**

Enchimento; entre os muros M3B e M6; **Fase I**; inícios do séc. II; Corte 1 E/O

S.Nº0771/95-TB1A-0015, fragmento de produção hispânica, forma Ritt 8, 50-100

L.Nº0988/01-T18/B1A-0015; fragmento de lucerna de volutas, produção itálica, forma Loescheke IV, 14 a.C.-100/120

#### **UE043**

Pavimento; solo de terra batida; **Fase IV**; 2ª metade do séc. IV; Cortes 1 e 2 E/O

#### **UE044**

Enchimento; sobre a UE043; **Fase IV**; 2ª metade do séc. IV; Cortes 1 e 2 E/O

M.Nº0962/98-T98-0071, moeda de Constante (341-346)

#### **UE045**

Enchimento; vala de saque do muro M12; posterior ao séc. V; Corte 1 N/S

#### **UE046**

Enchimento; vala de saque do M12 e dos pilares associados; posterior ao séc. V; Corte 2 N/S

#### **UE047**

Enchimento; vala de fundação dos muros M33 e M34; **Fase I**; inícios do séc. II; Cortes 2 e 3 N/S; Corte 3 E/O

#### **UE048**

Enchimento; vala de saque do muro M11; =UE015; posterior ao séc. V

#### **UE049**

Enchimento; entulhos da utilização do Pr3; **Fase I**; anterior a finais do séc. II; Cortes 2 e 3 N/S; Corte 3 E/O

M.Nº1035/95-P18E-C009, moeda do século I

M.Nº0988/95-PB8B-C004, moeda do século I/II

#### **UE050**

Enchimento; inutilização da cisterna; =UE051; **Fase III**; fins do séc. III/inícios do séc. IV; Corte 1 N/S

M.Nº0987/95-PB8A-C004, moeda de Galieno (259-268)

M.Nº1033/95-P18-C006, moeda de Galieno (259-268)

M.Nº1034/95-P18-C007, moeda de Cláudio II (268-270)

M.Nº0984/95; PB8; C004, moeda de Quintilo (268-270)

#### **UE051**

Enchimento; inutilização da cisterna; = UE050;

**Fase III;** fins do séc. III/inícios do séc. IV;  
Cortes 1 e 2 N/S; Corte 3 E/O

S.Nº0014-P18C-C007, fragmento de produção hispânica, forma 15/17 tardia, século III  
V.Nº2399/99-PB8A-C004, fragmento de peça decorada com facetas lapidadas, incolor esverdeado, forma indeterminada, 1ª metade do séc. III

#### UE053

Enchimento; vala de fundação do muro M50;  
**Fase III;** fins do séc. III/inícios do séc. IV;  
Cortes 1 e 2 N/S

#### UE054

Enchimento; sobre a canalização A; =UE255;  
**Fase II;** fins do séc. II/inícios do séc. III; Corte 1 N/S; Corte 3 E/O

#### UE055

Enchimento da canalização A; **Fase III;** fins do séc. III/inícios do séc. IV; Corte 3 E/O

**UE056** Enchimento; vala de saque do muro M33; **Fase IV;** 2ª metade do séc. IV; Corte 3 N/S; Corte 3 E/O

M.Nº1048/95-P1B-C05A, moeda de Constâncio II (307-308)

M.Nº0849/93-PB8-C002, moeda de Constantino (321)

M.Nº0992/95-PB10A-C001, moeda da série urbana (330-335)

M.Nº0857/93-PB10B-C02, moeda da série urbana (330-335)

M.Nº0847/93-PB5-C002, moeda de Constâncio II ou Constante (335-340)

M.Nº0855/93-PB10B-C001, moeda de Helena (337-341)

M.Nº0856/93-PB10B-C002, moeda de Constâncio II ou Constante (337-341)

M.Nº1046/95-P1B-C05A, moeda de Constâncio II (341-346)

M.Nº1016/95-P14-C000, moeda de Constantino II ou Constante I (346-361)

M.Nº0843/93-PB5-C005, moeda Constâncio II ou Constante (346-361)

#### UE056A

Enchimento; entulhamento do hipocausto da área 13; **Fase III;** fins do séc. III/inícios do séc. IV; Corte 3 N/S; Corte 3 E/O

M.Nº0842/93-PB1-C004, moeda de Galieno (257-268)

M.Nº0841/93-PB1-C003, moeda de Vitorino Padre (268-270)

M.Nº0840/93-PB1-C003, moeda de Cláudio II (269)

M.Nº0983/95-PB1-C003, moeda de Cláudio II (posterior a 270)

#### UE057

Enchimento; vala de saque do muro M50; posterior ao séc. V; Cortes 1, 2 e 3 N/S; Corte 3 E/O

M.Nº0838/93-PB1-C001, moeda de Constantino I (325-326)

M.Nº089/93-PB1-C001, moeda de Constantino I (335-339)

M.Nº1074/95-P1B-C007, moeda de Eugénio? (392-394)

S.Nº1305-PB1-0001, fragmento de produção africana D1, forma Hayes 59, 320-420

#### UE058

Enchimento; vala de saque dos muros M50 e M59; posterior ao séc. V; Corte 3 E/O

M.Nº0828/93-P1/P1A-C001, moeda de Constantino I (337-341)

M.Nº0806/93-P1A-C001, moeda de Constâncio II (337-341)

M.Nº1038/95-PB10E-C00B, moeda de Constâncio II ou Constante (337-341)

M.Nº0994/95-PB10-C001, moeda do século IV

M.Nº0996/95-P1-C001, moeda do século IV

S.Nº1296-PB10D-C000, fragmento de produção africana D1, forma Hayes 61A, 325-380

#### UE060

Enchimento; entulhamento da área 14; **Fase IV;** 2ª metade do séc. IV; Corte 4 N/S

M.Nº1054/95-P11-C001, moeda de Crispo (317-326)

M.Nº1013/95-P11-C001, moeda do séc. IV

M.Nº1014/95-P11-C001, moeda do séc. IV

**UE061** Enchimento; entulhamento da área 19; **Fase IV;** 2ª metade do séc. IV; Corte 4 N/S

L.Nº2326/03-P15-0012, fragmento de lucerna de disco, produção local, forma de bico redondo, atípica, 290-300/320.

**UE062** Enchimento; vala de saque do muro M47; posterior ao séc. V; Corte 4 N/S

S.Nº0027-P17E-C0004, fragmento de produção hispânica, forma 37 tardia, 2º estilo decorativo, séc. IV / 1ª metade do séc. V

S.Nº0190-P14B-C002, fragmento de produção africana D1, forma Hayes 61A, 325-400/420

S.Nº0135-P14B-C004, fragmento de produção africana C4, forma Hayes 73B, 420-475/480

V.Nº0783/99-P17E-C001, fragmento de taça funda,

verde acastanhado escuro, forma var. Is. 116, 2ª metade do séc. IV/séc. V

V.Nº0774/99-P14B-C004, fragmento de taça, verde acastanhado, forma Is 115, 2ª metade do séc. IV/séc. V

V.Nº0602/99-P17C-C004, taça decorada, verde escura, forma indeterminada, 462-491

**UE063** Enchimento; inutilização da zona de serviços do Pr4; **Fase IV**; 2ª metade do séc. IV; Corte 4 N/S

M.Nº0810/93-P17B-C005, moeda de Crispo (320-321)

M.Nº0802/93-PB10D-C002, moeda de Constantino I (324-330)

M.Nº0993/95-PB10D-C002, moeda do séc. IV

M.Nº1026/95-P17-C005, moeda do séc. IV

M.Nº1027/95-P17-C005, moeda do séc. IV

M.Nº1028/95-P17B-C04A, moeda do séc. IV

S.Nºs0006; 0007; 0008; 0009; 0010; 0011-P17-C005, 6 fragmentos de produção hispânica, forma 37 tardia, 350-375

S.Nº0129-P17-C005, fragmento de produção hispânica, forma 37 tardia decorada, 2ª metade do séc. IV-inícios do VI

S.Nº1084/00-P17-C005, 8 fragmentos de peça de produção hispânica, forma 37 tardia, 2º estilo decorativo, 2ª metade do séc. IV-inícios do VI

S.Nº0168-P17-C005, fragmento de produção hispânica, forma 2 tardia, meados do séc. IV/finais do V-inícios do VI

S.Nº1083/00-P17-C005, fragmento de produção hispânica, forma 9 tardia, 2ª metade do séc. IV-inícios do VI

S.Nº1298-P17-C005, fragmento de produção africana D1, forma Hayes 61A, 325-380

#### **UE064**

Pavimento; solo de terra batida associado ao Pr4; **Fase III**; fins do séc. III/inícios do séc. IV; Corte 4 N/S

#### **UE065**

Enchimento; sobre o Pr3; **Fase III**; fins do séc. III/inícios do séc. IV; Corte 4 N/S

#### **UE066**

Enchimento; entulhamento da área 36; **Fase IV**; 2ª metade do séc. IV; Corte 4 N/S

M.Nº1032/95-P17D-C004, moeda de Maximo II Daza (307-313)

M.Nº1017/95-P14B-C002, moeda de Constantino I (317-324)

M.Nº1058/95-P14B-C004, moeda de Constantino I (317-318)

M.Nº1018/95-P14B-C004, moeda de Constâncio II (330-335)

M.Nº1031/95-P17C-C004, moeda da série urbana

(335-337)

M.Nº0814/93-P14B-C004, moeda de Constâncio II ou Constante (337-341)

M.Nº1029/95-P17C-C004, moeda de Constantino I (335-340)

M.Nº0808/93-P17C-C004, moeda de Constante I (341-346)

M.Nº0807/93-P17C-C004, moeda de Constâncio II (346-361)

M.Nº0809/93-P17C-C004, moeda de Constâncio II (347-348)

M.Nº1059/95-14B-C004, moeda de Magnêncio (350-353)

M.Nº1020/95-P14B-C004, moeda do séc. IV

M.Nº1030/95-P17C-C004, moeda do séc. IV

S.Nº0270-P14C-C004, fragmento de produção hispânica, forma 37 tardia, 1º estilo decorativo, 3º quartel do séc. IV

S.Nº1085/00-P14B-C004, 5 fragmentos de peça de produção hispânica, forma 9 tardia, 1º e 2º terços do séc. IV

S.Nº1027-P14B-C004, fragmento de produção hispânica, forma 13 tardia, meados do séc. IV/inícios do séc. V

S.Nº0068-P14C-C004, fragmento de produção hispânica, forma 8 tardia, meados do séc. IV/inícios do séc. VI

S.Nº1087-P17D-C004, 2 fragmentos de produção hispânica, forma 4 tardia, finais do séc. IV/1ª metade do séc. V

S.Nº0253-PB10C-C001, fragmento de produção hispânica, forma 8 tardia, meados do séc. IV/inícios do séc. VI

S.Nº0254-PB10C-C001, fragmento de produção hispânica, forma 4 tardia, finais do séc. IV/1ª metade do séc. V

S.Nº0073-P14C-C004, fragmento de produção hispânica, forma 37 tardia, meados do séc. IV/fins do séc. V-inícios do séc. VI

S. Nº0875/00-P17C-C005, fragmento de produção africana D1, forma Hayes 61A, 325-380

S.Nºs1308; 1310-P17E-C0004, 2 fragmentos de produção africana D2, forma Hayes 91B, 383-406

V. Nº0514/99-P17D/P14B-C004, fragmento de taça arqueada, verde acastanhado suave, forma Is 116b, séc. IV

V.Nº0783/99-P17E-C001, fragmento de taça, verde acastanhado escuro, forma var. Is. 116, 2ª metade do séc. IV-séc. V

V.Nº0774/99-P14B-C004, fragmento de taça, verde acastanhado, forma Is. 115, 2ª metade do séc. IV-séc. V

**UE068** Enchimento; vala de saque do muro M3; posterior ao séc. V

**UE069** Enchimento; posterior à inutilização do Pr4; **Fase IV**; 2ª metade do séc. IV; Corte 4 N/S

M.Nº0836/93-P1/P1A-C003, moeda de Constanti-



no I (313-324)

**M.N°0834/93-P1/P1A-C003**, moeda de Constantino I (330-335)

**M.N°**; 0835/93-P1/P1A-C003, moeda da série urbana (333-334)

**M.N°0803/93-P1/P1A-C003**, moeda da série urbana (334-336)

**M.N°s0805/93; 1004/95-P1/P1A-C003**, 2 moedas da série urbana (335-337)

**M.N°s0999/95; 1006/95-P1/P1A-C003**, 2 moedas de Constâncio II ou Constante (335-340)

**M.N°s0804/93; 0829/93; 1002/95; 1003/95-P1/P1A-C003**, 4 moedas de Constâncio II ou Constante (341-346)

**M.N°s0833/93; 1000/95; 1007/95-P1/P1A-C003**, 3 moedas de Constante (341-346)

**M.N°0830/93-P1/P1A-C003**, moeda de Constantino (341-346)

**S.N°0251/01-P14B-C011**, fragmento de produção hispânica, forma 37 tardia, 3º quartel do séc. IV

#### UE070

Enchimento; vala de saque do Pr4; posterior ao séc. V

**V.N°0776/99-P14B-C04b**, fragmento de taça tronco-cônica, verde amarelado, forma indeterminada, sécs. IV/V

#### UE071

Enchimento; vala de fundação da canalização E; **Fase I**; inícios do séc. II; Corte 2 E/O

**S.N°0000-T23A-0017**, fragmento de produção hispânica, forma Drag 29, 50-80/100

**A.N°2606/99-T23A-0021**, fragmento de produção bética, forma Haltern 70, meados do séc. I a.C.-Antoninos

#### UE072

Enchimento; vala de saque da canalização E; **Fase IV**; 2ª metade do séc. IV; Cortes 1, 2 e 5 E/O

#### UE073

Enchimento; implantação do muro M82; =UEs094 e 105; **Fase I**; inícios do séc. II; Corte 1 E/O

#### UE074

Enchimento; destruição do muro M6; **Fase IV**; 2ª metade do séc. IV

**M.N°0897/95-T113-0021**, moeda da série urbana (335-337)

#### UE075

Pavimento; solo de *opus signinum* degradado

#### UE076

Enchimento; vala de drenagens; anos 70 do séc. XX; Corte 9 N/S; Corte 2 E/O

#### UE077

Enchimento; vala de saque do muro M6; **Fase IV**; 2ª metade do séc. I

#### UE078

Enchimento; vala de saque do muro M81; =UE135; **Fase IV**; 2ª metade do séc. IV; Corte 2 E/O

**M.N°1187/95-T21-0045**, moeda da série urbana (330-335)

**M.N°s1183/95; 1185/95-T21-0031**, 2 moedas de Constâncio II / Constante (341-346)

**S.N°1318-T21-0031**, fragmento de produção africana D1/D2, forma Hayes 67, 360-470

#### UE079

Enchimento; vala de saque do muro M5; **Fase I**; inícios do séc. II; Corte 2 E/O

#### UE080

Enchimento e pavimento; calçada circundante do teatro; =UE134; **Fase I**; inícios do séc. II; Corte 2 E/O

**S.N°0146-T21-0053**, fragmento de produção hispânica, forma Drag 15/17, 100-120

#### UE081

Enchimento; sobre a rocha para preparação da calçada; **Fase I**; inícios do séc. II; Corte 2 E/O

**M.N°1174/95-T100-0067**, moeda do séc. I

#### UE082

Enchimento; solo agrícola; moderno

**M.N°0613/95-T116-0002**, moeda do século XVI

**M.N°0979/95-P1C-C001**, moeda de D. Pedro II (1683-1706)

#### UE083

Enchimento da vala de saque do silhar B26; **Fase I**; inícios do séc. II

#### UE084

Enchimento; preparação do solo do pórtico norte; **Fase PT**; séc. I

#### UE085

Enchimento; vala de saque do muro M82; =UEs086, 087, 097; **Fase IV**; 2ª metade do séc. IV; Corte 5 N/S

#### **UE086**

Enchimento; vala de saque do muro M82; =UEs085, 087 e 097; **Fase IV**; 2ª metade do séc. IV; Cortes 5 e 6 N/S; Corte 1 E/O

M.Nº1168/95-T100-0056, moeda de Constâncio II (335-337)

M.Nº1170/95-T100-0056, moeda de Constantino I (335-337)

M.Nº1169/95-T100-0056, moeda de Constantino I (335-341)

M.Nº1171/95-T100-0056, moeda do séc. IV

S.Nº0243-T98-0014, fragmento de produção hispânica, forma 1 tardia, séc. V

#### **UE087**

Enchimento; vala de saque do muro M82; =UEs085, 086 e 097; **Fase IV**; 2ª metade do séc. IV; Corte 5 N/S; Corte 2 E/O

#### **UE088**

Enchimento; sobre o solo UE089; **Fase PT**; séc. I; Corte 1 E/O

#### **UE089**

Pavimento; solo de terra batida; **Fase PT**; séc. I; Corte 1 E/O

#### **UE090**

Enchimento; vala de saque do silhar B26; **Fase I**; inícios do séc. II

#### **UE091**

Enchimento; vala de fundação do silhar B26; **Fase PT**; séc. I

#### **UE092**

Enchimento; nivelamento sobre a rocha e preparação de pavimento; **Fase PT**; séc. I; Corte 1 E/O

#### **UE093**

Enchimento; posterior ao muro M82; **Fase I**, inícios do séc. II; Corte 5 N/S

S.Nº0001-T100-0051, fragmento de produção hispânica, forma Drag 37, 80-120

#### **UE094**

Enchimento; vala de fundação do muro M82; =UEs 073 e 105; **Fase I**; inícios do séc. II

#### **UE095**

Enchimento; vala de fundação; **Fase PT**; séc. I

#### **UE096**

Enchimento; deposição entre os muros M82,

M84 e M87; **Fase I**; inícios do séc. II; Corte 1 E/O

S.Nº0352-T97-0015, fragmento de produção hispânica, forma Drag 27, 50-70/80

S.Nº0056-T186-0002, fragmento de produção hispânica, forma Drag 27, 50-75

S.Nº0238-T97-0016, fragmento de produção gálica, forma Drag 18/31, 50-70/80

S.Nº0525/00-T97-0009, fragmento de produção hispânica, forma Drag 27, 60-100

A.Nº2617/99-T97-0015, fragmento de produção bética, forma Haltern 70, meados do séc. I a.C.-Antoninos

#### **UE097**

Enchimento; saque do muro M82 UEs 085; 086; 087; **Fase IV**; 2ª metade do séc. IV

#### **UE098**

Enchimento; posterior à destruição dos muros M83 e M87; **Fase I**; inícios do séc. II; Corte 1 E/O

S.Nº0031-T97-0004, fragmento de produção hispânica, forma Drag 15/17, 80-120

#### **UE099**

Enchimento; aterro do muro M83; =UE100; **Fase I**; inícios do séc. II

#### **UE100**

Enchimento; aterro do muro M83; =UE099; **Fase I**; inícios do séc. II

#### **UE101**

Enchimento; assentamento do muro M83; **Fase I**; inícios do séc. II

S.Nº0130-T186-0012, fragmento de produção gálica, forma Drag 18/31, 69-98

S.Nº0112-T186-0011, fragmento de produção hispânica, forma Drag 29, 50-100

#### **UE102**

Enchimento; saque da estrutura M86; =UE107; **Fase I**; inícios do séc. II

S.Nº0198-T186-0015, fragmento de produção hispânica, forma indeterminada, 50-80

#### **UE103**

Enchimento; inutilização do muro M97; **Fase I**; inícios do séc. II

A.Nºs0261/99; 0389; 0401, 0453-T97-0044, 4 fragmentos de produção bética, forma Haltern 70, meados do séc. I a.C.-Antoninos

#### UE104

Enchimento; vala de fundação do muro M87; =UE118; **Fase PT**; séc. I; Corte 1 E/O

LN°0990/01-T97-0051, fragmento de lucerna de volutas, produção itálica, forma Loescheke I A, 27 a.C.-37 d.C.

#### UE105

Enchimento; vala de fundação do muro M82; =UEs 073 e 094; **Fase I**; inícios do séc. II; Corte 6 N/S; Corte 1 E/O

S.N°2125/99-T186-0027, fragmento de produção hispânica, forma Drag 24/25, 40-50/80

#### UE106

Enchimento; vala de saque de muros; **Fase I**; inícios do séc. II; Corte 6 N/S; Corte 1 E/O

#### UE107

Enchimento; saque da estrutura M86; =UE102; **Fase I**; séc. I; Corte 6 N/S

S.N°0003-T97-0000, fragmento de produção hispânica, forma Drag 15/17, 75-100

#### UE108

Enchimento; vala de saque; anos 70 do século XX; Corte 6 N/S

#### UE109

Enchimento; área entre os muros M87 e M97; **Fase I**; inícios do séc. II

#### UE110

Enchimento; área entre os muros M87 e M97; **Fase I**; inícios do séc. II

S.N°0266-T186-0063, fragmento de produção hispânica, forma Drag 29, 50-80

#### UE111

Pavimento; solo de terra batida; **Fase PT**; séc. I; Corte 1 E/O

#### UE112

Pavimento; solo de terra batida; **Fase PT**; séc. I; Corte 1 E/O

#### UE113

Enchimento; ocupação sobre pavimento; **Fase PT**; séc. I; Corte 1 E/O

#### UE114

Pavimento; solo de terra batida; **Fase PT**; séc. I; Corte 1 E/O

S.N°0529-T186-0080, fragmento de produção hispânica, forma Drag 29, 60-80

S.N°0528-T186-0080, fragmento de produção hispânica, forma indeterminada, 75-100

#### UE115

Pavimento; solo de terra batida; **Fase PT**; séc. I; Corte 1 E/O

#### UE116

Pavimento; solo de terra batida; **Fase PT**; séc. I; Corte 1 E/O

#### UE117

Enchimento; vala de saque de arcos de tijoleira; **Fase I**; inícios do séc. II

S.N°s0435; 0442; 0510-T186-0074, 3 fragmentos de produção hispânica, forma Drag 29, 50-80

S.N°s0444; 0506-T186-0075, 2 fragmentos de produção hispânica, forma Drag 29, 50-100

S.N°0505-T186-0078, fragmento de produção hispânica, forma Drag 27, 75-100

S.N°0438-T186-0074, fragmento de produção hispânica, forma Drag 15/17, 75-100

S.N°0508-T186-0058, fragmento de produção hispânica, forma Drag 15/17, 80-120

S.N°s0441; 0443-T186-0074, 2 fragmentos de produção hispânica, forma Drag 37, 80-120

S.N°0504-T186-0078, fragmento de produção hispânica, forma Drag 37, 80-120

#### UE118

Enchimento; vala de fundação do muro M87; =UE104; **Fase PT**; séc. I; Corte 1 E/O

#### UE119

Enchimento; vala de fundação do muro M65; **Fase PT**; séc. I; Corte 1 E/O

#### UE120

Enchimento; vala de fundação do muro M97; **Fase PT**; séc. I; Corte 1 E/O

#### UE121

Enchimento; sobre a rocha; implantação da canalização M; **Fase PT**; séc. I

#### UE122

Enchimento; sobre pavimento; **Fase I**; inícios do séc. II; Corte 6 N/S; Corte 1 E/O

S.N°0577-T186-0093, fragmento de produção hispânica, forma Drag 15/17, 75-100

A.N°0632-T186-0102, fragmento de produção bética, forma Haltern 70; meados do séc. I a.C.-Antoninos

### UE123

Pavimento; solo de terra batida; **Fase PT**, séc. I; Corte 6 N/S; Corte 1 E/O

### UE124

Enchimento; nivelamento sob pavimento; **Fase PT**; séc. I; Corte 6 N/S; Corte 1 E/O

### UE125

Enchimento; vala de fundação do muro M93; **Fase PT**; séc. I; Corte 6 N/S

### UE126

Enchimento; sobre a rocha; **Fase PT**; séc. I; Corte 6 N/S; Corte 1 E/O

### UE127

Enchimento; vala de fundação do muro M81; **Fase I**; inícios do séc. II; Corte 6 N/S; Corte 3 E/O

S.Nº0294-T183-0010, fragmento de produção hispânica, forma Drag 35, 50-80/100

S.Nº0519/00-T183-0009, fragmento de produção hispânica, forma Drag 15/17, 50-100

S.Nº0254-T183-0009, fragmento de produção hispânica, forma Drag 36, 60-100

S.Nº0522-T183-0024, fragmento de produção hispânica, forma Drag 36, 75-100

S.Nº0493-T183-0022, fragmento de produção hispânica, forma Drag 15/17, 75-100

S.Nº0179-T183-0007, fragmento de produção hispânica, forma Drag 29, 50-100/120

S.Nº0178-T183-0007, fragmento de produção hispânica, forma Drag 36, 70-100/120

S.Nº0252-T183-0009, fragmento de produção hispânica, forma Drag 37, 70-100/120

S.Nº1072-T183-0023, fragmento de produção hispânica, forma Ludow. Tb, 80-120

S.Nº0535-T183-0024, fragmento de produção hispânica, forma Drag 27, 80-120

S.Nº1570-T183-0029, fragmento de produção hispânica, forma Drag 36, 80-120

A.Nº2638/99-T183-0002, fragmento de produção bética, forma Haltern 70, meados do séc. I a.C.-Antoninos

### UE128

Enchimento; fossa sob a calçada circundante do teatro; **Fase I**; inícios do séc. II; Corte 3 E/O

S.Nº0531/00-T183-0024, fragmento de produção hispânica, forma Drag 27, 50-100

S.Nºs2173/99; 0562/00-T183-0024, 2 fragmentos de produção hispânica, forma Drag 36, 50-100

S.Nº1614-T183-0029, fragmento de produção hispânica, forma Drag 33, 50-100

S.Nºs1563; 2169-T183-0029, 2 fragmentos de produção hispânica, forma Drag 15/17, 50-80/100

S.Nº2174-T183-0029, fragmento de produção hispânica, forma Drag 27, 50-80/100

S.Nº0522-T183-0024, fragmento de produção hispânica, forma Drag 36, 75-100

S.Nº1559-T183-0029, fragmento de produção hispânica, forma Drag 27, 70-100/120

S.Nº1743/03-T183-0024, fragmento de produção hispânica, forma Hisp 20, 80-120

S.Nºs1212; 1570-T183-0029, 2 fragmentos de produção hispânica, forma Drag 36, 80-120

### UE129

Enchimento; vala de saque do contraforte do muro M82; **Fase IV**; 2ª metade do séc. IV

S.Nº0347-T183-0014, fragmento de produção hispânica, forma 37 tardia, meados do séc. IV/fins do V-inícios do VI

A.Nº0000-T183-0021, fragmento de ânfora, forma Gauloise 4, meados do séc. I-séc. III

V.Nº0614/99-T183-0027, fragmento de taça tronco-cônica, incolor esverdeado, forma indeterminada, sécs. IV/V

### UE130

Enchimento; entulhamento do tanque; **Fase I**; inícios do séc. II; Corte 3 E/O

S.Nº1690-T183-0034, fragmento de produção hispânica, forma Drag 15/17, 50-100

S.Nºs2308; 2336-T183-0041, 2 fragmentos de produção hispânica, forma Drag 37, 2ª série, 50-100

S.Nº2549-T183-0040, fragmento de produção hispânica, forma Drag 24/25, 50-100

S.Nº0292/00-T183-0039, fragmento de produção hispânica, forma Drag 24/25, 50-80/100

S.Nºs1207; 1213; 1217-T183-0027, 3 fragmentos de produção hispânica, forma Drag 27, 50-100

S.Nº2576-T183-0044, fragmento de produção hispânica, forma Drag 27, 50-80/100

S.Nº1055-T183-0027, fragmento de produção hispânica, forma Drag 33, 50-80/100

S.Nº1917-T183-0039, fragmento de produção hispânica, forma Drag 27, 60-100

S.Nº0554/00-T183-0027, fragmento de produção hispânica, forma Drag 36, 60-100

S.Nº2174/00-T183-0027, fragmento de produção hispânica, forma Drag 27, 75-100

S.Nº2574-T183-0044, fragmento de produção hispânica, forma Drag 37, 75-100

S.Nºs1007; 1079; 1093; 1049-T183-0027, 4 fragmentos de produção hispânica, forma Drag 15/17, 75-100

S.Nºs2535; 2541-T183-0040, 2 fragmentos de produção hispânica, forma Drag 15/17, 75-100

S.Nº1940-T183-0039, fragmento de produção hispânica, forma Drag 15/17, 75-100

S.Nº2564-T183-0044, fragmento de produção hispânica, forma Drag 15/17, 75-100

S.Nº2174/99-T183-0027, fragmento de produção hispânica, forma Drag 27, 75-100

S.Nº1203-T183-0027, fragmento de produção hispânica, forma Drag 44, 80-100  
 S.Nº1043-T183-0027, fragmento de produção hispânica, forma Hisp 14, 70-100/120  
 S.Nºs1210; 1216-T183-0027, 2 fragmentos de produção hispânica, forma Drag 46, 70-100/120  
 S.Nº1927-T183-0039, fragmento de produção hispânica, forma Hisp 2, 70-100/120  
 S.Nº1890-T183-0039, fragmento de produção hispânica, forma Hisp 2, 70-100/120  
 S.Nº1934-T183-0039, fragmento de produção hispânica, forma Drag 37, 1ª série, 70-100/120  
 S.Nº0561/00-T183-0039, fragmento de produção hispânica, forma Drag 37, 2ª série, 70-100/120  
 S.Nºs1892; 1898; 1916; 1924; 1935; 1046-T183-0039, 6 fragmentos de produção hispânica, forma Drag 36, 70-100/120  
 S.Nºs1075; 1896; 1903-T183-0027, 3 fragmentos de produção hispânica, forma Ludow. Tb, 70-100/120  
 S.Nº2569-T183-0044, fragmento de produção hispânica, forma Hisp 2, 70-120  
 S.Nº1739/03-T183-0040, fragmento de produção hispânica, forma Hisp 1, 70-120/150  
 S.Nº2533-T183-0040, fragmento de produção hispânica, forma Ludow. Tb, 70-150  
 S.Nºs1059; 1070; 1072; 1076-T183-0027, 4 fragmentos decorados de produção hispânica, forma Drag 36, 60-80/100  
 S.Nº1943-T183-0039; fragmento de produção hispânica, forma Drag 46, 80-120  
 S.Nº2252-T183-0041; fragmento de produção hispânica, forma Drag 46, 80-120  
 S.Nº1060-T183-0027, fragmento de produção hispânica, forma Drag 15/17, 80-120

#### UE131

Enchimento; entulhamento entre o tanque e a rocha; =UE132; **Fase I**; inícios do séc. II

A.Nºs1770; 3206; 2629/99-T183-0036, 3 fragmentos de produção bética, forma Haltern 70; meados do séc. I a.C.-Antoninos

#### UE132

Enchimento; =UE131; **Fase I**; inícios do séc. II; Corte 3 E/O

S.Nºs2310; 2311; 2318; 2337; 2338-T183-0041, 5 fragmentos de produção hispânica, forma Drag 29, 50-80  
 S.Nº3178-T183-0048, fragmento de produção hispânica, forma Drag 30, 50-100  
 S.Nº2298-T183-0041, fragmento de produção hispânica, forma Drag 37, 50-100  
 S.Nº2297-T183-0041, fragmento de produção hispânica, forma Drag 15/17, 50-80/100  
 S.Nº3177-T183-0048, fragmento de produção hispânica, forma Drag 37, 75-100  
 S.Nº2303-T183-0041, fragmento de produção hispânica, forma Drag 36, 60-100/120  
 S.Nº2339-T183-0041, fragmento de produção his-

pânica, forma Ludow. Tb, 70-100/120  
 S.Nº2316-T183-0041, fragmento de produção hispânica, forma Hisp 2, 70-100/120  
 S.Nº2252-T183-0041; fragmento de produção hispânica, forma Drag 46, 80-120

#### UE133

Revestimento; *Opus signinum* de revestimento do tanque; **Fase PT**; séc. I.

#### UE134

Enchimento e pavimento; calçada da área envolvente do teatro; =UE080; **Fase I**; inícios do séc. II; Cortes 5 e 6 N/S

#### UE135

Enchimento; vala de saque do muro M81 e entulhamento da calçada exterior do teatro; **Fase IV**; 2º metade do séc. IV; Corte 6 N/S; Corte 3 E/O

M.Nºs1180;1181/95-T103-0031, 2 moedas de Constâncio II ou Constante (335-341)

M.Nº1179/95-T103-0026, moeda de Constâncio II (346-361)

S.Nº0269-T194-0014, fragmento de produção hispânica forma 37 tardia, meados do séc. IV/fins do V-inícios do VI

S.Nº1291-T102-0016, fragmento de produção africana D1, forma Hayes 61A, 325-380

S.Nº1306-T194-0018, fragmento de produção africana D1, forma Hayes 59, 320-420

L.Nº1161/01-T102-0022, fragmento de lucerna de canal, produção local, forma de bico redondo, 290-300/320.

L.Nº1216/01-T102-0016, fragmento de lucerna de disco, produção local, forma de bico redondo, atípica, 290-300/320.

#### UE136

Enchimento; entre os muros M81 e M82; **Fase IV**; 2ª metade do séc. IV; Corte 6 N/S

#### UE137

Enchimento; alicerce do muro M82; empedrado onde assentam os contrafortes; **Fase I**; inícios do séc. II

#### UE138

Pavimento; calçada da área envolvente do teatro; **Fase I**; inícios séc. II; Corte 5 N/S

#### UE140

Enchimento; nivelamento; =UE147; **Fase I**; inícios do séc. II; Corte 6 N/S

#### UE141

Enchimento; vala de saque do muro M70;

=UE178; **Fase I**; inícios do séc. II; Corte 5 N/S; Corte 3 E/O

S.Nº0000-T105-0004, fragmento de produção gálica, de forma Ritt 9, 40-60

#### **UE142**

Enchimento; nivelamento sobre a rocha; **Fase PT**; séc. I; Corte 6 N/S; Cortes 3 e 4 E/O

#### **UE143**

Pavimento; solo de terra batida e respectiva preparação entre os muros M70 e M80; **Fase PT**; séc. I; Corte 3 e 4 E/O

#### **UE144**

Enchimento; vala de saque do muro M80; **Fase I**; inícios do séc. II; Corte 6 N/S; Corte 3 E/O

S.Nº0006-T180-0037, fragmento de produção gálica, forma Drag 27, 40-80

S.Nº0010-T180-0045, fragmento de produção hispânica, forma Drag 29, 50-80

S.Nº0003-T180-0036, fragmento de produção hispânica, forma Drag 36, 50-100

S.Nº0005-T180-0037, fragmento de produção hispânica, forma Drag 29, 50-100

S.Nº0002-T180-0036, fragmento de produção hispânica, forma Drag 37, 75-100

S.Nº0011-T180-0049, fragmento de produção hispânica, forma Drag 15/17, 75-100

S.Nº0001-T180-0036, fragmento de produção hispânica, forma Drag 15/17, 80-120

S.Nº0004-T182-0021, fragmento de produção hispânica, forma Drag 15/17, 50-100/120

#### **UE145**

Pavimento; solo de terra batida; inutilização da palestra e do teatro; =UE198; **Fase IV**; 2ª metade do séc. IV; Cortes 5 e 6 N/S; Cortes 3, 4 e 5 E/O

M.Nº1178/95-T103-0020, moeda de Constâncio II ou Constante (341-346)

M.Nºs1096;1097/95-T2B-0272, 2 moedas de Constantino I (337-341)

S.Nº1292-T182-0004, fragmento de produção africana D1, forma Hayes 61A, 325-380

V.Nº0000-T2-0000, fragmento de taça arqueada, verde amarelado escuro, forma Is 96, AR 60, fins do séc. III-séc. IV

#### **UE147**

Enchimento; nivelamento; =UE140; **Fase I**; inícios do séc. II; Cortes 3, 4 e 5 E/O

S.Nº0882/00-T180-0056, fragmento de produção hispânica, forma Drag 27, 50-80/100

S.Nº0335/00-T182-0022, fragmento de produção

hispânica, forma Drag 36, 60-100

S.Nº0546/00-T180-0021, fragmento de produção hispânica, forma Drag 37 1ª série, 70-100

S.Nº0001-T180-0029, fragmento de produção hispânica, forma Drag 37 1ª série, 75-100

S.Nº0877-T182-0023, fragmento de produção hispânica, forma Drag 35, 75-100

S.Nº0002-T180-0014, fragmento de produção hispânica, forma Drag 15/17, 70-100/120

S.Nº0568-T182-0007, fragmento de produção hispânica, forma Drag 36, 70-120

S.Nº0003-T180-0014, fragmento de produção hispânica, forma Drag 15/17, 80-120

S.Nº0553/00-T180-0015, fragmento de produção hispânica, forma Drag 15/17, 75-125

S.Nº0545/00-T180-0026, fragmento de produção hispânica, forma Drag 36, 100-125

S.Nºs0290; 0336; 372/00-T152-0006, 3 fragmentos de produção hispânica, forma Drag 37, 100-150

S.Nº0004-T180-0014, fragmento de produção hispânica, forma Drag 15/17, 100-150

A.Nº0428-T182-0006, fragmento de produção bética, forma Haltern 70, meados do séc. I a.C.-Antoninos

L.Nº3067/99-T180-0014, fragmento de lucerna de canal, produção itálica, forma Loescheke X, 90/ 100-150.

V.Nº0523/99-T180-0014, fragmento de garrafa quadrangular, verde azulado, forma Is 50, AR 156, 43/ fins do séc. II

#### **UE147A**

Pavimento; possível solo de terra batida da palestra; **Fase I**; inícios do séc. II; Corte 5 E/O

#### **UE148**

Enchimento; sobre a rocha a oeste do muro M80; **Fase I**; inícios do séc. II

S.Nº0538/00-T182-0034, fragmento de produção hispânica, forma Drag 27, 50-100

S.Nº0317/00-T182-0034, fragmento de produção hispânica, forma Drag 35, 50-80/100

S.Nº2597/99-T182-0025, fragmento de produção hispânica, forma Hisp 20, 75-100

S.Nº0315/00-T182-0025, fragmento de produção hispânica, forma Drag 36, 60-100/120

S.Nº0893-T182-0025, fragmento de produção hispânica, forma Hisp 20, 70-120

L.Nº2238/02-T182-0025, fragmento de lucerna de volutas, produção itálica, forma indeterminada, 80-100.

**UE149** Enchimento; vala de fundação do muro de suporte no limite do tabuleiro; medieval; Cortes 1 e 5 E/O

#### **UE150**

Enchimento; sobre a rocha entre o muro M80 e o M99; **Fase PT**; séc. I; Corte 5 E/O

S.Nº0567/00-T180-0046, fragmento de produção hispânica, forma Drag 29, 50-60/70

#### UE151

Enchimento; sobre o pavimento UE145; medieval; Cortes 5 e N/S; Cortes 3, 4 e 5 E/O

M.Nº1176/95-T103-0009, moeda de Afonso IX de Leon (1188-1230)

#### UE152

Enchimento; vala de saque da canalização F; **Fase II**; fins do séc. II/inícios do séc. III

#### UE153

Enchimento; vala de saque dos muros M6A e M77; **Fase I**; inícios do séc. II; Corte 5 N/S; Corte 5 E/O

S.Nº1018/00-T104-0051, fragmento de produção hispânica, forma Drag 37, 1ª série, 80-120

#### UE154

Enchimento; saque do muro M6A; **Fase I**; inícios do séc. II; Corte 5 N/S

#### UE155

Enchimento; vala de fundação do muro M6A; **Fase PT**; séc. I; Corte 4 E/O

#### UE156

Enchimento; nivelamento sobre a rocha; **Fase PT**; séc. I

#### UE157

Enchimento; nivelamento; **Fase IV**; 2ª metade do séc. IV

S.Nº1307-T102-0009, fragmento de produção africana D1, forma Hayes 59, 320-420

#### UE158

Enchimento; vala de saque de muro; posterior ao séc. V

S.Nºs0258; 0025/01-T113-0002, 2 fragmentos de produção hispânica, forma 37 tardia, 1º estilo decorativo, 3º quartel do séc. IV

S.Nº0261-T113-0002, fragmento de produção hispânica, forma 13 tardia, meados do séc. IV/inícios do V

S.Nº0256-T113-0002, fragmento de produção hispânica, forma 37 tardia, 2º estilo decorativo, meados do séc. IV/fins do séc. V-inícios do VI

#### UE159

Enchimento; vala de saque do muro M75; **Fase I**; inícios do séc. II; Corte 5 N/S

#### UE160

Enchimento; sobre a rocha; posterior ao muro M75; **Fase PT**; séc. I; Corte 5 N/S

A.Nº0000-T108-0032, fragmento de produção bética, forma Haltern 70, meados do séc. I a.C.-Antoninos

#### UE161

Enchimento; vala de saque da canalização E e derrube do muro M48; posterior ao séc. V

S.Nº1040/00-T23A-0011, fragmento de produção hispânica, forma 37 tardia, 1º estilo decorativo, 3º quartel do séc. IV

V.Nº2583/99-T23A-0005, fragmento de taça hemisférica, incolor esverdeado, forma indeterminada, sécs. IV/V

#### UE162

Pavimento; solo de terra batida; **Fase PT**; séc. I

S.Nº1286-T102-0008, fragmento de produção hispânica, forma Drag 15/17, 75-100

#### UE163

Enchimento; sobre a rocha; **Fase PT**; séc. I

#### UE164

Enchimento; vala de fundação dos muros M4 e M5; **Fase PT**; séc. I

#### UE165

Enchimento; anterior a meados do século IV; Cortes 5 e 6 N/S; Cortes 3, 4 e 5 E/O

S.Nº0000-T113-0015, 2 fragmentos de produção hispânica, forma 37 tardia, meados do séc. IV/fins do séc. V-inícios do séc. VI

S.Nº0000-T113-0015, fragmento de produção hispânica, forma 37 tardia, 2º estilo decorativo, meados do séc. IV/fins do séc. V-inícios do séc. VI

S.Nº0000-T113-0015, fragmento de produção hispânica, forma 8 tardia, meados do séc. IV/inícios do séc. VI

S.Nº1016/00-T114-0002, fragmento de produção hispânica, forma 8 tardia, finais do séc. III/inícios do séc. IV

S.Nº1288-T112-0001, fragmento de produção africana D1, forma Hayes 59A, 320-380/400

#### UE166

Enchimento; sobre a rocha; **Fase I**; inícios do séc. II; Corte 4 E/O

S.Nº0067-P8A-C006, fragmento de produção hispânica, forma Drag 35, 50-75

A.Nºs2635/99; 0020-P8-T25-0006, 2 fragmentos de produção bética, forma Haltern 70, meados do séc. I

a.C.-Antoninos

**UE167**

Enchimento; vala de saque do muro M71; **Fase I**; inícios do séc. II; Corte 5 N/S

S.Nº0084-T112-0014, fragmento de produção gálica, forma indeterminada, 2ª metade do séc. I

S.Nº0067-P8A-0006, fragmento de produção hispânica, forma Drag 35, 50-75

A.Nºs0178/99; 0183/99-T112-0013, 2 fragmentos de produção bética, forma Haltern 70, meados do séc. I a.C.-Antoninos

**UE168**

Pavimento; solo de terra batida; **Fase PT**; séc. I; Corte 5 N/S

S.Nºs0001; 0002-T115-0010, 2 fragmentos de produção hispânica, forma Drag 29, 50-80

S.Nº0001-T115-0010, fragmento de forma Drag 37, 50-100

S.Nº0004-T115-0010, fragmento de forma Drag 27, 50-100

**UE169**

Enchimento; vala de fundação do muro M67; **Fase PT**; séc. I; Corte 5 N/S

S.Nº0002-T115-0010, fragmento de produção hispânica, forma Drag 29, 50-80/100

A.Nº0000-T113-0050, fragmento de produção bética, forma Haltern 70, meados do séc. I a.C.-Antoninos

**UE170**

Enchimento; nivelamento sobre a rocha; **Fase PT**; séc. I; Corte 5 N/S

**UE171**

Enchimento; vala de saque da canalização C; posterior ao séc. V; Corte 5 N/S

S.Nº0000-T114-0004, fragmento de produção hispânica, forma 5 tardia, sécs. III/V

S.Nº0269/01-T113-0008, fragmento de produção hispânica, forma 37 tardia, 1º estilo decorativo, 3º quartel do séc. IV

S.Nº0000-T113-0020, fragmento de produção hispânica, forma 7 tardia, 200-450

S.Nº0008; 0000-T114-0004, 2 fragmentos de produção hispânica, forma 37 tardia, meados do séc. IV a fins séc. V/inícios séc. VI

**UE172**

Enchimento; vala de fundação do muro M68; **Fase PT**; séc. I; Corte 5 N/S

S.Nº1914-T114-0018, fragmento de produção gálica,

forma indeterminada, 40-80

**UE173**

Enchimento; vala de saque do muro M68; **Fase I**; inícios do séc. II; Corte 5 N/S

S.Nº0000-T113-0029, fragmento de produção hispânica, forma indeterminada, 50-100

**UE174**

Enchimento; **Fase I**; inícios do séc. II

**UE176**

Enchimento; preparação de solo; **Fase PT**, séc. I

**UE177**

Enchimento; vala de fundação do muro M69; **Fase PT**; séc. I; Corte 5 N/S

**UE178**

Enchimento; vala de saque do muro M70; =UE141; **Fase IV**; 2ª metade do século IV

S.Nº0523/01-T113-0052, fragmento de produção hispânica, forma 4 tardia, finais do séc. IV/1ª metade séc. V

**UE179**

Enchimento; vala de fundação da canalização C e destruição do muro M69; **Fase I**; inícios do séc. II

**UE180**

Enchimento; vala de fundação da canalização C; **Fase I**; inícios do séc. II; Corte 5 N/S

**UE181**

Pavimento; solo de terra batida; **Fase PT**; séc. I

**UE182**

Enchimento; nivelamento de preparação do solo UE181; **Fase PT**; séc. I

**UE183**

Enchimento; interior da canalização C; posterior ao séc. V

**UE184**

Enchimento; associado à construção do muro M105; posterior ao séc. V

**UE185**

Enchimento; sobre a rocha; **Fase PT**; séc. I; Corte 5 N/S



A.Nº0913-T118-0025, fragmento de produção bética, forma Haltern 70, meados do séc. I a.C.-Antoninos.

#### UE186

Enchimento; vala de saque dos muros M103 e M96; posterior ao séc. V: Corte 5 N/S

A.Nº2625/99-T118-0011, fragmento de produção lusitana, forma Almagro 51C, fins do séc. II-séc. V  
V.Nº2393/99-T118-0011, fragmento de peça com motivos gravados e abradidos, incolor, forma indeterminada, 300-350

#### UE187

Enchimento; vala de saque do muro M105; posterior ao séc. V

#### UE188

Enchimento; vala de saque do muro M95 e da canalização N; posterior ao séc. V

#### UE189

Enchimento; vala de saque de estrutura de tijoleira; posterior ao séc. V

L.Nº1293/01-T119-0002, fragmento de lucerna de disco, produção africana, forma Dressel Lamboglia 30 B ou Warzenlampe, 200-300/400.

#### UE190

Enchimento; vala de fundação de estrutura de tijoleira; **Fase IV**; 2ª metade do séc. IV

#### UE191

Enchimento; preparação de solo de *opus signinum*; **Fase IV?**; 2ª metade do séc. IV

#### UE192

Pavimento; solo de *opus signinum*; **Fase IV?**; 2ª metade do séc. IV

#### UE193

Enchimento; preparação de solo de *opus signinum*; **Fase IV?**; 2ª metade do séc. IV

#### UE194

Enchimento; vala de enterramento de animais; moderno

#### UE195

Enchimento; vala de fundação dos muros M17 e M17A; **Fase PT**; séc. I; Corte 2 E/O

#### UE197

Enchimento; entulhos do Pr5; **Fase IV**; 2ª metade do séc. IV

S.Nº0000-T6A-0080, fragmento de produção hispânica, forma 15/17 tardia, sécs. III/IV

#### UE198

Pavimento; solo de terra batida; =UE145; **Fase IV**; 2ª metade do séc. IV

#### UE199

Enchimento; sobre a rocha; =UE201; **Fase PT**; séc. I; Corte 2, 3 e 4 E/O

#### UE200

Enchimento; vala de saque do muro M17; **Fase I**; inícios do séc. II

#### UE201

Enchimento; sobre a rocha; =UE199; **Fase PT**; séc. I

#### UE202

Enchimento; utilização do Pr5; **Fase IV**; 2ª metade do séc. IV

M.Nº1070/95-T5A-0028, moeda da série urbana (330-335)

M.Nº1077/95-T5A-0028, moeda de Constantino I (330-335)

M.Nº1072/95-T5A-0028, moeda de Constantino I (335-337)

M.Nº1078/95-T5A-0028, moeda de Constante I (335-340)

M.Nº1080/95-T5A-0028, moeda de Constâncio II ou Constante (335-341)

M.Nº1075/95-T5A-0028, moeda de Constante ou Constâncio II (337-341)

M.Nº1076/95-T5A-0028, moeda de Constâncio II ou Constante (347-348)

S.Nºs0265;0271;0272/01-T5A-0028, 3 fragmentos de produção hispânica, forma 37 tardia, 1º estilo decorativo, 3º quartel do séc. IV

S.Nº0273/01-T5A-0025, fragmento de produção hispânica, forma 37 tardia, 1º estilo decorativo, 3º quartel do séc. IV

S.Nºs5065; 5077; 5146-T5A-0025, 3 fragmentos de produção hispânica, forma 8 tardia, meados do séc. IV/inícios do séc. VI

L.Nº1007/01-5A-0025, fragmento de lucerna de disco, produção local, forma Dressel 28, 150-300.

#### UE203

Enchimento; posterior à destruição dos muros M45 e M46; posterior ao séc. V; Corte 5 E/O

S.Nº1033-T4A-0026, fragmento de produção hispânica, forma 37 tardia, 2ª metade do séc. III/1ª metade do séc. IV

S.Nº5768-T4B-0056, fragmento de produção hispânica, forma 8 tardia, meados do séc. IV/inícios do séc. VI

S.Nº10436-T35B-0806, fragmento de produção hispânica, forma 37 tardia, meados do séc. IV/fins do séc. V-inícios do séc. VI

#### **UE204**

Enchimento; vala de fundação do muro M46; **Fase IV**; 2ª metade do séc. IV; Corte 4 E/O

M.Nº1084/95-T4B-0058, moeda de Constantino I (324-330)

M.Nº1137/95-T35-0811, moeda de Constâncio II ou Constante (335-340)

M.Nº1138/95-T35B-0811, moeda da família constantiniana (347-348)

S.Nº0260/01-TB10F-0005, 3 fragmentos de peça de produção hispânica, 1º estilo decorativo, forma 37 tardia, 3º quartel do séc. IV

S.Nº10907-T35B-0813, 2 fragmentos de peça de produção hispânica, forma 37 tardia, 2ª metade do séc. IV/inícios do séc. VI

#### **UE205**

Enchimento; cinzas da utilização do Pr5; **Fase IV**; 2ª metade do séc. IV; Corte 5 E/O

#### **UE206**

Pavimento; solo entre os muros M46 e M47; **Fase IV**; 2ª metade do séc. IV; Corte 5 E/O

#### **UE207**

Enchimento; sobre a rocha; **Fase I**; inícios do séc. II; Corte 5 E/O

S.Nº10278-T34-0773, fragmento de produção hispânica, forma Drag 29, 50-80

S.Nº0001-Tb10I-0011, fragmento de produção hispânica, forma Drag 35, 60-100

#### **UE208**

Enchimento da vala de saque do muro M8 e do Pr5; posterior ao séc. V

#### **UE209**

Enchimento; acumulação de entulhos do Pr5; =UE210; **Fase IV**; 2ª metade do séc. IV

#### **UE210**

Enchimento; acumulação de entulhos do Pr5; =UE209; **Fase IV**; 2ª metade do séc. IV

#### **UE211**

Enchimento; vala de reparação do muro M8 para instalação do Pr5; **Fase IV**; 2ª metade do séc. IV

#### **UE212**

Enchimento; posterior ao muro M8; **Fase III**; fins do séc. III/inícios do séc. IV

#### **UE213**

Enchimento; vala de fundação do muro M45; **Fase IV**; 2ª metade do séc. IV

S.Nº1269-T34-0781, fragmento de produção africana C1, forma Hayes 50A, 350-400

#### **UE215**

Enchimento; vala de saque de muro; **Fase IV**; 2ª metade séc. IV

#### **UE216**

Enchimento; vala de implantação da canalização O; **Fase III**; fins do séc. III/inícios do séc. IV

#### **UE217**

Enchimento; nivelamento associado com a canalização O; **Fase III**; fins do século III/inícios do séc. IV

S.Nº0000-T2A-0209, fragmento de produção hispânica, forma 37 tardia, 2º estilo decorativo, 2ª metade do séc. IV/inícios do séc. VI

#### **UE218**

Enchimento; inutilização da canalização O; posterior ao séc. V

#### **UE219**

Enchimento; vala de saque dos muros M31 e M58; posterior ao séc. V

S.Nº1303-Tb10I-0002-, fragmento de produção africana D1, forma Hayes 61A, 325-380

V.Nº0000-T2-0247, fragmento de taça hemisférica, incolor esverdeado, forma indeterminada, séc. IV-V

#### **UE220**

Enchimento; vala de saque dos muros M29, M30 e M31; posterior ao séc. V

S.Nº0289/01-Tb10I-0009, fragmento de produção hispânica, forma 37 tardia, lisa, 2ª metade do séc. III/1ª metade do séc. IV

S.Nº1270-Tb10I-0009, fragmento de produção africana C1, forma Hayes 50A, 350-400

#### **UE221**

Enchimento; entulhamento da piscina do apoditério; posterior ao séc. V

V.Nº0161/00-Tb10I-0005, fragmento de taça arqueada, tingida de verde claro, forma indeterminada, fins do séc. III-séc. IV

#### **UE222**

Enchimento; vala de saque dos muros M29 e

M30; posterior ao séc. V

**UE224** Enchimento; vala de saque das canalizações I e L; posterior ao séc. V; Corte 4 N/S

**UE225**

Enchimento; **Fase IV**; 2ª metade do séc. IV

**UE226**

Enchimento; derrube sobre pavimento de *opus signinum*; **Fase III**; fins do séc. III/inícios do séc. IV

**UE227**

Enchimento; sobre a rocha; **Fase I**; inícios do séc. II; Cortes 1 e 4 N/S

**UE228**

Enchimento; sobre a rocha associado ao muro M3A; **Fase PT**; séc. I

**UE229**

Enchimento; vala de saque do muro M28; posterior ao séc. V

S.Nº0290-T122-0026, fragmento de produção hispânica, forma 37 tardia, meados do séc. IV/fins do séc. V-inícios do VI

S.Nº0289-T122-0026, fragmentos de produção hispânica, forma 37 tardia, 2º estilo decorativo, meados do séc. IV/fins do séc. V-inícios do VI

S.Nº1289-T122-0031, fragmento de produção africana D1, forma Hayes 59A, 320-380/400

**UE230**

Enchimento; vala de saque do muro M26; **Fase III**; fins do séc. III/inícios do séc. IV; Corte 4 N/S

**UE231**

Enchimento; vala de saque de muros; posterior ao séc. V; Corte 1 N/S

**UE232**

Enchimento; sobre a rocha; **Fase I**; inícios do séc. II; Corte 4 N/S

**UE233**

Enchimento; **Fase PT**; séc. I

S.Nº1229/99-T132-0025, fragmento de produção itálica, forma Consp.18.2[1], 10 a.C.-c.25

S.Nº0175-T132-0025, fragmento de produção itálica, forma Consp.20.3[1], 10 a.C.-c.37

**UE234**

Enchimento; vala de saque da canalização B; posterior ao séc. V

**UE235**

Enchimento; inutilização da canalização B; **Fase III**; fins do séc. III/inícios do séc. IV

**UE236**

Enchimento; vala de saque; moderno; Cortes 1, 2 e 3 N/S

**UE237**

Enchimento; nivelamento; **Fase III**; fins do séc. III/inícios do séc. IV; Corte 1 N/S

**UE238**

Pavimento; *opus signinum* das áreas 30 e 31, **Fase III**; fins do séc. III/inícios do séc. IV; Cortes 1, 2, 3 e 4 N/S; Cortes 4 e 5 E/O

M.Nº1109/95-T37-0843, moeda de Cláudio II (posterior a 270)

M.Nº1166/95-T45-2017, moeda de Tétrico I (270-273)

M.Nº1143/95-T60-1176, moeda de Florianio (275-276)

**UE239**

Enchimento; entulhamento das áreas 6 e 8; **Fase III**; fins do séc. III/inícios do séc. IV; Cortes 3 e 4 N/S

M.Nº0100/92-Tb8F/G-0003, moeda de Cláudio II, posterior a 270

**UE239A**

Enchimento; vala de saque do muro M25; **Fase III**; fins do séc. III/inícios do séc. IV

**UE240**

Enchimento; sobre Pr1 na área 18; **Fase II**; fins do séc. II/inícios do séc. III; Corte 1 N/S

**UE241**

Enchimento; vestígios residuais do solo do Pr1; **Fase I**; inícios do séc. II; Corte 1 N/S

S.Nº0000-T32B-0655, fragmento de produção hispânica, forma Drag 36, 80-120.

**UE242**

Enchimento; entulhamento da área 6; **Fase III**; fins do séc. III/inícios do séc. IV; Cortes 2, 3 e 4 N/S

M.Nº1167/95-TB12-0004, moeda de Galieno (259-268)

M.Nº1135/95-T70-1124, moeda de Galieno (259-268)

M.Nº1136/95-T70-1124, moeda de Galieno (259-268)

M.Nº1167/95-TB12-0004, moeda de Galieno (260-

268)

M.Nº1133/95-T70-1110, moeda de Cláudio II (268-270)

M.Nº1156/95-T29A-0526, moeda de Cláudio II (268-270)

M.Nº1157/95-T30A-0550, moeda de Cláudio II

M.Nº1158/95-T30B-0561, moeda de Cláudio II

**UE243** Enchimento; sob a *area* do hipocausto do apoditério; **Fase I**; inícios do séc. II

V.Nº0000-T31B-0047, fragmento de taça funda tipo “Hofheim”, verde azulado, forma Is 12, AR 34, 43-75

#### UE244

Enchimento; vala de fundação da canalização B; =UE238; **Fase I**; inícios do séc. II

#### UE245

Pavimento; *opus signinum* das áreas 8 e 25; **Fase II**; fins do séc. II/inícios do séc. III; Cortes 1, 2, 3 e 4 N/S

#### UE246

Enchimento; nivelamento das áreas 8 e 25; **Fase II**; fins do séc. II/inícios do séc. III; Cortes 1, 2, 3 e 4 N/S

S.Nº0062-T68-3010, fragmento de produção hispânica, forma Ritt 8, 50-120

A.Nº0001-T69-0015, fragmento de produção bética, forma Haltern 70, meados do séc. I a.C.-Antoninos

V.Nº0108/00-T68-3006, fragmento de boião cilíndrico, incolor esverdeado, forma indeterminada, fins do séc. I/séc. II

#### UE247

Pavimento; solo de terra batida da área 18; **Fase I**; inícios do séc. II; Corte 1 N/S

S.Nº0023-T65/66-0006, fragmento de produção hispânica, forma Drag 27, 50-80

S.Nº0550/00-T68-3012, fragmento de produção hispânica, forma Drag 36, 75 -100

S.Nº0274/01-T69-0025, fragmento de produção hispânica, Hisp 20, 70-100/120

S.Nº0006-T65/66-0003, fragmento de produção hispânica, forma Drag 37, fins séc. I/inícios do séc. II

#### UE248

Enchimento; sob o pavimento UE247; **Fase I**; inícios do séc. II, Corte 1 N/S

S.Nº1913/99-T65/66-0008, fragmento de produção gállica, forma indeterminada, 70-96

S.Nº0000-T70-1122, fragmento de forma Drag 15/17, 50-80/100

#### UE249

Enchimento; sobre a rocha, nas áreas 8 e 18; **Fase I**; inícios do séc. II; Cortes 1 e 4 N/S

S.Nº0156-T65/66-0013, fragmento de produção hispânica, forma Drag 37, 1ª série, 80-120

S.Nº0155-T65/66-0013, fragmento de produção hispânica, forma Drag 27, 50-70/80

S.Nº0002-T69-0033, fragmento de produção hispânica, forma Drag 27, 50-70/80

S.Nº0157-T65/66-0013, fragmento de produção hispânica, forma Drag 24/25, 50-80/100

L.Nº2241/02-T65/66-0013, fragmento de lucerna de volutas, produção itálica, forma indeterminada, 80-100.

L.Nº0997/01-T65/66-0013, fragmento de lucerna de canal, produção local, forma Loescheke X, 90/100 -150.

#### UE251

Enchimento; vala de saque da canalização B; posterior ao séc. V

#### UE252

Enchimento; vala de saque dos muros M20, M28 e M43; posterior ao séc. V

#### UE254

Pavimento; solo de terra batida na área 29; **Fase II**; fins do séc. II/inícios do séc. III; Corte 1 N/S; Corte 5 E/O

#### UE254A

Enchimento; entulhamento da área de serviços 17; **Fase III**; fins do séc. III/inícios do séc. IV; Corte 1 N/S; Corte 4 E/O

M.Nº1148/95-T62A-1228, moeda de Galieno (256-268)

M.Nº1119/95-T59-1009, moeda de Galieno (260-268)

M.Nº1140/95-T60-1179, moeda de Galieno (260-268)

M.Nº1110/95-T37-0851, moeda de Cláudio II (268-270)

M.Nº1144/95-T60-1179, moeda de Cláudio II (268-270)

M.Nº1147/95-T62-1228, moeda de Cláudio II (268-270)

M.Nº1139/95-T60-1177, moeda de Cláudio II (posterior a 270)

#### UE255

Enchimento; vala de fundação da canalização A; =UE054; **Fase II**; fins do séc. II/inícios do séc. III; Cortes 1 e 2 N/S; Cortes 4 e 5 E/O

M.Nº1116/95-T38-0905, moeda de Adriano (134-138)

A.Nº2614/99-T57-1042, fragmento de produção bética

tica, forma Almagro 50/Keay XVI, variante C, fins do séc. II-séc. IV

V.Nº0175/99-T57-1043, perfil completo de peça fina moldada, incolor esverdeado, forma var. de Is.5 AR 24.1, fins do séc. I-130

#### UE256

Pavimento; solo de *opus signinum* da área 9; **Fase I**; inícios do séc. II; Cortes 1, 2 e 3 N/S

#### UE257

Pavimento; solo de *opus signinum* reparado; **Fase II**; fins do séc. II/inícios do séc. III; Corte 2 N/S

#### UE258

Enchimento; nivelamento sob UE256; **Fase I**; inícios do séc. II; Cortes 1, 2 e 3 N/S

#### UE259

Enchimento; sobre a rocha na área 9; **Fase I**; inícios do séc. II; Cortes 1, 2 e 3 N/S

#### UE260

Pavimento; solo de terra batida na área de serviço 17; **Fase II**; fins do séc. II/inícios do séc. III; Corte 1 N/S; Cortes 4 e 5 E/O

#### UE261

Pavimento; solo de terra batida na área de serviços 17; **Fase I**; inícios do séc. II; Cortes 4 e 5 E/O

#### UE262

Enchimento; nivelamento sobre a rocha na área de serviços 17; **Fase I**; inícios do séc. II; Cortes 4 e 5 E/O

S.Nº1007/00-T56-0009, fragmento de produção hispânica, forma Ritt 8, fins do séc. I/inícios do séc. II  
S.Nº1138-T56-0009, fragmento de produção hispânica, forma Drag 37, 1ª série, 50-100

#### UE263

Enchimento; preparação do pavimento UE254; **Fase II**; fins do séc. II/inícios do séc. III; Corte 1 N/S

#### UE264

Enchimento e pavimento; área de serviços 17; **Fase I**; posterior aos inícios do séc. II; Corte 4 E/O

M.Nº1112/95-T37-0857, moeda de Trajano (98-99)  
M.Nº1113/95-T37-0857, moeda de Adriano (117-138)  
S.Nº0108-T59-1024, fragmento de produção hispânica,

forma Drag 37, 1ª série, 75-100

S.Nº0023/00-T63-0007, fragmento de produção hispânica, forma Drag 39, 80-120

L.Nº1640/91-T59-1021, fragmento de lucerna de canal, produção local, forma Loeschke X, 80-100/150.

#### UE265

Enchimento e pavimento; área de serviços 17; **Fase I**; inícios do séc. II; Corte 5 E/O

S.Nº0556/00-T11B-0008, fragmento de produção hispânica, forma Drag 15/17, 80-120/150

#### UE266

Enchimento; entulhamento do Pr 2 na área de serviço 17; **Fase III**; finais do séc. III/inícios do séc. IV

M.Nº1118; 1121; 1122; 1124/95-T59-1008, 4 moedas de Galieno (260-268)

M.Nº1117; 1123; 1125/95-T59-1008, 3 moedas de Cláudio II (268-270)

M.Nº1149; 1150/95-T62B-1237, 2 moedas de Cláudio II (posterior a 270)

M.Nº1115/95-T38-0901, moeda do séc. IV

#### UE267

Enchimento; sobre o pavimento UE238; posterior ao séc. V; Cortes 1, 2, 3 e 4 N/S; Cortes 4 e 5 E/O

#### UE268

Enchimento da vala de fundação do muro M40; **Fase II**; fins do séc. II/inícios do séc. III

#### UE269

Enchimento; entulhamento das áreas 11 e 12; **Fase III**; fins do séc. III / inícios do séc. IV; Cortes 2 e 3 N/S; Cortes 4 e 5 E/O

#### UE270

Enchimento; sobre a rocha; **Fase I**; inícios do séc. II; Corte 5 E/O

#### UE271

Enchimento; entulhamento dos hipocaustos das Fases III e IV; posterior ao séc. V; Corte 4 N/S; Cortes 4 e 5 E/O

S.Nº1019-T122-0031, fragmento de produção hispânica, forma 37 tardia, meados do séc. IV/fins do séc. V- inícios do VI

S.Nº1020/00-PH4-C001, fragmento de produção hispânica forma 4 tardia, finais do séc. IV/1ª metade do séc. V

S.Nº1320-PH6B-0004, fragmento de produção africana C4, forma Hayes 73B, 420-475

L.Nº2335/91-PH7B-C003, fragmento de lucerna de disco, produção local, forma de bico redondo, atípi-

ca, 290-300/320.

**UE272**

Pavimento; restauro do *opus signinum*; =UE273;  
**Fase III**; fins do séc. III/inícios do séc. IV

**UE273**

Pavimento; solo de *opus signinum*; =UE272;  
**Fase III**; fins do século III/inícios do século IV

**UE274**

Pavimento; *opus signinum*; **Fase III**; fins do séc. III/inícios do séc. IV; Corte 4 E/O

**UE275**

Enchimento; sobre a canalização B; **Fase I**; posterior aos inícios do séc. II

**UE276**

Enchimento; sobre a canalização B; **Fase I**; inícios do séc. II

S.N°0208-T44/45-2029, fragmento de produção hispânica, forma indeterminada, 70-100/120

**UE277**

Enchimento; interior da canalização B; posterior ao séc. V

**UE278**

Enchimento; interior da canalização A; posterior ao séc. V; Corte 2 N/S

**UE279**

Enchimento; nivelamento sob *opus* do frigidário; **Fase I**; inícios do séc. II

**UE280**

Enchimento; interior da canalização D; posterior ao séc. V

**UE281**

Enchimento; vala de implantação do silhar B9; **Fase PT**; séc. I; Corte 2 N/S

**UE282**

Enchimento; nivelamento sob hipocausto da área 11; **Fase I**; inícios do séc. II

**UE283**

Enchimento; da vala de implantação da canalização B; =UE244; **Fase I**; inícios do séc. II

S.N°0108-T59-1024, fragmento de produção hispânica, forma Drag 37, 1ª série, 75-100

**UE284**

Enchimento; interior da canalização G; posterior ao séc. V; Corte 4 E/O

**UE285**

Enchimento; vala de saque do muro M9A; posterior ao séc. V

**UE286**

Enchimento; vala de fundação do muro M3B; **Fase I**; inícios do séc. II

S.N°0000-T18A/Tb1A-0015, fragmento de produção hispânica, forma Drag 29, 50-80/100

**UE287**

Enchimento; vala de saque do M1; =UE020; posterior ao séc. V